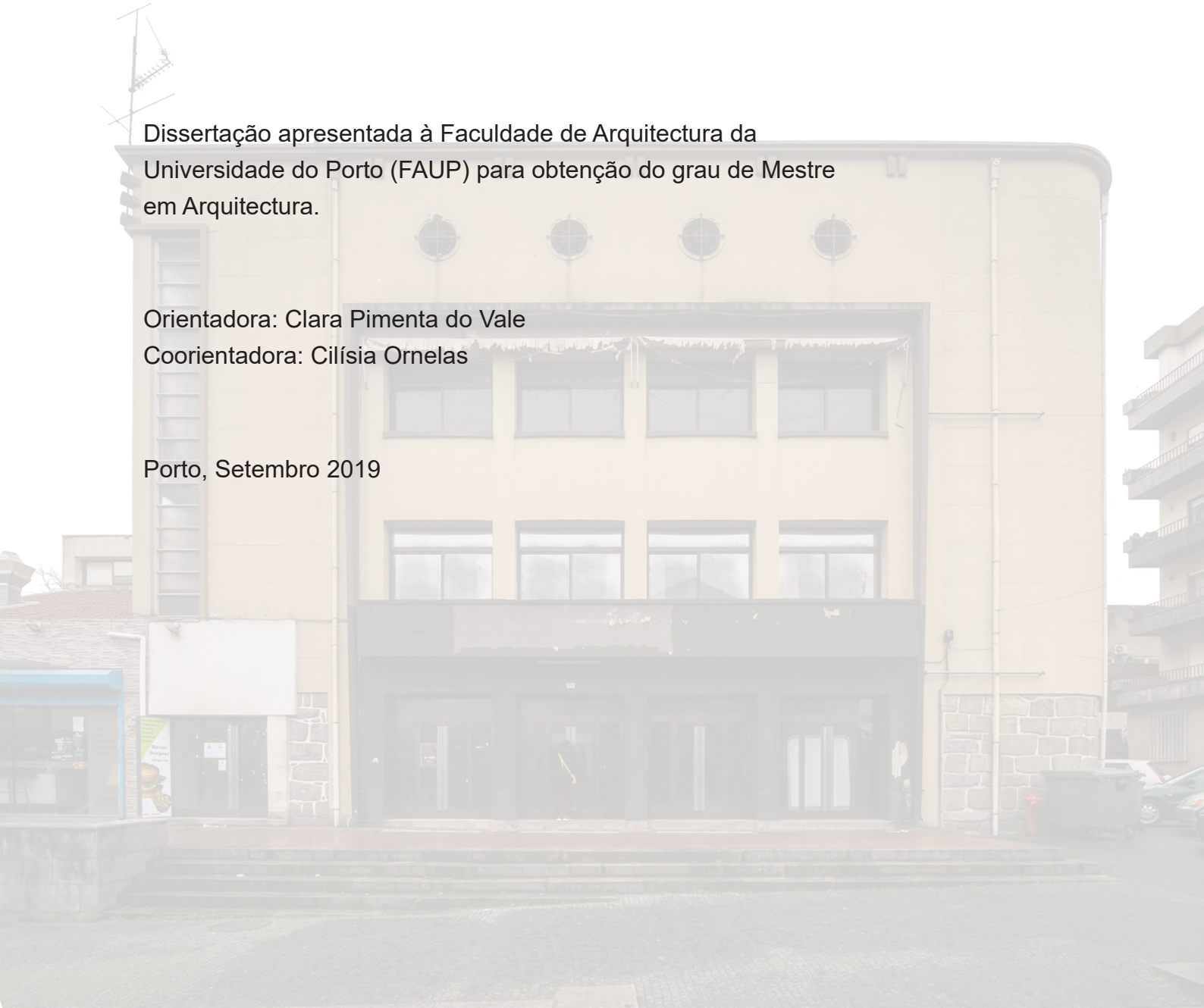
Reabilitação do Cine Aves

Uma nova visão para o cineteatro de Vila das Aves



Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura.

Orientadora: Clara Pimenta do Vale
Coorientadora: Cilísia Ornelas

Porto, Setembro 2019

Aos meus pais, Dulce e Lacota,

Aos meus irmãos, Daniela e Miguel,

Ao Fábio,

Aos meus amigos, em especial à Sofia,

À professora Clara Vale e à Cilísia Ornelas,

Um sincero obrigado.

Abstract

This study intends to develop a proposal for the rehabilitation of Cine Aves, a cinema built in the early 1950's. The building is in Vila das Aves, Santo Tirso, and is currently closed and showing signs of degradation. The challenge, proposed by one of the owners, was to return the equipment to the Aves community as a cinema but with more valences.

The process for the realization of the proposal, a preliminary draft, is delineated in three Acts (Chapters) that show the phases and information required for this exercise. The three moments of the work reveal the research, the approach to the architectural object and the realization of the preliminary project.

In the first moment, the place and building history is studied and analysed. In the next moment, the approximation, it is possible to understand the state of conservation of the architectural object through an evaluation form adapted to the case study. Finally, research and analysis lead to the sustained and informed elaboration of an intervention project that translates into drawings, schemes and images representative of what may be the revitalization of the cinema. In each Act are presented drawings (blueprints, sections, and elevations) that intend to show the Past, the Present and the Future of Cine Aves.

This is an architectural exercise of approach to a real context and is developed accordingly. The fact that there is a built object that is intended to be effectively rehabilitated, coupled with the presence and involvement of the client, guide this study that has as its conclusion a proposal that shows the new vision for Cine Aves.

Keywords: rehabilitation; theater; Aves; preservation; project.

Resumo

O presente estudo pretende desenvolver uma proposta para a reabilitação do Cine Aves, um cineteatro construído no início dos anos 50. O edifício situa-se em Vila das Aves, Santo Tirso, e atualmente encontra-se fechado e com sinais de degradação. O desafio, proposto por uma das proprietárias, foi o de devolver o equipamento à comunidade das Aves como um cineteatro mas com mais valências.

O processo para a concretização da proposta, um anteprojeto, está delineado em três Atos (Capítulos) que mostram as fases e informações necessárias para este exercício. Os três momentos do trabalho revelam a pesquisa, a aproximação ao objeto arquitetónico e a realização do anteprojeto.

Num primeiro momento, é estudada e analisada a história do local e do edifício. No momento seguinte, a aproximação, percebe-se qual o estado de conservação do objeto arquitetónico através de uma Ficha de Avaliação adaptada para o caso de estudo. Por fim, a pesquisa e análise levam à elaboração sustentada e informada de um anteprojeto de intervenção que se traduz em desenhos, esquemas e imagens representativas do que poderá ser a revitalização do cineteatro. Em cada Ato são apresentados desenhos (plantas, cortes e alçados) que pretendem mostrar o Passado, o Presente e o Futuro do Cine Aves.

Este é um exercício de arquitetura de aproximação a um contexto real e desenvolve-se de acordo com esta intenção. O facto de existir um objeto construído que se pretende efetivamente reabilitar, aliada à presença e envolvimento da cliente, guiam este estudo que tem como conclusão uma proposta que mostra a nova visão para o Cine Aves.

Palavras-chave: reabilitação; cineteatro; Aves; conservação; anteprojeto.

1. Cine Aves, 2019.

Índice

II. Resumo
III. Abstract
IV. Índice
VI. Lista de Siglas e Abreviaturas

2. Introdução

7. **Ato 1 Cine Aves no Passado - O palco e a história do cineteatro**
9. Cena 1.1 Palco: Vale do Ave e Vila das Aves
15. Cena 1.2 Cine Aves
19. Cena 1.2.1. Processo de criação e evolução do Cine Aves
(Contexto histórico e cultural dos cineteatros)
35. Cena 1.2.2. Projeto original de 1951

Ato 2 – Cine Aves no Presente - O edifício, o cenário e o tempo
45. Cena 2.1. O Cineteatro
49. Cena 2.1.1. O *Cenário* de Vila das Aves e o Cine Aves
65. Cena 2.1.2. O Projeto de 1982 e o edifício de hoje.
77. Cena 2.2. Estado de conservação
81. Cena 2.2.1. Ficha de Avaliação e Análise
(*Aparte* da ficha de avaliação)

Ato 3 Cine Aves no Futuro - A trama e o anteprojeto do Cine Aves
113. Cena 3.1. Desenrolar da *peça*
119. Cena 3.1.1. Programa
129. Cena 3.1.2. Organização e *diálogo*
153. Cena 3.2. Anteprojeto do Cine Aves
(Elementos legislativos e construtivos)

189. Cena Final - Considerações Finais

194. Referências
Bibliografia
Internet
Índice de imagens
204. Índice de anexos

Lista de Siglas e Abreviaturas

IGT - Inspeção-Geral dos Teatros

IGE - Inspeção-Geral dos Espetáculos

IE – Inspeção dos Espetáculos

DGE - Direção-Geral de Espetáculos

IGAC - Inspeção-Geral das Atividades Culturais

DGEDA - Direção-Geral de Espetáculos e do Direito de Autor

SPN - Secretariado Nacional de Propaganda

SPI - Secretariado Nacional de Informação

SCIE – Segurança Contra Incêndios em Edifícios

UT - Utilização-tipo

DL - Decreto-Lei

UP - Unidade de Passagem

FA - Ficha de Avaliação

MAPEH - Metodologia de Avaliação do Património Edificado Habitado

MARN - Método de Avaliação das Necessidades de Reabilitação

MAEC - Método de Avaliação do Estado de Conservação de imóveis

FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

JN – Jornal de Notícias

TNSJ – Teatro Nacional São João

Do.Co.Mo.Mo. - Documentation and Conservation of Modern Movement Heritage

Arq. - Arquiteto

Doc. - Documento

Dr. - Doutor

Av. - Avenida

Esta dissertação rege-se pelo novo acordo ortográfico.

As citações transcritas no corpo de texto foram traduzidas pela autora da dissertação e transcritas em português ao abrigo do acordo referido, de maneira a permitir uma leitura fluída e uniforme.

2. Cine Aves, 2019.

Introdução

O principal objetivo do presente trabalho será a realização de uma proposta de reabilitação de um edifício de cariz cultural intitulado Cine Aves, um cineteatro em Vila das Aves, Santo Tirso, construído no início da década de 50. Assim como muitos outros programas deste género e época, o Cine Aves sofre com as mudanças socioeconómicas sentidas ao longo dos anos, com especial atenção ao final e ao virar do séc. XX.

"O *esquecimento, a desafetação, o desuso, fazem esquecê-los e deixam-nos cair*"[1]

Françoise Choay

O Cine Aves tem três proprietários[2]. A este edifício estão associadas muitas das suas memórias com o especial carinho atribuído aos momentos de infância passados nos espaços do cineteatro. Por este motivo é com tristeza que olham para a fechada e danificada casa de espetáculos. O catalisador deste desafio é o desejo de reaver o Cine Aves como um disseminador de cultura para Vila das Aves. O processo de esquecimento, no qual se encontra, sendo que já há algum tempo se encontra devoluto, faz com que uma das proprietárias lance o desafio de dar uma nova vida e propósito ao edifício que tem uma presença notável na história de Vila das Aves. O desafio tem por base a vontade a reintegração do antigo cineteatro na vida social e cultural da comunidade das Aves, mantendo a função cultural de cineteatro, mas permitindo-lhe mais valências. O caminho para alcançar esse propósito inicia-se com a aceitação do desafio proposto.

O facto de se tratar de uma aproximação a um caso real é um dos aspetos que leva a este compromisso. É essencial referir que esta questão, da existência de uma cliente com uma vontade autêntica de ver o Cine Aves renascer guiará este trabalho. Trata-se de uma situação onde é necessário ter em conta várias questões, como técnicas, legislativas e financeiras, que permitam chegar a um resultado consistente de anteprojeto e que são de certa forma novidade no percurso académico. Através da aquisição de novos conhecimentos será obtida uma melhor compreensão tanto do objeto arquitetónico, como do trabalho em si.

É importante ter em mente que se trata também de um estudo académico. Como estudante um projeto desta dimensão não é inédito, mas a questão da reabilitação a esta escala é. O objeto físico existe, trata-se de uma experiência na qual nos deparamos com um programa definido, e não com um terreno livre. O arquiteto do desenho original viu a sua obra a nascer de um lote vazio. As alterações que o edifício recebe desde a sua inauguração, principalmente

1. Em relação aos monumentos. CHOAY, Françoise, "Alegoria do Património", Lisboa: Edições 70, 2017. P.25
2. Os três proprietários são Sofia Ferreira, o seu irmão e a sua tia. No entanto, quando surge o termo proprietária ou cliente ao longo da trabalho, refere-se apenas à primeira. Exceto quando nos referimos à proprietária responsável pelo Cine quando este é alugado em 2010, essa proprietária é a tia da Sofia.

em 1982 guiam o objeto cultural numa resposta às necessidades de cada momento da sua "*presença*"[3]. Atualmente, tendo em conta o mau do estado do equipamento, a proprietária sente a necessidade de conceder uma nova vida ao Cine Aves segundo uma nova e abrangente visão para o equipamento.

O trabalho será dividido em três *Atos*. Por sua vez os *Atos* dividir-se-ão em *Cenas*. Os termos ato e cena, reconhecíveis da divisão de uma peça de teatro [4], são escolhidos para substituir os termos usuais de um trabalho escrito deste tipo: capítulo e subcapítulo. É em concordância com a temática do objeto de estudo, o cineteatro, que como o nome indica alberga cinema e teatro, que surge esta metáfora. O Cine Aves, como veremos, dedica-se ao longo dos anos primordialmente ao cinema, sendo assim, de forma a simbolizar um propósito de ver as artes performativas no edifício, entre outras artes, opta-se pela vertente teatral nesta alegoria. No seguimento deste pensamento, serão incluídas "caixas" em determinadas *Cenas* do presente trabalho, as quais se dá o nome de *didascálias* que, tal como no teatro, contextualizam ou concedem indicações sobre essa *Cena*.

> "O *exercício da observação é prioritário para um arquitecto. Quanto mais observamos, tanto mais clara surgirá a essência do objecto.* E *esta consolidar-se-á como conhecimento vago, instintivo.*" [5]
>
> Siza Vieira

As várias fases e passos que levam a um projeto de reabilitação são consideravelmente distintas, mas intercalam-se, completam-se e sobretudo auxiliam-se. Existem diversas perguntas às quais se procura responder. Qual é a história do edifício, onde é que surge, porque e como? Como se encontra nos dias de hoje e como cresceu a envolvente? Qual o possível propósito desta casa de espetáculos? O caminho percorrido para a realização deste trabalho foi longo, mas resume-se em três pontos que dão o nome aos três Atos: a história, Cine Aves no Passado;

3. "(...) na nossa experiência, na nossa historicidade presente (…) a obra de arte na sua presença actual na nossa consciência" BRANDI, Cesare, "Teoria do restauro",(trad. Cristina Prats), Amadora: Orion, 2006. P. 87

4. Uma peça de teatro ou obra dramatúrgica é dividido por atos, separados pelos intervalos no espetáculo. Um ato é representado por um conjunto de cenas, que são marcadas pela entrada ou saída de uma personagem. Neste campo, vemos as didascálias que se comportam como indicações cénias, onde se dá indicações ou contextualização ambiente das ações ou de uma cena geral. (EEA), Equipa de Educação Artística. "te·a·tro". 2019 disponível em http://educacaoartistica.dge.mec.pt/teatro-glossario.html#teatro.

5. SIZA, Álvaro, "01 textos", Porto: Civilização, 2009. P. 239

o estado de conservação do cineteatro; Cine Aves no Presente; e o anteprojeto, Cine Aves no Futuro.

No primeiro Ato - Cine Aves no Passado - será apresentada e observada a informação obtida quer sobre o edifício, desde o pedido de construção até ao encerramento, quer sobre o local, quer sobre a história de ambos. A envolvente, os intervenientes e a evolução, não só do equipamento, mas de Vila das Aves, sendo que numa das *Cenas* será contextualizado o ambiente político, cultural e rural da sociedade da época que leva à criação dos cineteatros, inclusive do Cine Aves. Parte do conhecimento adquirido que se encontrará neste Ato provêm da maior fonte de material de estudo, a Inspeção-Geral das Atividades Culturais. Para além desta entidade, também se teve acesso a jornais antigos.

De seguida com a perceção da história e do edifício original avançar-se-á para uma aproximação ao objeto atual. No segundo Ato - Cine Aves no Presente - encontrar-se-á um aprofundamento onde se observará e se procurará explorar e perceber o objeto arquitetónico de hoje em termos espaciais, materiais e técnicos. Neste sentido será mostrada uma análise da envolvente alargada e próxima com o propósito de perceber onde se encontram os equipamentos com o mesmo carácter cultural polivalente visionado para o Cine Aves, bem como os programas e serviços disponíveis em Vila das Aves. Para além desta observação, serão analisados os desenhos do edifício cedidos pela proprietária onde constam as alterações realizadas em 1982 corrigidos com o propósito de servirem como base do anteprojeto. Será também apresentada uma ficha de avaliação adaptada no âmbito deste trabalho que incorpora a problemática do estado de conservação aliada à problemática legislativa associada a este tipo de equipamentos.

Uma vez observado e compreendido o objeto nas várias vertentes anteriores será gerado uma espécie de *diálogo* onde se verá a conjugação dos conhecimentos obtidos com o desenrolar prático de um projeto. No terceiro Ato - Cine Aves no Futuro - será *narrado* o processo de pesquisa e trabalho desenvolvido nesta primeira experiência de projeto de aproximação a um contesto real. Enquadrar-se-ão nesta perspetiva as várias fases que estruturam o trabalho, o programa desenvolvido a par com a proprietária, as questões financeiras, as questões construtivas e as decisões projetuais que inevitavelmente suportam o anteprojeto da nova visão para o Cine Aves.

"Docemente reclinada sobre dois formosos rios, os poéticos Ave e Vizela, descança esta risonha freguesia de S. Miguel das Aves, prodigamente dotada pela natureza em belezas e encantos"[6]

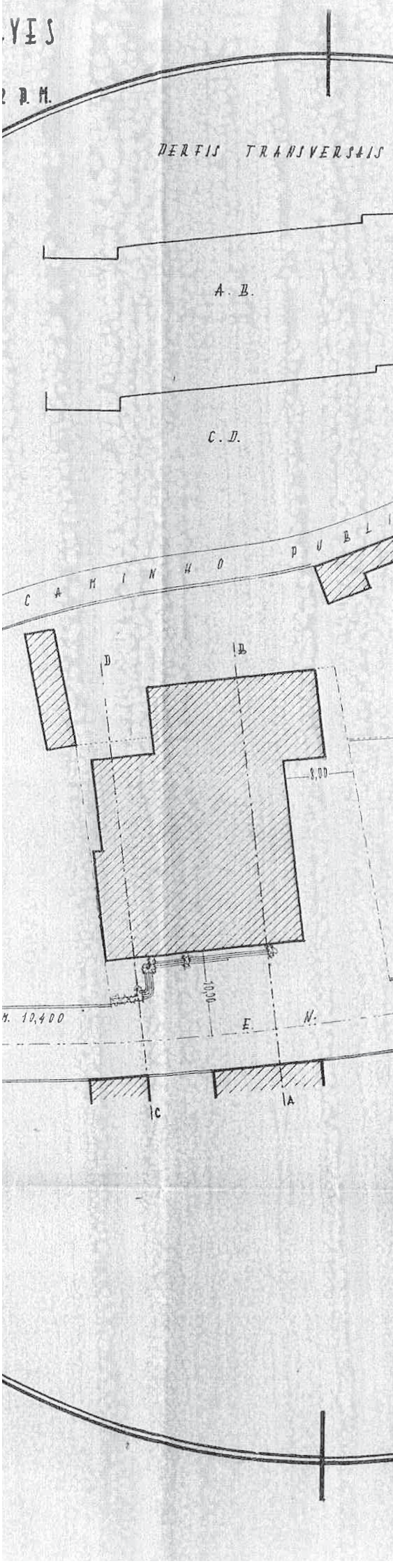
João Pedro Padilha

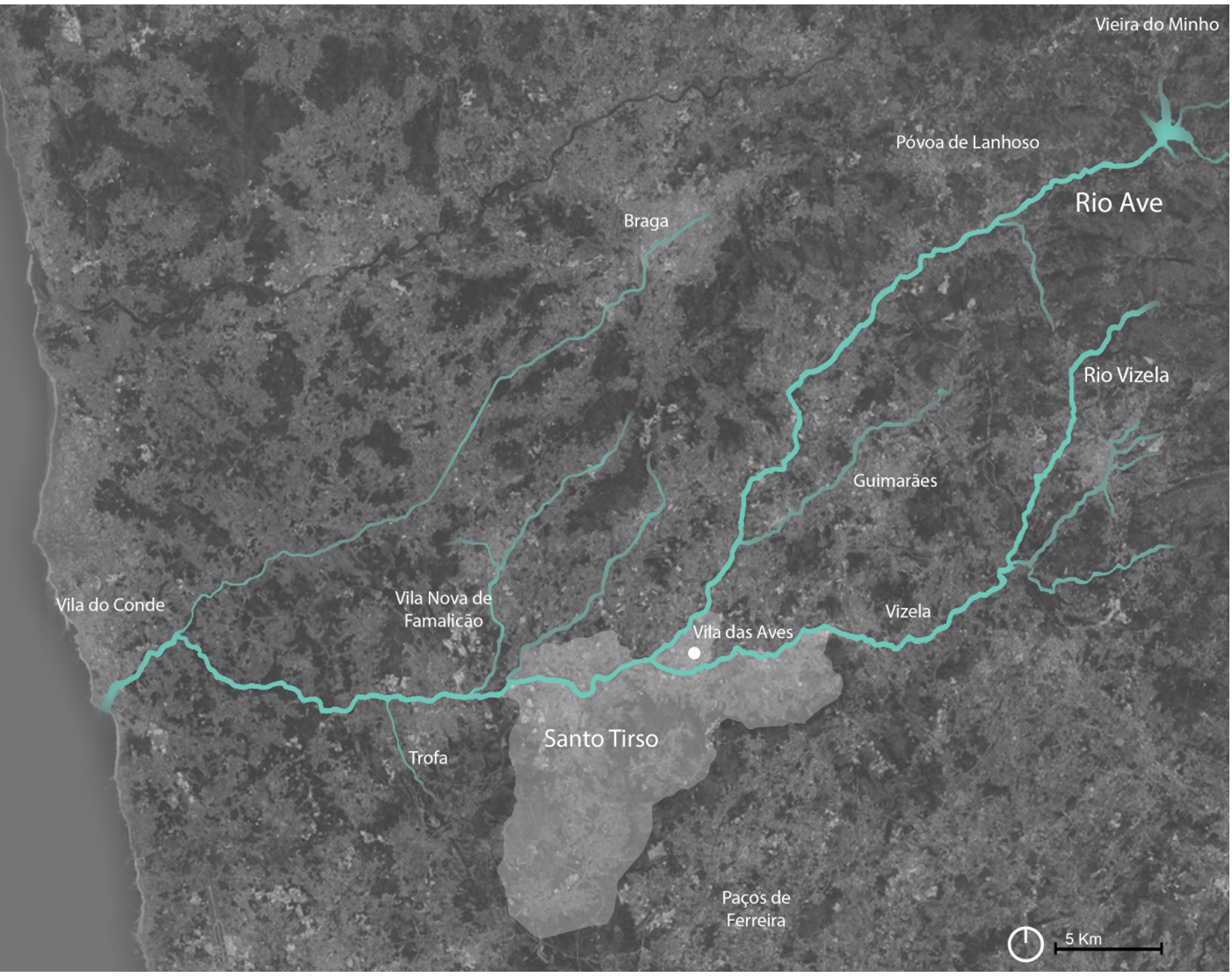
6. PADILHA, João Pedro, Presidente da Junta de S. Miguel das Aves "S. Miguel das Aves", *Correio do Minho,* 14 de março de 1928. in BARCA, Padre Joaquim da, "S. Miguel das Aves (Monografia)", S. Miguel das Aves: Tipologia da Aves, 1953. P.17

Ato 1

Cine Aves no Passado

O *palco* e a história do cineteatro





3. Mapa do Vale do Ave, rio Ave e rio Vizela

Cena 1.1.
Palco: Vale do Ave e Vila Aves

Esta peça tem como *palco* Vila das Aves, Santo Tirso, onde se "esconde" o objeto de estudo desta dissertação: o Cine Aves. Esta zona enquadra-se no chamado Vale do Ave, região do Minho e Douro Litoral que engloba diversos municípios e o rio Ave que dá o nome ao Vale, sendo o elo de ligação. Este curso de água nasce na serra da Cabreira e a vai desaguar no oceano Atlântico a sul de Vila do Conde. As margens do Ave são pontuadas com paisagens verdejantes que separam os vários concelhos por onde o rio passa. Fazem parte do Vale os concelhos de Vieira do Minho, onde se localiza a nascente do rio, Póvoa de Lanhoso, Guimarães, Vila Nova de Famalicão, Santo Tirso, Trofa e, por último, Vila do Conde. A bacia hidrográfica do Ave abrange outros concelhos como Braga, a Norte, e Paços de Ferreira, a Sul.

Esta região é subdividida em três zonas, três sub-regiões. De Este para Oeste, vê-se o Alto Ave, Médio Ave e Baixo Ave. O ponto mais alto do Vale aponta-se como o nome indica na primeira sub-região mencionada, onde se encontra a nascente do rio Ave. É interessante referir que os declives acentuados do território ao longo das margens do rio Ave se vão atenuando até que no Baixo Ave podemos observar zonas "*arenas e declives suaves*" [7].

O território que este rio percorre tem várias facetas sendo uma delas, e das mais relevantes, o carácter industrial que as suas margens foram adquirindo ao longo dos anos que inevitavelmente afetaram e reduziram a paisagem rural característica da zona. Este desenvolvimento ocorre especialmente a partir de meados do séc. XIX, como se constata"*na esfera de desenvolvimento industrial do País*"[8]. No Vale do Ave, muito devido à situação topográfica, esta atividade económica assenta-se principalmente no Médio e Baixo Ave e está na sua maioria ligada à indústria têxtil, como fiação e tecelagem, que com o passar dos anos evolui para a confeção de vestuário. Note-se que a atividade agrícola é uma constante em todas as sub-regiões, apesar de obter uma posição mais forte no Alto Ave. A produção agrícola, mostra-se como um dos motivos do desenvolvimento industrial do Vale do Ave e relaciona-se diretamente

7. MATOS, Rogério Bruno, "Contributo para a salvaguarda do património Arquitetónico, Azenhas e Açudes no Vale do Ave, paisagem e memória", Porto, FAUP, 2011. p.18
8. BARCA, "S. Miguel das Aves (Monografia)", Op. Cit. P.16

com a vertente têxtil associada à indústria encontrada na zona. O Ave também é um dos catalisadores do crescimento socioeconómico da região visto que representa uma das principais fontes de energia das fábricas através do uso de energia hidroelétrica. Juntou-se a matéria prima à primordial fonte de energia.

É no limiar Este do Baixo Ave que se localiza o concelho de Santo Tirso, ainda considerado integrante da sub-região do Médio Ave[9]. Este concelho pertence ao distrito do Porto e encontra-se na fronteira com o distrito de Braga. A Norte é delimitado pelos municípios de Vila Nova de Famalicão e Guimarães, na zona Sul faz fronteira com Valongo e Paços de Ferreira, a Sudueste com Lousada, aponta-se ainda Vizela a Este e os municípios da Trofa e Maia a Oeste.

O crescimento socioeconómico desta zona deve-se ao desenvolvimento industrial sentido no Vale do Ave. Em termos populacionais, regista-se que em 1879, Santo Tirso tinha 21 539 habitantes[10]. O crescimento é substancial no decorrer das décadas seguintes, apresentando um total de residentes de 77 130[11] em 1960. No entanto, nos últimos censos em 2011 contam-se 71 530[12] habitantes. É curioso perceber que entre estas datas, 1960 e 2011, se regista um pico populacional com um número que ronda os 100 mil residentes. Observa-se a estabilização na casa dos 70 mil habitantes com a criação do concelho da Trofa nos anos 90, que "retira" área de Santo Tirso.

Observam-se então as mudanças de território administrativo do concelho. Neste campo vemos a integração de Vila das Aves em 1879 no município, sendo que antes pertencia a Vila Nova de Famalicão. Por volta dos anos 40 este concelho apresentava "32 freguesias"[13]. Atualmente é representado por 14 freguesias, sendo a freguesia de Vila das Aves a mais a Norte.

Vila das Aves é um pequeno território de 6,16 Km[14], delimitado pelo município de Guimarães a Este, pelo já referido rio Ave a Norte e Oeste e por um dos seus afluentes, o rio Vizela, a Sul. No ano em que Vila das Aves se agrega ao município de Santo Tirso apresenta

9. GOMES, Paulino e SILVA, João Belmiro Pinto e, "Santo Tirso, ConVida...": Anégia Editores, 1997. p.63
10. MOREIRA, Álvaro, "Santo Tirso: das origens do povoamento à atualidade", Santo Tirso: Câmara Municipal, 2013. P.34
11. "População residente segundo os Censos: total e por grandes grupos etários", 2019, disponível in https://www.pordata.pt/Municipios [consultado em 06-04-2019].
12. "Censos 2011 Resultados Defenitivos - Portugal", Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P., 2011. P.361
13. BARCA, "S. Miguel das Aves (Monografia)", Op. Cit. P.18
14. "Vila das Aves", 2019, disponível in https://www.cm-stirso.pt/pages/499 [consultado em 10-04-2018].

um número de 934 habitantes[15]. A partir desse acontecimento o crescimento populacional é progressivo, sendo que em 1950 registam-se "*5380 pessoas*"[16] e em 2011, 8 458[17] pessoas.

Por curiosidade, é interessante apontar que o termo "Aves" usado para nomear os rios, a terra e o objeto de estudo, não está ligado a "aves" no sentido animal. A palavra em questão surge de uma evolução linguística distinta sendo que provêm da palavra "*Avus*"[18] de origem céltica que significa água corrente, rio. É através de Avus que se desenvolvem os nomes dos dois rios, o Ave, o principal, e o Vizela, o "*Ave pequeno*"[19]. Estes nomeiam a Vila que intitula o Cineteatro.

Esta vila encontra-se "E*ntre-Ambas-as-Aves*"[20], os dois cursos de água dos quais herda o nome. Até 1220 a terra designava-se "*pela perífrase* E*cclesia Sancti Michaele de* I*nter Ambas Aves*"[21]. Mais tarde, em 1547, o nome modifica para "I*greja de Sam Miguel dantre ambas as águas*". Contudo, a atual Vila das Aves ou apenas Aves, "*elevada à categoria de Vila em 1955*"[22], é conhecida como S. Miguel das Aves na data em que o Cine Aves é fundado.

Assim como no resto do concelho o crescimento económico e populacional da Vila está diretamente ligado aos sectores agrícola e industrial. Este contexto socioeconómico criou muitos postos de trabalho e a permanência de pessoas no território. "N*as inquirições de 1258, a população das Aves seria de* (…) *140 habitantes*"[23].

No início do séc. XX, algumas das infraestruturas associadas às "*necessidades da vida moderna*"[24], tanto estradas como escolas, não acompanham o ritmo de evolução sentido no concelho. Por volta de 1928, ainda se denotam pobres ou inexistentes instalações elétricas e a falta de certas comunicações viárias a localidades próximas, como por exemplo a Riba de Ave, pertencente a Vila Nova de Famalicão. Não obstante, a "*linha de caminho-de-ferro*"[25] já existe nas

15. MOREIRA, "Santo Tirso: das origens do povoamento à atualidade", Op. Cit. P. 56
16. OLIVEIRA, "Vila das Aves - Elementos para uma monografia", Op. Cit.p. 56
17. "Vila das Aves", [online]. Op. Cit.
18. DIAS, Geraldo Coelho, Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto in OLIVEIRA, Padre Fernando Marques de, "Vila das Aves - Elementos para uma monografia", Vila das Aves: Tipografia das Aves 2005. P.40
19. O nome Vizela é um diminutivo do nome Ave. Idem. P. 51
20. Idem. P.41
21. Idem. P.40
22. GOMES e SILVA, "Santo Tirso, ConVida...", Op. Cit. P.78
23. OLIVEIRA, "Vila das Aves - Elementos para uma monografia", Op. Cit.p.56
24. PADILHA, "S. Miguel das Aves", Op. Cit. in BARCA, "S. Miguel das Aves (Monografia)", Op. Cit. P.17
25. OLIVEIRA, "Vila das Aves - Elementos para uma monografia", Op. Cit.p. P.34

4. Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela.

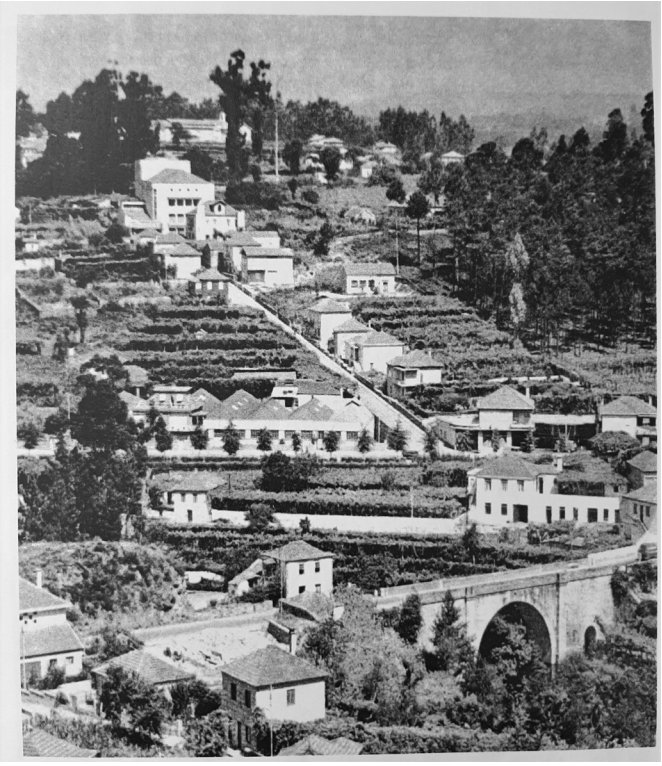
5. Estação Vila das Aves, Negrelos.

Aves desde 1883 para um necessário transporte de pessoas, mas também de mercadorias de forma a realizar o "*escoamento de produtos das unidades industriais*"[26].

Este movimento industrial de Vila das Aves é iniciado pela construção da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela (1845-2004). Esta fábrica é um dos grandes exemplos de infraestrutura da indústria têxtil, a mais comum da região. Situada em "N*egrelos e S. Miguel das Aves*"[27] a fabrica, uma das mais antigas do país, foi essencial para o desenvolvimento do território.

Nos últimos anos o crescimento da zona recai em parte no sector terciário, sendo que muitas empresas se têm instalado na área. A situação empresarial crescente impulsiona a mudança da perceção de Santo Tirso e Vila das Aves como apenas territórios agrícolas e industriais.

26. MOREIRA, "Santo Tirso: das origens do povoamento à atualidade", Op. Cit. P.34
27. BARCA, "S. Miguel das Aves (Monografia)", Op. Cit. P.16



6. Vila das Aves, década de 80.

7. Vila das Aves, 2005.

Cena 1.2.
Cineteatro Cine Aves

Em Vila das Aves é notável a presença do objeto de estudo quer como objeto arquitetónico em si, quer pelo que representa na comunidade. O Cine Aves é, pela sua data de nascimento, desenho geral e história um marco da freguesia. O edifício têm uma presença imponente, situado numa zona favorecida de cota superior este edifício marca o desenho das Aves e é reconhecível do outro lado do rio Vizela, em São Tomé de Negrelos. Contudo, essa grandiosidade certamente era mais sentida no quadro de uma freguesia pouco povoada e pouco construída da década de 50 ou até de 80. Em contraste vemos a densidade que se apresenta atualmente. A época na qual esta casa de espetáculos aparece marca muito a história do país e da arquitetura, ambos estão em mudança e sobre constante observação. Trata-se de um edifício moderno do Estado Novo com um modelo muito característico que alberga cinema e teatro, um cineteatro. O Cine Aves está edificado na rua 25 de Abril em Vila das Aves. No entanto, no ano em que o edifício surgiu a rua intitulava-se de rua Dr. Oliveira Salazar, foi em 1975 que se efetuou a alteração depois de "*aprovação da Câmara*"[28].

Devido a falta de equipamentos culturais na zona dois avenses, Dr. Artur Alves e Castro e Manuel Dílio da Silva, "*agigantaram-se em levar a cabo tão arriscado empreendimento*"[29] visto que se tratava na altura de uma pequena terra com pouco mais de 5.300 pessoas[30]. A casa de espetáculos foi graciosamente aceite pela população de S. Miguel das Aves e representou a chegada da modernidade para esta comunidade. As duas personagens mencionadas tiveram uma presença muito forte nas Aves nas décadas de 50 e 60 chegaram inclusive a representar cargos políticos na Junta de Freguesia de Vila das Aves[31].

28. DIAS, Geraldo J. A. Coelho e FREITAS, Felisbela da Conceição F. C. M., "Vila das Aves em Livro Aberto - 50 Anos", Vila das Aves: Tipografia das Aves, 2005. P.43
29. "Caminheiros do Progresso", *Jornal das Aves,* 3 de Dezembro de 1955.
30. OLIVEIRA, "Vila das Aves - Elementos para uma monografia", Op. Cit. P.56
31. De 1960 a 1963, Artur Castro é secretário e Manuel Silva tesoureiro. De 1964 a 1967 Artur Castro chega a posição de presidente da junta. DIAS e FREITAS, "Vila das Aves em Livro Aberto - 50 Anos", Op. Cit. P. 30-31

Jornal das Aves

1 DE DEZEMBRO -- ANIVERSARIO DO CINE-AVES

CINE-AVES

Consoladora realidade ao serviço da sua Terra e das suas gentes, e legítimo orgulho de seus fundadores e empregados pelo que **Jornal das Aves** *muito se apraz exaltar neste seu 4.º aniversário o quem dedica este suplemento.*

CAMINHEIROS DO — PROGRESSO —

A justiça é a resultante do binómio: Prémio e Castigo. Muitas vezes essa ideia anda deturpada, ligando-se, apenas, ao castigo. Mas não convem obliterar a outra parte bem mais importante por constituir a parte positiva: o prémio. Premiar aqueles que o merecem é caminhar na peugada da mais pura e sã justiça e que bem pode ser o estímulo para que tantos outros encarreiram pela mesma via.

Comemorando-se em 1 de Dezembro o 4.º aniversário do Cine Aves, teremos de volver ao passado, numa séria restrospecção. O celebrar anos exige sempre uma visão retrospectiva ao tempo daquilo que se comemora, que é uma autêntica revisão desse passado que só nos é presente pela recordação.

E volvendo a esse passado, forçosamente relembramos a era em que nos Aves se suspirava por uma Casa de Espectáculos, em sinal de progresso e de modernização.

Apareceu mercê do arrojo indómito de dois obreiros que há bem pouco se lançaram na vida: um saído dos bancos da universidade e outro assumindo uma responsabilidade patronal que talvez não previa tão cedo. Pois esses dois homens, agigantaram-se em levar a cabo tão arriscado empreendimento pelo pouco que ainda era a nossa terra. Mais do que arrojo de tão grandiosa obra era o arriscado da sua localização em uma terra que mal sonhava ainda no seu assinalado futuro que hoje é o presente.

Indiferentes, pois, aos contratempos ou mesmo fracassos, impuseram-se sobremaneira ao inaugurarem no dia 1 de Dezembro de 1951 este magnífico CINE AVES, autêntica sala de visitas da Vila das Aves!

Enaltecer a acção e a obra destes dois ilustres avenses — Ex.mos Srs. **Dr. Artur Alves e Castro** *e* **Dílio Silva** *— é acima de tudo, fazer justiça e da mais genuina. Vindos de fora aqui se arreigaram e se orgulham não só de aqui viverem e trabalharem como até se consideram nativos, numa demonstração sincera de que se algo devem à terra, também lhe sabem pagar.*

A sua acção vem-se desdobrando incessantemente em múltiplas actividades e muito há a esperar dos dois dignissimos obreiros — jóvens de corpo e espírito — que sabem pôr acima de tudo o engrandecimento de sua terra!

Muito têm feito e muito há a esperar pelo lugar preponderante que ocupam e mais ainda virão a ocupar em breve. Bem merecem estes dois audazes — e, já os antigos o referiam com o ditado: «audaces fortuna juvatu» (a fortuna favorece os audazes) — que os ajudemos a manter a obra que é o nosso próprio orgulho ante todos quantos nos visitam. E se não bastara isso, lembremo-nos da sua importância como casa de espectáculos que agora talvez não saibamos apreciar mas que se nos faltasse muito sentiríamos a sua necessidade. E a sua projecção no campo cultural e educativo é mais que reconhecida para que nos esforcemos a encarecê-lo. Avaliemos o quanto nos cabe corresponder, generosamente, à sua solicitude... Bem merecem.

A' dignissima Empreza apresentamos as nossas felicitações e formulamos votos por um futuro sempre melhor.

Cinema e Psiquiatria

por Dr. A. M. Ferreira

Quase todos nos sentimos cansados de vez em quando, mas há pessoas que vivem em continuo estado de fadiga. Entretanto, ésta pode ser perfeitamente evitada, desde que se conheça a razão e se tomem as providências necessárias.

Se soubermos evitar ou combater esses cansaços, sentir-nos-emos mais satisfeitos e contentes da vida.

O estado permanente de fadiga não é causado pelo trabalho físico ou mental

O cansaço produzido pelo trabalho, elimina-se facilmente com umas horas de repouso. Mas a maior parte das vezes a fadiga não é originada pelo trabalho, mas pelas tarefas que realizamos sem disposição ou pelas preocupações de nossas vidas particulares. Para este estado de cansaço, não basta o repouso, porque a nossa mente continua afadigada com esses assuntos e levantâmo-nos talvez mais cansados. Nada melhor do que uma diversão despreocupada que nos elimine as outras preocupações. No nosso meio podemos de facto recrear-nos pelo cinema que é uma das melhores diversões e mais ao alcance de toda a gente. Mas para isso torna-se necessário que queiramos despreocuparmo-nos dos restantes assuntos pesarosos, para que possamos divertir-nos e sentirmo-nos bem dispostos para que a fita seja de nosso agrado. Quantas vezes ouvimos dizer que não se gosta de uma ou de outra fita, quando afinal se trata de uma explêndida sessão para recuperação nervosa. Mas como não estamos dispostos a divertir-nos, talvez ainda nos sintamos mais aborrecidos.

Não é pois a maior parte das vezes o trabalho em si que nos torna cansados, mas outros factores como sejam, preocupações, indecisão, tédio, complexos de inferioridade, pressas, insatisfação sexual, etc. Não há positivamente descanso que cure estes casos de fadiga. O que se requere é uma mudança de actividade, uma distração que não mexa com os nossos nervos, que nos não exalte. Não é o corpo que precisa de descanso, é o espírito que necessita de estímulos capazes de despertar novas energias.

O cinema é o grande remédio que temos à mão para a cura destes aborrecimentos. E' preciso, contudo aprendermos a ver cinema, pois pelo que se ouve a cada passo, vive-se o cinema tal e qual ele não é. Procura-se activamente um bilhete para uma sessão de cinema italiano, só por que nos fala à nossa alma latina. Que nos mexe com os nervos e quantas vezes se deixam de ver fitas riquissimas em vitaminas de boa disposição, para contrabalançar uma semana de fadigas pelo trabalho, não em si, mas por que não deu o resultado que desejávamos ou a compensação que esperávamos.

Quantas pessoas saem do cinema sem darem fé da lindissima música de fundo que acompanha as cenas. Além da imagem só notam as notas fortes que antecedem os acontecimentos mais palpitantes, como tiros de morte, punhaladas, lances arriscados, saltos mortais e etc., que só nos excitam sem o supremo elixir da boa disposição.

Sentemo-nos na cadeira alheios a tudo e absorvamos tudo o que se passa no écran, sem desligarmos a atenção da música de fundo que concorre poderosamente para nosso deleite e repouso do espírito que é o que necessita de distração.

Cada pessoa é um «dinamo humano» que necessita de mais alguma coisa além do alimento para se movimentar, exigindo um excitante externo — o interesse.

Na maioria dos casos as pessoas que vivem cansadas ou abatidas não têm razão para estar assim. O segredo da eliminação da fadiga reside não na concentração do motivo desse estado, mas antes na racional e inteligente procura de agentes de distração, qual é o cinema. Fácil e rapidamente podemos passar de completo abatimento em que sentimos o sangue correr nas veias pesado como chumbo, para uma condição de vibrante vitalidade e magnífica euforia, após uma despreocupada sessão de cinema sonoro, como se acha constado pela Psiquiatria.

O Cinema e a Educação

por Cónde de Tales

Sendo solicitada a minha colaboração para esta página dedicada ao aniversário do *Cine-Aves*, não pude negar-me, quer pelo valor cultural que o cinema representa para a sociedade moderna, quer pelo valor que imprime à jóvem Vila das Aves, que será grande por vontade de Deus e com a ajuda dos Homens que nela residem ou que a governam, e ainda pela grande admiração que alimento pelos homens que se abalançaram à construção de tão digno empreendimento.

***

O filme cinematográfico, usado convenientemente, pode contribuir para a educação de todas as pessoas e estimular pessoas de todas as idades e em todas as condições de vida a fazer o melhor uso possivel de seus lazeres.

A educação de adultos vai desempenhar função vital na nossa vida nacional, e os filmes sonoros estão fadados para auxiliar essa função. E' um erro deplorável e algumas vezes encolorizarmo-nos com os gostos das «grandes massas». E' um erro essa atitude, tanto mais que não atende a qualquer propósito útil. O povo continuará a ir onde queira, dentro das suas posses, em busca de diversão e do esclarecimento. A solução do problema dessa caça indiscriminada ao prazer, não consiste em enraivecer-se contra isso, mas em dar ao povo alternativas, sob formas de actividades que possam atrair a atenção da «porção melhor da natureza humana».

O divertimento por si só tende a ficar insosso, mesmo quando é variado. O filme do cinema pode fazer muita coisa, com o fim de revelar a atracção de muitos interesses que educam, ao mesmo tempo que divertem.

Uma grande parte do público está pronta a reagir favoràvelmente à educação pelo cinema. Muita gente, tem vivido vidas estranhas, muitas vezes artificiais. O filme, talvez com mais eficiência do que qualquer outro agente, pode mostrar aos rapazes e moças as oportunidades que a vida oferece.

A procura combinada de séries convenientes de filmes pode levar a desenvolvimentos rápidos e importantes na educação. No cinema tudo se pode aprender, pois não há limites onde não penetre o olhar bulíçoso e agudo da câmara cinematográfica. Os cérebros que eram considerados obtusos, podem achar fàcilmente, a compreensão de um aspecto e assim se desperta a total visão e apreensão. Um filme estimula o interesse, excita a imaginação, ajuda a apreciação, contribui com conhecimentos valiosos e inspira sentimentos construtivos.

Nenhum outro meio, até agora inventado, pode superar o cinema em sua faculdade de ilustrar e explicar os segredos dos processos mecânicos e científicos. Os nossos industriais deviam por todos os meios encorajar o desenvolvimento do cinema para esses fins quando mais não seja para que, pelo recurso de demonstrar as técnicas modernas, o cinema contribua para que se recrutem operários inteligentes e habilidosos.

O filme sonoro pode dar ao operário um melo de proporção, um interesse mais vivo por suas tarefas particulares, ou uma melhor compreensão e mais orgulho por suas actividades.

O filme é essencialmente uma arte de agradar aos olhos. O cinema é o invento de uma época devotada ao sensualismo visual, como óptima fonte de boa compreensão, ilustração, cultura e educação.

8. 4º Aniversário do Cine Aves, *Jornal das Aves*, 1955.

Para além deste feito vemos estes nomes associados ao Jornal das Aves, fundado em 1955, sendo o diretor do jornal o Dr. Artur Alves do Castro e o "*editor o industrial Sr. Manuel Dílio Silva*"[32].

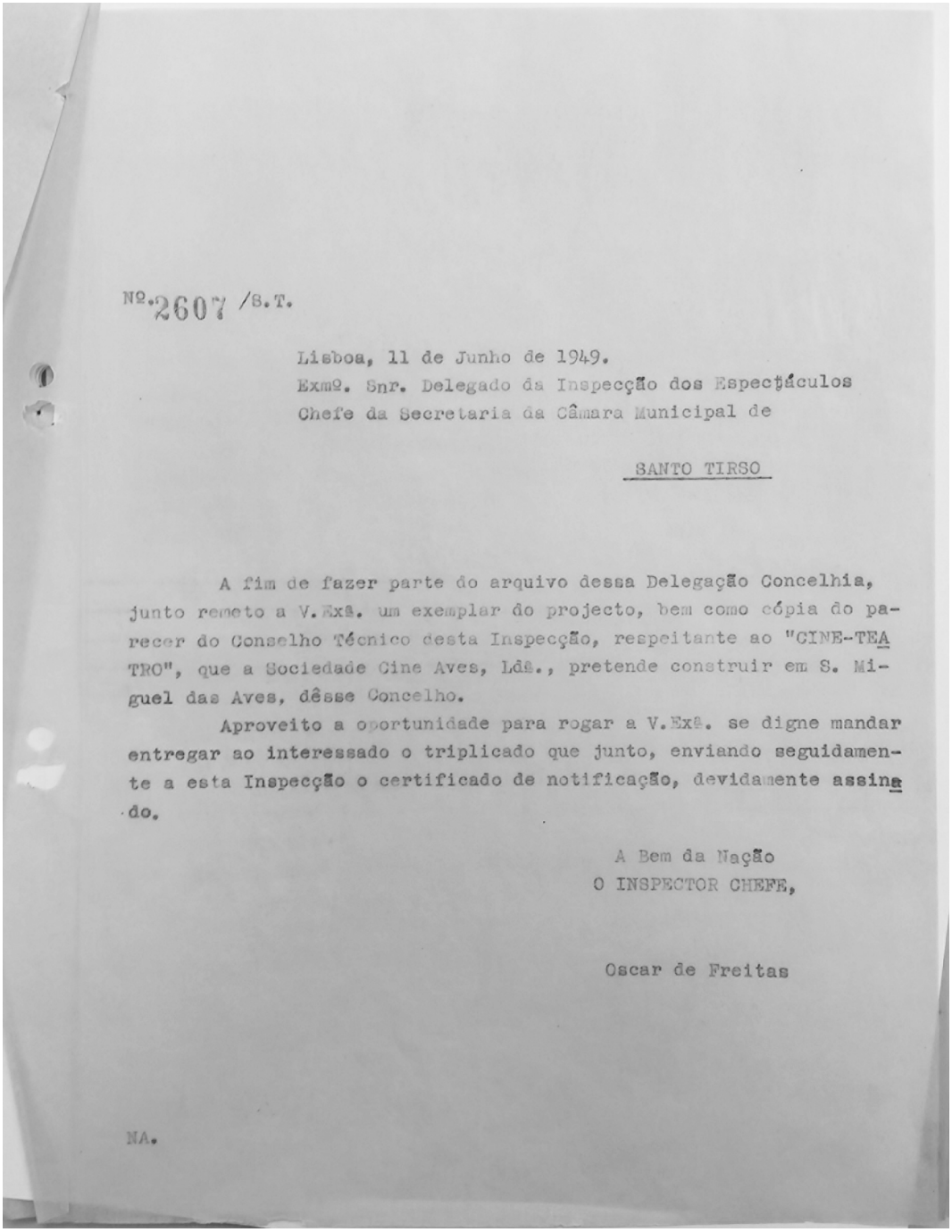
> *"O jornal das Aves, tribuna de uma multímoda produção literária fomentadora de uma idiossincrasia avense e de uma aspiração de progresso e de elevação das suas gentes, no contexto socio-económico do Estado Novo e da Censura vigentes."*[33]
>
> Dulce J. Ribeiro Monteiro

No primeiro periódico do Jornal observa-se a celebração do 4º aniversário da casa de espetáculos o que informa que 1951 é o ano inaugural do Cine Aves. A partir de documentos fornecidos pela Inspeção Geral das Atividades Culturais (IGAC) obtemos a confirmação dessa mesma data, 1 de dezembro de 1951.

Do arquiteto que desenha este edifício, arq. Mário Borges, de quem infelizmente não há informação, apenas se toma conhecimento pela assinatura do mesmo nos desenhos do projeto original do Cine Aves. No entanto, segundo documentação obtida na IGAC, pudemos constatar a existência de uma outra personalidade da área das artes ligada ao edifício, mas que por restrições morais da comunidade não chega efetivamente a participar, o escultor português Manuel Pereira da Silva[34]. O artista cria uma peça escultórica para a fachada do Cine Aves, mas que não é aceite pela população pelas suas formas femininas explícitas[35]. Embora sejam percetíveis apontamentos relativos a este elemento escultórico nos desenhos de projeto do edifício, este não aparece em registos fotográficos.

Não obstante da falta de aceitação da obra do artista mencionado, o Cine Aves conseguiu levar a cabo uma mudança no que seria o habitual para os avenses dado que o cineteatro ofereceu uma nova visão de cultura e educação a uma pequena sociedade presa aos seus costumes.

32. MONTEIRO, Dulce J. Ribeiro, Associação Comercial e Industrial do Concelho de Santo Tirso (ACIST), "Um olhar Económico sobre Vila das Aves", 2005, in idem. P.177
33. Idem. P.177
34. É possível observar obras deste artista no Palácio da Justiça do Porto e no Coliseu do Porto.
35. Era uma figura feminina nua. A situação de descontentamento leva à remoção da peça após uma carta em protesto do presidente da junta, testemunhas e o pároco da freguesia com o apoio da arquidiocese de Braga. Há uma tentativa por parte do artista de explicar a legitimidade da figura decorativa da sua autoria, respondendo às acusações dos intervenientes, embora em vão. Doc.4-5, 22 de junho de 1948, IGAC, Processo nº 13.14.0001, Cine Aves, Vila das Aves, Santo Tirso.



Nº. 2607 /S.T.

Lisboa, 11 de Junho de 1949.
Exmº. Snr. Delegado da Inspecção dos Espectáculos
Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de

SANTO TIRSO

A fim de fazer parte do arquivo dessa Delegação Concelhia, junto remeto a V. Exª. um exemplar do projecto, bem como cópia do parecer do Conselho Técnico desta Inspecção, respeitante ao "CINE-TEATRO", que a Sociedade Cine Aves, Ldª., pretende construir em S. Miguel das Aves, dêsse Concelho.

Aproveito a oportunidade para rogar a V. Exª. se digne mandar entregar ao interessado o triplicado que junto, enviando seguidamente a esta Inspecção o certificado de notificação, devidamente assinado.

A Bem da Nação
O INSPECTOR CHEFE,

Oscar de Freitas

NA.

9. Documento enviado para a Câmara de Santo Tirso, 1949.
Junto com a carta ia um exemplar do projeto do Cine Aves. IGAC.

Cena 1.2.1.
Processo de criação e evolução do Cine Aves

(*Didascálias*: Contexto histórico e cultural dos cineteatros)

O processo de criação do Cine Aves foi relativamente curto. Por outro lado, os acontecimento que decorreram desde a sua inauguração até ao seu fecho fizeram parte de um processo extenso que envolveu inúmeras comunicações com a entidade responsável por este tipo de equipamentos. Graças à documentação existente na IGAC foi possível perceber os vários passos necessários para a sua concretização e as várias etapas que guiaram o edifício até aos dias de hoje. Na documentação encontra-se o projeto original, as preocupações técnicas e de segurança atribuídas a este edificado ao longo dos anos, as alterações efetuadas nos espaços do cineteatro, as mudanças de gerência da empresa à qual pertence o edifício e, numa etapa final, as atividades mais recentes realizadas no Cine Aves.

No final do séc. XIX "*os grandes equipamentos de lazer eram os teatros*"[36], contudo, com o aparecimento do cinema[37] sentiu-se uma alteração no paradigma da vida social do país. Esta nova e afamada forma de entretenimento, o animatógrafo[38], associada à mudança dos hábitos de recreio, principalmente das classes trabalhadoras, fez com que o cinema, primeiramente apresentado em espaços pouco adequados, começa-se a reclamar uma certa autonomia e uma qualificação superior de infraestruturas.

A alteração nos costumes de lazer e ócio da sociedade traduziu-se num aumento e numa diversificação de atividades de entretenimento. Os espaços públicos eram, na falta de

36. SILVA, Susana Constantino Peixoto da, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Coimbra: Almedina, 2010. p.18

37. "Em Portugal, a introdução da projeção cinematográfica é atribuída a Aurélio Pais Reis (…) com a filmagem e reprodução da Saída dos operários da Fábrica Confiança do Porto" em 1986. LOPES, Tiago Justino Soares, "O cine-teatro Rosa Damasceno o significado de uma intervenção", Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Porto, FAUP, 2008. P. 24

38. O Cinema, na primeira década do séc. XX, é conhecido por *cinematógrafo* ou *animatógrafo*, tanto a sala de espetáculo como a máquina de projeção.

infraestruturas, os locais escolhidos de divertimento e vida social. Os "*novos modos de ocupação dos tempos livres*"[39] referem-se *"aos espectáculos públicos, ao convívio, aos passeios e ao futebol*"[40].

O animatógrafo foi apresentado em 1896 ao País e juntou-se a esta corrente de entretenimentos. Numa fase inicial, principalmente no Porto e Lisboa, esta nova forma de espetáculo funcionava através de espaços já dedicados a divertimentos, como feiras e circos, e instalava-se em "*vários edifícios provisórios*"[41] ou espaços existentes, com especial atenção aos edifícios que até então se consagravam pelo teatro. As pequenas cidades e vilas receberam este entretenimento como um "*espetáculo itinerante*"[42].

A importância que este espetáculo ganhou entre a população, na sua vida social e na ocupação do seu tempo livre, guiou o cinema a instalar-se nas infraestruturas existentes, como os teatros, mas também guiou uma procura por uma nova tipologia que apenas se dedicasse à atividade.

O modelo corrente dos espaços de teatro, os "*«teatros de raiz Italiana»*"[43] baseia-se na "*justaposição, ou confrontação, de dois elementos complementares: cena e sala*"[44]. O espaço cénico e o espaço dedicado aos espetadores são divididos pela linha marcada pela boca de cena. O primeiro espaço refere-se ao palco e teia. O segunda à sala em forma de ferradura onde se encontra a plateia numa zona central e os camarotes em seu redor. Nestes equipamentos ainda vemos os apoios à zona do palco, como os camarins e os foyers, e os espaços de convívio nos intervalos dos espetáculos que afirmam a componente social da ida ao teatro.

> *"Muitos antigos teatros sobrevivem à época dos cine-teatros criando uma cabine de projeção e mudando simplesmente de nome."*[45]
>
> Luís Soares Carneiro

Nas primeiras décadas do séc. XX sentiu-se este despoletar onde, por um lado, se constatava que a "*valência era simplesmente acrescentada aos Teatros existentes*"[46] e, por outro, o

39. SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. P. 21
40. Idem. P. 21
41. LOPES, "O cine-teatro Rosa Damasceno o significado de uma intervenção". P.24
42. SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. P.23
43. Modelo desenvolvido em Itália a partir do séc. XVI, CARNEIRO, Luís Soares, "Teatros portugueses de raíz italiana", Porto: FAUP, 2002. P.21
44. Idem. P.20
45. Idem. P.1175
46. LOPES, "O cine-teatro Rosa Damasceno o significado de uma intervenção". P.28

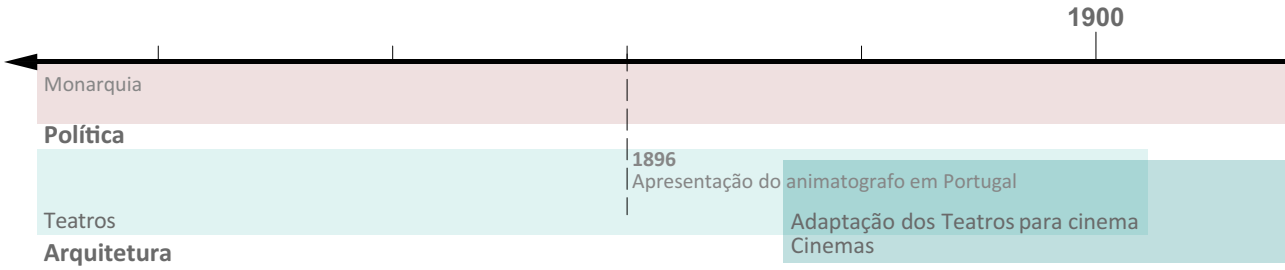
desenvolvimento de uma tipologia singularizada de cinema. Muitas das salas de teatro adaptadas ao cinema passaram durante a década de 30 a dedicar-se apenas a este entretenimento. O termo "Cine" foi anexado ao nome de diversos equipamentos. No Porto isto aconteceu ao Teatro de S. João, que passou a "S. João Cine"[47], por exemplo.

As características técnicas necessárias para a apresentação da arte cinematográfica, especialmente após o aparecimento do cinema sonoro[48], levaram à evolução tipológica do cinema muito baseada no até então conhecido e já estabelecido: o teatro. Durante a década de 20 do séc. XX observou-se a evolução da configuração da sala onde a forma em ferradura do teatro se foi perdendo. A sala de cinema adotou uma forma retangular ou trapezoidal onde o écran se instalava na superfície menor e a sala de projeção no lado oposto. Neste quadro de desenvolvimento a zona do palco e anexos concernentes foram eliminados e os camarotes progressivamente substituídos por balcões. Por outro lado, os foyers perduraram, visto que a componente social atribuída aos teatros viu-se continuada nos cinemas (e cineteatros). Já em 1904 surgiu um espaço de configurações simples, o Salão Ideal em Lisboa, criado em exclusivo para o cinema[49].

É interessante apontar que foi a implementação do cinema nos teatros que deu início à tipologia do cineteatro, sendo que a algumas destas edificações adaptadas se chega a dar a designação de cineteatro.

Os edifícios criados de raiz e mesmo os profundamente alterados, onde se vê uma tipologia efetiva de Cineteatro enquadram-se "*da década de trinta à de sessenta*"[50]. O início deste intervalo de tempo é marcado com a "*introdução da Lei de 6 de Maio de 1927*"[51], onde se reuniram todas as questões legislativas referentes a recintos de espetáculo, nomeadamente os teatros e cinemas, entre outros. O cineteatro tinha que reunir as especificidades técnicas tanto do teatro como do cinema.

47. SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. P.27
48. Em Portugal, o 1º filme sonoro surge em 1930. No ano seguinte, surge o primeiro filme sonoro português, *A Severa*. LOPES, "O cine-teatro Rosa Damasceno o significado de uma intervenção".P. 24
49. O Salão Ideal era um "recinto com cadeiras dispostas em função de um écran ao qual se opunha a máquina de projecção" SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. P.26
50. CARNEIRO, "Teatros portugueses de raíz italiana", Op. Cit. P.1175
51. ORNELAS, Cilísia "Recuperação de cine-teatros modernos portugueses", Dissertação de Mestrado em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico, Porto, FAUP, 2006. P.45



Antes de mais, no início do dossiê relativo ao Cine Aves no IGAC regista-se um primeiro pedido à Inspeção dos Espetáculos (IE)[52] para a uma possível construção de "*uma casa dedicada a cinema em S. Miguel das Aves*" [53]. Solicitado em abril de 1946 por Abílio Almeida de Sousa, um habitante de Vila Nova de Famalicão, este pedido chega a ser deferido e o interessado é informado que detém de um período de 60 dias no qual o projeto do cinema deve ser enviado à dita entidade. No entanto, já no ano 1948[54], por falta de cumprimento do prazo estipulado, este processo termina com uma comunicação a revogar o deferimento inicial.

Curiosamente, antes de emitir a mencionada aprovação para a construção de um cinema, o Inspetor Chefe da Inspeção requer um esclarecimento à Câmara de Santo Tirso a perguntar se "*ainda existe o «Cine-Aves» sito em S. Miguel das Aves*"[55]. Esta informação levanta de imediato a dúvida sobre a existência de uma casa de espetáculos na zona em 1946. Contudo, a hipótese é clarificada quando o vice-presidente da respetiva Câmara comunica que realmente é conhecido na freguesia um espaço dedicado a espetáculos, mas com aspeto pobre, sendo na realidade apenas um "*barracão*"[56] com um espaço exterior destinado aos espetadores. A esta descrição ainda acrescenta que tal construção não se encontra com as licenças corretas de funcionamento.

O cinema não agia só como forma de entretenimento, mas também como meio de comunicação, de passagem de informações noticiosas entre e por todo o país. A criação

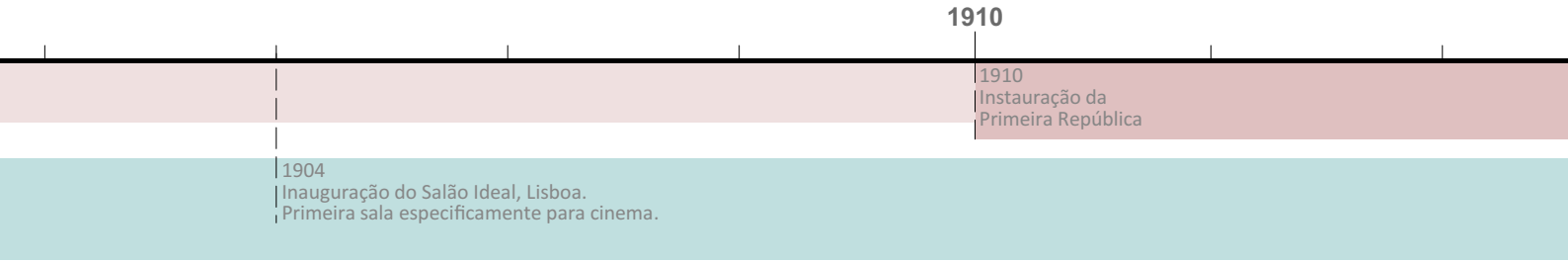
52. Criada a 1929, como Inspeção-Geral dos Espetáculos (IGE), que por sua vez veio substituir a Inspeção-Geral dos Teatros (IGT). A Inspeção dos espetáculos (IE), assim conhecida a partir de 1944, quando integra o Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI antes SPN), é a entidade responsável pela aprovação da construção e qualquer tipo de alteração de recintos de espetáculo. IGAC, "Apresentação", 2019, disponível in https://www.igac.gov.pt/apresentacao [consultado em 02-07-2018].

53. Doc.1, 1 de abril de 1946, in IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.

54. Doc.6, 26 de junho de 1948, in idem.

55. Doc.2, 22 de maio de 1946, in idem.

56. Doc.3, 30 de maio de 1946, in idem.

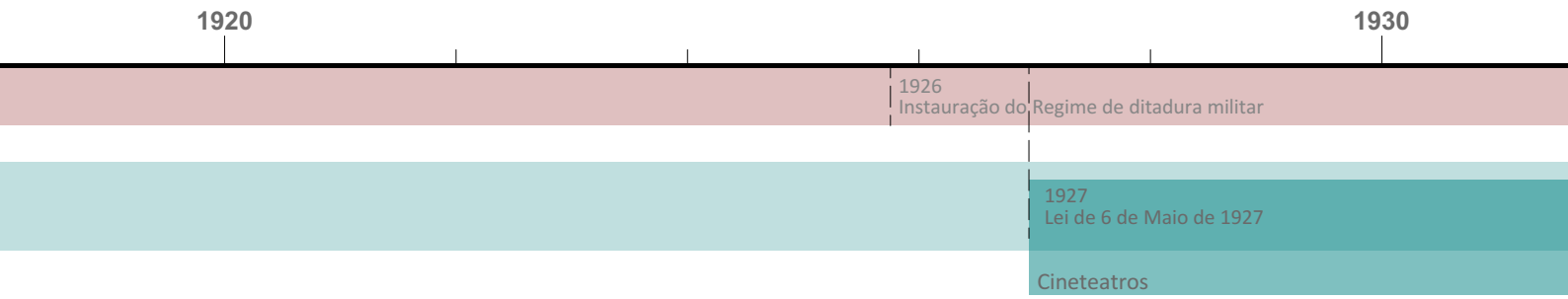


deste tipo de espetáculo foi muito encorajado pelo Estado[57]. Assim sendo, esta atividade foi considerada como um mecanismo de grande interesse para um Estado que se afirmava através de uma "*manipulação da arte enquanto instrumento de propaganda ideológica*"[58]. Em 1933, no ano de institucionalização do Estado Novo, foi criado o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) que ficou encarregue de definir a imagem do Estado e passar a mensagem ideológica do mesmo numa "*política de espírito*"[59]. O Cinema Ambulante, criado pos esta entidade em 1935, como o nome indica, viajava pelo país e era responsável por levar o cinema a todas as pequenas aldeias e vilas, mas sobretudo levar a mensagem de valores do Estado em forma de documentários.

Como no caso de estudo, a construção deste tipo de equipamentos, cinemas e cineteatros, sucedeu-se principalmente através de "*iniciativa privada*"[60]. Motivados pelo aspeto comercial e pelo prestígio associado aos espaços, "*empresários isolados ou associados em grupos empresariais e sociedades de acções*"[61] idealizavam e edificavam os equipamentos de lazer e cultura.

Por outro lado, os equipamentos de carácter público, que receberam um "*impulso importante graças à política de obras públicas*"[62], eram encomendados pelo Estado que se queria afirmar depois da instauração. Estas construções representativas do poder procuravam uma monumentalidade que transmitisse aos "*cidadãos os valores de autoridade e ordem*"[63], que se tornou

57. Implementação de um regime ditatorial em Portugal em 1926. A partir de 1933 o regime é institucionalizado como Estado Novo.
58. PEREIRA, Nuno Teotónio. "Arquitectura de Regime, 1938-1948" in BECKER, Annette, TOSTÕES, Ana, e WANG, Wilfried, "Portugal: arquitectura do século XX", München: Prestel, 1997. P. 34
59. *Política de espirito* era a designação dada a uma politica de cultura, ligada ao SPN e ao seu primeiro diretor, Antonio Ferro: "uma «politica do Estado em favor da cultura»". SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. P. 34
60. GRAÇA DIAS, Manuel, "Cultura e divulgação" in "Cultura: Origem e destino do Movimento Moderno. Equipamentos e infra-estruturas culturais. 1925-1965 ", Porto: Docomomo Ibérico, 2001. P.15
61. SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. P.57
62. PEREIRA, Nuno Teotónio, "Arquitectura de Regime, 1938-1948" in BECKER, TOSTÕES, e WANG, "Portugal: arquitectura do século XX", Op. Cit. P.33
63. Idem. P.36



uma das características da arquitetura promovida pelo Estado Novo. No entanto, aliado a este atributo, principalmente nos edifícios de dimensão intermédia, assiste-se à inclusão de "*elementos de raiz rural*"[64] em resposta a uma procura e afirmação do carácter e estética dita portuguesa.

A iniciativa privada, todavia, não se traduziu na liberdade da forma, do desenho ou do local dos equipamentos, uma vez que estas novas tipologias eram controladas por entidades designadas pelo Estado que regiam e controlavam a linguagem dos edifícios segundo o que se encontrava nos edifícios públicos. Por um lado, observou-se uma imagem de visão moderna e cosmopolita, características associadas ao próprio cinema que tinham mais presença nos centro urbanos e, por outro, o "*regionalismo ruralista*"[65] que se destacava nos cineteatros que se encontravam principalmente nas cidades de menor dimensão e vilas.

O processo de proliferação do cinema pelo país fez com que o teatro perdesse o protagonismo no entretenimento nacional. Deparados com este facto, e devido aos inúmeros pedidos de construção de cinemas vindos de diversos pontos do país, a Inspeção-Geral dos Espetáculos (IGE) tomou medidas de precaução como modo de proteger o teatro "*enquanto agente cultural*"[66] ao priorizar a construção de cineteatros. Estas medidas surgiram nas cidades e vilas de menor dimensão onde só era autorizada a construção ou alteração de casas de espetáculo caso se incluísse no projeto ambas as artes, o teatro e o desejado cinema. Todavia, esta obrigatoriedade era apenas aplicada no caso de não existir, na zona em questão, equipamentos funcionais dedicados exclusivamente ao teatro. Esta questão impulsionou a construção de cineteatros pelo país inteiro.

No mesmo ano em que termina o processo de Abílio Almeida de Sousa chega à IE um novo, mas semelhante pedido, por parte das personalidades apresentadas na *Cena 1.2*, o Dr. Artur

64. Idem. P. 36
65. TOSTÕES, Ana, "Em direcção a uma nova monumentalidade: os equipamentos culturais e a afirmação do Movimento Moderno ". in "Cultura: Origem e destino do Movimento Moderno. Equipamentos e infra-estruturas culturais. 1925-1965 ", Op. Cit. p. 21
66. SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. p.92

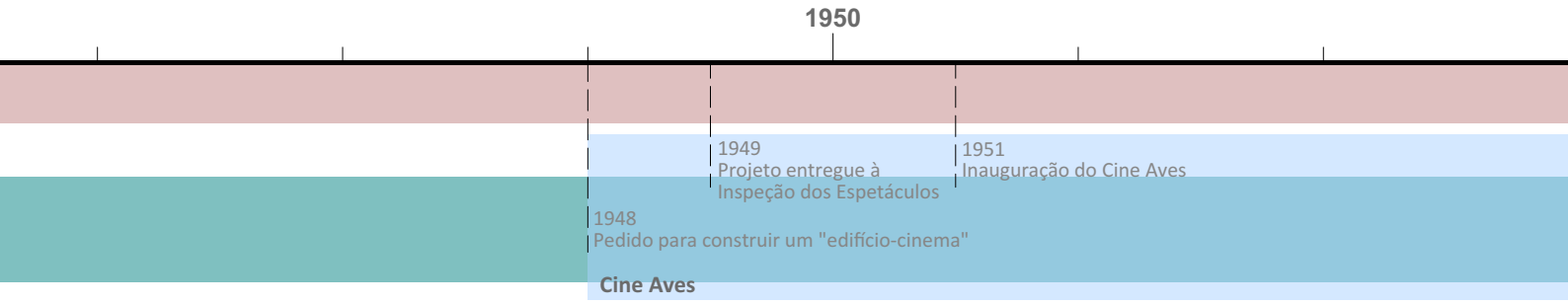
Alves e Castro e o Sr. Manuel Dílio da Silva. A este pedido é anexada uma pequena descrição das características idealizadas para a casa de espetáculos.

> *"A construção obedecerá a um estilo moderno mas dentro das tradições da região onde se pretende edificá-lo"*[67].
>
> Artur Alves e Castro

Na pequena descrição menciona-se apenas a atividade cinematográfica, uma casa de espetáculos com 800 lugares que se dedica "*única e exclusivamente a cinema*"[68]. No entanto, o projeto que segue no ano seguinte para aprovação da entidade responsável expõe que afinal se trata de um edifício que, para além de promover o cinema, é estudado de forma a se realizarem também "*espetáculos teatrais de qualquer espécie*"[69].

Após deferimento da IE deste novo pedido ainda em 1948, sendo regra, é estabelecido um prazo de 60 dias para a apresentação do projeto. A este prazo são acrescidos 60 dias por requerimento de Artur Castro e Dilio da Silva, devido a dificuldades "*na compra do terreno*"[70]. A compra é finalizada em dezembro desse ano. Os desenhos e respetiva memória descritiva do projeto do Cineteatro são enviados aos serviços da IE a janeiro de 1949, nos quais vemos 741 lugares e não os 800 iniciais. Passados poucos meses a resposta de aprovação do projeto é recebida pelos interessados e informa que se pode avançar com a obra desde que se trate da resolução de algumas questões apontadas pelo conselho técnico. As questões apontadas são principalmente sobre a segurança contra incêndios, como por exemplo, a colocação de mais bocas-de-incêndio ou a instalação de um "*pano de ferro munido de chuveiro*"[71] na boca de cena. Em termos projetuais são apontadas três questões. Numa primeira questão, é requerido que se proceda à alteração da "*localização das instalações sanitárias para senhoras, por forma a que a sua*

67. Doc.4, 22 de junho de 1948, in IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.
68. Idem.
69. Doc.8, outubro de 1948, in idem.
70. Doc.7, outubro de 1948, in idem.
71. Doc.9-12, 6 de maio de 1948, in idem.



entrada não se faça por local que possa confundir-se com a dos homens"[72]. A segunda questão refere que os lugares da geral têm que se distribuir em lugares individualizados e não podem em bancada. Por fim, as cabines do eletricista e de bombeiros devem ser "*integradas na caixa de palco*"[73]. No que diz respeito à instalação sanitária feminina vemos a alteração, no que concerne à mudança de localização, representada no projeto de instalação elétrica (enviados à IE apenas em setembro de 1951), também fornecido pelo IGAC.

No início de 1950 é emitido um pedido de deferimento por parte de Artur Castro à IE para "*deixar a construção da parte respeitante ao Teatro para momento mais oportuno*"[74] com a garantia que num futuro próximo se concluísse essa fase. Para além desta questão, também se inclui no pedido a supressão dos sanitários localizados no piso -1 e a instalação de apenas 499 lugares, invés dos 741. O motivo do requerimento baseia-se no facto de não existir "*clientela criada*" e ser necessário "*iniciar os habitantes da localidade nesta divina arte*"[75], o teatro. Assim sendo, vê-se no documento a intenção de proceder ao acabamento dos espaços mencionados consoante o lucro obtido. Este tópico é interessante porque apesar de se usar o termo "construção" na parte referente ao teatro, segundo análise dos documentos, apenas se denota a falta dos elementos técnicos relativas à atividade do teatro no momento de inauguração do Cineteatro, e não a falta da caixa de palco, por exemplo. Ao longo dos documento fornecidos pelo IGAC não se observa qualquer informação que remeta a obras de acabamento do edificado. Por outro lado, num relatório de vistoria à instalação elétrica do Cine Aves realizada a 30 de novembro de 1951 (dia antes da inauguração) é apontado que é necessário "*concluir a instalação das gambiarras e tangões do palco*"[76].

No que diz respeito a lotação do equipamento, há de facto uma concordância entre o pedido e número estabelecido pela vistoria ao edifício a 29 de novembro de 1951: 499 lugares,

72. Doc.9-12, Op. Cit, in IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.
73. Idem.
74. Doc.13-14, 27 de fevereiro de 1950, IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.
75. Idem.
76. Gambiarras e tangões, elementos de iluminação e estrutura de apoio da caixa de palco, respetivamente. Doc.18-20, 7 de fevereiro de 1952, in IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.

distribuídos por plateia (252), balcão (138) e geral (109)[77]. No entanto, esta redução não corresponde a uma alteração projetual, mas ao uso parcial das áreas da plateia, balcão e geral, como percebemos ainda no auto de vistoria, onde se informa que é necessário "*vedar a parte da geral que não faz parte da lotação*"[78].

Em novembro do ano de inauguração do Cineteatro, 1951, a Inspeção recebe uma notificação que informa o fim das obras e ainda o pedido de vistoria, mencionado anteriormente, sendo obrigatório para o funcionamento de uma casa de espetáculos. É de salientar, que é neste ano, em junho e julho, que se sucede a situação caricata no que concerne à instalação da escultura de Manuel Pereira da Silva na fachada do edifício, que suscita indignação entre os mais conservadores de S. Miguel das Aves.

A construção de cineteatros seguiu, em certos casos, apenas a obrigatoriedade impingida pela entidade reguladora. A pedidos de construção de cinemas foi indicada a necessidade de incluir o teatro como parte integrante do edifício, em seguimento da linha de pensamento protetor da arte performativa. O que se sucedeu, principalmente nas áreas provinciais, foi a construção de edifícios que demonstravam essa "*flexibilidade de uso,* [mas] *não necessariamente uma excelência*"[79] no que diz respeito às questões técnicas e especificidades relativas ao teatro, em prol do que realmente era pedido: o cinema.

Em termos gerais, observa-se que do teatro herda o espaço cénico, como o palco, a teia e os camarins, e do cinema herda o balcão e a geral, para além da sala de projeção do lado oposto do écran. Em termos formais, a disposição da sala de espetáculos desta tipologia gerou um conflito em termos de desenho, sendo que a forma curvilínea era preferencial para os teatros e a forma retangular para os cinemas. No entanto, o objetivo primordial destes equipamentos era

77. Doc.15-17, 29 de novembro de 1951, IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.
78. Idem.
79. LOPES, "O cine-teatro Rosa Damasceno o significado de uma intervenção". P.24

responder ao novo programa "*moderno e cosmopolita*"[80], o cinema, como referido anteriormente. Assim sendo, as salas tenderam a dispor uma forma retangular que privilegiava a atividade cinematográfica.

Em relação à sala de espetáculos também se encontrava o paradigma dos lugares, no teatro privilegiavam-se os lugares próximos do palco, que permitiam uma boa visualização e audição do espetáculo, enquanto que no cinema, devido à projeção num superfície plana, eram os lugares na zona do fundo da sala os marcados como preferenciais, onde não se notava uma deformação da imagem projetada em contraste com os lugares das primeiras filas. Neste quadro, a geral, zona de lugares a uma cota superior e mais afastada tanto do palco como da tela de projeção, foi marcada como a zona menos privilegiada e determinada como o pior sítio da sala para qualquer tipo de espetáculo e, portanto, com preço menor nos bilhetes.

Em termos sociais esta questão também se levantava. Numa sociedade de classes, cada zona da sala representava o poder económico dos respetivos espetadores, esta questão foi herdada do teatro. As diferenças sociais, eram também criadas pelos apoios aos espetadores, onde se via acessos, foyers, instalações sanitárias e áreas de bar diferentes, uns dedicavam-se à plateia e balcão e uns segundos dedicavam-se aos espetadores da geral.

A construção de cineteatros principalmente em vilas ou cidades de menor porte, fez com que a imagem e características construtivas destes edifícios modernos se traduzissem numa conjugação das características de edificados de índole ruralista com a aplicação moderna do betão. Um equilíbrio entre ruralidade e modernização. Os cineteatros beneficiam deste material visto que, "*a partir de meados dos anos 20, o ciclo modernista* [estava] *apoiado já claramente nas possibilidades estruturais e plásticas do betão armado*"[81].

80. SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. P. 131

81. TOSTÕES, Ana, "A idade maior: cultura e tecnologia na arquitectura moderna portuguesa", Porto: FAUP Publicações, 2015. P. 158-159

1990

1982
Mudança de gerência da Cine Aves L.da
Fecha para obras

1990
Envio do projeto de alterações realizadas 1982 ao IGAC

Apesar de "*alguma sistematização na utilização do sistema construtivo em betão armado*"[82], principalmente nos cinemas, em termos materiais e construtivos, os cineteatros "*de província*"[83] eram geralmente caracterizados pelo uso de "*espessas paredes de alvenaria de pedra, (...) janelas de dimensão contida, abundante emprego de cantarias em socos, cunhais e molduras de vãos, e telhados nas coberturas*"[84], em linha com uma "*linguagem mais tradicionalista, monumental ou regionalista*"[85], com o uso do betão principalmente nas lages.

Este tipo de equipamento também apresentava uma certa monumentalidade, neste caso recorria-se a esta característica como forma de se evidenciarem como edifícios coletivos, com uma forte componente social, visto não se tratarem de edificados estatais.

Nos anos que se seguem à abertura do Cine Aves as comunicações com a entidade reguladora concentram-se na manutenção das licenças atualizadas. Entre 1957 e 1959 encontra-se nos documentos uma discussão sobre uma mudança de instituição de bombeiros responsável pela segurança contra incêndios do estabelecimento. Foi requerida a indicação de um quartel de bombeiros mais próximo, para tentar reduzir os encargos que esta medida obrigatória denotava. A instituição assegurava a inspeção ao edifício e a presença de um piquete durante os espetáculos.

No ano de 1967 o edifício recebe o título definitivo de Cine Aves, visto que apesar de ser usado com regularidade o termo simplificado "Cine" tratava-se de um Cineteatro onde a produção teatral era permitida. No documento onde é expressa esta informação é mais uma vez constatada a lotação de 499 lugares e é definida como atividade exercida apenas o cinema.

82. SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. P.76
83. ORNELAS, "Recuperação de cine-teatros modernos portugueses". P.45
84. PEREIRA, Nuno Teotónio. *"Arquitectura de Regime, 1938-1948"* BECKER, TOSTÕES, e WANG, "Portugal: arquitectura do século XX", Op. Cit. P.37
85. SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. P.172

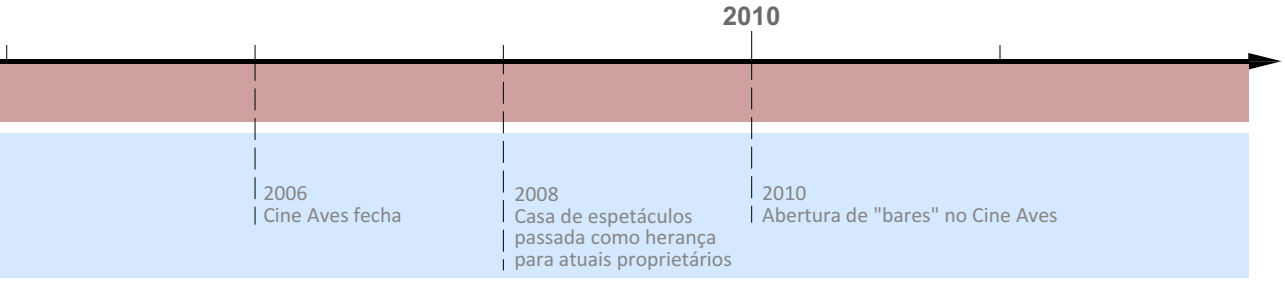
2000

Em outubro de 1973 é solicitada a permissão para o aumento do número de lugares. O Cine Aves, como estabelecido, só apresenta 499 lugares, os seus proprietários propõem a ampliação, aceite, para 734 lugares, distribuídos por plateia neste caso dividida em 1ª e 2ª plateia (262+66=328), balcão (162) e geral (244). São enviadas para a Direção-geral de Espetáculos (DGE)[86], as plantas com a nova distribuição de lugares. Este aumento é confirmado pela vistoria realizada a 12 de novembro de 1973, onde também se aponta que não são realizadas "*obras que alterem o recinto*"[87].

Em 1982, a Direção-geral de Espetáculos e do Direito de Autor (DGEDA)[88], recebe a informação de que o Cine Aves L^da. muda de gerência. O edifício recebe obras de modernização financiadas pela nova administração, conjugadas com algumas alterações na compartimentação interior que em termos espaciais correspondem ao edifício atual (alterações que serão apresentadas no próximo *Ato* do presente trabalho). Após a passagem de propriedade para o sr. Manuel Martins Ferreira e da conclusão das mencionadas obras é realizada uma vistoria na qual se regista um decréscimo de lugares na sala de espetáculos, sendo estabelecida uma lotação de 425 lugares, distribuídos em plateia (289) e balcão (136).

Pouco tempo depois, em 1988, é requerido à DGEDA a transformação de uma dependência anexa[89] em sala de divertimentos. Esta atitude vêm em concordância com as dificuldades financeiras sentidas não só neste equipamento, mas como em muitos do tipo localizados em "*pequenas localidades*"[90]. Não obstante, não há resposta ao pedido, sendo que já em 1992 se revisita o assunto nas comunicações. Informa-se a entidade responsável de que, caso não se permita tal investida, o Cine Aves muito provavelmente fecha por falta de "*receitas obtidas com a exibição de filmes*"[91] que não permitem suportar os encargos de manutenção do edifício e

86. Conhecida até então como Inspeção dos espetáculos.
87. Doc.22, 20 de novembro de 1973, in IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.
88. Conhecida anteriormente como Direção-geral de Espetáculos (DGE).
89. A dependência anexa calcula-se que seja o café do projeto original, atual restaurante.
90. Doc. 24, 12 de outubro de 1988, in IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.
91. Doc. 25, 22 de maio de 1992, in idem.



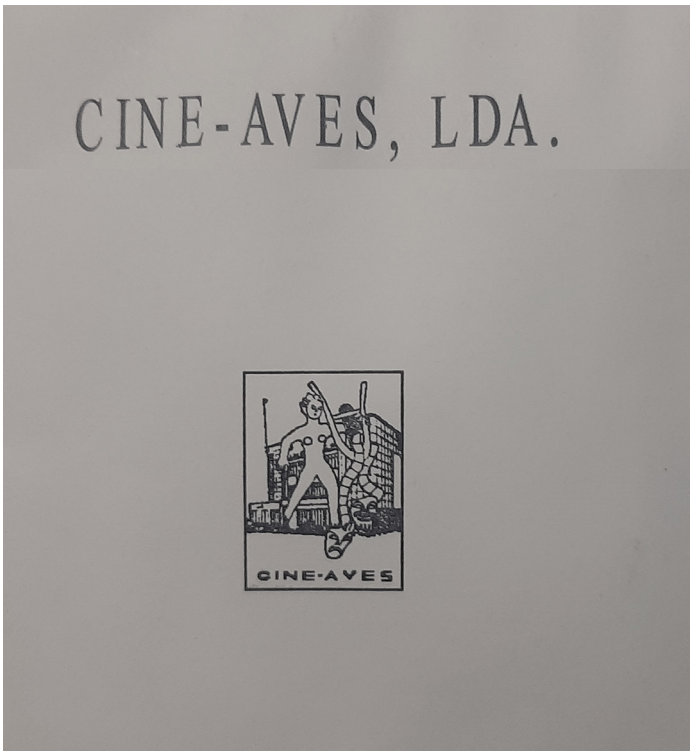
da própria atividade cinematográfica. A questão da sala de divertimentos não chega a receber resposta por parte da entidade, todavia, a casa de espetáculos permanece aberta por mais 14 anos.

O projeto das alterações realizadas em 1982 é apenas enviado ao IGAC[92] em 1998 para ser "*visto e se possível aprovado*"[93]. O projeto não é enviado antes "*por lapso*"[94] da gerência. As alterações são aceites por parte do IGAC tendo em conta a "*legislação em vigor da época*"[95]. A inspeção seguinte, já em 1999, diz que em termos de higiene e segurança o edifício encontra-se dentro dos parâmetros legislativos, mas adverte para a necessária mudança das portas de emergência para o sistema de barra antipânico.

É interessante referir que juntamente com o envio do projeto, surge a informação que o proprietário pretende submeter uma nova proposta para "*modernizar a sala*"[96]. O intervalo de tempo entre a intervenção (1982) e a comunicação da mesma à entidade (1998), por si só justifica esta necessidade de modernização. Contudo, não há confirmação de novas alterações na documentação obtida no IGAC. Entre 2000 e 2005 não se registam comunicações entre a empresa e a entidade.

Em síntese, a vontade de fazer proliferar a mensagem do Estado aliada ao investimento privado, sem nunca esquecer a história (o teatro), marcou a arquitetura dos espaços de lazer da sociedade, "*definindo um equipamento demasiado específico e simultaneamente híbrido*"[97] designado de cineteatro. Infelizmente, durante as última décadas do séc. XX e início do séc. XXI, os cineteatros sentiram dificuldades económicas e a maior parte fechou. Nos "*anos 70 com a generalização*

92. Atual entidade que tem como papel "assegurar as condições técnicas e de segurança dos recintos de espectáculos de natureza artística", a entidade realiza a vistoria aos equipamentos. IGAC, "Apresentação", [online]. Op. Cit.
93. Doc.26, 12 de maio de 1998, in IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.
94. Idem.
95. Doc.27, 6 de julho de 1998, in IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.
96. Doc.28, 15 de fevereiro de 1999, in idem.
97. SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. p.94



10. Último logótipo do Cine Aves.

11. Ilustração do Cine Aves, 1956.

da televisão"[98] e com o aparecimento de outros edifícios que oferecem este tipo de programa, o cinema, como os shoppings nas grandes cidades, os cineteatros (e os cinemas) viram uma redução significativa de espetadores, que resultou ou numa transformação programática ou no encerramento dos equipamentos.

São muitos os filmes que passam pelo Cine Aves até que em 2006 as portas fecham, com a justificação de se sentir a crise do Vale do Ave associada a uma crescente taxa de desemprego. É realizada uma última vistoria a 16 de junho de 2009 na esperança de se devolver o espaço como cinema à população de Vila das Aves, mas o resultado da mesma vai contra essa vontade, visto que se recebe a informação de que são necessárias obras de atualização para que o edifício respeite as condições legislativas em vigor de acessibilidade e de segurança contra incêndios. A casa de espetáculos continua fechada até 2010.

Os encargos de um equipamento desta dimensão, mesmo encerrado, levam a proprietária responsável pelo edifício a alugá-lo em 2010 para um diferente tipo de divertimento, uma discoteca ironicamente intitulada de Theatro Club. Esta decisão resulta num grande descontentamento por parte da população da zona envolvente, principalmente pela falta de cumprimento das medidas necessárias à insonorização de um programa como este. Para além de que não são garantidas quaisquer condições de segurança e adaptabilidade no espaço, condições estabelecidas no contrato e indispensáveis por lei.

Primeiro vemos um edifício fechado e com uma manutenção ínfima propenso, portanto, à degradação, de seguida um edifício pobremente adaptado a um uso completamente distinto do original que gera alterações irresponsáveis e incoerentes nos espaços do equipamento. Vemos assim o início do processo de *esquecimento* do outrora grandioso Cine Aves.

98. Idem. P.22

Jornal das Aves

NO 5.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DO CINE--AVES

BASTIÃO DO PROGRESSO E SALA DE VISITAS DA NOSSA TERRA

A Homenagem mais rendida aos seus dedicados Empresários — Ex.mos Snrs. **Dílio da Silva** e Dr. **Artur Alves e Castro** — do **Jornal das Aves** e de todas as firmas e casas publicitárias deste suplemento, formulando os mais ardentes votos de um futuro radioso para o **Cine--Aves** que servem.

1951 — 1956

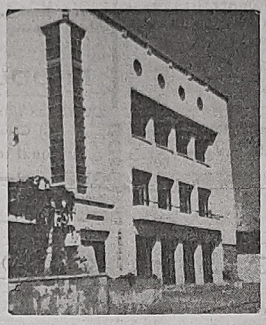
Foi precisamente há 5 anos — dia 1 de Dezembro de 1951 — que chegou a vias de facto, com a sua solene inauguração, o magnífico Cine-Aves, graças ao espírito bairrista e empreendedor dos seus fundadores e proprietários — Ex.mos Snrs. Manuel Dílio da Silva e Dr. Artur Alves e Castro.

Tal façanha que para tantos não passava duma mera utopia teve o condão de espevitar a nossa gente e, num ápice, chamá-la à realidade da importância da nossa terra. E aquilo que parecia um sonho ou veleidade, tornou-se a mais consoladora realidade graças ao querer e poder desses dois grandes caminheiros do progresso da nossa terra.

E desde então, ininterruptamente o Cine-Aves — — obra prima de configuração arquitectónica magnífica sala de visitas da nossa terra — vai oferecendo novos motivos de engrandecimento através do seu incomparável benefício em prol da cultura e actividades recreativas da nossa gente. O que tem sido a sua benéfica acção todos o sabemos.

Bem andaram esses dois pioneiros que, indiferentes aos sacrifícios e trabalhos souberam levantar tão grandiosa obra em nosso único proveito.

E como não se podem esquecer as grandes obras e os grandes obreiros **Jornal das Aves** *sente-se ufano em cooperar nesta justíssima homenagem aos eméritos avenses e empresários.*



Completam-se, precisamente hoje, 5 anos sobre a fundação do Cine-Aves, arrojado empreendimento de duas pessoas das mais gradas e distintas da nossa terra — Dr. Artur Alves e Castro e Manuel Dílio da Silva que à causa do progresso da nossa terra vêm dando o melhor do seu esforço e dedicação.

É possível que haja ainda quem não compreenda esse melhoramento ou não avalie o sacrifício que representa, no nosso meio uma casa de espectáculos. E a prova dessa incompreensão é, muitas vezes, bem patente, pela desinteressada correspondência do público, mesmo daquele mais afecto ao cinema.

E a Ex.ma Empreza tem, no entanto procurado, servir nas melhores condições os seus apaniguados cinéfilos para o que num desforço sem limites, tem contratado os melhores filmes e melhorado as instalações.

A época, porém, não é das melhores e, naturalmente a receita ressente-se bastante.

Já lá vão 5 anos! Pronvera que doravante todos pudessem corresponder aos anseios da dita Empreza sempre empenhada em novos melhoramentos, mesmo sem espera de recompensa.

No entanto justo seria que, par se abalançarem a novos empreendimentos, se sentissem mais amparados por aqueles que amam a sua terra.

Incitemo-los com a nossa adesão, porque deles muito pode esperar a nossa terra. E é de homens destes que ela anda muito carecida. M. C.

Trabalho + Distracção = Alegria de Viver

Viver não é o bastante; é preciso ter-se também alegria de viver. Poucos entre nós, são os que gozam de verdadeira alegria ou sabem como adquiri-la.

Concebemos alegria como sendo uma mera ausencia passiva de tristeze, esque-

O indivíduo humano, geralmente não atinge todos os seus limites, possuindo potências armazenadas que não se põem em uso e quantas vezes é o cinema que as vem despertar, desenvolvendo capacidades de que nos não tinhamos apercebido

No cinema tudo se pode aprender, pois a buliçosa câmara cinematográfica

12. 5º Aniversário do Cine Aves, Jornal das Aves, 1956.

Cena 1.2.3.

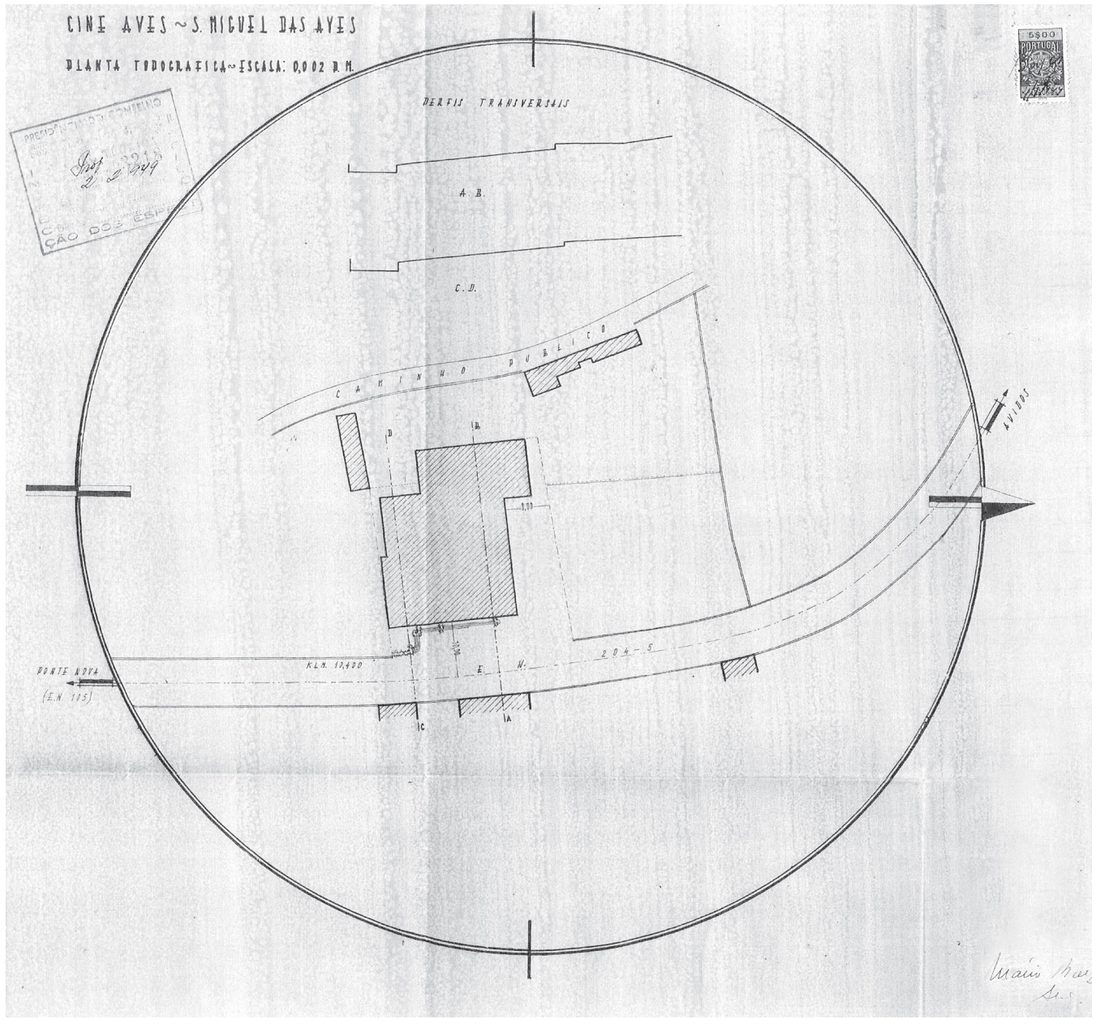
Projeto original de 1951

Os primeiros desenhos enviados para a IE mostram o projeto do edifício construído em 1951. Não obstante, aponta-se a existência de um pequeno conjunto de alterações, apenas interiores, realizadas sobre os desenhos originais que podem ser identificadas no projeto da instalação elétrica, também original. Na observação e análise tanto dos desenhos como da memória descritiva do projeto é possível perceber as origens do edifício como objeto arquitetónico nas várias vertentes, como volumétricas e de distribuição interior, assim como materiais e estéticas.

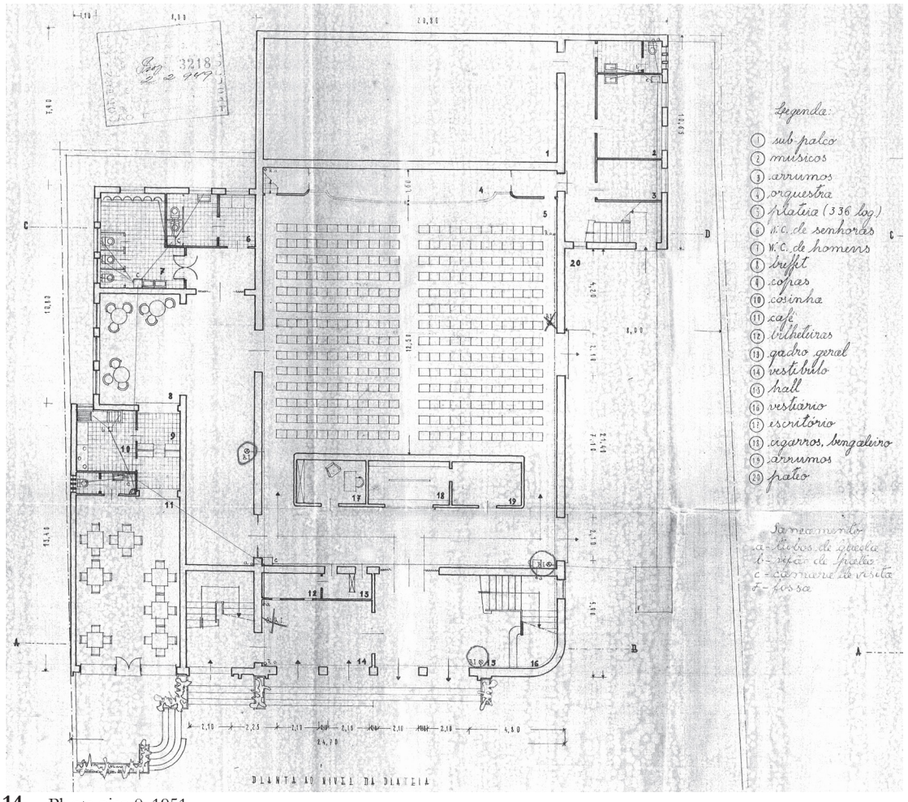
O Cine Aves é composto por quatro volumes compactos cobertos por telhados de várias águas, que se complementam programaticamente. O volume mais a sul apresenta apenas um piso dedicado a um café e a um espaço com a mesma índole de café de apoio à plateia. O volume central ou principal onde se localiza a sala de espetáculos, apresenta uma escala superior com quatro pisos acima da cota 0 e um abaixo. O volume que remata o anterior a Oeste, é o mais alto de todos, o que transmite logo à partida a sua funcionalidade de caixa de palco. O volume a mais a Norte, é o dos camarins e apresenta-se com três pisos de largura e comprimento significativamente menores, e de acesso exclusivo aos intervenientes do espetáculo.

O espaço exterior que antecede o edifício é bastante trabalhado, no sentido em que são criados quatro momentos distintos de acesso ao Cine Aves. Um de acesso ao café, dois de acesso ao volume principal, separados entre eles por canteiros, e um que se configura em forma de rua de acesso ao volume dos camarins. Primeiro observa-se a plataforma de acesso ao café. É desenhado um pequeno espaço resguardada por dois canteiros ao qual se ascende por escadas com desenho curvilíneo. De seguida, os dois momentos de acesso ao volume principal que permitem o acesso à caixa de escadas do volume e o acesso à entrada principal, dividida em vestíbulo e hall. Estes momentos exteriores são enunciados através de degraus que nos levam diretamente às portas de entrada. No entanto, as escadas que nos levam à caixa de escadas apresentam uma largura menor em comparação às que nos levam ao vestíbulo e hall, o que diferencia as duas passagens. Por fim é interessante perceber que a rua que indica o acesso aos camarins não acaba na fachada correspondente, mas continua até ao limite oeste do volume.

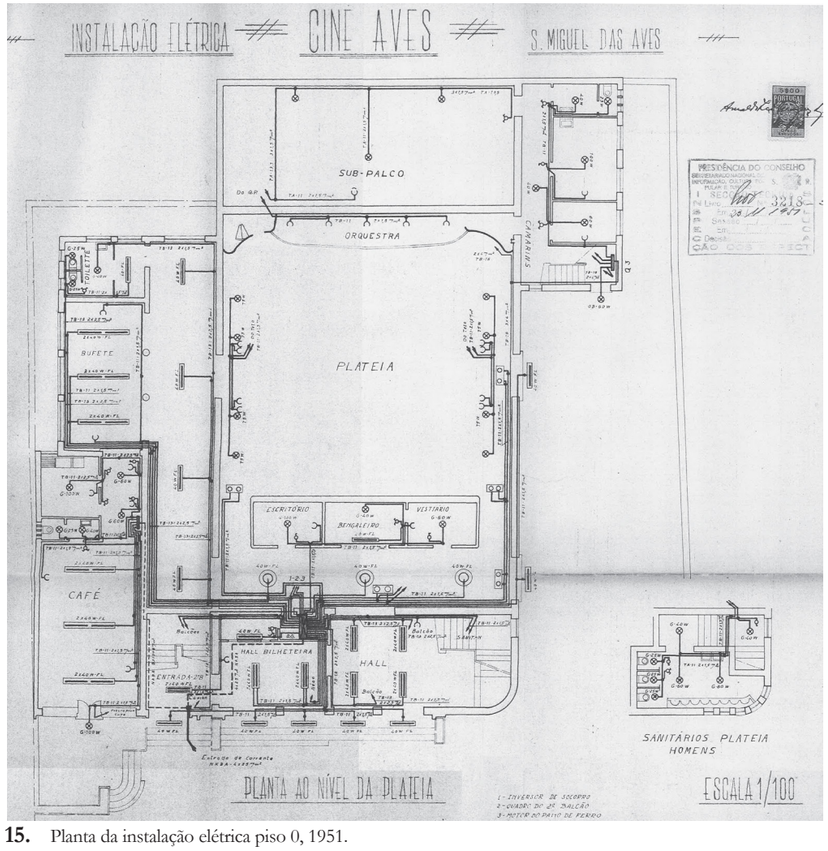
O momento de entrada principal é dividido em dois e cada um dos espaços apresenta funções distintas. No vestíbulo, considerado o momento efetivo de entrada no Cine, situa-se



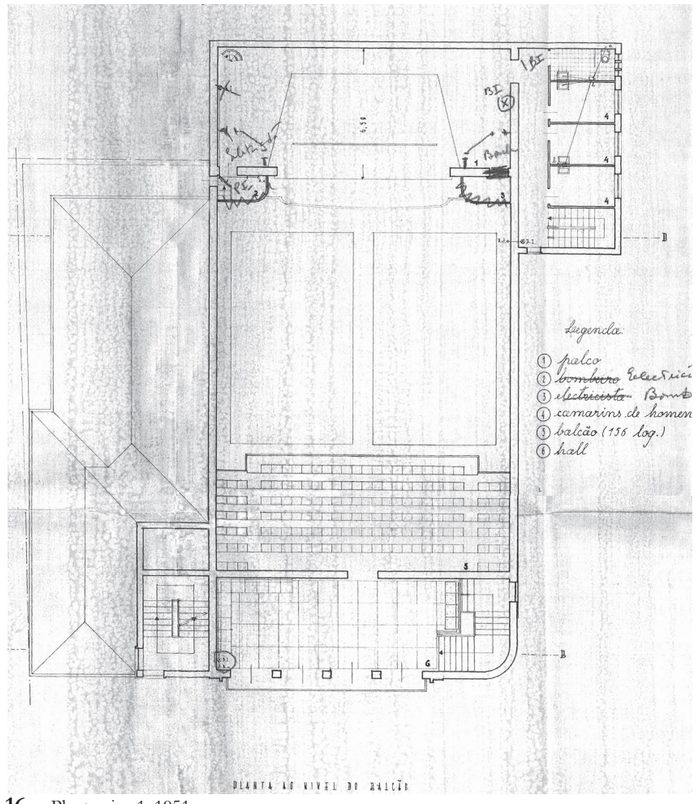
13. Planta topogrográfica



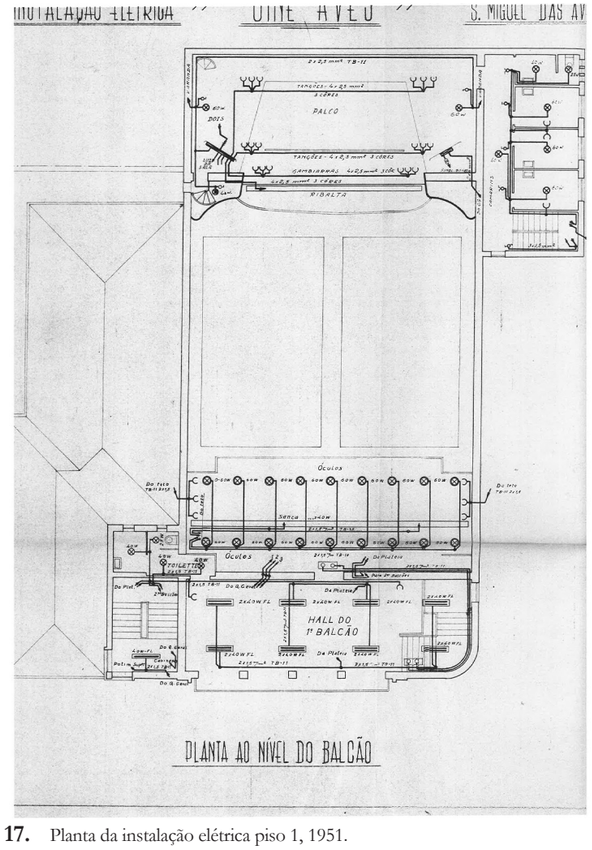
14. Planta piso 0, 1951.



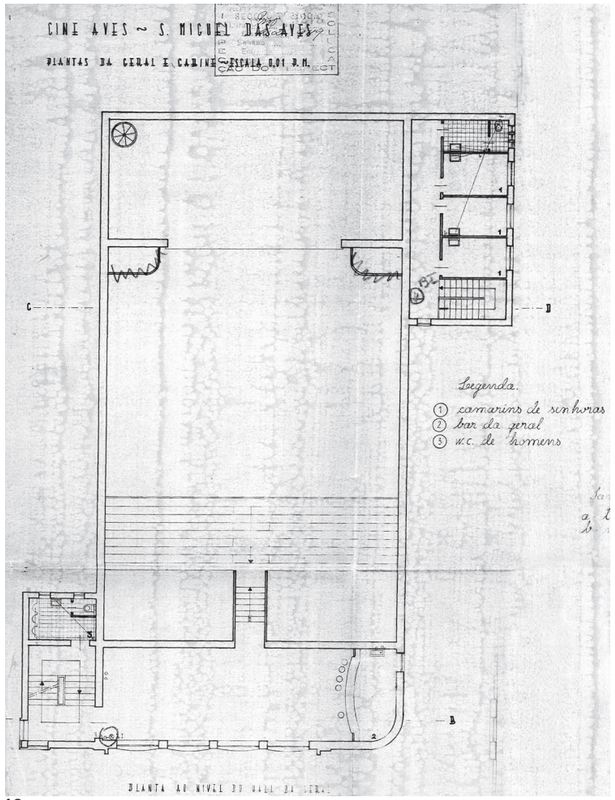
15. Planta da instalação elétrica piso 0, 1951.



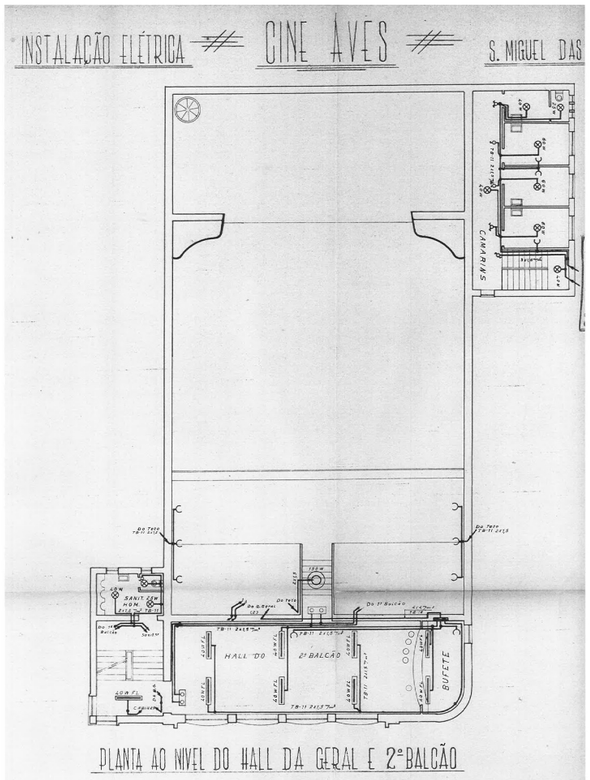
16. Planta piso 1, 1951.



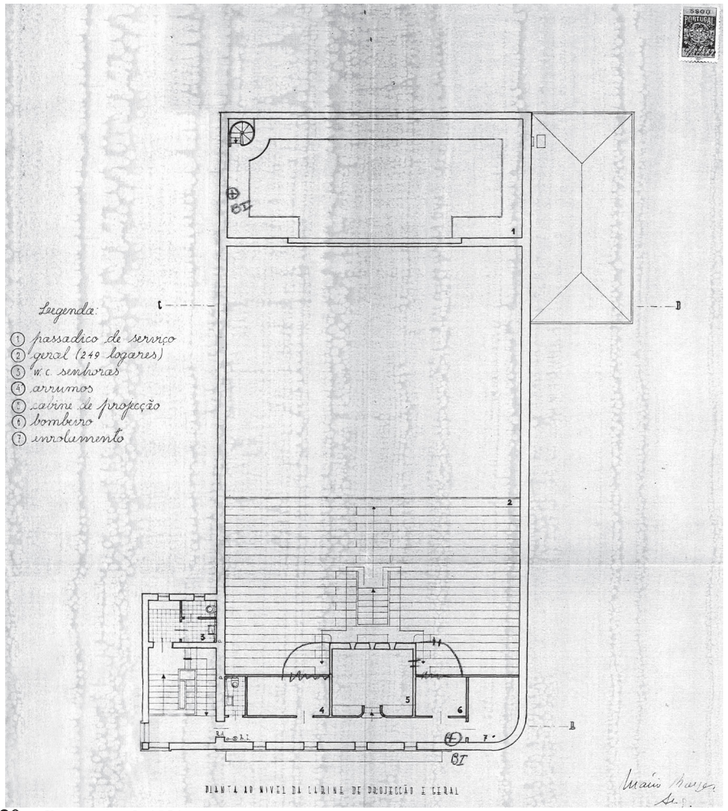
17. Planta da instalação elétrica piso 1, 1951.



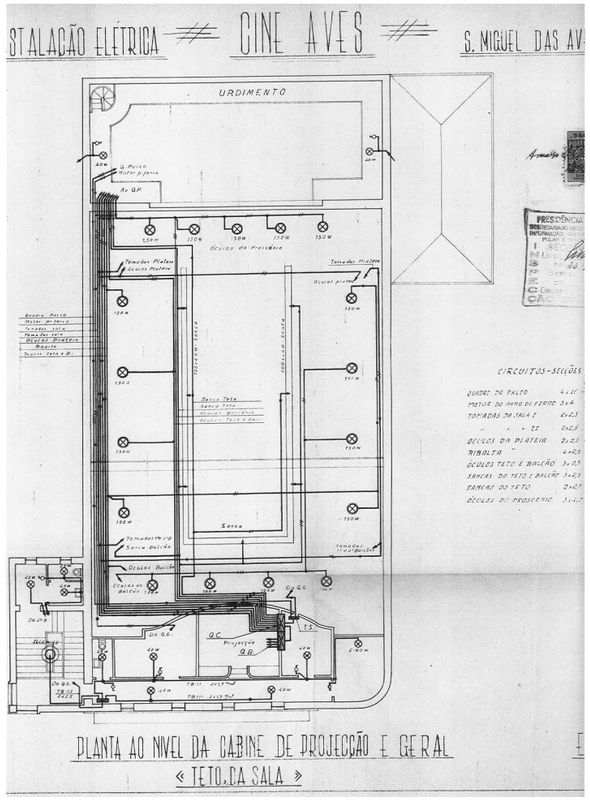
18. Planta piso 2, 1951.



19. Planta da instalação elétrica piso 2, 1951.



20. Planta piso 3, 1951.



21. Planta da instalação elétrica piso 3, 1951.

a bilheteira e uma passagem para a caixa de escadas que permite o acesso ao foyer da geral. No hall, observa-se o momento de passagem para o foyer da plateia, as escadas de acesso ao foyer do balcão e as escadas de acesso ao piso -1, sob as anteriores.

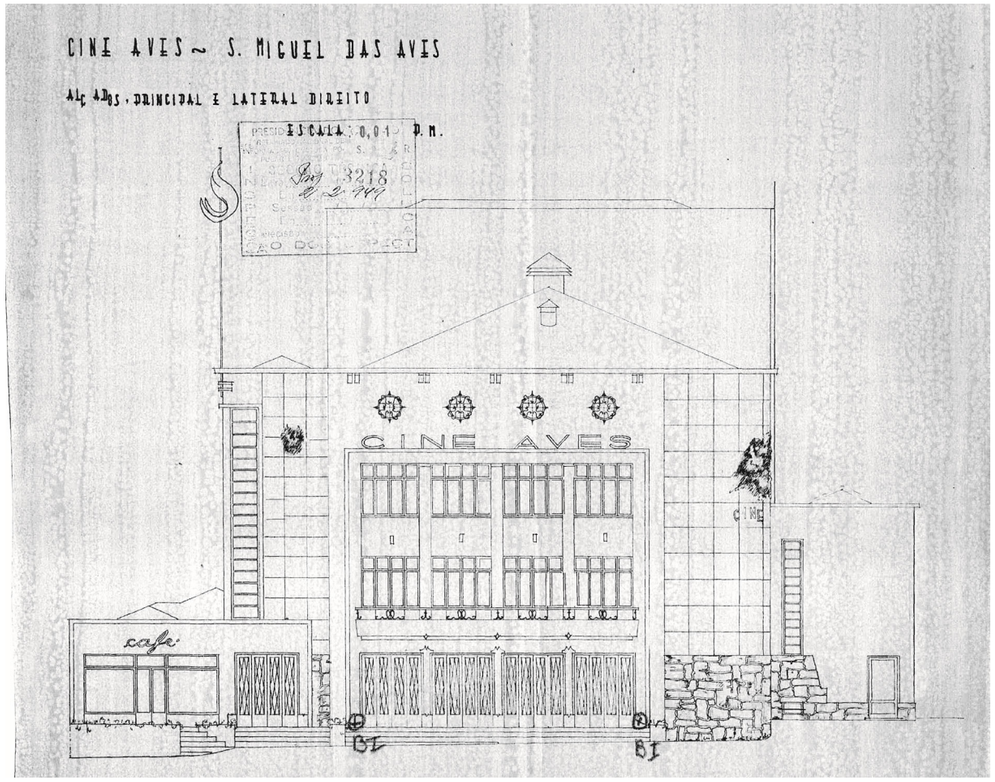
A existência de três foyers, um em cada piso (0,1 e 2), permite ter acesso aos três níveis da sala: a plateia, o balcão e a geral (respetivamente). No foyer da plateia, numa zona central, encontram-se as entradas para um escritório, para o bengaleiro e para uns arrumos. Neste espaço de foyer, observa-se o acesso à plateia, através de duas passagens em pontos opostos, nas extremidades do conjunto de salas anterior, o acesso ao café/buffet de apoio à plateia e balcão e uma saída de emergência. No piso superior, observa-se o foyer do balcão e o elemento que lhe dá nome, o balcão da sala de espetáculos. Ainda neste foyer temos o acesso a uma instalação sanitária feminina (planta de instalação elétrica do piso 1) e à única varanda do edifício.

O acesso ao restante volume central ou principal, é feito através da caixa de escadas supracitada. É por estes acessos verticais que se chega ao foyer da geral[99] onde se instala o pequeno bar de apoio aos espetadores desse espaço. As escadas também garantem o acesso ao último piso, onde se localiza a zona de apoio à atividade cinematográfica, com a sala de projeção e de enrolamento (forma curva da parede que divide as salas da sala de espetáculos nos desenhos de instalação elétrica). Nos patamares intermédios destas escadas encontra-se o acesso a instalações sanitárias dedicadas aos espetadores da geral, reservando as inferiores para os homens e as superiores para as mulheres.

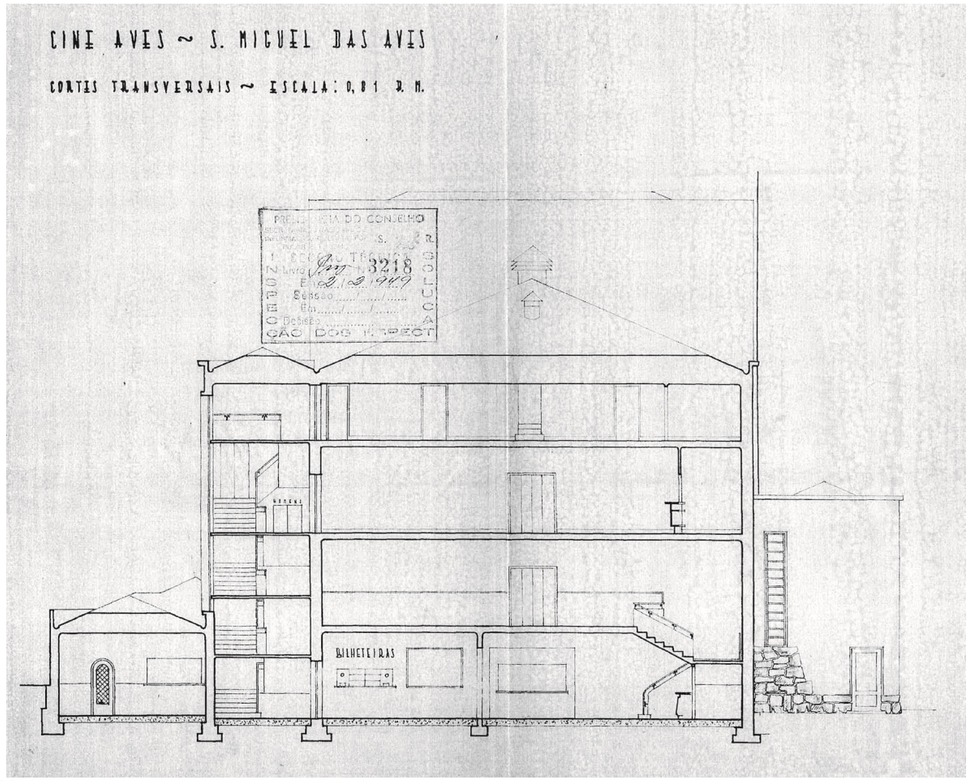
A sala de espetáculos é dividida em três partes e tem início no piso térreo onde se encontra, para além da plateia, o palco. Os lugares da plateia como se vê em planta, são distribuídos em duas secções com um corredor central e dois corredores que provêm das passagens do foyer da plateia. No corredor da direita encontra-se uma saída de emergência.

O espaço de café/buffet do piso 0 dedicado aos espectadores é representado por um balcão de serviço, um espaço de estar e uma instalação sanitária masculina (esta instalação trata uma das modificações ao projeto inicial, e a sua configuração encontra-se no desenho da instalação elétrica do respetivo piso). No mesmo volume, observa-se o café, de acesso apenas exterior, que compreende espaços idênticos ao café interior, ou seja, um espaço de estar,

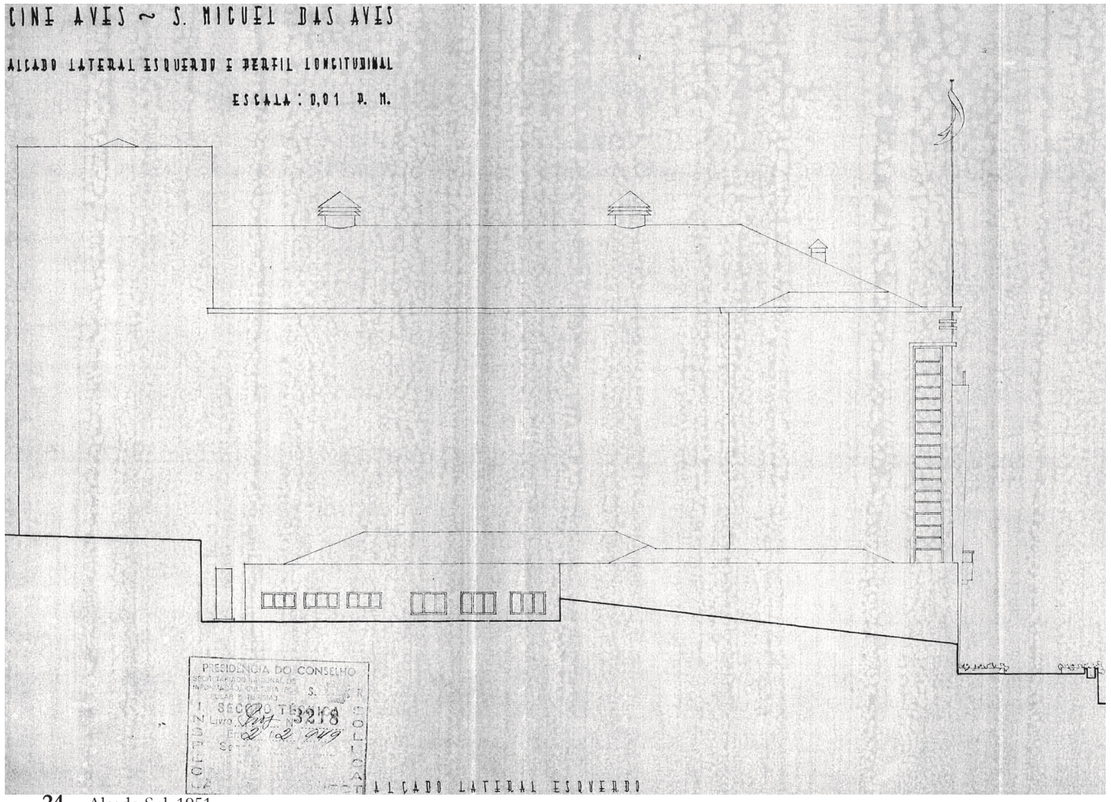
99. Enquanto que as escadas de acesso ao foyer do balcão seriam reservadas a pessoas com maior poder económico, assim como o café interior do piso térreo, as segundas escadas serviam a população de menor poder económico, e davam acesso ao foyer da Geral. Esta zona da sala de espetáculos era normalmente caracterizada por uma qualidade de visualização inferior e, por conseguinte, representava os bilhetes mais acessíveis.



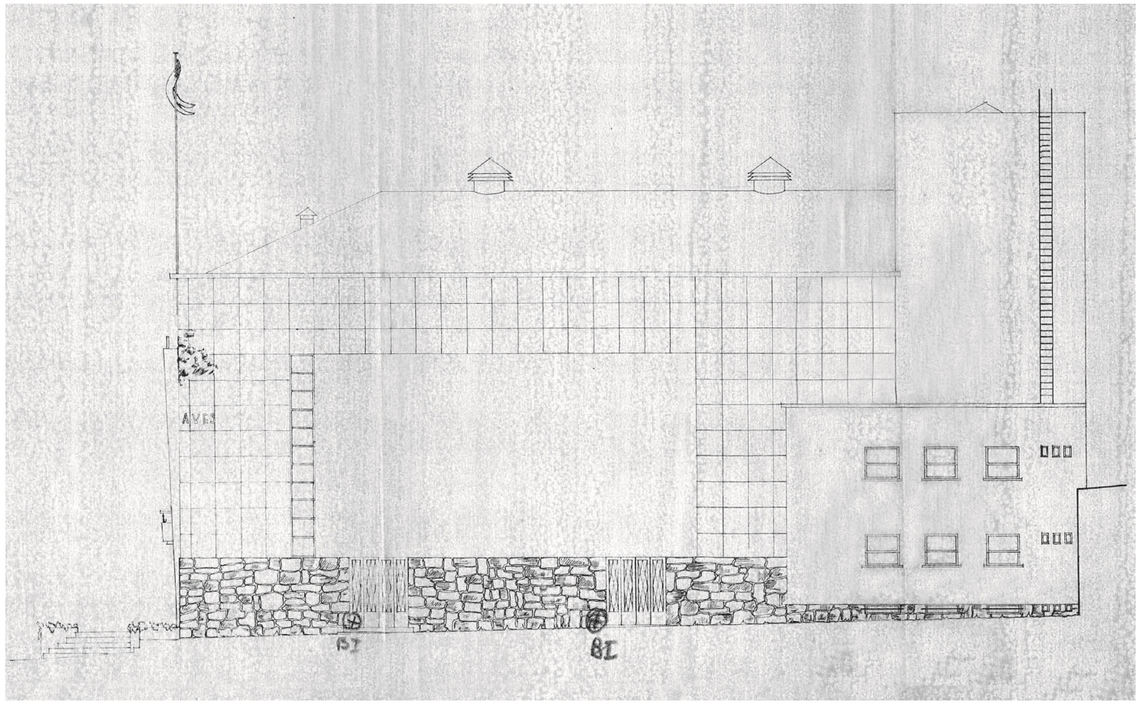
22. Alçado principal, 1951.



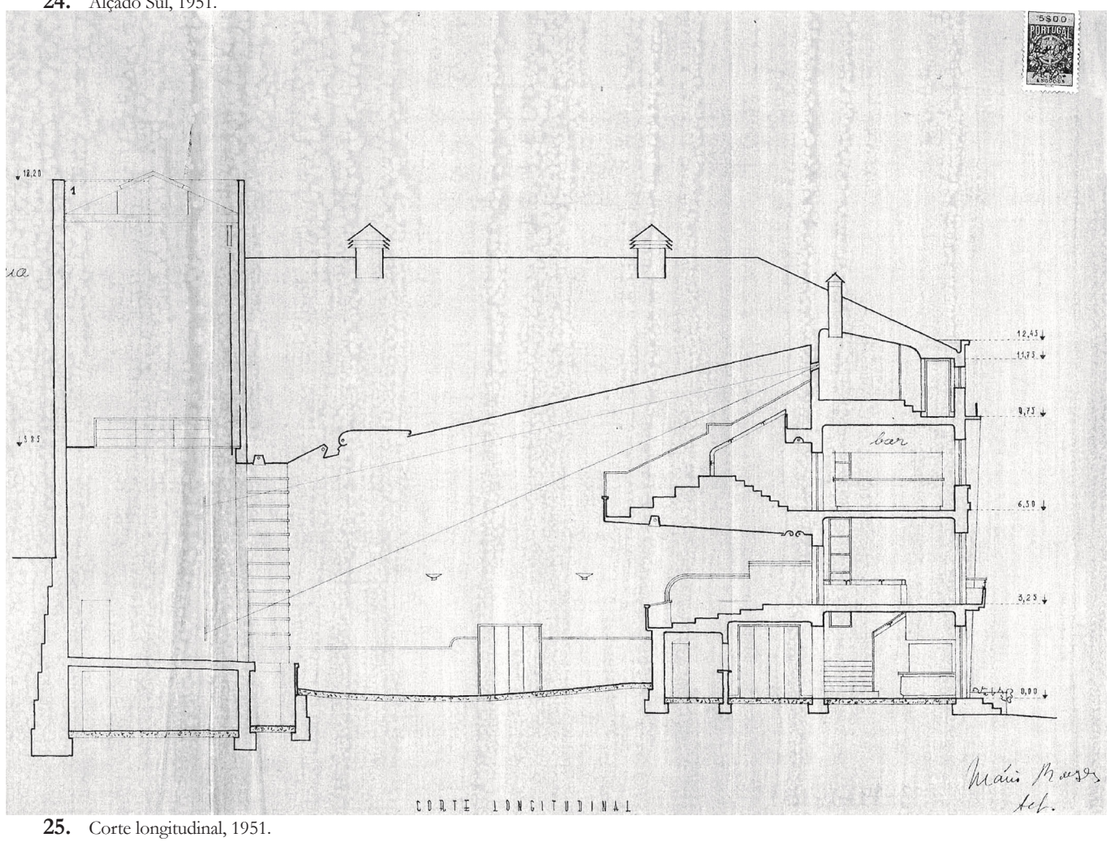
23. Corte pela entrada, 1951.



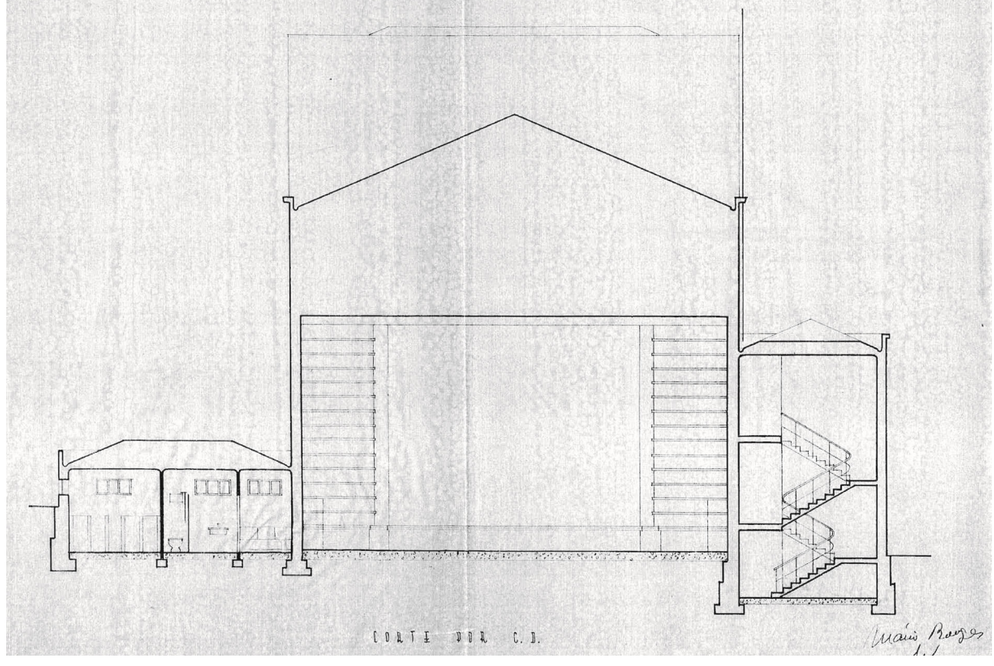
24. Alçado Sul, 1951.



26. Alçado Norte, 1951.



25. Corte longitudinal, 1951.



27. Corte buffet plateia, plateia e escadas do volume dos camarins, 1951.

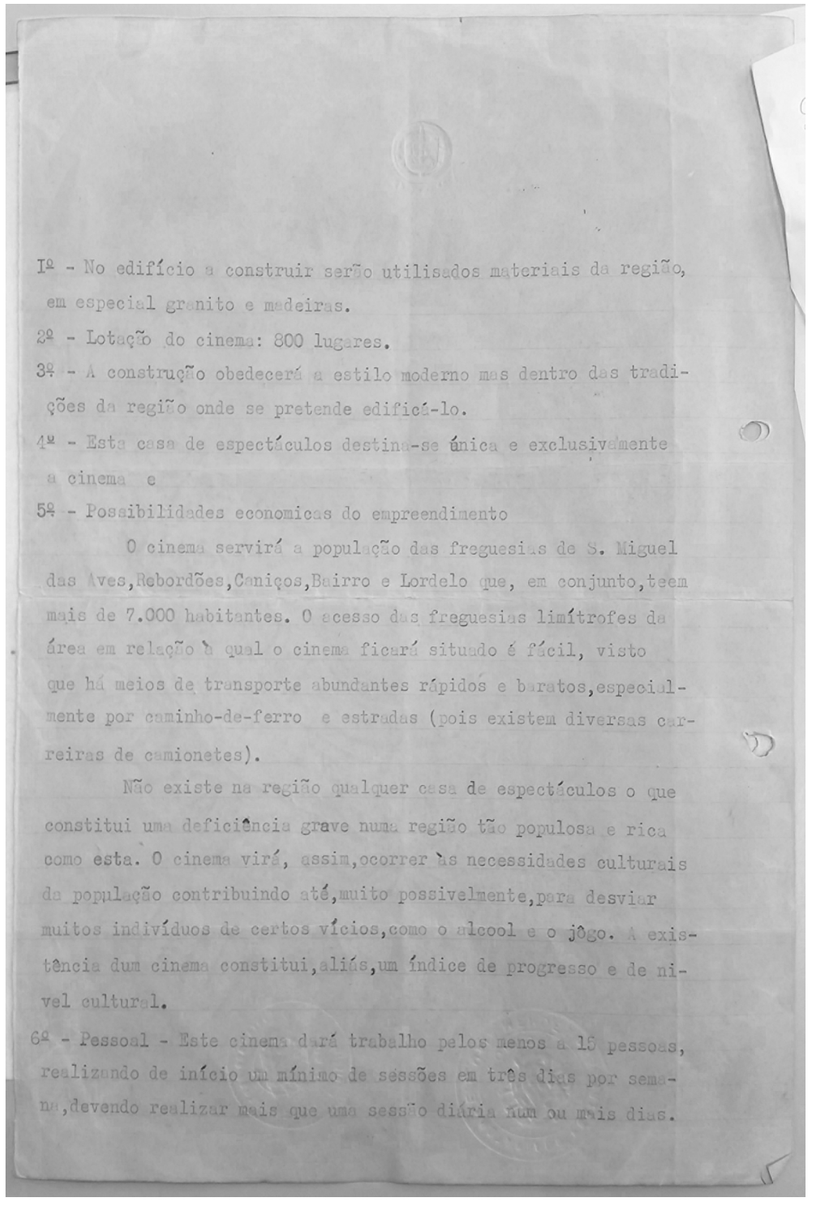
uma pequena instalação sanitária e o balcão de serviço, que partilha a copa/cozinha com o café/buffet.

O volume dos camarins é representado pelos três pisos mencionados, -1, 0 e 1, ligados por uma caixa de escadas de uso exclusivo do volume em questão. Em cada piso encontramos uma instalação sanitária. No piso inferior encontramos dois camarins e nos pisos 0 e 1, encontramos três camarins. Em cada andar observa-se um corredor de ligação entres os vários espaços. No caso do piso inferior, o corredor dá ainda acesso ao subpalco (não dá acesso à orquestra, como se vê nos desenhos de instalação elétrica), no caso do piso 0 o corredor dá acesso ao palco. No palco localizam-se dois pequenos espaços técnicos e o acesso vertical ao passadiço de serviço da teia.

A entrada, os acessos verticais anexos à mesma, os foyers, os cafés e a parte da sala de espetáculos dedicada aos espetadores, conformam a zona pública do edifício. Por outro lado, são consideradas zonas privadas tudo que circunscreve o palco: o fosso de orquestra e subpalco, as zonas técnicas e os camarins. Ainda interdito ao público identifica-se a zona de apoio ao cinema no piso 3 do volume principal.

Os alçados são os elementos unificadores do conjunto de volumes e oferecem uma leitura clara de que se trata de um mesmo equipamento. Não obstante, também as fachadas mostram no seu desenho as diferenças programáticas atribuídas a cada um dos volumes, e respondem assim à tipologia, sendo que as aberturas se localizam principalmente na fachada principal que se orienta para a rua 25 de Abril e para a paisagem. Os vãos da fachada principal do volume principal iluminam o espaço de entrada no piso 0 e os espaços de foyer/convívio nos pisos 1 e 2. Para além destas aberturas, observam-se as 4 aberturas circulares numa zona superior da fachada que iluminam o corredor das salas de apoio ao cinema do piso 3, e que rematam as 4 linhas de vãos da fachada, tanto vertical como horizontalmente. A caixa do palco e a sala de espetáculo são marcadas pela sua volumetria ampla e sem aberturas.

Os restantes volumes apresentam aberturas mais contidas. O volume dos cafés é representado pelas aberturas para a rua 25 de Abril, do Café, e por um conjunto de janelas retangulares no café/buffet. O volume dos camarins é representado por aberturas na fachada Norte, que iluminam os camarins e as instalações sanitárias. Note-se que todos os acessos verticais são marcados por vãos retangulares verticais. A caixa de escadas do volume principal apresenta duas linhas de janelas que formam o canto do volume. A abertura que assinala as escadas de acesso ao balcão encontra-se no alçado norte do volume principal e abrange também o bar da geral. A janela das escadas dos camarins marca o piso 0 e 1, sendo complementada a uma cota inferior por uma abertura menor que oferece luz natural ao último lanço de escadas no piso -1.



Iº - No edifício a construir serão utilisados materiais da região, em especial granito e madeiras.
2º - Lotação do cinema: 800 lugares.
3º - A construção obedecerá a estilo moderno mas dentro das tradições da região onde se pretende edificá-lo.
4º - Esta casa de espectáculos destina-se única e exclusivamente a cinema e
5º - Possibilidades economicas do empreendimento
O cinema servirá a população das freguesias de S. Miguel das Aves,Rebordões,Caniços,Bairro e Lordelo que, em conjunto,teem mais de 7.000 habitantes. O acesso das freguesias limítrofes da área em relação à qual o cinema ficará situado é fácil, visto que há meios de transporte abundantes rápidos e baratos,especialmente por caminho-de-ferro e estradas (pois existem diversas carreiras de camionetes).
Não existe na região qualquer casa de espectáculos o que constitui uma deficiência grave numa região tão populosa e rica como esta. O cinema virá, assim,ocorrer às necessidades culturais da população contribuindo até,muito possivelmente,para desviar muitos indivíduos de certos vícios,como o alcool e o jôgo. A existência dum cinema constitui,aliás,um índice de progresso e de nivel cultural.
6º - Pessoal - Este cinema dará trabalho pelos menos a 10 pessoas, realizando de início um mínimo de sessões em três dias por semana,devendo realizar mais que uma sessão diária num ou mais dias.

28. Descrição anexa ao pedido de construção do Cine Aves, 1946. IGAC, Doc.4.

A situação de gaveto criada pelo desenho da pequena rua que nos guia ao volume dos camarins permite o desenho da curva na fachada principal, um elemento de exceção na geometria de linhas retas criada não só nos alçados como na distribuição interior. Este elemento, a "curva", também se aponta nas escadas para o café e na parede da zona de apoio do piso 3, referidas anteriormente.

O alçado principal é marcado por elementos em relevo que emolduram as aberturas da fachada principal do edifício. Na fachada do volume principal vemos um elemento que não só marca as quatro portas da entrada principal, como as aberturas dos foyers do balcão e da geral. Na zona do Café observa-se uma linha semelhante que define tanto a entrada para essa funcionalidade como a entrada da caixa de escadas do volume central. Os canteiros referidos no desenho do espaço exterior estão presentes no alçado e reforçam o enquadramento das linhas em relevo supracitadas. Não obstante, a marcar a zona de entrada principal, aponta-se a varanda do primeiro piso, que forma uma pequena área coberta de entrada. As fachadas principal e Norte do volume principal são ainda marcadas por um quadriculado impresso no reboco e pela cantaria que continua na fachada principal do volume dos camarins.

Na construção do Cine Aves, segundo o pedido de construção em 1946, são utilizados "*materiais da região, em especial granito e madeira*"[100]. Já na memória descritiva acrescenta-se o tijolo das paredes divisórias interiores e o reboco com argamassa de cimento de revestimento geral, com exceção da cantaria ou "*soco* (…) *rusticado*"[101], elemento acima apontado nas fachadas. Apesar de não ser mencionado no processo, o betão está presente no edifício nas várias escadas, assim como nas lajes.

100. Doc.4, Op. Cit, in IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.

101. Doc.8, 4 de janeiro de 1949, in idem.

"A máquina de projecção foi desligada em Dezembro *[2006], e dificilmente o Cine-Aves reabrirá com o mesmo fim."*[102]

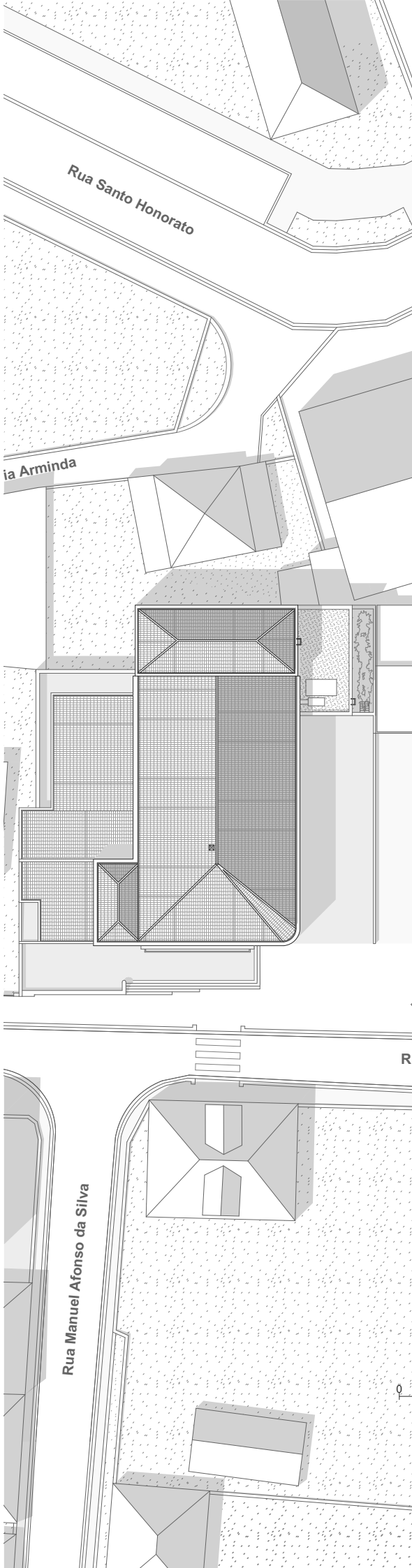
Ana Correia Costa

102. COSTA, Ana Correia. "Fecho do Cine-Aves mandou os filmes embora". *Jornal de Notícias*. 2009 disponível em https://www.jn.pt/local/noticias/porto/santo-tirso/interior/fecho-do-cine-aves-mandou-os-filmes-embora-1151962.html [consultado 2018-02-23].

Ato 2

Cine Aves no Presente

O Edifício, o Cenário, e o Tempo



29. Sala de espetáculos, 2019.

Cena 2.1
O Cineteatro

O Cine Aves está presente na memória da população avense. Esta casa de espetáculos está ligada de diferentes formas às várias gerações da comunidade, sendo que a história de lazer de S. Miguel das Aves, Vila das Aves a partir de 1955, pode ser retratada através dos altos e baixos deste nobre edifício.

Após a abertura do edifício ao público são os filmes que reinam. Apesar de ser "*estudado o projeto de forma a servir também para espetáculos teatrais de qualquer espécie*"[103], a aposta é cinematográfica desde início, o que se reflete na simplificação "Cine" que prevalece ao invés de Cineteatro Aves.

Esta casa de espetáculos esteve aberto durante 55 anos, de 1951 a 2006. Passada como herança em 2008, chega a ser explorado por um breve período, de maio a dezembro desse ano[104], no entanto, sem sucesso. Tal como é referido num artigo do Jornal de Notícias desse ano, a casa não sobrevive nesta (curta) tentativa de devolver o equipamento à população das Aves, nas mãos de um investidor "*sempre dedicado ao cinema*"[105], o empresário Joaquim da Costa Azevedo. A crise sentida na zona do Vale do Ave é a razão dada para o insucesso desta investida, assim como a perda de público para os cinemas em centros comerciais nas cidades próximas. O primeiro motivo é também a razão dada ao IGAC aquando o encerramento do Cine Aves em 2006. Excluindo o intervalo de tempo supracitado, o edifício não volta a abrir como cinema.

De 2008 a 2010 o equipamento permanece de portas fechadas preservando o seu interior e mantendo a imagem que era bem conhecida pela população de Vila das Aves. Em dezembro de 2010, o espaço foi arrendado para a abertura do Theatro Club. A decisão de arrendamento veio no seguimento de um acordo entre as partes, proprietária e novo inclino, no qual o segundo teria que realizar melhoramentos no espaço em termos de respeito pela legislação, como por exemplo a acomodação de uma instalação sanitária acessível e atualizações em questões relacionadas com a Segurança Contra Incêndios em Edifícios (SCIE). Visto a dificuldade financeira de manter este tipo de equipamento ser elevada, mesmo fechado, e pelo facto de serem estritamente necessários os melhoramentos citados para a abertura do espaço com qualquer tipo de programa,

103. Doc.8, Op. Cit, in IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.
104. COSTA, "Fecho do Cine-Aves mandou os filmes embora". Op. Cit.
105. Idem.

30. Bilhete do Theatro Club.

o acordo avança. No entanto, rapidamente a situação se revela problemática, sendo que são realizadas queixas sobre o barulho proveniente do espaço. Numa notícia[106] do JN, percebemos o descontentamento da população das Aves, em especial aos vizinhos da discoteca. No que diz respeito ao edifício, de forma a insonorizar o espaço são colocados tijolos a tapar as saídas de emergência da sala, como vemos na imagem 31. Esta "solução", para além de não resolver o assunto, é uma afronta à segurança dos usuários do estabelecimento e, consequentemente, uma quebra no acordo realizado. Através de documentos que mostram a comunicação entre a junta de Vila das Aves e o IGAC percebemos que não é emitida "*qualquer tipo de licença para a abertura de bares no edifício em causa*"[107]. Por estes motivos, o Theatro Club encerra no mês seguinte da sua inauguração, em janeiro de 2011.

Esta experiência vêm danificar a memória associada ao Cine Aves. Para além das questões legislativas não cumpridas, podemos ver que o tratamento dado ao Cine, principalmente ao seu interior, ficou muito aquém das expectativas dos proprietários. Foram muitos os danos causados ao edifício em estudo, desrespeitando o contrato estabelecido e a casa de espetáculos.

O edifício, nas condições que se encontra, não pode ser reaberto. A última inspeção apresentada no processo do Cine Aves do IGAC[108] assim o diz, e os estragos deixados pelo antigo inclino confirmam-o. No entanto, o espaço de restauração, antes designado como café, que pertente ao conjunto volumétrico do Cine e que sempre teve entrada independente, continua de portas abertas. O espaço em questão tem sido explorado, o que auxilia na subsistência

106. COSTA, Ana Correia. "«Barulho toda a noite» em bares ilegais". *Jornal de Notícias*. 2011 disponível em https://www.jn.pt/local/noticias/porto/santo-tirso/interior/barulho-toda-a-noite-em-bares-ilegais-1753076.html [consultado 2011-01-10].

107. Doc.32, 28 de dezembro de 2010, in IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.

108. Doc.29-31, 16 de junho de 2009, in Idem.

31. Alçado Norte Cine Aves, 2010.

32. Alçado do restaurante de pronto a comer.

financeira do restante edifício. Nos dias de hoje o "*pequeno café-bar*"[109] está arrendado e no local encontramos um restaurante de pronto a comer (32).

Sendo assim, para uma melhor compreensão, a observação e análise, assim como a descrição do edifício atual é de certa forma dividida. Por um lado, deparamo-nos com uma área que apesar de ser parte integrante do Cine se encontra desassociada do mesmo: o restaurante. Por outro, a zona considerada como principal nos tempos áureos, onde a cultura era transmitida e o motivo pelo qual as pessoas visitavam este edifício: a sala de espetáculos (e todos os componentes necessários ao seu funcionamento). Esta separação da análise é justificada pelos níveis de utilização das respetivas partes que inevitavelmente ditam os respetivos níveis de conservação. No caso do restaurante não há notícia de encerramento, ao contrário do restante edifício que está fechado há oito anos. Para além de que o restaurante alberga o mesmo tipo de programa desde a sua abertura em 1951, ao contrário do cineteatro, que a última vez que abriu as portas ao público apresentava um programa consideravelmente distinto do original, uns "bares"[110].

109. Doc.8, Op. Cit, in Idem.

110. Doc.33, 3 de janeiro de 2011, in Idem.

33. Vila das Aves, vista Sul do Cine Aves.

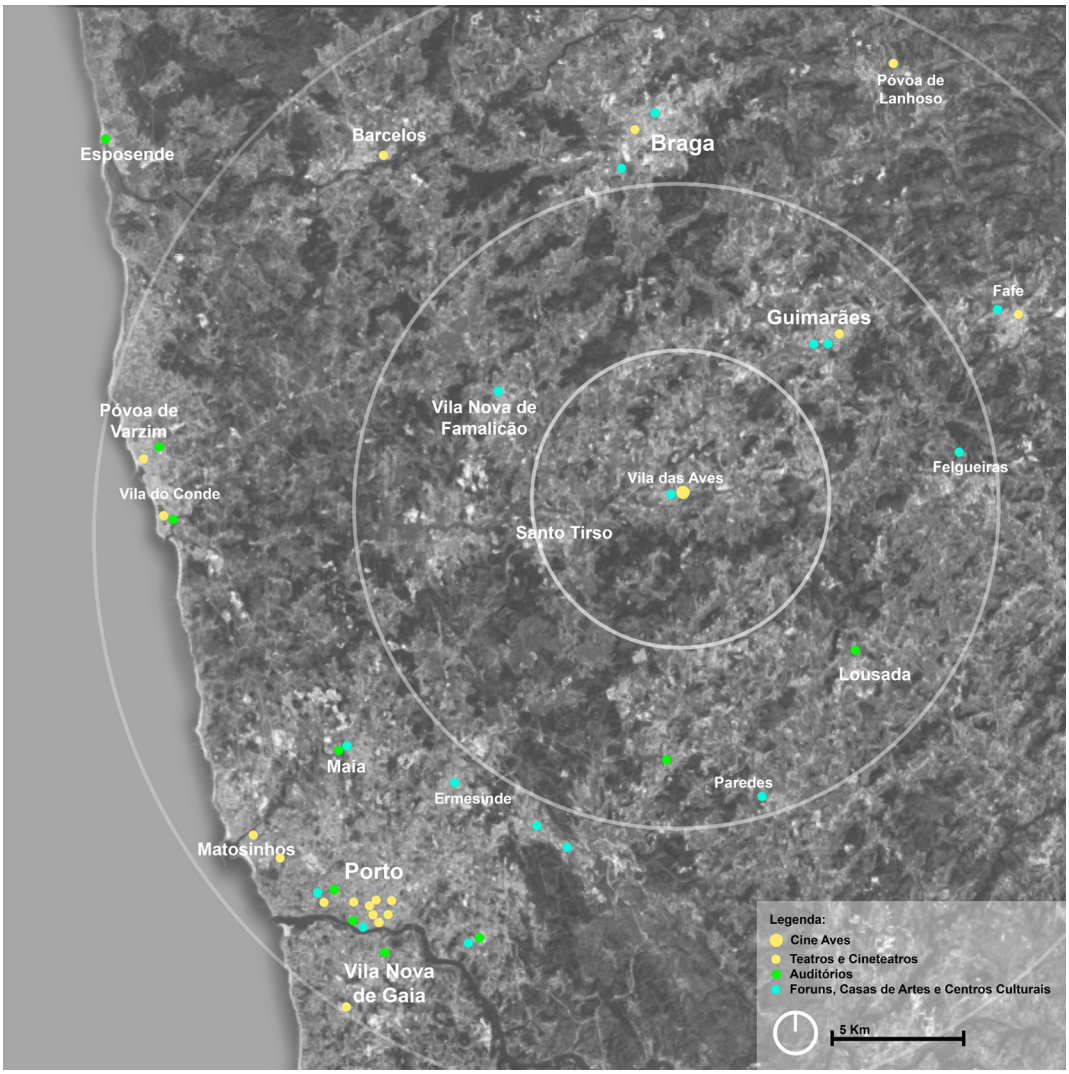
34. Vila das Aves, vista Norte do Cine Aves.

Cena 2.1.1.
O *Cenário* de Vila das Aves e o Cine Aves

O objetivo do trabalho é devolver o Cine Aves à população de Vila das Aves. Ao longo do texto será estabelecida a importância do estudo das várias componentes que podem afetar a reabilitação deste edifício e o seu futuro papel na comunidade. Nesta *Cena* considera-se importante a observação de três momentos. Numa escala alargada serão observados os equipamentos culturais de Braga e do Porto e outros que se encontram entre estas cidades e Vila das Aves, inclusive. De seguida, apenas serão observados as infrastruturas de Vila das Aves, incluindo outro tipo de equipamentos como escolas e clínicas médicas, e por fim, observa-se a envolvente próxima do Cine Aves. Esta observação tripartida apoia num entendimento do objeto de estudo e guia na formulação de um programa para o equipamento. Numa lógica de aproximação, ou seja, do geral ao particular, é interessante perceber como e onde se enquadra o Cine Aves nestes mapas.

Primeiro mostra-se uma visão mais abrangente que enquadra a zona do Vale do Ave onde se situa Vila das Aves. Considera-se importante expandir a área de observação para além dos limites das Aves. Na área que circunda Vila das Aves, inclusive, encontramos diversos tipos de equipamentos que servem a população em termos culturais. Neste ponto decide-se focar a análise em aspetos culturais relacionados com as artes de espetáculo, seguindo o tema principal estudado. O pedido da proprietária para o edifício compreende uma ampliação na oferta programática do Cine Aves. A localização de edifícios culturais nas localidades circundantes pode influenciar o futuro desta sala de espetáculos, e com o objetivo de compreender como se enquadra o novo programa amplo nessa perspetiva, os espaços exclusivos a cinema não se compreendem na observação, para além de que a grande maioria se encontra em centros comerciais.

De seguida olha-se para Vila das Aves. Neste caso, é interessante perceber que tipo de equipamentos, não só culturais, existem a servir a população. Os motivos para esta observação são dois. Primeiro pretende-se perceber como é atualmente Vila das Aves em termos populacionais e urbanísticos. Segundo, entender como é vista a cultura a esta escala aproximada, e mais uma vez, perceber o papel do Cine Aves e como este se pode enquadrar na comunidade, cobrindo falhas programáticas ou acrescentando valor cultural à zona.



35. Mapa dos programas.

(Nome, localidade, ano abertura; ano de reabertura)

Teatros e Cineteatros :

Teatro Gil Vicente (Barcelos, 1902; 2013);
Theatro Circo (Braga, 1915; 2006);
Casa das Artes de Felgueiras (1921; 1997);
Theatro Club (Póvoa de Lanhoso, 1904)
Teatro Sá da Bandeira (Porto, 1877);
Teatro Carlos Alberto (Porto, 1897; 2003);
Teatro Nacional São João (Porto, 1920);
Teatro Rivoli (Porto, 1932);
Coliseu do Porto (Porto, 1941);
Cine Teatro Constantino Nery (Matosinhos, 1906; 2008);
Cine teatro Eduardo Brazão (Gaia, 1928; 2007);
Cine Teatro Garrett (Póvoa de Varzim, teatro em 1890; 2014);
Cine-teatro Neiva (Vila do Conde, 1949; 2009);
Teatro Cinema de Fafe (Fafe, 1923; 2009).

Outros mais recentes:

Teatro Campo Alegre (Porto, 2000);
Teatro Helena Sá e Costa (Porto, 2000);
Teatro do Bolhão (Porto, 2015);
Centro de artes e espetáculo de São Mamede
(Guimarães, anos 70; 2007).

Auditórios:

Auditório Municipal de Esposende (2000);
Auditório Municial da Póvoa de Varzim (1995);
Auditório Municipal de Vila do Conde
(edifício do séc. XVIII; 1991);
Auditório Municipal de Lousada (Lousada, 1998);
Auditório Municipal de Gaia
(Vila Nova de Gaia, 1997; 2018);
Auditório Municipal de Gondomar (Gondomar, 1991; 2015).
Auditório, Mosteiro São Bento da Vitória
(Porto, edificio do séc.XVII);
Auditório da BMAG (Porto, 2001);
Auditório A LORD (Paredes, 2008);

Centros Culturais, Casas de arte e fóruns:

Casa da Música (Porto, 2005)
Centro Cultural Municipal de Vila das Aves
(Vila das Aves, 2005);
Centro Cultural de Vila Flor
(Guimarães, edifício séc. XVIII; 2005);
Centro Cultural de Campo (Valongo, 2001);
Espaço Vita (Braga);
Casa das Artes (Porto,1991);
Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão
(Famalicão, 2001);
Casa da Cultura de Paredes
(Paredes, edifício do séc. XIX; 1997);
Fórum Braga (Braga, 2018);
Fórum da Maia (Maia, 1991);
Fórum Cultural de Ermesinde (1910; 2001);
Fórum Cultural Vallis Longus (Valongo, 1989).

Por último, observa-se a área na qual o equipamento se encontra. Este último ponto, dedica-se à relação entre o edifício e as proximidades, como o edifício de carácter cultural se enquadra na rua onde se insere, assim como a maneira como as construções circundantes o afetam ou interagem com ele. Também é interessante observar como é que o edifício "vê" a zona, ou seja, qual a imagem oferecida de Vila das Aves, e não só, a partir do interior do Cine.

Na primeira linha de observação examinamos o mapa da área com a marcação dos equipamentos que exploram as artes do espetáculo, imagem 35. Os programas realçados são principalmente os teatros e cineteatros. No entanto, existem edifícios nesta área considerados polivalentes nos quais também estão representados espetáculos de dança, música, teatro e/ou cinema, tais como auditórios, fóruns, casas de arte e centros culturais. Assim sendo, outros programas, tais como cinemas, museus ou multiusos, não se incluem nesta apreciação. A base programática, o tipo de atividades que albergam e as características destas infraestruturas retiram-nas da análise. Na área dos cinemas vemos a oferta exclusiva desta funcionalidade, como no Cinema Trindade, ou a incorporação de salas de cinema em centros comerciais. Em relação aos museus, como o Museu Internacional de Escultura de Arte Contemporânea ou o Museu de Serralves, a base programática concentra-se em exposições e em acontecimentos relativos a essas exposições. No que diz respeito aos multiusos, como o de Guimarães, o de Gondomar ou o de Fafe, pela dimensão e tipo de atividades (desportivas, de feira, congressos e, no ramo artístico particularmente concertos) este programa também não é referenciado, para além de que normalmente se representam por um espaço amplo (com os espaços de apoio necessários), no qual funciona uma atividade de cada vez, ao contrário dos fóruns que usualmente apresentam um aglomerado de espaços com diversos propósitos e preparados para receber diferentes atividades em simultâneo.

Para auxiliar na análise, divide-se o mapa em três secções através do desenho de três circunferências. No centro desta observação situa-se Vila das Aves, mais concretamente o Cine Aves. É a partir deste ponto que se inicia o estudo. Sendo assim, no interior da circunferência central, que apresenta um raio de 5km, vemos o que está mais próximo do objeto de estudo. De seguida, entre o primeiro e o segundo círculo, com raio de 10km, estão representadas as terras que rodeiam Vila das Aves, Santo Tirso. Por fim, entre o raio de 10 km e o último círculo, com um raio de 20km, estão representadas as áreas metropolitanas de maior dimensão supracitadas. É o último nível de análise e mostra as zonas distantes do Cine Aves, mas que ainda podem ter impacto na vida cultural dos avenses.

De facto, é constatável nos municípios vizinhos de Santo Tirso, mas principalmente nas zonas com maior concentração populacional, a existência de infraestruturas ligadas as

artes performativas e cinematográficas, como teatros, cineteatros e auditórios, assim como, equipamentos que mostram mais polivalência, ou seja, muito devido à dimensão infraestrutural, para além de poderem oferecer programas teatrais e de cinema, albergam espaços de exposição, reunião e conferência, assim como variados espaços de convívio e por vezes bibliotecas, neste espectro enquadram-se os centros culturais, casas de arte e fóruns.

Em primeiro lugar, observamos o interior do raio menor, de 5km, onde se situa Vila das Aves. A localidade que dá casa ao objeto de estudo está representada pelo Centro Cultural de Vila das Aves (2005). Este equipamento serve os avenses com uma biblioteca, uma sala de multimédia, um pequeno auditório de 160 lugares, uma sala de exposições temporárias e uma sala polivalente. Neste equipamento observa-se a opção de dinamizar o aspeto cultural com um programa que oferece uma qualidade multifuncional. Vila das Aves está na zona central deste mapa, e a casa de espetáculos mais próxima desta comunidade localiza-se em Guimarães. É importante perceber que o Centro Cultural desta vila colmata determinadas necessidades da povoação e pode oferecer diversos programas aos avenses e não só aos avenses, visto nas localidades circundantes não existir este tipo de equipamentos.

Na área seguinte, que se enquadra entre as circunferências de 5 e 10km, estão apontadas as cidades de Vila Nova de Famalicão, Guimarães, Felgueiras, Lousada e Paredes. Nesta zona mais próximas de Vila das Aves sente-se falta de equipamentos dedicados unicamente às artes performativas. Isto verifica-se pela existência de apenas um equipamento a apoiar as artes cénicas, a Casa das Artes de Felgueiras reabilitada e inaugurada em 2011, conhecida como Teatro Fonseca Moreira desde 1921. Porém, a sul desta localidade identifica-se o Auditório Municipal de Lousada, que se empenha na difusão do teatro "*tendo por residente a companhia «Jangada teatro»*"[111]. Não obstante, esta atividade pode-se encontrar nesta zona em edifícios multifuncionais. A resposta direciona-se para a criação de espaços polivalentes, sendo que a área não apresenta nenhum teatro, propriamente dito, nem cineteatro. Contudo, note-se a presença do "*antigo Cinema São Mamede*"[112], atual Centro de Artes e Espetáculo desde 2007, em Guimarães. Para além deste programa esta cidade é representada culturalmente pelo Centro Cultural Vila Flôr, inaugurado em 2005.

111. "Auditório Municipal | Município de Lousada", disponível in http://www.cm-lousada.pt/pt/auditorio-municipal [consultado em 20-04-2018].

112. FERREIRA, Victor. "Cinema São Mamede reabre como centro de artes e espectáculos". *Público*. 2007 disponivel em https://www.publico.pt/2007/12/07/jornal/cinema-sao-mamede-reabre-como-centro-de-artes-e-espectaculos-240487.

Aponta-se nesta área, ainda sobre o tema de polivalência, uma Casa das Artes em Famalicão e uma Casa da Cultura em Paredes. Estes dois equipamentos são os representantes da cultura nas respetivas localidades. Na Casa das Artes, inaugurada em 2001, realizam-se diversas atividades para além do teatro ou cinema, como reuniões, colóquios, congressos, entre outras. Já na Casa da Cultura de Paredes, instalada em 1997 num edifício do séc. XIX[113] chamado Palacete da Granja, realiza exposições artísticas, mas não são deixados de parte o teatro, o cinema e a música. Neste concelho, na cidade de Lordelo, ainda encontramos o auditório da Fundação A Lord[114] que também recebe diversos tipo de atividades, entre elas espetáculos de teatro e dança.

Por último, entre a circunferência mais abrangente e a do meio, deparamo-nos com a área em estudo mais distante do Cine Aves. A norte com equipamentos encontramos Barcelos, Braga, Póvoa de Lanhoso e Fafe. A zona também engloba diversos concelhos do Grande Porto: Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Maia, Matosinhos, Valongo, Porto, Gondomar e Vila Nova de Gaia. Fora dos círculos, ainda se aponta Esposende, a Norte, com um Auditório Municipal.

A primeira conclusão a retirar do mapa é que, de toda a área apresentada, o Porto é a cidade com mais oferta cultural. Entre as várias casas desta cidade encontramos o Teatro Sá da Bandeira (1877) e o Teatro Carlos Alberto (1897; 2003), das mais antigas. Nota-se que, à medida que nos afastamos do centro da cidade, torna-se menor esta oferta. As restantes localidades, apesar de responderem a este tipo de programas, demonstram um número significativamente inferior de infraestruturas. Na cidade do Porto podemos ainda encontrar o Teatro Nacional São João (TNSJ, 1798, reconstruído em 1920 "*depois do incêndio de 1908*"[115]), o Teatro Rivoli (1932), o Coliseu do Porto (1941) e por último, e entre os mais recentes, o Teatro Campo Alegre (2000). No campo dos teatros recentes do Porto, ainda vemos o Teatro Helena Sá e Costa (2000), uma "*estrutura integrada na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo*"[116], e a companhia ACE Teatro do Bolhão, sediada no Palácio do Bolhão que abre em 2015 depois de receber "*trabalhos de recuperação e restauro*"[117]. Ainda no Porto, aponta-se o Teatro Vilarinha (apesar de fechado recentemente, prevê-se reabertura em 2020).

113. "Casa da Cultura de Paredes", disponível in https://www.cm-paredes.pt/pages/501 [consultado em 20-04-2018].
114. "São objetivos da Fundação, intervir diretamente ou em cooperação com outras entidades, nas áreas da educação, ciência ou arte e apoio social". "Auditório", 2019, disponível in https://fundacaoalord.pt/auditorio/ [consultado em 10-06-2019].
115. CARNEIRO, "Teatros portugueses de raíz italiana", Op. Cit. P.1173
116. "Teatro Helena Sá e Costa", 2019, disponível in https://www.esmae.ipp.pt/esmae/thsc [consultado em 10-06-2019].
117. "O Palácio do Bolhão", 2019, disponível in http://ace-tb.com/teatrobolhao/o-palacio-do-bolhao/ [consultado em 10-06-2019].

Em torno desta cidade existem dois cineteatros. Em Matosinhos mantém-se o Cine Teatro Constantino Nery edificado em 1908, no entanto, do "*antigo Cine-Teatro* [1906], *apenas se mantém a fachada e a volumetria*"[118]. Este edifício foi reabilitado segundo o projeto do arq. Alexandre Alves Costa em 2008. Vila Nova de Gaia é a localidade onde se encontra o segundo cineteatro que está completamente diferente, sendo que do original só permanece o nome. O Cine Teatro Eduardo Brandão, em Valadares, abre pela primeira vez em 1928[119] e pela segunda em 2007, transformado e ampliado segundo o projeto do arq. Joaquim Massena.

Na zona do grande Porto, também em resposta à procura cultural, surgem dois Auditórios Municipais: o de Gondomar (1991; 2015), o de Gaia (1997; reabre em 2018, depois de uma "*intervenção estática e técnica*"[120]) que atua como um "*teatro polivalente*"[121]. Assim como, nos deparamos com um programa mais polivalente na Maia, em Ermesinde e em Valongo, o fórum. No caso do primeiro, há uma oferta de auditórios, anfiteatro exterior, sala de exposição e café concerto. Já o segundo dá-nos acesso a um "*auditório e galerias de exposições temporárias*"[122]. O terceiro e último, o Fórum Cultural Vallis Longus, oferece uma área de exposições e dois auditórios. Em Valongo também encontramos um centro cultural, que integra o Museu da Lousa.

Em termos de equipamentos polivalentes também se encontram três infraestruturas na cidade do Porto, o Mosteiro São Bento da Vitória, mais especificamente, a parte do edifício do séc. XVII que é atribuído em 2007 ao TNSJ[123], inclusive um auditório, a Biblioteca Municipal Almeida Garrett (2001), em especial o auditório de 200 lugares da mesma, e a Casa das Artes, "*construída entre 1988 e 1991*"[124], segundo o projeto do arq. Souto Moura. Para terminar, no Porto aponta-se mais um edifício cultural no qual se realizam principalmente espétaculos musicais: a Casa da Música (2005).

Na zona Norte desta área metropolitana encontra-se Vila do Conde e imediatamente a Norte a Póvoa de Varzim. Nestas localidades situam-se mais dois cineteatros, o Cine-teatro Neiva

118. "História", disponível in http://www.cm-matosinhos.pt/pages/477 [consultado em 20-04-2018].
119. SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. P.205
120. "Auditório Municipal de Vila Nova de Gaia (AMG)", disponível in http://www.cm-gaia.pt/pt/cidade/cultura/equipamentos-municipais/auditorio-municipal/ [consultado em 20-04-2018].
121. Idem.
122. "Fórum Cultural de Ermesinde", disponível in https://www.cm-valongo.pt/frontoffice/pages/502?poi_id=19 [consultado em 20-04-2018].
123. "Mosteiro de São Bento da Vitória", 2019, disponível in https://www.tnsj.pt/pt/edificios/mosteiro-de-sao-bento-da-vitoria [consultado em 10-06-2019].
124. "Casa das Artes", 2019, disponível in https://www.culturanorte.pt/pt/patrimonio/casa-das-artes/ [consultado em 10-06-2019].

e o Cine Teatro Garrett, respetivamente. Ambos tiveram períodos de instabilidade e chegaram a fechar. O primeiro encerra na "*década de 80*"[125] pela primeira vez após a sua inauguração em 1949, quando veio substituir culturalmente, o Teatro Afonso Sanches[126]. Já o segundo, conhecido como Teatro Garrett desde 1890, apenas encerra em 2005 por falta de condições. Estas casas sofrem alterações e melhoramentos e são devolvidas às cidades onde se encontram, o Cine-Teatro Neiva em 2009 e o Cine Teatro Garrett em 2014. Para além dos cineteatros, cada uma destas cidades apresenta um Auditório Municipal. O Auditório de Vila do Conde instala-se num edifício do séc. XVIII e abre em 1991, o segundo é construído de raiz e é inaugurado em 1995.

Na cidade de Braga, a segunda cidade do mapa com mais equipamentos de cariz cultural, permanece ativo o Theatro Circo. Esta imponente sala de espetáculos projetada pelo arq. Moura Coutinho[127] abre em 1915, mas como muitas outras sente dificuldades com o surgimento de "*novas salas de cinemas*"[128]. Depois de requalificada reabre em 2006. Também nesta zona encontramos um fórum. O antigo Parque de Exposições desta cidade transforma-se no recente Fórum Braga (2018) e alberga espaços diversos e modernizados. Para além deste, podemos ver o Espaço Vita ao encargo da arquidiocese de Braga, que também se enquadra na categoria polivalente, oferecendo um auditório, um bar, um claustro e diversas salas.

Barcelos permanece apenas com o Teatro Gil Vicente inaugurado em 1902. Mais uma vez identifica-se um edifício que encerra devido à degradação, mas que reabre em 2013 e dá casa à companhia de teatro Capoeira a partir de 2014. Na Póvoa de Lanhoso situa-se o Theatro Club, um edifício de 1904 reaberto em 2001 com a sala de espetáculos e uma sala de exposição acrescida. A última infraestrutura nesta zona situa-se em Fafe. Aqui encontramos o Teatro Cinema de Fafe, construído em 1923 numa cidade de "*província*"[129], "*fruto da iniciativa de José Summavielle Soares*"[130]. Reabre em 2009 após "*encerramento em 1981*"[131].

125. "Teatro Municipal de Vila do Conde", disponível in https://www.cm-viladoconde.pt/pages/313 [consultado em 20-04-2018].
126. ORNELAS, "Recuperação de cine-teatros modernos portugueses". P.167
127. CARNEIRO, "Teatros portugueses de raíz italiana", Op. Cit. P.1170
128. "Theatro Circo", disponível in https://www.theatrocirco.com/pt/theatrocirco [consultado em 20-04-2018].
129. SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. Termo usado no livro para caracterizar cidades menores.
130. Idem. P.58
131. "Teatro Cinema de Fafe", disponível in http://www.cm-fafe.pt/conteudo?item=31242 [consultado em 20-04-2018].

36. Mapa dos programas de Vila das Aves.

O segundo momento de análise apresenta Vila das Aves. Atualmente, com "*cerca de 12.000 habitantes*"[132], a vila é o segundo maior aglomerado populacional do município de Santo Tirso. Por este motivo, podemos encontrar nesta vila vários programas que servem diversas faixas etárias e diversos propósitos, desde escolas, programas de entretenimento, programas desportivos como o estádio, e como já referido, em termos culturais, o Centro Cultural de Vila das Aves. Além disto, como é de esperar para um aglomerado populacional desta dimensão, a vila apresenta os típicos programas de atendimento e serviço ao público.

Como podemos observar no mapa são oferecidos diversos serviços e programas. No que diz respeito à educação deparamo-nos com quatro equipamento que cobrem todas as etapas escolares, do infantário ao ensino secundário. Estes pertencem ao agrupamento de Escolas Dom Afonso Henriques. De Norte para Sul, marcadas a laranja no mapa, encontramos a EB 2/3 de Vila das Aves, a Escola Básica de Bom Nome do 1º ciclo, o jardim de Infância das Fontainhas, e, por último, a Escola Secundária de Dom Afonso Henriques. Também é interessante apontar que, apesar de não estar presente no mapa por se situar na zona Oeste de Vila das Aves, existe uma Universidade Sénior nesta localidade.

Para além das infraestruturas dedicadas ao ensino, observa-se várias iniciativas de ocupação dos tempos livres para jovens, há inclusive um equipamento dirigido pela Associação Moradores Complexo Habitacional de Ringe, que para além de oferecer atividades educativas e desportivas, leva a cabo várias ações de cariz social e solidário. Este espaço é o último representado pelo laranja (a Este). Este último equipamento mostra, por si só, a presença do desporto em Vila das Aves. Representados a verde no mapa note-se a existência de mais três espaços dedicados ao desporto. Primeiro, o estádio de futebol do Clube Desportivo das Aves, ladeado a Este pelo segundo equipamento, o pavilhão desportivo do mesmo clube, onde se praticam mais modalidades desportivas. E, por último, o complexo desportivo, também associado ao clube. Saliente-se que não estão representados espaços como ginásios (de *fitness*), que de facto marcam presença nesta localidade, mas privados e de menor dimensão.

A amarelo identificam-se as infraestruturas dedicadas à saúde, sendo a mais representativa o Centro de Saúde de Vila das Aves numa zona central do mapa. Para este efeito, também se marca a presença de duas farmácias, as duas relativamente próximas do Centro de Saúde. Por fim, distribuídos pela vila, há uma série de gabinetes médicos de várias especialidades médicas,

132. "Sobre Vila das Aves", 2018, disponível in http://www.jf-viladasaves.pt/sobre-vila-das-aves/ [consultado em 22-05-2018].

como é usual em localidades como esta. Encontram-se ainda clínicas veterinárias, não marcadas no mapa pela dimensão menor.

Em termos de serviços públicos, representados num tom esverdeado, nota-se uma concentração centralizada de serviços relevantes para a vivência de qualquer comunidade. Nesta zona central também se enquadram parte dos elementos de saúde supracitados e os elementos culturais. A praça das Fontainhas, um espaço bem definido de forma retangular, é um ponto fulcral desta observação. Situada a aproximadamente 5 minutos a pé do Cine Aves, a praça é coroada a Norte pela Junta de Freguesia e no lado oposto a delimitá-la encontra-se um programa que pode, como já concluído anteriormente, colaborar com o objeto de estudo, o Centro Cultural de Vila das Aves.

Os últimos dois temas, no que diz respeito a edifícios, apresentam: os serviços públicos e os culturais, que se assinalam a laranja escuro. Para além da Junta, observa-se os Bombeiros Voluntários a Norte da anterior, assim como programas de menor dimensão, como os correios e a sede do Jornal Entre Margens situada na Praça das Fontainhas, e por fim o posto da GNR, mais distante do dito centro. Em termos culturais, o outro programa apontado no mapa é um edifício onde está sediada a associação cultural Alarido[133] que cria eventos de cariz cultural. É interessante apontar que, apesar de não estar associada a nenhum espaço físico, há uma companhia de teatro chamada Aviscena em Vila das Aves.

Por fim, a última indicação sobre este mapa refere-se aos acessos a Vila das Aves. A castanho vemos a estação e linha de comboio e a bege a estrada nacional 105 que liga Guimarães ao Porto. Podemos também apontar que esta tem ligação ao início da N104 em Santo Tirso que termina em Vila do Conde. A N104 por sua vez da acesso à autoestrada A3, que liga Valença ao Porto. Em relação à estação de comboios de Vila das Aves, sabemos que está completamente operacional e que uma viagem até ao Porto, por exemplo, é direta e leva cerca de 45 minutos.

O terceiro e último momento de observação observa as imediações do Cine Aves. A rua 25 de Abril, de sentido único, curiosamente tem um início semelhante ao seu fim, ou seja, quer no começo da rua, a Norte do Cine, quer no término da mesma, a Sul, podemos encontra largos que resolvem cruzamentos rodoviários e que se apresentam como pequenos espaços verdes. No início temos o largo Francisco Machado Guimarães e no termino o largo Dr. Braga da Cruz. É através deste que quando nos encaminhamos para Norte chegamos à rua Santo Honorato, a rua do Centro Cultura de Vila das Aves.

133. "Colectividades - Junta de Freguesia de Vila das Aves", disponível in http://www.jf-viladasaves.pt/colectividades/ [consultado em].

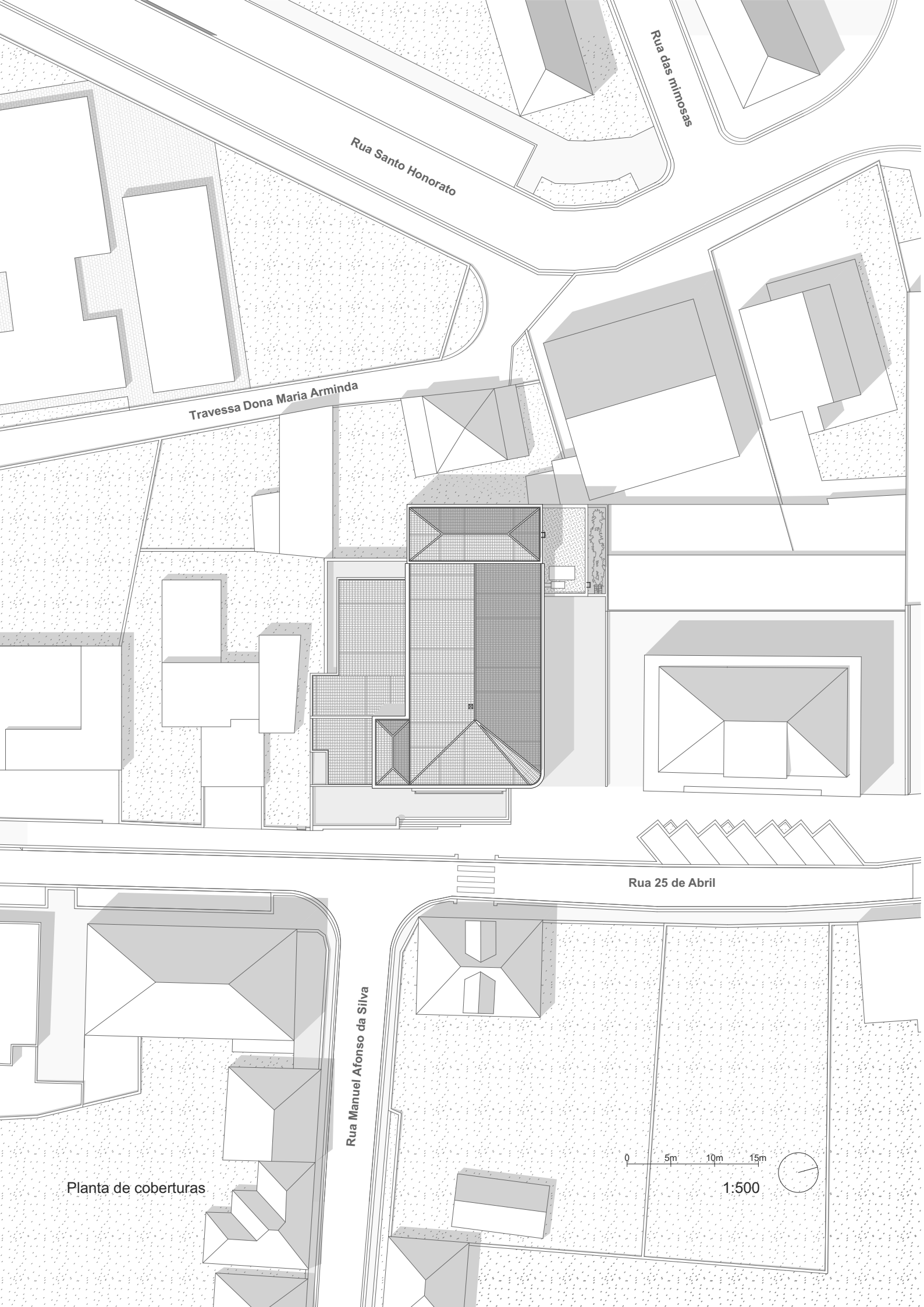
Ao longo da rua 25 de Abril identificam-se mais dois alargamentos, ambos de ligação a arruamentos perpendiculares à rua onde reside o Cine Aves. O primeiro apresenta-nos à Av. 4 de Abril de 1955, apelidada segundo a data em que São Miguel das Aves se torna Vila das Aves, e o segundo guia-nos à rua Manuel Afonso da Silva. Esta última rua liga a zona do Cine à Av. Conde Vizela que, por sua vez, nos leva até à estação de comboios.

Os edifícios habitacionais mais próximos que apareceram nos últimos 30 anos têm uma altura semelhante ou consideravelmente inferior, excetuando os que se encontram à sua direita (Norte) que, para além de serem mais altos, são bastante mais volumosos. No entanto, esta situação não rouba protagonismo à casa de espetáculos devido à sua imagem distinta dos restantes edifícios, assim como pela forma como o Cineteatro se implanta na rua onde se encontra. A Sul deste deparamo-nos com uma serie de casas unifamiliares com dois pisos cada. Assim como o edifício a Este do Cine, edifício neste momento degradado. Já no decorrer da Rua 25 de Abril, para Sul, vemos o edificado a tomar outras proporções, com prédios que ostentam 5 andares.

O edifício do Cine Aves é bem definido em termos de implantação, assim como o são os espaços exteriores que lhe pertencem. Apesar de não existirem elementos físicos que os encerram, os espaços estão marcados pela diferenciação de pavimento e por pequenos muros, o que torna as suas delimitações percetíveis. Para além disto, no que diz respeito à delimitação traseira do edifício observamos que as paredes consideradas tardoz marcam o limite da implantação e vemos o terreno vizinho desenhado por estas. No entanto, a casa pertencente ao dito terreno não tem contacto físico com o cineteatro. Contudo, as garagens do prédio habitacional a Norte, assim como o que se implanta nas traseiras destas, tem contacto com o edifício em estudo, mas apenas com parte do volume dos camarins.

A delimitação do espaço em frente ao edifício é sentida através do desenho que cria diferentes momentos. O passeio que leva às entradas do Cine, que até então é mais estreito devido à existência de lugares de estacionamento na rua, aumenta no momento de aproximação ao edifício. O alargamento, causado pelo fim do estacionamento, permite uma abertura na qual se situa a entrada de automóveis para as garagens do prédio vizinho, assim como, a entrada pedonal desobstruída para o arruamento semiprivado do Cine Aves.

Esta rua semiprivada serve o edifico, tanto a nível visual como a nível funcional. Isto porque, juntamente com a passagem concebida para as garagens do edifício habitacional, cria-se um afastamento entre o objeto de estudo e o volumoso edifício, de forma a que a fachada Norte do Cine Aves seja visivel. Em termos funcionais, é de ressaltar que o tal arruamento é o caminho



Planta de coberturas

usado até a entrada independente dos camarins e também é o espaço ao qual se chega quando se utiliza as saídas de emergência da sala de espetáculo e do foyer da plateia.

De seguida, observa-se o passeio a voltar à sua largura original. Neste caso, já em frente à fachada principal do Cine Ave, isto acontece porque ocorre uma divisão na área do passeio, não se trata da criação de estacionamento, como na situação anterior, mas sim do desenho da plataforma que guia as pessoas tanto à entrada do Cine como do restaurante. Esta situação é facilmente reconhecível na planta de coberturas do edifico. Esta plataforma, para além de mais, nivela o espaço das entradas referidas, visto que a inclinação da rua 25 de Abril torna-se mais acentuada nesta área.

Os edifícios de carácter cultural continuam a ter um forte impacto na população e vê-se um aumento na procura de estruturas que possam oferecer uma experiência artística. No primeiro mapa apresentado observamos a disposição de diversos equipamentos, sempre com a perceção da distância destes ao Cine Aves. É percetível e justificável que sejam as cidades com maior afluência populacional que apresentem um número superior de edifícios culturais como Teatros. Na área analisada o Porto é o epicentro dos teatros. No entanto, também se compreende a preferência, à medida que nos afastamos deste centro, da exploração de edifícios que ofereçam mais que uma atividade, como centros culturais, casas de arte, fóruns e auditórios.

Os programas que tendem a permanecer na zona intermédia do mapa têm uma oferta superior à de um teatro ou mesmo cineteatro, sendo espaços polivalentes tal como a Casa das Artes de Famalicão ou o Centro Cultural de Vila da Flor em Guimarães. No que diz respeito aos teatros e cineteatros sobreviventes do fim do séc. XIX e início do séc. XX, não obstante as alterações que sofrem ao longo dos anos, é interessante perceber que estes prevalecem nas cidades de menor dimensão, tal como Fafe e Vila do Conde.

Através das duas primeiras observações realizadas sobre os mapas apresentados, apercebemo-nos que as terras que rodeiam Vila das Aves, inclusive Santo Tirso, não dispõem deste tipo de equipamentos. Podemos apontar o Museu em Santo Tirso que tem ganho algum renome na arte contemporânea, mas em termos performativos a oferta mantém-se afastada destas localidades. A imagem verde atribuída a esta zona, dispersa-se cada vez mais, consequência do crescimento populacional e por sua vez urbanístico de Vila das Aves. Porém, os programas apresentados, principalmente no segundo mapa complementam-se e deixam a espectativa de que a população das Aves continua em crescimento, o que possibilita um igual crescimento na procura cultural.

37. Vista da varanda do Cine Aves. (Sul)

38. Vista da varanda do Cine Aves. (Norte)

39. Vista da varando do Cine Aves. (Poente)

O edifício dos anos 50 em estudo é testemunha do crescimento das Aves. É de salientar a sua localização estratégica. A zona onde se encontra pode ser considerada uma zona central da vila, como referido, isto deve-se à diversidade de equipamentos que se encontra na área, bem como, à proximidade da zona à linha de comboios e à estrada nacional 105, que liga Vila das Aves as povoações próximas, como Santo Tirso e até mais afastadas, como Porto. É possível observar a constante que representa o edifício na paisagem da vila. Apesar das construções mais recentes, que poderiam abafar o edifício de cariz cultural, em certos pontos das Aves a silhueta do cineteatro é visível e reconhecível. Devido à inclinação da rua Manuel Afonso da Silva, é oferecida ao Cine Aves uma vista parcialmente desobstruída sobre a paisagem da margem oposta do rio Vizela, onde se situa São Tomé de Negrelos. Os edifícios que se situam em frente ao Cine causam algum transtorno neste quadro, como podemos ver nas imagens 37, 38 e 39.

É possível afirmar que a oferta cultural é mínima nas Aves, assim como na área mais próxima a esta freguesia. No entanto, isto pode mudar com a reabilitação de um edifício como o Cine Aves, sendo que o programa não se pode cingir a exibição cinematográfica, como antigamente, mesmo porque não é esse o pedido da proprietária. Nesta análise, percebemos que os dois equipamentos culturais da vila, o Centro Cultural e o Cineteatro, para além de quererem responder à procura cultural de Vila das Aves, estão ambos numa zona central e com uma proximidade que pode ser explorada numa colaboração. Para além do centro cultural, aponta-se a existência da companhia teatral sem casa na freguesia, a Aviscena. Pode ser interessante e benéfico para ambas as partes criar uma parceria com este grupo teatral. Estes dois elementos podem fazer com que um reabilitado Cine Aves tenha sucesso.

40. Sala de espetáculos, 2019.

Cena 2.1.2.
O Projeto de 1982 e o edifício de hoje

O edifício do Cine Aves foi erguido há 67 anos e com o passar do tempo foi recebendo pequenas mudanças. As vistorias realizadas pela IGAC à casa de espetáculos garantiram o cumprimento da legislação associada a este tipo de edifícios, sendo o enfoque da entidade na constante modernização do sistema de segurança contra incêndios. Na altura em que o Cine é propriedade do sr. Manuel Martins Ferreira o edifício é sujeito a algumas alterações, especialmente no seu interior, as alterações presentes nos desenhos de 1982. Nesta *Cena* procede-se a uma apresentação e observação do Cine Aves atual tendo em conta o projeto original e as mudanças encontradas.

Visto não existir documentação fotográfica do interior do edifício da altura em que a casa de espetáculos estava ainda em funcionamento, a análise entre o original e o atual só pode ser realizado através dos desenhos existentes. Assim sendo, considerando os desenhos de 1951 como demonstrativos do que foi construído e os desenhos apresentados à IGAC em 1998 como a representação do existente, rapidamente são visíveis as grandes mudanças efetuadas no edifício no início da década de 80, sendo que quaisquer danos causados ao edificado nos últimos anos não são considerados para esta observação projetual. O edifício do Cine Aves não sofre alterações desde do seu fecho, para além das infligidas pelo seu último programa, a discoteca Theatro Club. Contudo, estas alterações baseiam-se na colocação de paredes falsas, facilmente removíveis, e em modificações (nada) estéticas, tanto no seu interior, como no seu exterior.

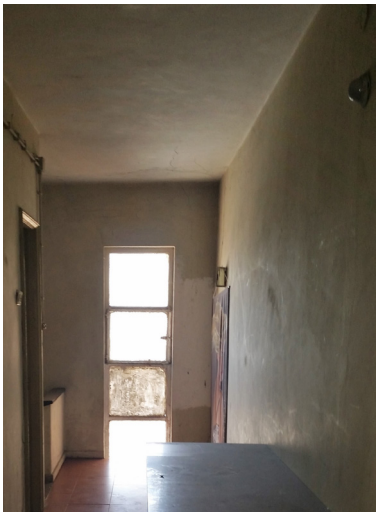
A volumetria e imagem atual do edifício permitem afirmar que o projeto inicial de uma forma global é respeitado e perdura, salvaguardando as alterações altimétricas na zona do restaurante, antes café-bar. Continuam a estar presentes os três volumes e o volume central ou principal continua a ser rematado pelo volume da caixa de palco.

As zonas dedicadas ao convívio sempre foram os elementos catalisadores deste tipo de equipamentos. São estas zonas que mostram mais alterações. O momento de entrada, tanto exterior como interior, apresenta-se de forma distinta do projeto original. A plataforma que enquadra a entrada do edifício é unificada e cria um momento singular de afastamento do passeio, assinalando por si só as entradas do Cine e do restaurante. A zona de entrada interior, pelo contrário, continua dividida em dois espaços, designando uma zona de chegada, onde

41. Zona técnica do Cine Aves, 2019.

42. Sala de projeção do Cine Aves, 2019.

43. Corredor do piso 2 dos camarins do Cine Aves.



44. Corredor do piso 2 dos camarins do Cine Aves.

uma pequena estrutura forrada com tábuas de madeira configura a bilheteira, e uma segunda zona, onde nos deparamos com as escadas de acesso ao foyer do balcão. Ainda no piso térreo, o café/buffet de apoio à plateia é reduzido a um retângulo com aproximadamente 35 m^2, dispensando área para o restaurante, antigo café.

Atualmente, no piso 2 do cinema, como podemos observar na planta do edifício, encontram-se as zonas técnicas e de apoio à projeção de filmes. Apesar de responderem às necessidades da atividade, a organização destes espaços é confusa e sem uma lógica aparente. Ainda neste andar, em contacto com a fachada principal, existe um pequeno bar com uma sala de jogos associada.

Já o terceiro e último piso do cinema está dividido em três momentos, todos sem acesso do público. Junto à fachada principal encontram-se o corredor que nos leva às salas estreitas que tiveram vários usos ao longo dos anos, sendo que inicialmente uma delas acolheu a sala de projeção. Para além disso, estes espaços chegam a ser cedidos para transmitir "*as emissões regulares da* R*ádio Aves*"[134]. No lado oposto, posiciona-se a teia, raramente utilizada visto a escolha de entretenimento cinematográfico. Contudo, entre os programas supracitados, encontra-se um espaço amplo, inicialmente parte integrante da sala de espetáculos, encerrado em 1982 e transformado numa área técnica que aloja as tubagens de ventilação do edifício assim como o único acesso à teia.

Os espaços que permanecem são os do volume localizado mais a Norte, o dos camarins, sendo que são quase insignificantes os pequenos acrescentos realizados nos três pisos em questão. Para além disso, a organização espacial mantém-se semelhante nos três, encontramos uma instalação sanitária e dois ou três camarins associados a um corredor por andar. Por outro lado, no restante edifício, é visível a localização dispersa e inconveniente das instalações sanitárias, localizações mantidas do edifício original, como por exemplo, as instalações sanitárias nos patamares das escadas secundárias ou a instalação sanitária no piso -1, sendo este o único programa atribuído à zona.

O restaurante comporta-se de forma independente do restante edifício. É importante apontar que os materiais que apresenta na fachada são distintos do resto do edifício, tornando clara a ideia de separação. Todavia, a área deste programa é aumentada, para além de que as passagens existentes para o Cine estão seladas. Neste momento vemos um volume de dois pisos,

134. MACHADO, José. "Testemunho a Manuel Martins Ferreira". *Entre Margens*. 2008 disponivel em http://jornal-entre-margens.blogspot.com/2008/03/testemunho-manuel-martins-ferreira.html [consultado 20.05.2018].

45. Bar/sala de jogos do Cine Aves, 2019.

46. Hall das salas de apoio e do bar/sala de jogos do Cine Aves, 2019.

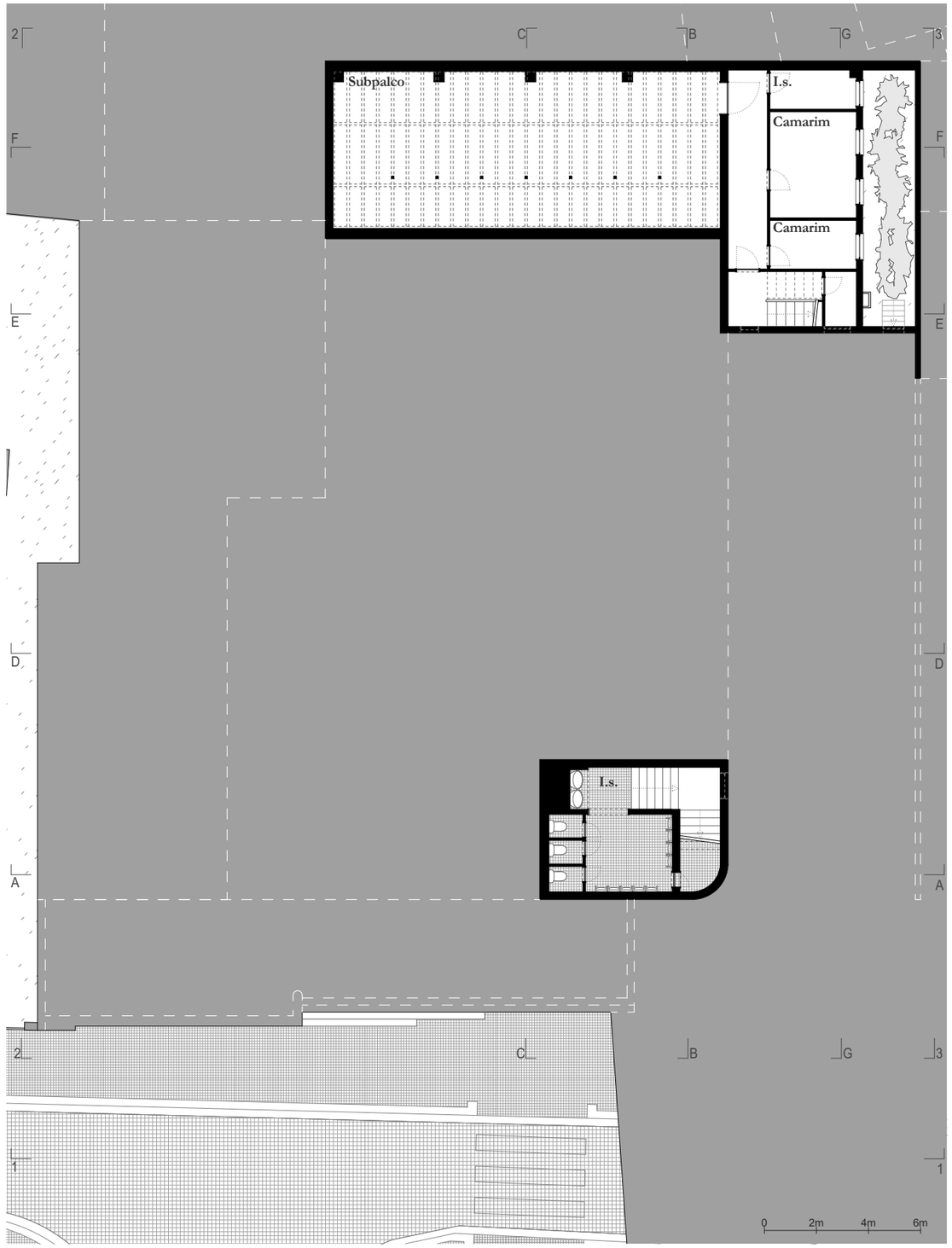
47. Portas de entrada do volume principal do Cine Aves.

sendo que o superior é recuado, possibilitando a permanência dos vãos verticais que marcam o volume da caixa de escadas do Cine Aves que, por sua vez, separa o volume principal do volume do restaurante.

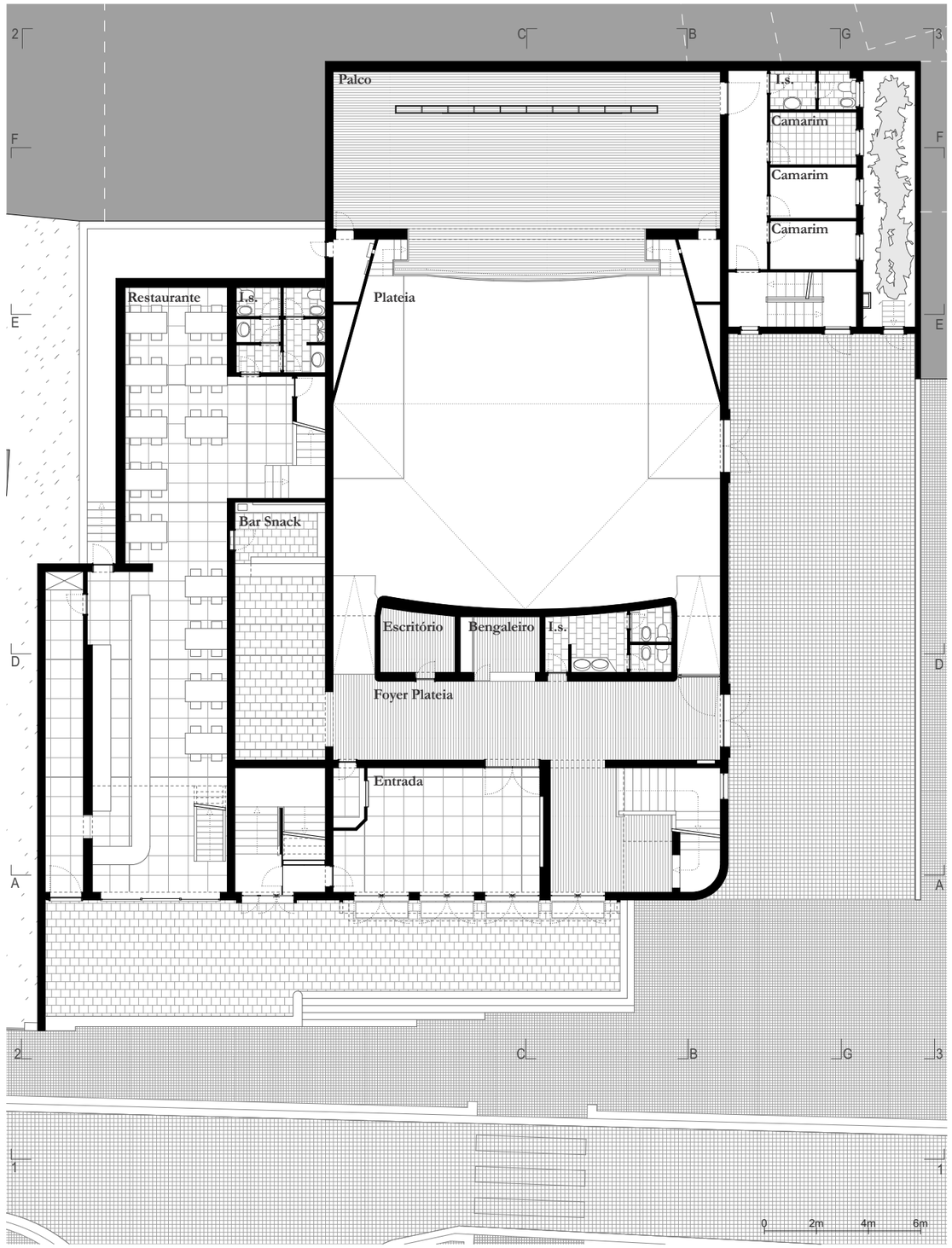
A fachada principal do Cine Aves forma um gaveto que é marcado por uma curva. A "curva" corresponde ao elemento diferenciador da face do edifício. No entanto, com as mudanças em 1982, este elemento está mais presente na sala de espetáculos, sendo que o balcão e as pequenas salas que estão diretamente abaixo deste, apresentam paredes curvilíneas. Com esta alteração também as filas de cadeiras mudam de disposição, fixando-se em arcos. A sala de espetáculos é a alma do edifício e a grande transformação que sofreu foi a perda da geral, reduzindo a sua capacidade de 734 para 425[135] lugares.

Os alçados do edifício pouco ou nada sofreram ao longo dos anos, com exceção da fração correspondente ao restaurante, visto que este ganha um piso, o que leva ao aumento de área de fachada desta zona. Para além disto, há uma inclusão de componentes na mesma, como por exemplo a instalação de um toldo que, apesar de parecer um elemento simples, deturpa a imagem do geral. Porém, as restantes fachadas, apenas aparentam ter sido ligeiramente alteradas. É notável na fachada norte do edifício as saliências que desenham retângulos e marcam as saídas de emergência. Assim como é interessante apontar que a leitura das caixilharias, principalmente no alçado principal dos desenhos do projeto original, é bastante mais forte do que as caixilharias do existente.

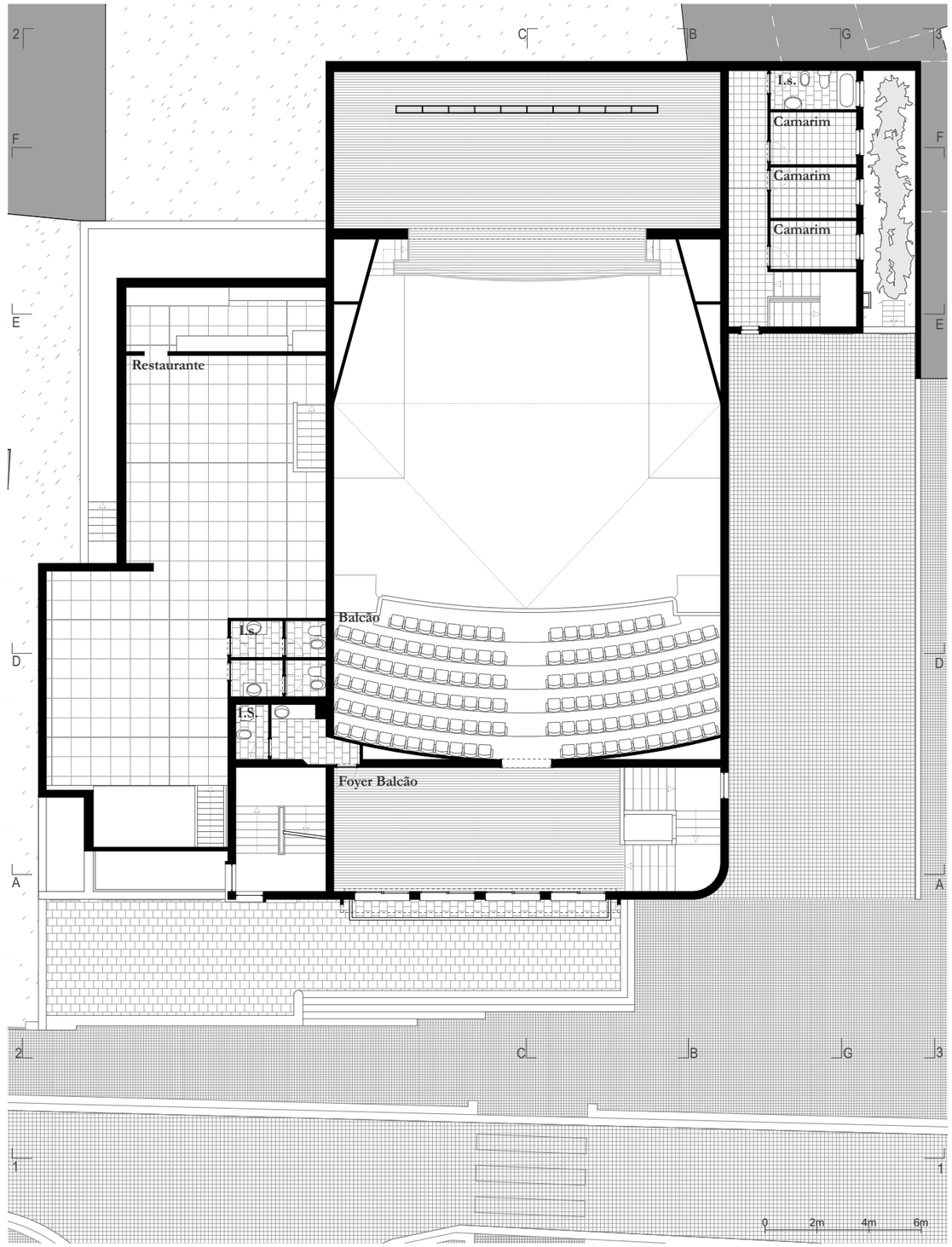
135. Doc.23, 24 de outubro de 1986, in IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.



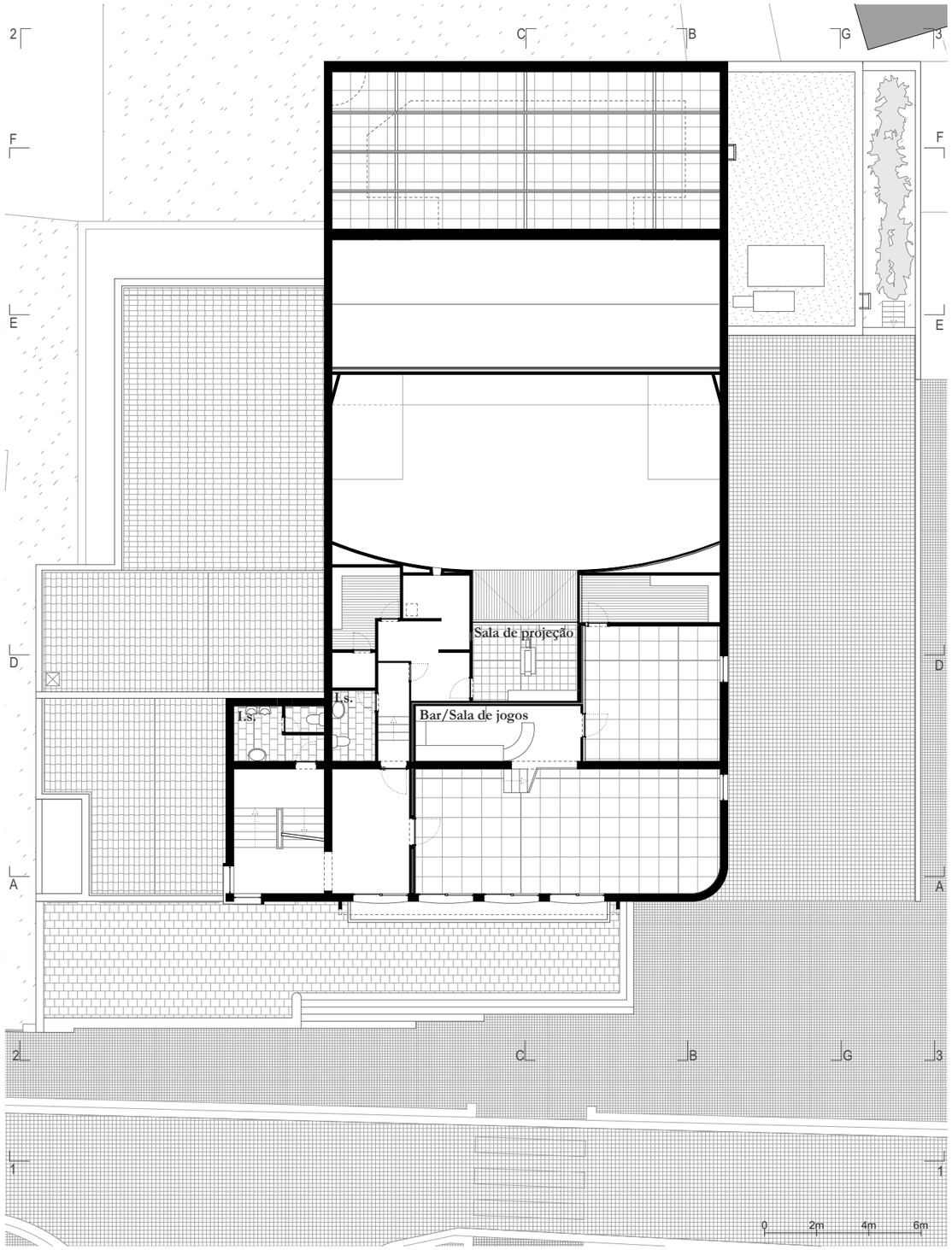
Planta Piso -1 1:200



Planta Piso 0 1:200

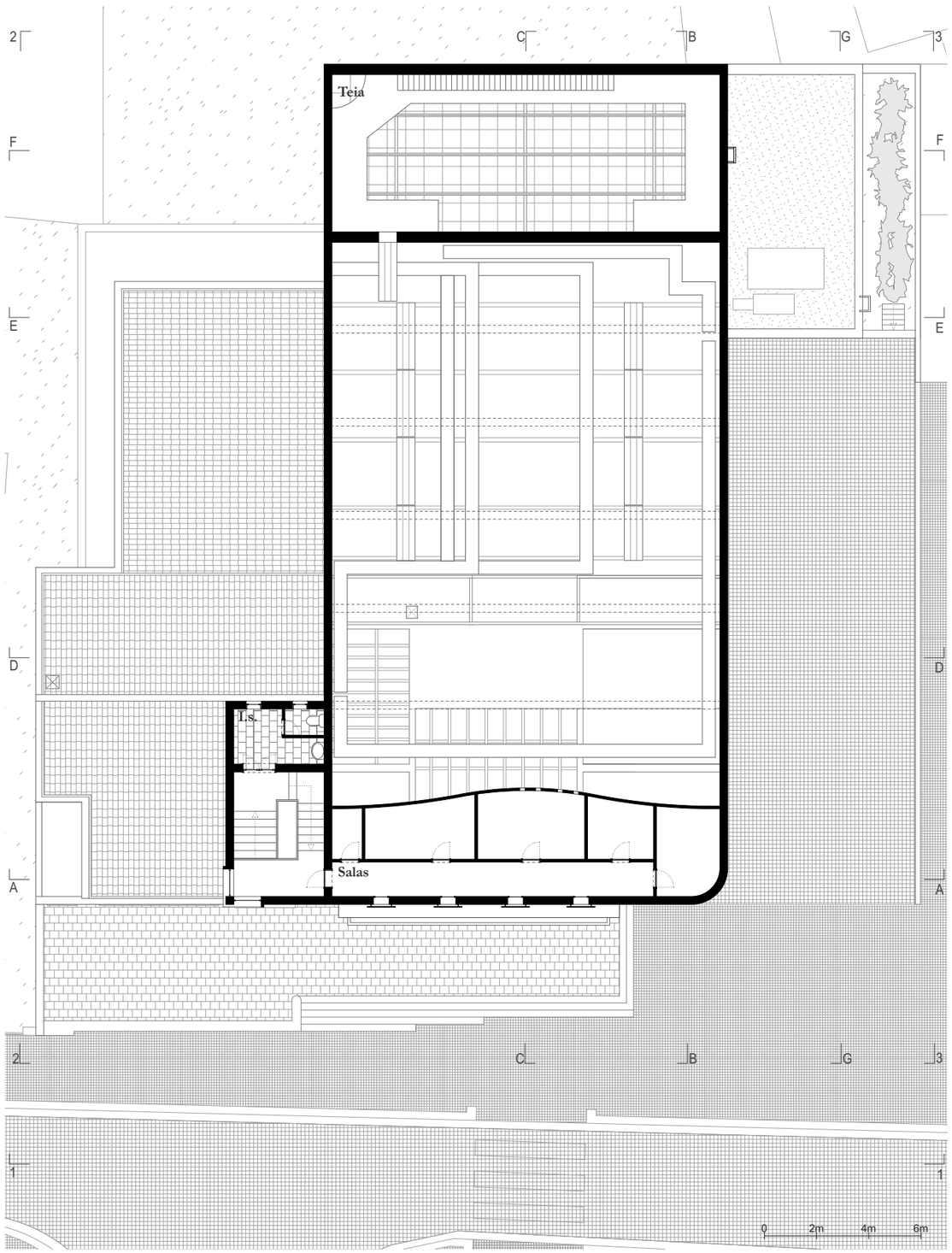


Planta Piso 1 1:200



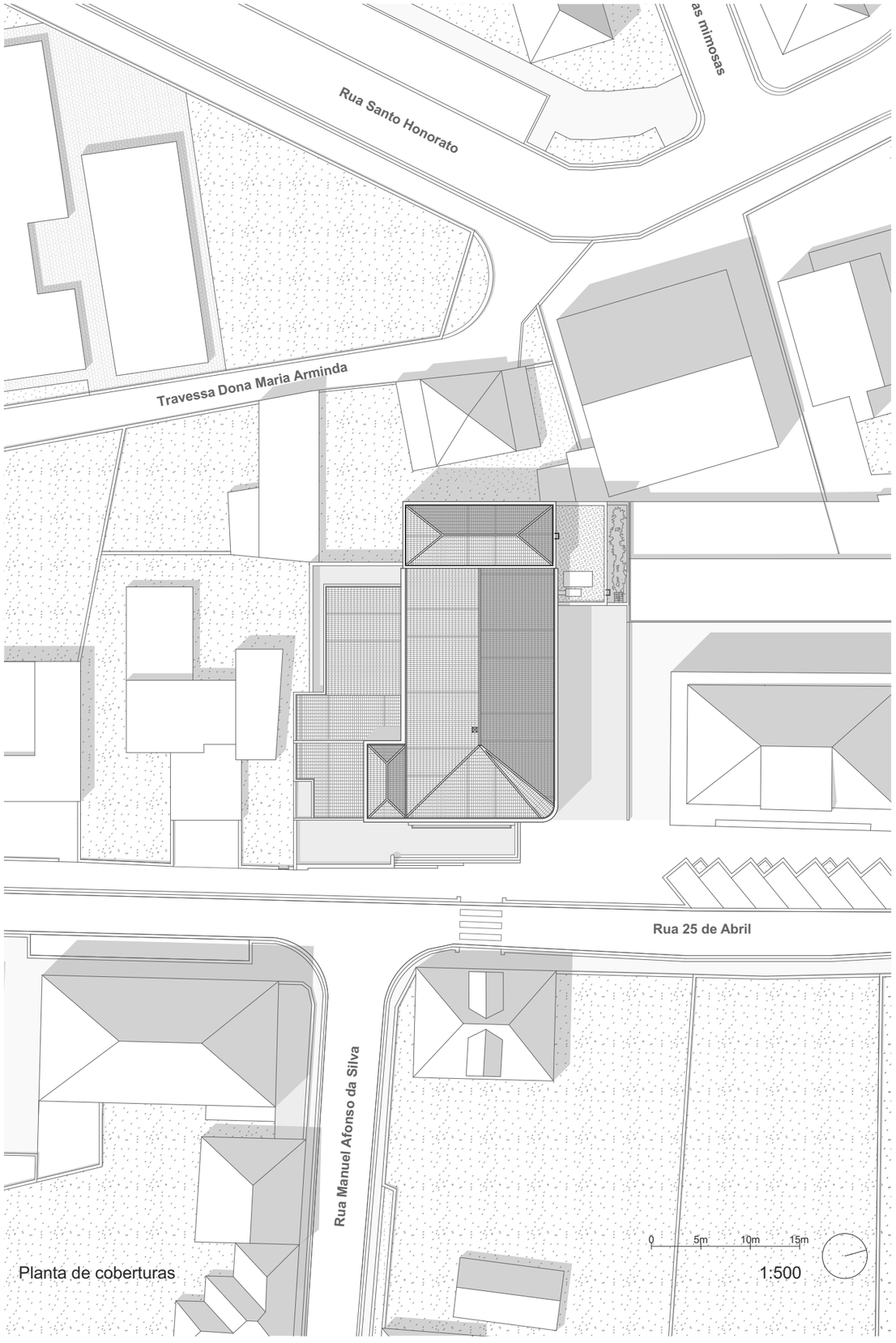
Planta Piso 2

1:200

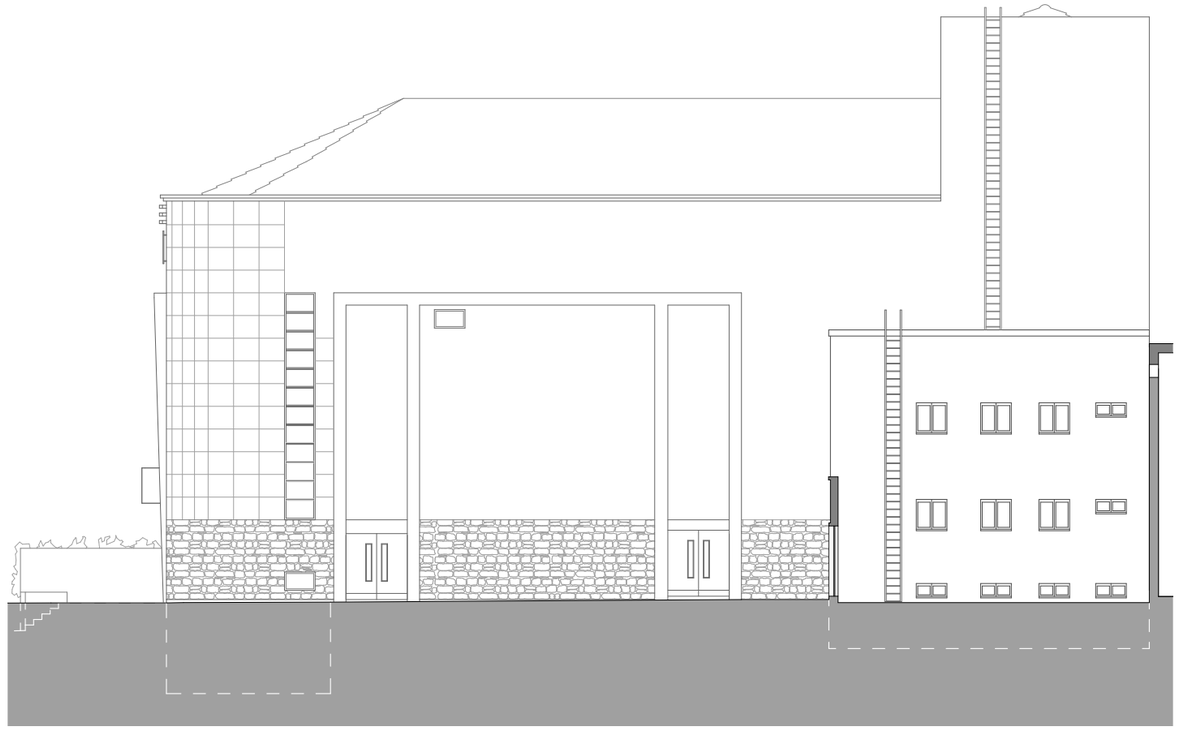


Planta Piso 3

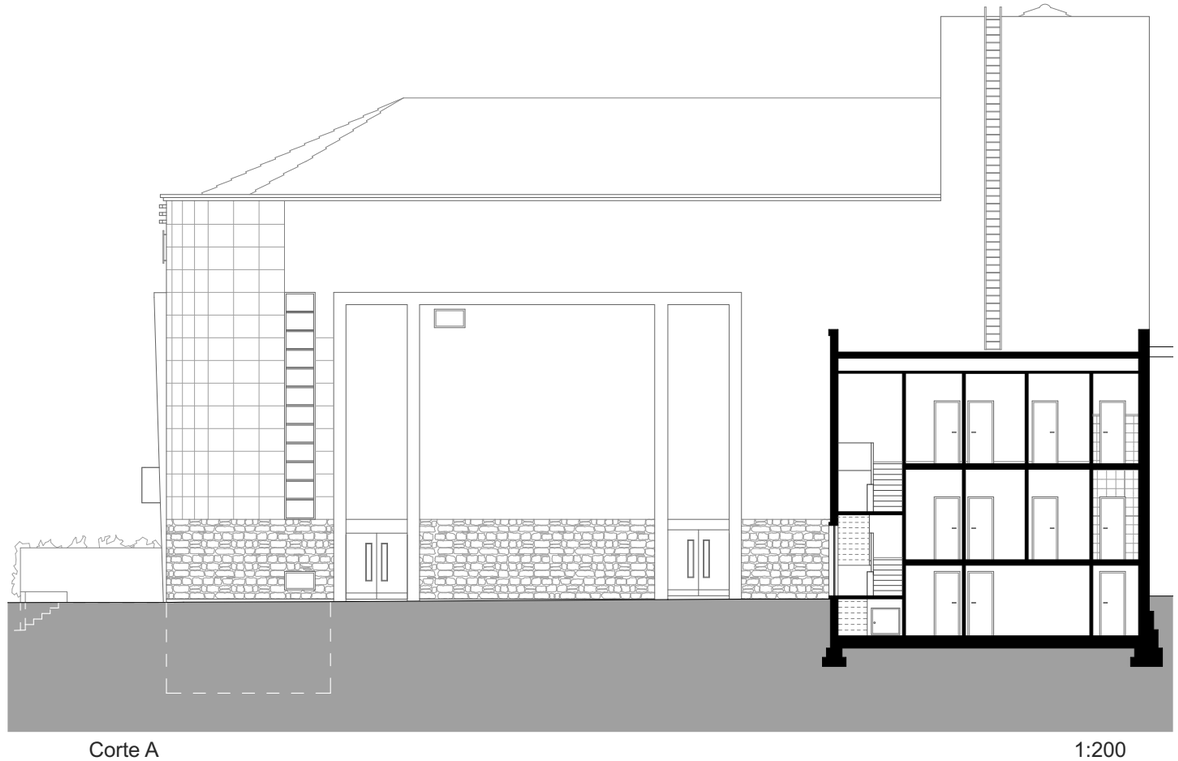
1:200



Planta de coberturas

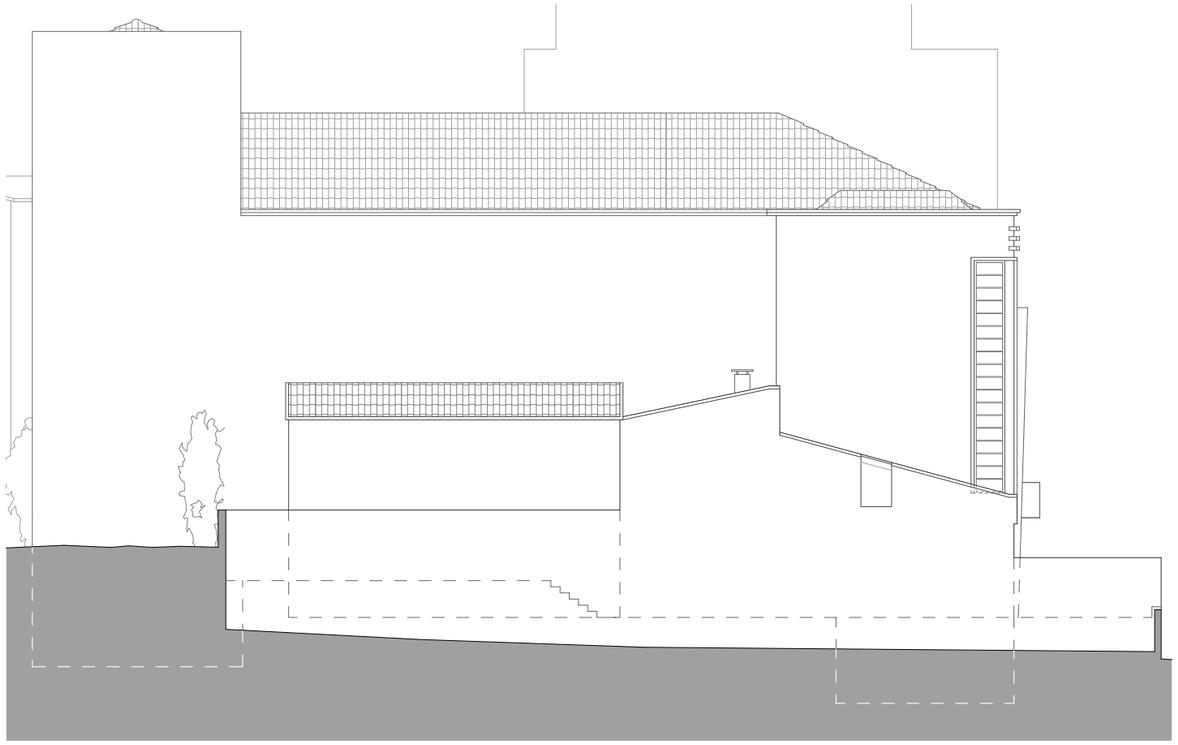


Alçado Norte (1) 1:200

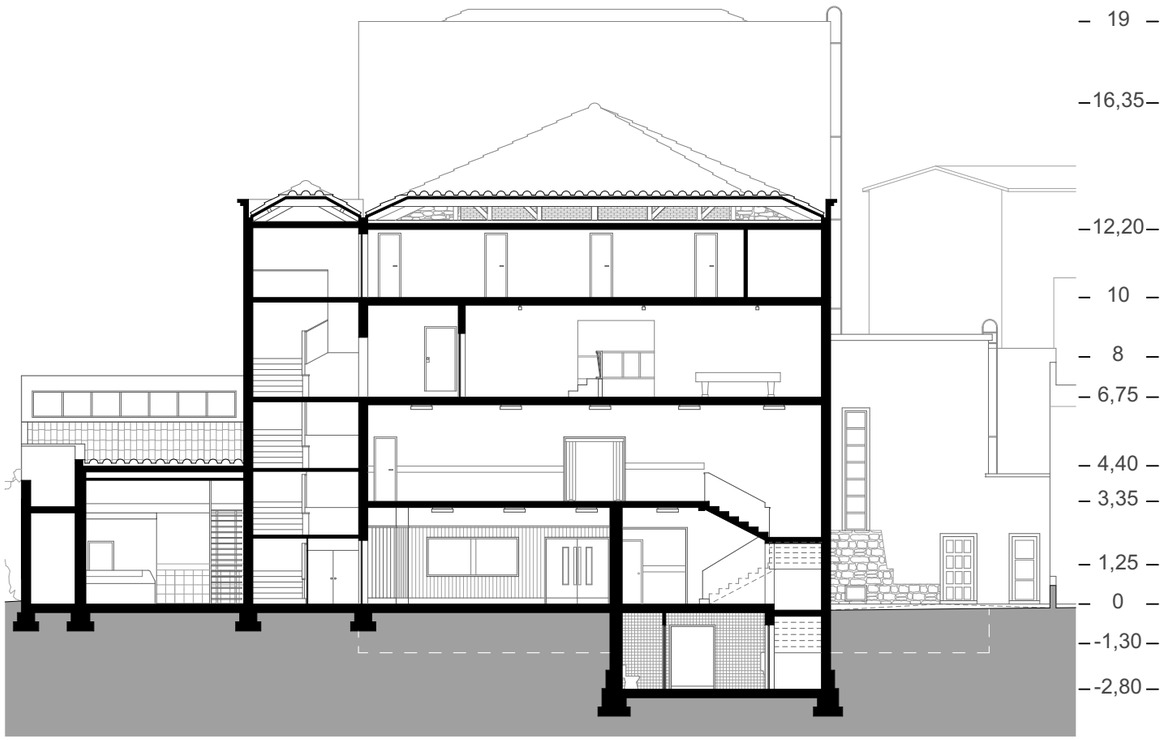


Corte A 1:200

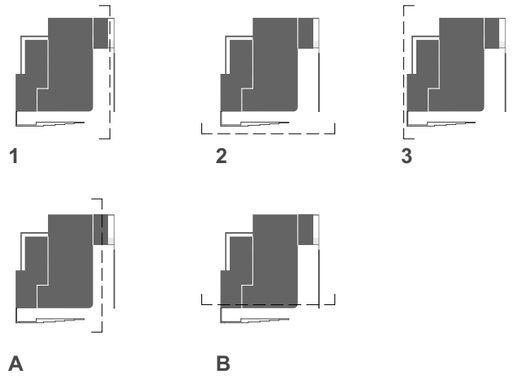
Alçado Poente, Principal (2) 1:200



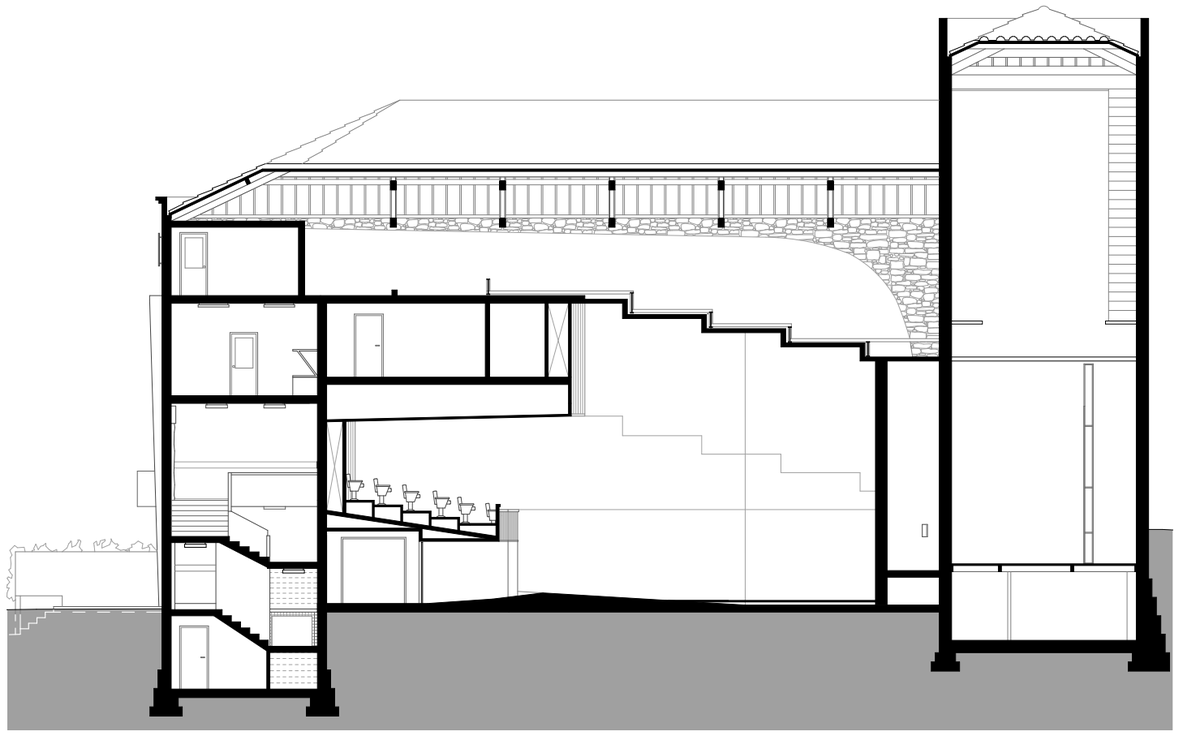
Alçado Sul (3) 1:200



Corte B 1:200

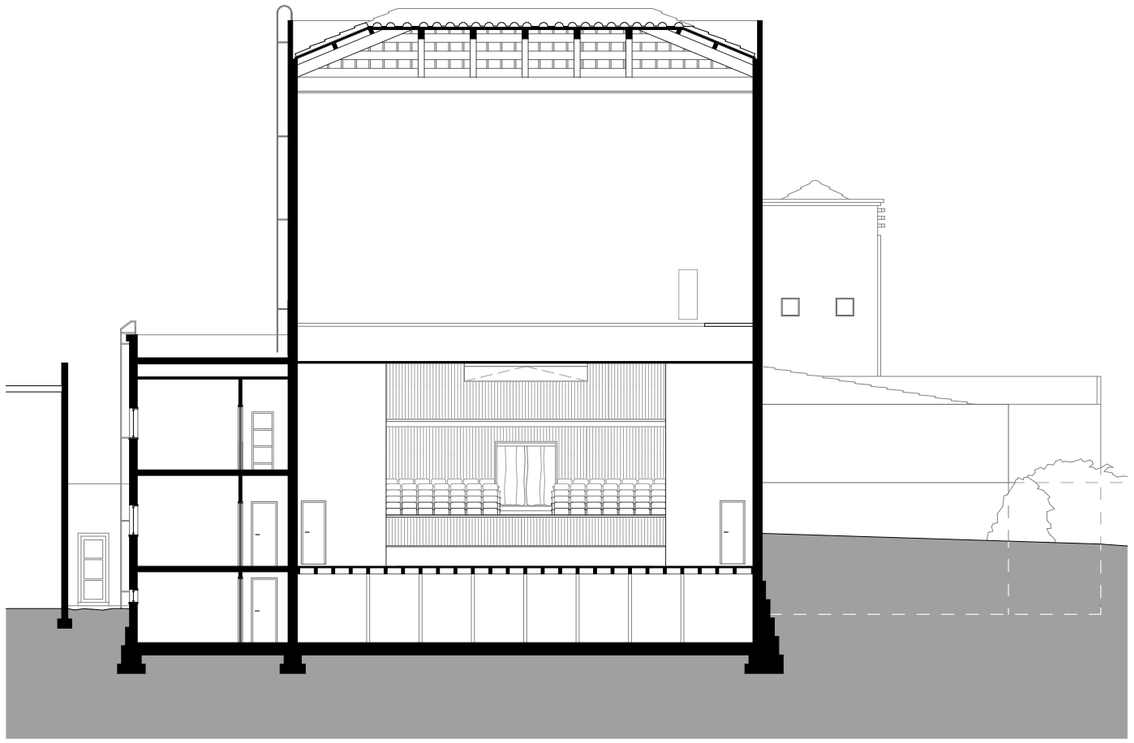


Esquemas de marcação de cortes



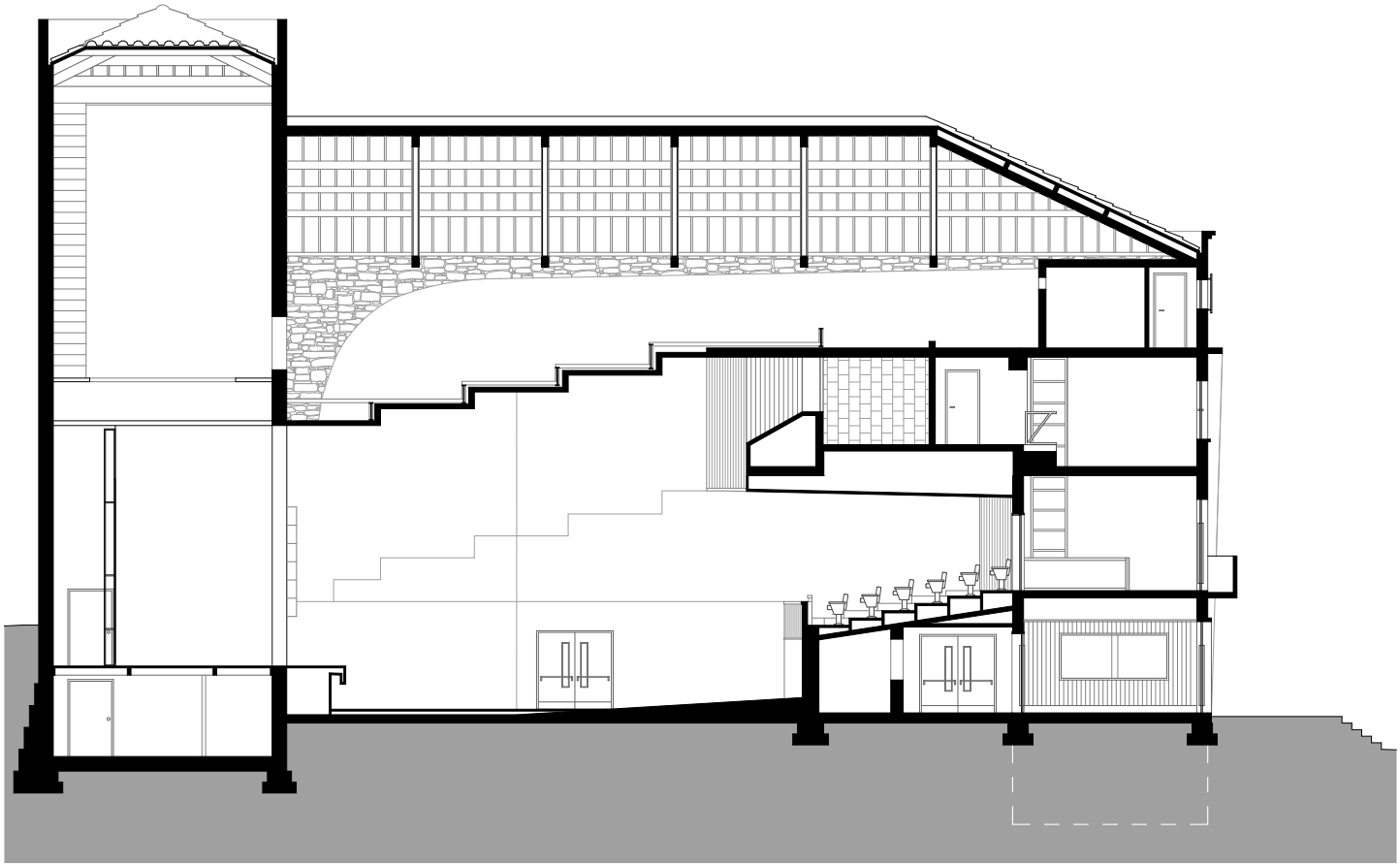
Corte C 1:200

Corte D 1:200

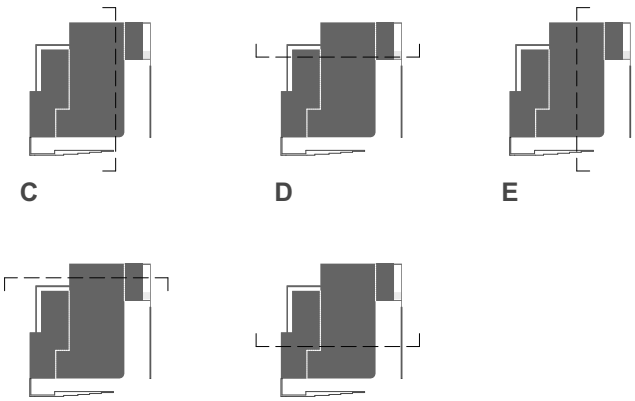


Corte F 1:200

Corte G 1:200



Corte E 1:200



Esquemas de marcação de cortes

48. Sala de espetáculos, 2019.

Cena 2.2.
Estado de conservação

O edifício em estudo na década de 50 pertence aos investidores Dr. Artur Alves Castro e Manuel Dílio Silva, na década de 80 passa ao encargo do sr. Manuel Ferreira e desde 2008 que é propriedade de três familiares do antecessor. Com a mudança de proprietários e, inclusive, da sociedade em geral, o Cine Aves ao longo dos anos sofreu mudanças e evolui com elas. No entanto, como já referido, algumas escolhas direcionadas ao edifício podem não ter sido as mais acertadas.

> *"Encare a necessidade antes que ela surja e poderá evitá-la. (…) Cuide dos seus monumentos e não terá necessidade de restaurá-los."*[136]
>
> John Ruskin

Para além do normal desgaste do edificado, a falta de conservação faz com que o mesmo se encontre num estado lastimável. É certo que o edifício sofreu, nos últimos 60 anos, obras de modernização consideradas necessárias que não seriam aprovadas pelo autor supracitado, mas no que diz respeito à estima a ter por uma obra do passado, por mais próximo que este seja, é importante ter em mente a importância de preservar o edificado prevenindo a degradação, sendo que a "*conservação pode ser realizada mediante diferentes tipos de intervenções, tais como o controlo do meio ambiente, a manutenção, a reparação, o restauro, a renovação e a reabilitação.*"[137]

Considera-se importante a compreensão do estado de conservação do Cine Aves, é essencial perceber a condição na qual se encontra o edifício em termos construtivos, estéticos e, particularmente, em termos de segurança. As condições atuais de um equipamento de qualquer espécie dita a correta formulação de um "*projecto de restauro*"[138], para que o património perdure.

136. RUSKIN, John, "Las siete Lámparas de la arquitectura", Barcelona: Editorial Alta Fulla, 1987. P.228
137. "Carta de Cracóvia 2000", disponível in http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/ [consultado em 14-06-2018].
138. Idem. "O «projecto de restauro» deverá basear-se num conjunto de opções técnicas apropriadas e ser elaborado segundo um processo cognitivo que integra a recolha de informações e a compreensão do edifício ou sítio."

O Cine Aves apresenta vários estados de conservação, visto que a parte correspondente ao restaurante continua aberta ao público. O simples fato de esta zona se encontrar em utilização justifica a diferença de níveis de conservação em relação ao resto do edifício. Para estar em uso e oferecer um serviço aos avenses, é necessário estar de acordo com a legislação em vigor e também ser visualmente apelativo. Por outro lado, o restante edifício não se encontra tão apresentável, e a responsabilidade da maior parte dos danos que expõe é atribuída ao último programa, o Theatro Club. Quando se observa o volume principal comparativamente ao do restaurante é notável a diferença. Enquanto o exterior, mostra mais homogeneidade, apesar da fachada do pronto a comer mostrar elementos e materiais que o separam visualmente dos restantes volumes, os respetivos interiores estão claramente com níveis distintos de manutenção.

As cores atribuídas às fachadas do Cine, outrora constastes, são alteradas na fachada principal que alberga as entradas do restaurante e a principal do edifício. Os tons terra, de castanho e bege amarelado, estão claramente presentes nas restantes fachadas mas apresentam o desgaste associado ao tempo. Porém, estas cores deixam de estar expostas na zona do pronto a comer e são cobertas pela cor preta na varanda e na área a baixo, onde se localizam as aberturas de entrada para o volume principal. A inclusão de um revestimento cerâmico na área do restaurante, que cobre a imagem anterior da fachada, é ainda agravada pela instalação de portas de enrolar azuis. Considera-se importante marcar estas disparidades, pois acentuam o esquecimento do conjunto que é o Cine Aves. Em relação à zona da varanda, referida anteriormente, os últimos arrendatários tomaram a decisão de introduzir a cor preta que é, de igual forma, a cor escolhida para certas zonas no interior do edifício.

O interior do edifício, apresenta diversos pontos nos quais é percetível a falta de manutenção. Mais uma vez o volume do restaurante não está incluído nas descrições que se seguem. Em 2010 o volume principal sofre diversas alterações, como já referido, mas para além da pintura dos revestimentos do foyer da sala de espetáculos, ou o acrescento de paredes falsas na mesma área, a sala de espetáculos também é submetida a mudanças. As cadeiras pertencentes ao espaço em questão são retiradas da zona de plateia e rudemente amontoadas no subpalco, de forma a abrir o espaço de dança e balcões do Theatro Club. Ainda na sala podemos observar que o revestimento do chão está danificado, assim como as paredes e o teto, pelo qual passam elementos decorativos da discoteca, e outros elementos técnicos da mesma. Os elementos de iluminação, sinalização e técnicos do Cine, como colunas de som, são retirados e/ou danificados. Relembra-se que por um curto período de tempo até as portas de emergência da "pista de dança", ou seja, da sala de espetáculos e do foyer da plateia são cobertas por tijolos.

Assim como os espaço caracterizados a cima, outros espaços apresentam falhas causadas pelos últimos ocupantes do Cine Aves, simplesmente pelo mau uso do edifício. No entanto, nas áreas, como por exemplo, o balcão, os camarins, as diversas instalações sanitárias e o bar/sala de jogos existente, é mais evidente a falta de manutenção requerida por um edifício desta magnitude. Contudo, é importante referir os casos mais gravosos, como a casa de banho que se encontra no patamar intermédio da caixa de escadas, sendo que a instalação sanitária se torna um espaço sem qualquer revestimento. Para além deste caso podemos observar no piso superior do volume principal, o conjunto de salas às quais é muito complicado aceder atualmente, pois estão ocupadas por pombas, visto que as janelas redondas que caracterizam a fachada principal se encontram partidas.

O interior do restaurante, pelo contrário, não apresenta qualquer tipo de danos e não existe falta de manutenção, mas sim uma afirmação da separação temporal deste espaço em relação ao restante edifício, através da diferença de materiais e elementos decorativos.

Em conclusão, o estado no qual se encontram os restantes volumes é lamentável estando os respetivos interiores deteriorados e a imagem geral do cinema distorcida. É possível observar estas questões em elementos que foram alterados, removidos ou mesmo colocados. O cineteatro que sobreviveu ao tempo não sobreviveu a este curto período da sua história onde o Cine Aves mudou de identidade.

49. Sala de espetáculos, 2019.

Cena 2.2.1.
Ficha de Avaliação e Análise

(*Aparte* da Ficha de Avaliação)

Para uma melhor compreensão da extensão dos problemas do Cine Aves, é necessário tomarem-se medidas de reconhecimento e optar por sistemas mais concretos. A análise deste tipo de edifícios tem questões particulares no que diz respeito a questões de segurança. Por este motivo, a simples observação das características atuais do edifício não se considera suficiente para a realização de uma proposta de reabilitação. É importante ter em mente que um equipamento que oferece ao público qualquer tipo de entretenimento deve responder a regras e diretrizes concretas. Assim sendo, com esta observação tomou-se um passo para alcançar este propósito, mas sentiu-se a necessidade de aprofundar o conhecimento do estado de conservação e segurança deste cineteatro.

O estudo de um edifício deve ser pensado de forma a adquirir o máximo de informação possível para "*melhor sustentar medidas de intervenção adequadas*"[139]. Deve-se perceber o edifício através de uma "*análise escrupulosa das* [suas] *patologias*"[140], sendo que "*cada caso* (…) [constitui] *um caso específico*"[141]. Todo o conhecimento obtido é relevante, desde o motivo pelo qual o edifício é construído até ao tipo de materiais que apresenta. No entanto, há questões que se tornam indispensáveis de avaliar, sendo cruciais para identificar o estado de conservação do edifício e poder definir posteriormente a correta e segura utilização de um espaço dedicado ao público de forma a que responda às suas necessidades de utilização respeitando a legislação em vigor.

No decorrer do processo de trabalho sentiu-se a necessidade de aprofundar os conhecimentos relativos ao objeto de estudo. Com este intuito, concebeu-se um formulário adaptado da Ficha de Avaliação (FA)[142] que foi o resultado de uma operacionalização da

139. ORNELAS, Cilísia; BRENDA-VASQUES, Isabel; GUEDES, João Miranda., "Degradação e modos de habitar em edifícios residenciais antigos do Porto: avaliação da satisfação e percepção dos residentes ", Covilhã: 4º CIHEL - Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono | A Cidade Habitada, 2017. P.3

140. "Carta de Atenas (1931)", disponível in http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/ [consultado em 14-06-2018].

141. Idem.

142. ORNELAS, Cilísia "Reabilitação do património edificado: intervenção mínima e diferenciada como metodologia", Porto: FEUP, 2016. P.133

Metodologia de Avaliação do Património Edificado Habitado (MAPEH)[143]. O formulário pretende expor as fragilidades do cineteatro e avaliar as suas características morfológicas, físicas e de uso. Desta forma, é possível ter uma noção mais concreta de um "*nível de necessidade de reabilitação*"[144], e agir de modo correto e informado na execução de um projeto de intervenção. Não obstante, na concretização desta ficha adaptada foram também analisados outros métodos de avaliação de edificado e estudados documentos legislativos. As fichas associadas aos métodos, inclusive a FA, focam-se no estudo do edificado habitacional. Esta Ficha Adaptada pretende, de igual forma, focar-se num tipo de edificado, no caso, os cineteatros, sendo que no presente trabalho se avalia e analisa o Cine Aves.

A FA é direcionada à compreensão de "*edifícios antigos de matriz unifamiliar burguesa*"[145]. Esta metodologia é tripartida de forma a responder às várias dimensões necessárias na análise do património edificado, albergando questões "*patrimoniais, técnicas e socias*"[146]. É de salientar que as dimensões patrimonial e técnica da FA são usadas neste estudo, contudo, a questão social, ou seja, a parte da FA que se refere à "*satisfação residencial*"[147], não é incluída na Ficha de Avaliação formulada, visto referir-se a uma tipologia de uso público. No entanto, nota-se a multidisciplinariedade das restantes questões levantadas e estudadas na MAPEH, e representadas na FA, tópicos importantes não só para habitação, mas para diversos tipos de edificado.

Neste sentido, também é analisado outro método de avaliação: Método de Avaliação das Necessidades de Reabilitação (MARN) [148]. Antecedente da MAPEH, o MARN tem como objeto de estudo o Bairro do Alto da Cova da Moura. Verifica-se que este método tem por objetivo analisar o edificado e obter informações que permitem "*avaliar a viabilidade do edifício*"[149]. Esta avaliação, no entanto, não inclui um entendimento da *satisfação residencial,* no entanto, deixa a nota que a "*realização de sondagens durante as vistorias podia contribuir para um grau de rigor suplementar*"[150]. Neste método também há um foco em três pontos baseados na

143. Idem. P.133
144. PEDRO, João Branco; VILHENA, António; PAIVA, José Vasconcelos de., "Método de avaliação das necessidades de reabilitação. Desenvolvimento e aplicação experimental.", Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2011.P.7
145. ORNELAS, "Degradação e modos de habitar em edifícios residenciais antigos do Porto: avaliação da satisfação e percepção dos residentes ", Op. Cit. P.1
146. Idem. P.3
147. Idem. P.6
148. PEDRO, "Método de avaliação das necessidades de reabilitação. Desenvolvimento e aplicação experimental.", Op. Cit.
149. Idem. P.5
150. Idem. P. 20

segurança, na higiene, na saúde, no conforto e na adequação ao uso[151]. A abrangência dos pontos permite um afastamento ao tema único da habitação. Esta metodologia e ficha que enquadra a avaliação do Bairro, concentram-se nas características construtivas e técnicas do mesmo, apoia-se na legislação e define na sua conclusão um "*Nível de necessidade de reabilitação*"[152] do edificado.

Neste âmbito, o Método de Avaliação do Estado de Conservação de imóveis[153] (MAEC) tem por objetivo auxiliar na identificação de anomalias em edificados. A ficha correspondente ajuda numa avaliação imparcial de um imóvel segundo diretrizes legislativas e, tal como os métodos mencionados anteriormente, é construído com o suporte de técnicos especializados. Mais uma vez, o alvo principal da metodologia são os edifícios habitacionais, mas neste caso é mencionado que se pode direcionar para equipamentos como escritórios e/ou comércio. É de salientar que neste método apresenta-se uma listagem extensa das particularidades que requerem avaliação num edifício ou parcela, sendo que se explica nas "*instruções de aplicação*"[154], de forma detalhada e com apoio fotográfico, os "*níveis de anomalia*"[155] dos diversos elementos e materiais construtivos, de forma a facilitar a observação e análise.

No apoio da compreensão da legislação a IGAC, entidade que se empenha no cumprimento da legislação e na fiscalização dos recintos, passa a informação necessária de forma explicita e concisa. A entidade fornece informação nos vários tópicos no "*domínio das atividades culturais*"[156], como demostrado ao longo do presente trabalho. É de referir que a segurança ao uso e contra incêndios dos espectadores e do público em geral passa por estes esclarecimentos, sendo importante ter em mente os elementos característicos desta tipologia, como os balcões, galerias e varandas, até os camarotes sobreviventes da época dos teatros. O leque de pontos a ter atenção é abrangente. Também nesta linha de pensamento surgem os modelos de avaliação do estado de conservação do edificado, a auxiliar a análise das características gerais, particularidades e, também, irregularidades de um determinado edifício.

151. Idem. P.6
152. Idem. P.7
153. Portaria n.º 1192-B/2006, *Método de avaliação do estado de conservação de imóveis.,* Lisboa, Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações. Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 3 de Novembro de 2006.
154. NRAU, Novo Regime de Arrendamento Urbano, "Método de avaliação do estado de conservação de imóveis. Instruções de aplicação.", Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações. Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2007.
155. Idem. P.44
156. BOTELHO, Inspetor-geral Luis Silveira, "Apresentão - IGAC", 2018, disponível in https://www.igac.gov.pt/apresentacao [consultado em 02-07-2018].

A ficha de segurança contra incêndio[157] concentra pontos chaves e amplos para a compreensão do estado do edificado baseados no regime jurídico[158] e no regulamento técnico[159] da SCIE. Estes documentos são objetos de estudo neste trabalho de forma a perceber quais as questões a ter atenção num edifício de carácter cultural, especificamente, nos cineteatros. Para além da SCIE outras questões apoiadas pela legislação são a acessibilidade e o segurança no uso normal dos espaços, neste campo apoiamo-nos no Decreto-Lei n.º 163/2006, 8 de agosto. É importante apontar que são mencionados outros documentos complementares aos supracitados ao longo do texto, que esclarecem termos e definições usadas na documentação legislativa.

O edificado habitacional é o objeto de estudo das metodologias apresentadas, mas alguns dos critérios são transitáveis para a análise de um edifício de cariz público. A Ficha formulada tem em conta estes métodos, apesar de ser adaptada e ter como base estrutural a FA da MAPEH. Há uma procura de adequar e completar os pontos da FA à problemática em mãos, através do apoio da documentação legislativa concernente e das informações recolhidas sobre este tipo de equipamentos tão característicos. A Ficha está dividida em duas partes organizadas de forma sucinta e específica, para que se obtenha no final uma noção do estado de conservação do edificado e dos seus atributos principais. A primeira parte expõe as características gerais do edifício e a segunda explora e ajuda a perceber as condições espaciais e de segurança do cineteatro. A parte social enquadrada na FA é suprimida. Em contraponto é elevada a importância das questões espaciais, na tentativa de perceber se o edifício responde aos ideais ditados pela legislação em vigor. É importante referir que esta Ficha serve de instrumento de observação e avaliação das características do edifício e identificação do estado de conservação servindo como ferramenta de documentação, que poderá ser atualizada a qualquer momento.

As didascálias que acompanharam o texto desta parte da Cena, que mostra o preenchimento da Ficha de avaliação e análise em relação ao Cine Aves, são a respeito da Ficha como objeto independente e servirão para expor como esta se dispõe e o porquê de cada questão do formulário desenvolvido. A Ficha divide-se em duas partes, a primeira apresenta três secções e a segunda duas. As secções são formadas por um ou mais pontos, e cada ponto é dividido por itens.

Em paralelo com a FA, esta Ficha inicia-se com uma apresentação simples, através da

157. *Ficha de Segurança Contra Incêndio,* Ministério da Administração Interna. Autoridade Nacional de Proteção Civil (ANPC).

158. Decreto-Lei n.º 224/2015, *Regime Jurídico da Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RJ-SCIE),* Lisboa, Ministério da Administração Interna, 9 de outubro de 2015.

159. Portaria n.º 1532/2008, *Regulamento Técnico de Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RT-SCIE),* Lisboa, Ministério da Administração Interna, 29 de dezembro 2008.

secção A. - Identificação e Morada do Edifício - que serve de enquadramento ao assunto tratado. O ponto A1. - Identificação - e o ponto A2. - Localização. No primeiro ponto apontam-se o nome do edifício e a data na qual se realiza a inspeção. Esta questão é relevante no caso de uma eventual alteração ao edificado após dita inspeção. No segundo a morada do objeto analisado.

A Parte I - Interesse Patrimonial do Edifício - da ficha é dividida em três secções, B. - Caracterização tipo-morfológica do edifício, C. - Caracterização construtiva e alterações introduzidas e D. - Identificação de características particulares do edifício. Do geral para o particular, cada uma das secções explora questões relevante para a compreensão do património edificado. Estas secções são adaptadas da FA. Em termos de preenchimento, nesta Parte é suposto assinalar o quadrado ou quadrados que correspondem à situação ou material encontrado no edifício no momento de inspeção. Não obstante, a maior parte dos pontos apresenta a opção "Outro" visto que o campo dos cineteatros é amplo e cada caso pode apresentar situações e/ou características únicas não listadas na Ficha.

Ficha de Avaliação do Estado de Conservação
A. Identificação e Morada do Edifício
A1. Identificação:
Nome: Cine Aves Data de inspeção: Maio de 2018
A2. Localização:
Morada: Rua 25 de Abril, Nº302. Vila das Aves, Santo Tirso, Porto. 41.360582, -8.405206
Parte I: Interesse Patrimonial do Edifício
B. Caracterização tipo-morfológica do edifício
B1. Morfologia e tipologia
B1.1 - Época de Construção: ☐Século XV-XVII; ☐Século XVIII; ☐ Século XIX; ☒Século XX; ☐Século XXI; ☐ Outro:
B1.2 - Implantação do Edifício: ☐Isolado; ☒Contíguo a edifícios; ☒Gaveto; ☐Outro:
B1.3 - Rua: Largura: ☐Com menos de 8m entre fachadas; ☒Com mais de 8m entre fachadas Acesso: ☒Fácil; ☐ Difícil
B1.4 - Lote: ☒Ocupação parcial: ☒Com logradouro; ☐Saguão; ☐ Com anexos; ☐ Outro: ☐Ocupação integral
B1.5 - Número de Fachadas: 10 ; Empenas Cegas: 5 ; Tardoz: 2
B1.6 - Número Pisos: Acima da cota da soleira: 4 ; Abaixo da cota da soleira: 1
B1.7 - Edifício: Altura (fachada): 13,3 m Altura da Caixa de Palco: 19 m Área Bruta: 2.225 m²

Quadro 1. Parte I e Secções A e B da Ficha de Avaliação do Estado de Conservação

A inspeção ao Cine Aves, com o prepósito de preenchimento desta ficha, foi realizada no mês de maio de 2018 (A1.). A localização do edifício em questão (A2.), apesar de já referida neste trabalho, é complementada com as coordenadas geográficas do Cine Aves.

A secção B. - Caracterização tipo-morfológica do edifício - apresenta os itens para a caracterização da morfologia e tipologia[160] do edifício. Os cineteatros são uma tipologia específica de um intervalo de tempo definível, no entanto, a data de construção do edificado varia, muito devido à adaptação de teatros para o cinema. A tipologia cineteatro respondia arquitetónicamente à componente do teatro através da inclusão da caixa de palco, ou seja, palco, subpalco e teia. Este último, é tendencialmente um elemento saliente na volumetria de um cineteatro. Em virtude desta característica, opta-se pela distinção entre altura (fachada) e altura da caixa de palco, distinção que pode ser importante para responder corretamente às questões de SCIE.

Esta secção apresenta o ponto B1. - Morfologia e Tipologia - da Ficha que é subdividido em sete itens. O B1.1- Época de construção - identifica a data de construção do edifício e posiciona-o na história. Os itens B1.2 - Implantação do Edifício, B1.3 - Rua - e B1.4 - Lote, caracterizam o enquadramento do edificado no espaço. Os itens B1.5 - Número de Fachadas, B1.6 - Número de pisos - e B1.7- Edifício -, pretendem indicar os atributos gerais do edifício.

De todos, salienta-se o B1.3. O seguimento da legislação em vigor é uma das questões preponderantes desta ficha e, desde o começo, é relevante perceber que tipo de informações são relacionáveis a este tipo de património. A largura da rua, ou seja, a distância entre fachadas de edifícios em confronto[161] é um ponto chave na resposta à SCIE, já que a proximidade entre o edificado dita as características das paredes em si, para prevenir a propagação de fogo.

Da mesma forma que o espaço entre o edificado é relevante, em termos da legislação é necessário ter conhecimento da altura do objeto. Esta questão em particular é respondida no item B1.7, e é marcante para esclarecer, por exemplo, os art.os 4 e 5[162] da Portaria nº 1532/2008, visto que cada um dos artigos se dirigir a um determinado intervalo de alturas.

160. Ponto B1. do Quadro 2 - Secção B da Ficha de Avaliação do Cine Aves

161. O art. 7 do Portaria n.º 1532/2008, *Regulamento Técnico de Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RT-SCIE).* Op. Cit.

162. Idem. Artigo 4.º Vias de acesso aos edifícios com altura não superior a 9m e a recintos ao ar livre; Artigo 5.º Vias de acesso a edifícios com altura superior a 9m.

Em resposta ao item B1.1., sabemos que o Cine Aves foi construído em 1951, ou seja, séc. XX. Em relação ao item B1.2. observamos que o cineteatro é formado com diversos volumes, sendo que o volume principal forma um gaveto[163] que une a rua 25 de Abril à ruela a Norte do Cine que, por sua vez, nos leva à entrada do volume dos camarins. Este volume encontra-se contíguo a edifícios[164], visto que encontramos uma construção a ladeá-lo a Este. Existe inclusive uma pequena janela do mencionado edificado que se abre para o pátio dos camarins.

Sobre o item B1.3. analisou-se a distância entre as fachadas do Cine e as fachadas dos edifícios próximos. Observou-se no local que se mantém um espaço acima dos oito metros em torno do cineteatro, com a exceção apresentada no ponto anterior. A Norte, com a ruela do Cine a fazer a separação, posa um edifício habitacional que se aproxima da altura do volume da teia. A Este encontramos um imóvel desocupado e em mau estado. Entre este último edifício e o cineteatro estende-se a rua 25 de Abril, o único acesso viário ao Cine. Isto leva-nos à questão do acesso integrada no item B1.3. Apesar de ser o único acesso viário, a estrada e os passeios da rua 25 de Abril estão em ótimas condições, o que oferece um fácil acesso ao objeto de estudo. Para além deste, observou-se a rua Manuel Afonso da Silva, perpendicular à anterior que permite o acesso pedonal ao Cine, sendo que o sentido rodoviário é no sentido contrário.

No que diz respeito ao item B1.4, optou-se por selecionar a opção ocupação parcial. O lote no qual o Cine se encontra cede uma pequena parte de área ao espaço público: à ruela (Norte), à plataforma de entrada e ao passeio (Este, Nordeste). Os limites do edificado representam o limite físico do lote com uma exceção que se refere ao pátio do volume dos camarins. Este elemento apesar de não ter acesso direto ao interior do volume, é de uso exclusivo do Cine e pode ser considerado como um pequeno logradouro.

No que concerne o ponto B1.5. analisa-se o conjunto de fundamentalmente três volumes do Cine Aves, que se transcreve num edifício bastante recortado, o que leva à multiplicação de paredes exteriores/fachadas. A maior empena cega do edifício, empena tardoz do volume da teia é contígua ao volume dos camarins. Enquanto que a fachada principal é o elemento que une o volume do restaurante ao volume principal. Assim sendo, no volume dos camarins podemos ainda contar com duas fachadas com aberturas (Norte e Este) e no restaurante com mais quatro (Oeste e Sul), sendo que duas são empenas cegas (Sul) e uma destas considerada a tardoz do restaurante (Oeste). Por fim, o volume principal apresenta uma fachada a Norte, onde se encontram as saídas de emergência da sala de espetáculos, e uma a Sul que se apresenta como

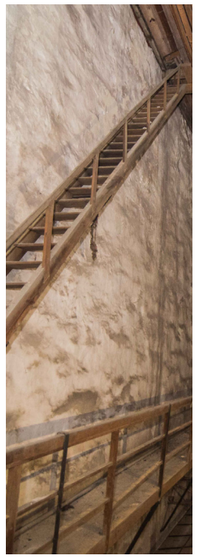
163. Ponto B1.2
164. Ponto B1.2

C. Caracterização construtiva e alterações introduzidas	
C1. Estrutura Vertical	
C1.1 Paredes exteriores	
Material (Estrutural)	
Fachadas: ☒Alvenaria de Pedra ☐Alvenaria de Tijolo ☐Betão	Empenas Cegas: ☒Alvenaria de Pedra ☐Alvenaria de Tijolo ☐Betão
Revestimentos exteriores	
Fachadas: ☒Reboco pintado; ☒ Cantaria; ☒ Cerâmica;	Empenas Cegas: ☒Reboco pintado; ☐ Cantaria ☐ Rebocado ou argamassa de cal;
C1.2. Paredes Interiores	
Material (Estrutural)	
Compartimentação: ☒ Alvenaria de pedra; ☒ Alvenaria de tijolo; ☒ Betão; ☐ Outro	Caixa de escadas: ☒ Alvenaria de pedra; ☐ Alvenaria de tijolo; ☐ Outro:
Revestimentos Interiores em geral	
☒ Estuque pintado; ☒ Azulejos, cerâmico;	☒ Pedra; ☒ Carpete; ☒ Madeira; ☐ Outro:
C2. Estrutura Horizontal	
C2.1. Cobertura	
Tipo	**Material**
Autoportante: ☒ Sim; ☐ Não; ☐ Não é possível verificar	☒ Madeira; ☐ Outro:
Revestimento exterior	
☐ Telha Canudo; ☒ Telha Marselha; ☒ Outro: Lajetas de betão	
Revestimento interior	
☒ Estrutura de madeira à vista ☒ Teto de estuque sob a estrutura ☒ Forro;	☒ Telhas à vista; ☐ Outro:
C2.2. Pavimento/tetos entre pisos	
Material (estrutural)	
☒ Madeira; ☒ Laje maciça de betão armado ☒ Laje aligeirada	☐ Não é possível verificar ☒ Outro: Treliças metálicas
Revestimentos tetos	
☒ Estuque pintado; ☐ Carpete;	☐ Madeira pintada; ☒ Outro: Teto Falso em painéis quadrangulares
Revestimentos Pavimentos	
☒ Soalho de madeira; ☒ Pedra; ☒ Cerâmica;	☒ Carpete; ☒ Linóleo; ☐ Outro:

Quadro 2. Secção C - Itens C1 e C2 - da Ficha de Avaliação do Estado de Conservação.

C3. Outros elementos	
C3.1. Escadas Interiores e elevadores	
Escadas e elevadores: Número de escadas: 3 Número de elevadores: 0	
Material (Estrutural)	**Revestimentos dos tetos da escada**
☐Madeira; ☐Pedra; ☒ Betão; ☐Outro:	☒ Estuque pintado; ☐ Outro:
C3.2. Caixilhos exteriores	
Portas	**Janelas**
Estrutura/Funcionamento:	Estrutura/Funcionamento:
☒Uma folha; ☒Duas Folhas	☐ Peito; ☐ Guilhotina; ☒ Correr; ☒ Batente; ☒ Fixas
Material:	Material:
☒ Madeira ☒ Alumínio, ☐ PVC ☒ Ferro ☐ Vãos sem caixilharia ☐ Outro:	☒ Madeira ☒ Alumínio, ☐ PVC ☒ Ferro ☐ Vãos sem caixilharia ☐ Outro:
C4. Integridade do edifício	
☐ Sem alterações ☒ Sem alterações significativas; ☐ Com alterações significativas; ☐ Alterado.	

Quadro 3. Secção C - Itens C3 e C4 - da Ficha de Avaliação do Estado de Conservação.



50. Teia

51. Pormenor
Fachada Principal

52. Caixa de Palco
Fachada Tardoz

53. Pormenor
Fachada restaurante

empena/fachada cega. Estas observações levam ao preenchimento da ficha com as seguintes considerações: existem 10 fachadas no conjunto total, sendo que 5 são empenas cegas. Uma dessas empenas é a fachada tardoz do volume principal e camarins, e uma segunda, a fachada tardoz do volume do restaurante. O que resulta, em 2 elementos tardoz.

O item B1.6., apresenta que o Cine tem 4 pisos acima da cota da soleira e 1 piso abaixo, segundo o observado no local. O item seguinte, B1.7, trata a altura do edificado. Neste item, vemos o valor 13,30m que se refere à altura da fachada Este do volume principal. A altura da caixa de palco, por outro lado, é de 19m. As medidas compreende-se entre a soleira e a extremidade da respetiva platibanda. No caso da primeira medida escolheu-se essa fachada do volume central, porque se observou uma altura constante no elemento, para além de se ter considerado das mais altas do conjunto.

A secção C. - Caracterização construtiva e alterações introduzidas, apresenta a questão construtiva do edifício. O conhecimento aprofundado que se quer alcançar com esta ficha passa por conhecer construtivamente o edifício. Os tópicos concernentes são alterados da FA para responder de forma concreta à tipologia em estudo. Por este motivo, elementos construtivos como as paredes "*em madeira, tabique*"[165], características da casa burguesa, são excluídos da listagem de materiais e, por outro lado, surge o betão.

A construção dos volumes dos cineteatros requer um material para conquistar os grandes vãos, as grandes aberturas que marcam as fachadas principais e até os elementos plásticos que desenham padrões geométricos e animam as fachadas cegas típicas da tipologia. Pode-se observar no Cine-Teatro São Pedro em Abrantes[166], os elementos verticais e horizontais salientes no volumoso corpo do edifício, que refletem a "*organização funcional interior*"[167], isto foi possível "*pela utilização de betão armado*"[168].

165. TEIXIRA, Joaquim, "Salvaguarda e valorização do edificado habitacional da cidade histórica, metodologia de intervenção no sistema constructivo da casa burguesa do Porto.", Porto: FAUP, 2013. P.198
166. Cine-Teatro São Pedro (1949), arq. Ruy Jervis d'Athouguia. "um grande volume cego onde se destaca (…) a marcação de três tramos por molduras verticais em elementos de betão" SILVA, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Op. Cit. P.123
167. Idem.p.123
168. LOPES, "O cine-teatro Rosa Damasceno o significado de uma intervenção". P. 26

Esta secção está dividida em 4 pontos. Os primeiros três pontos representam grupos de elementos construtivos, sendo que cada um apresenta dois subgrupos. O quarto ponto refere as alterações encontradas.

Em cada subgrupo encontram-se listas de materiais estruturais e de revestimento, os elementos que representam a imagem visual dos espaços. Estas características concedem um saber da estrutura e do aspeto, e oferecem uma perspetiva da imagem do património, sendo que o estado de conservação dos materiais assinalados nestes pontos será explorado na segunda Parte da Ficha.

O ponto C1. - Estrutura vertical - é representado pelos itens C1.1. - Paredes exteriores e C1.2. - Paredes interiores. O ponto C2. - Estrutura horizontal - é representado pelos itens C2.1 - Cobertura e C2.2 - Pavimentos/tetos entre pisos. O ponto C3. - Outros elementos - é representado pelos itens C3.1 - Escadas Interiores e elevadores e C3.2. - Caixilhos exteriores. A divisão por grupos de elementos construtivos considerou-se relevante para uma melhor compreensão do edificado.

O quarto ponto é o C4. - Integridade do Edifício - que pretende, tal como na FA, conferir uma indicação "*em relação à integridade e autenticidade do valor patrimonial do edificado*"[169]. Neste ponto é possível assinalar uma de quatro opções: sem alterações; sem alterações significativas; com alterações significativas; ou alterado.

No que diz respeito à secção C. verifica-se uma facilidade no preenchimento da Ficha visto que os materiais encontram-se expostos por serem de revestimento ou por serem visíveis devido ao desgaste dos revestimentos e aos danos nos espaços.

Em resposta ao ponto C1. e item C1.1. observa-se que a estrutura vertical das paredes exteriores é em alvenaria de pedra. Como se pode verificar nas fotografias 50 e 51, este material é visível nas fachadas Este e Norte do volume principal. Em termos de revestimentos exteriores, para além da cantaria, o edifício é "coberto" por reboco pintado (52). No entanto, a secção de fachada que corresponde ao restaurante e o muro que delimita a Sul a plataforma de entrada do Cine, são revestidos com cerâmica (53). Este último trata-se de um revestimento aplicado em 2017. Até então esta parte da fachada era tratada da mesma forma, com reboco pintado.

No item C1.2., que refere as paredes interiores, são apontados como materiais das paredes a alvenaria de tijolo, a alvenaria de pedra e o betão. Como revestimentos interiores assinalam-se

169. ORNELAS, "Reabilitação do património edificado: intervenção mínima e diferenciada como metodologia", Op. Cit. Ponto C7 - Integridade do Edificio - da FA. P. 141

54. Parede entre salas pequenas e zona técnica.

55. Parede entre zona técnica e teia.

56. Entrada.

57. Bar da piso 0.

58. Foyer da plateia.

59. Zona técnica nas águas furtadas.

60. Estrutura do palco, subpalco.

61. Laje de teto das salas de apoio.

a madeira, o estuque pintado, os azulejos/cerâmica, a pedra e o carpete. A alvenaria de tijolo observa-se principalmente nas paredes divisórias (54), o uso de alvenaria de pedra verifica-se na parede que divide a caixa de palco do resto do edifício (55) e na caixa de escadas, e o betão foi usado para vencer o vão da boca de cena.

O leque de revestimentos de paredes interiores é mais abrangente. A madeira é disposta em ripas verticais na zona de entrada (56), e também está presente no bar do piso 0 (57) e no balcão. Para além disso é usado de forma singular e horizontal cerca de 1,1m de altura a marcar as paredes dos foyers da plateia e balcão (58). Na entrada também se vê estuque pintado. Este revestimento é o mais utilizado neste edifício, como nas paredes dos camarins, na sala de jogos, nas caixas de escadas e na caixa de palco. A pedra, reveste na sua maioria o bar do piso 0, assim como grande parte do restaurante. A cerâmica está presente em todas as instalações sanitárias do edificado, sendo que os sanitários do volume principal estão cobertos por pastilhas. A carpete oferece um determinado conforto acústico, por este motivo preenche a maior parte das paredes da sala de espetáculos, assim como dos foyers e da escada do balcão.

No que concerne o item C2.1., analisam-se as coberturas dos volumes principal, dos camarins e do restaurante do Cine Aves, que são autoportantes. No caso do volume central, observa-se um sistema de asnas de madeira maciça, como mostra a imagem 59. Exteriormente encontra-se telha marselha e no interior é possível ver as telhas ou o forro da cobertura. A cobertura do restaurante mostrar o mesmo acabamento exterior, mas a estrutura não é visível no interior porque existe um teto revestido a estuque pintado que a esconde. O volume dos camarins apresenta uma cobertura plana revestida por lajetas de betão e a estrutura da cobertura também não é visível no interior.

Na avaliação que compete o item C2.2., que refere as estruturais horizontais, foi possível verificar estruturas de madeira, betão e ainda treliças metálicas no edifício. O primeiro tipo apresenta-se nas estruturas do palco e do balcão. Já na fotografia 61, nota-se a laje de betão que se encontra sobre a sala de projeção. Na zona técnica sobre a sala de espetáculos são colocadas treliças metálicas que suportam a estrutura do teto dessa sala, assim como as plataformas que facilitam a manutenção deste espaço. Os tetos deste edifício encontram-se revestidos por dois tipos de materiais: estuque pintado, como os camarins, e painéis quadrangulares numa estrutura de teto falso, como a sala de espetáculos.

62. Foyer do balcão.

63. Bar piso 0.

64. Instalação sanitário piso -1.

65. Bar/sala de jogos.

66. Passagem do foyer para a plateia.

Os revestimentos de pavimentos com os quais nos deparamos assemelham-se aos revestimentos das paredes, com a exceção do linóleo na sala de jogos (65). Neste campo apontam-se ainda a madeira (62), a pedra (63), a cerâmica (64) e, por fim, o carpete (66).

No item C3.1, aponta-se que as 3 escadas que o cineteatro apresenta têm estrutura de betão armado, sendo que a escada do balcão (68) é a única que se reveste de carpete, as outras duas são deixadas mais cruas apenas com betonilha pintada (69). No ponto C3.2, que diz respeito aos vãos do edifício, aponta-se que as portas são de uma (71) ou de duas folhas (70), e são constituídas de madeira ou ferro. No caso das janelas, aponta-se que são de correr, de batente ou fixas, e com caixilharia de madeira, alumínio ou ferro. As únicas portas exteriores de uma folha são as de entrada para o volume dos camarins e para o pátio anexo. Estas e as portas de emergência da sala de espetáculos e foyer da plateia são de madeira. Por outro lado, as portas da entrada principal e da caixa de escadas do volume central são de ferro. As janelas, como se verifica nas imagens 67, 72 e 73 são de abrir, fixas ou de correr, respetivamente. Também nestes elementos é usada madeira, como em todas as janelas dos camarins. Para além da madeira, encontra-se o alumínio, como nas janelas da sala de jogos. Por último, as janelas fixas que marcam verticalmente os alçados deste edifício são de ferro.

A terminar a secção C, em resposta ao ponto C4, deixa-se a observação que o objeto não aparenta ter alterações significativas[170]. Em termos arquitetónicos observa-se nos desenhos de 1982 as alterações ao desenho original, com especial atenção aos pisos 2 e 3 onde se localizava a geral da sala de espetáculos. Em termos construtivos o redesenho deste espaço é significativo. Contudo, a imagem exterior do edifico pouco sofreu com estas alterações sendo as modificações aos restantes espaços menores.

A secção D. - Identificação de características particulares do edifício - divide-se em três pontos. A conservação é o ponto de partida no prolongamento do tempo de vida do património. As particularidades de um edificado podem engrandecê-lo e determinar o seu valor. Os elementos relevantes de cada edifício são identificados pela "*comunidade cultural que o gerou e a cujo cuidado ficou*"[171]. Assim sendo, é necessário identificar que tipo de componentes se enquadram neste campo.

170. C4. Integridade do Edifício.

171. "Documento de Nara sobre a autenticidade (1994)", disponível in http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/ [consultado em 14-06-2018].

67. Camarim piso 1.

68. Escadas de acesso ao balcão.

69. Caixa de escadas.

70. Saida norte do alçado principal.

71. Portas de acesso ao volume dos camarins e pátio.

72. Janelas fixas da caixa de escadas.

73. Bar/sala de jogos.

D. Identificação de características particulares do edifício	
D1. Identificação de Elementos (com valor formal, estético e artístico) que revelem Interesse Patrimonial	
No exterior	
☒ Volumetria ☒ Fachada ☒ Caixilhos ☒Elementos ornamentais e decorativos	☐ Água furtada ☒ Varandas ☐ Cor ☐ Outro:
No interior	
☒Revestimento e acabamentos de paredes ☒ Revestimento de pavimentos ☐Tetos ☒Caixa de escadas	☐Caixilhos ☐Elementos ornamentais e decorativos ☐Outro:
D2. Valor Material, Técnico-construtivo	
Trabalhos de arte da:	
☒Cantaria ☐Marcenaria ☒Carpintaria ☐Estuque	☒Ferraria ☐Azulejaria ☐ Outros trabalhos de arte decorativa:
D3. Valor patrimonial	
☐ Pertencente a área protegida pela UNESCO ☐ Imóvel classificado ou em vias de classificação com valor histórico-cultural ☐ Imóvel inventariado ou identificado com interesse patrimonial ☒ Outro: Não classificado, mas com valor histórico, cultural e patrimonial.	

Quadro 4. Secção D. da Ficha de Avaliação do Estado de Conservação.

74. Cine Aves, 2019.

75. Escadas de acesso ao balcão.

76. Escadas de acesso ao balcão.

Esta secção apresenta os pontos D1. - Identificação de Elementos (com valor formal, estético e artístico) que revelem Interesse Patrimonial, D2. - Valor Material, Técnico-construtivo - e D3. - Valor patrimonial que dispõem vários elementos característicos do edificado, definindo à partida quais os relevantes para o definir e manter a identidade e autenticidade do cineteatro que se inspeciona. Existe em todos os campos a opção "Outro", visto a diversidade dos edifícios desta tipologia, consoante a época, região ou até elementos provenientes de alterações realizadas ao longo dos anos.

O ponto final da secção D. e Parte I, o ponto D3., retirado integralmente da FA[172], pretende apresentar a situação do imóvel em termos de classificação, ou seja, qual o nível de interesse público atribuído ao edifício no geral, já que apesar das diferentes tipologias, este ponto permanece intrínseco na perceção de qualquer património edificado.

No ponto D1 apontam-se como elementos com interesse patrimonial a volumetria, as fachadas, os caixilhos, os (poucos) elementos ornamentais e decorativos e a varanda. A volumetria deste tipo de equipamentos é muito característica, ajudando à identificação no meio urbano deste tipo de edificado. No caso do Cine Aves a relação entre os vários volumes separa-o visualmente dos edifícios da zona. Da mesma forma as fachadas deste equipamento sobressaem na imagem da rua 25 de Abril (74). A métrica atribuída e os elementos que compõem as fachadas, tais como os vãos, os elementos ornamentais e a varanda, representam a época na qual este edifício é criado.

Ainda no ponto D1. que também refere o interior do edifício, (apesar do estado lamentável no qual se encontra) foi possível apontar componentes interessantes e que concedem carácter aos espaços, como determinados revestimentos e acabamentos de parede, revestimentos de pavimentos e caixa de escadas. Dos materiais de revestimento sobressai a madeira que marca diversos espaços do Cine. O interior deste edificado é bastante simples e não ostenta elementos decorativos. Por outro lado, as escadas do balcão ou principais (75 e 76), surgem como um elemento marcante, que mostra o desenho do espaço interior e a relação dos dois níveis dedicados ao espetador.

No ponto D2 apontam-se os trabalhos de arte de **cantaria**, nas fachadas dos volumes principal e camarins, assim como de **ferraria**, nas guardas das janelas redondas na fachada principal e, para terminar, de **carpintaria**, no interior, nos vários elementos de madeira.

172. ORNELAS, "Reabilitação do património edificado: intervenção mínima e diferenciada como metodologia", Op. Cit. Ponto D1. Valor Patrimonial da Ficha de Avaliação. P. 143

O Cine Aves apresenta vários elementos que o realçam e caracterizam. A secção D vai ao encontro desta afirmação. O valor patrimonial associado neste momento ao cineteatro transcreve-se através do valor que tem para a comunidade próxima, da memória coletiva correspondente e mais uma vez ao lugar que ocupa na história da freguesia e na arquitetura do país. Por estes motivos, em resposta ao ponto D3, apesar de não estar classificado ou inventariado por uma entidade responsável, opta-se por afirmar que o Cine Aves tem valor histórico, cultural e patrimonial.

A Parte II desta ficha - Condições de segurança, uso e conforto do edifício, é representada por duas secções: E. - Identificação das condições de segurança - e F. - Identificação das condições de uso. A questão que é preponderante para qualquer ficha de avaliação relaciona-se com o estado físico da construção. Sendo assim, é importante perceber em que condição se encontram os materiais, quer estruturais, quer de revestimento. Para além disso, os itens incluídos questionam os espaços na perseverança de estipular os níveis de SCIE e de segurança de uso, assim como, as condições de acessibilidade ao e no edifício.

Nesta Parte da ficha, a forma de preenchimento altera-se sendo fornecidas três opções de resposta para cada item: Sim; Não e Não aplicável. As questões são formadas para que a opção "não" tenha conotação efetivamente negativa, assim percebe-se de imediato onde se encontram as problemáticas do edifício. No caso de um item não corresponder a nenhuma situação encontrada aponta-se "não aplicável", por exemplo, se não existir qualquer tipo de bar/ restaurante, o subitem F. do item E2.5. é "não aplicável".

O Cine Aves encontra-se encerrado e com falta de manutenção há algum tempo, por este motivo a Parte II ganha muita importância. Como já foi várias vezes dito, a preservação deste espaço não se tem mantido a melhor. Esta constatação levanta preocupações em relação ao objeto de estudo. Nesta Parte da Ficha iremos perceber como o estado dos elementos afeta uma normal e segura utilização dos espaços.

A secção E. é dividida em três pontos. Antes de mais, será constatável que as várias questões colocadas ao longo da ficha vão auxiliando no preenchimento das questões dianteiras, quer seja por já termos assinalado os materiais constituintes de determinados elementos, quer seja por já estarmos informados do estado desses elementos.

Parte II: Condições de segurança, uso e conforto do edifício			
E. Identificação das condições de segurança	Sim ☐	Não ☐	Não Aplicável ☐
E1. Segurança estrutural			
E1.1 - Estrutura Vertical			
Paredes			
Sem eliminação de elementos e/ou partes:			
. De paredes estruturais	☒	☐	☐
. De paredes não estruturais	☒	☐	☐
Ausência de fendas na ligação entre paredes transversais:			
. Entre paredes estruturais	☒	☐	☐
. Entre paredes estruturais e não estruturais	☒	☐	☐
. Entre paredes não estruturais	☒	☐	☐
Ausência de fendas diagonais passantes:			
. Em paredes estruturais	☐	☒	☐
. Em paredes não estruturais	☒	☐	☐
Ausência de deformação das paredes para fora do seu plano vertical (embarrigamento):	☒	☐	☐
. Em paredes estruturais	☒	☐	☐
. Em paredes não estruturais			
Ausência de degradação material:			
. Nas paredes estruturais	☐	☒	☐
. Nas paredes não estruturais	☐	☒	☐
Caixa-de-Escadas:			
. Sem deformações verticais	☒	☐	☐
. Sem vibrações excessivas	☒	☐	☐
. Sem degradação material	☐	☒	☐
. Com altura de mínima 2,40m	☐	☒	☐
E1.2 – Estrutura Horizontal			
Cobertura			
. Ausência de água	☐	☒	☐
. Sem degradação material	☐	☒	☐
Pavimentos e Tetos:			
. Sem deformações verticais do pavimento	☒	☐	☐
. Sem vibrações excessivas do pavimento	☒	☐	☐
. Sem degradação material ou deformação do teto	☐	☒	☐
E2 - Segurança contra incêndio			
Utilização-tipo: VI – Espetáculos e reuniões públicas			
E2.1 - Geral			
. Os elementos de sinalização e iluminação de emergência estão instalados corretamente e funcionais	☐	☒	☐
. Os meios de primeira intervenção (extintores e mangueiras) encontra em bom estado e devidamente colocados pelo edifício	☐	☒	☐
. As instalações de desenfumagem e admissão de ar estão funcionais e de acordo com questões atuais	☐	☒	☐
. Os elementos construtivos cumprem as especificações de resistência ao fogo, fumo e resistência térmica	☐	☒	☐
E2.2 – Paredes de empena			
. As paredes de empena separadoras de edifícios contíguos são de materiais resistentes ao fogo padrão necessário	☒	☐	☐
. As paredes de empena prolongam-se no mínimo 0,60m acima dos telhados	☒	☐	☐

Quadro 5. Parte II, Secção E - Itens E1 e E2 - da Ficha de Avaliação do Estado de Conservação.

O ponto E1 - Segurança estrutural - é representado pelos itens E1.1 - Estrutura Vertical - e E1.2 - Estrutura Horizontal, que vai de encontro à divisão realizada no ponto C1. da secção C. Apoiado no estudo realizado na MAPEH e exposto na FA, estes itens apresentam os critérios que correspondem a tipos de danos comuns em estruturas e materiais, desde deformações a degradações, permitindo "*avaliar as condições dos elementos*"[173] do edificado. As irregularidades encontradas no imóvel são identificadas e determinam a segurança estrutural do edifício, assim como ajudam a compreender melhor o nível de intervenção necessário.

O ponto E2 - Segurança contra incêndio - é dividido em cinco itens, E2.1 - Geral, E2.2 - Paredes de empena, E2.3 - Canalizações e condutas, E2.4 - Instalação Elétrica - e E2.5 - Compartimentação. Estes itens pretendem recolher questões gerais e particulares em relação às condições do edifício de acordo com a legislação que diz respeito à SCIE.

Para definir uma análise da SCIE é necessário estabelecer qual a tipologia tratada, sendo que no RJ-SCIE[174] são estabelecidas 12 utilizações-tipo (UT). Visto se tratar de uma ficha direcionada a cineteatros, em particular ao Cine Aves, toma-se a decisão de no início do ponto apontar-se diretamente a UT correspondente: UT VI - Espetáculos e reuniões públicas. O Capítulo IV da Portaria nº 1532/2008[175] trata singularmente desta tipologia.

"*f) Tipo VI espectáculos e reuniões públicas, corresponde a edifícios, partes de edifícios, recintos itinerantes ou provisórios e ao ar livre que recebam público, destinados a espectáculos, reuniões públicas, exibição de meios audiovisuais, bailes, jogos, conferências, palestras, culto religioso e exposições, podendo ser, ou não, polivalentes e desenvolver as actividades referidas em regime não permanente, nomeadamente teatros, cineteatros, cinemas, coliseus, praças de touros, circos, salas de jogo, salões de dança, discotecas, bares com música ao vivo, estúdios de gravação, auditórios, salas de conferências, templos religiosos, pavilhões multiusos e locais de exposições não classificáveis na utilização-tipo X*"[176]

Os itens E2.1, E2.2, E2.3 e E2.4, revelam as condições técnicas gerais do edificado. A importância desta problemática é clara na FA, mas a ideia é reforçada ao observar os

173. Idem. P.144

174. Decreto-Lei n.º 224/2015, *Regime Jurídico da Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RJ-SCIE)*. Op. Cit. "Este decreto-lei, que agora é publicado, engloba as disposições regulamentares de segurança contra incêndio aplicáveis a todos os edifícios e recintos, distribuídos por 12 utilizações-tipo"

175. Portaria n.º 1532/2008, *Regulamento Técnico de Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RT-SCIE)*. Op. Cit. Artigo 238 ao artigo 255.

176. Decreto-Lei n.º 224/2015, *Regime Jurídico da Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RJ-SCIE)*. Op. Cit. Capitulo II - Artigo 8.º - Numero 1.

E2.3 – Canalizações e condutas			
. As canalizações e condutas estão devidamente isoladas e protegidas através de ductos ou dispositivos de obturação automática	☐	☒	☐
E2.4 - Instalação Elétrica			
. Instalação Elétrica está em adequadas condições de funcionamento e manutenção (com o isolamento dos condutores elétricos não degradado; e sem pontos singulares que possam motivar acidentes de electrocução, explosão ou queimaduras)	☐	☒	☐
. Instalação elétrica é dotada de quadro com disjuntores diferenciais de proteção e possui ligação à terra	☒	☐	☐
E2.5 – Compartimentação			
A – Caixa-de-escadas e caminhos de evacuação			
. A caixa-de-escadas comum (integrada no caminho de evacuação) é construída com material incombustível	☒	☐	☐
. Existem canalizações ou cabelagem que não sejam estritamente necessárias para o uso da caixa de escadas	☒	☐	☐
. Possuem ventilação adequada	☐	☒	☐
. Possuem iluminação	☐	☒	☐
. Estão em condições de circulação e desobstruído	☐	☒	☐
B – Sala de espetáculos			
. Possui iluminação ambiente de balizamento da circulação	☐	☒	☐
. A distância entre cadeiras e filas de cadeiras, assim com o número de cadeiras por fila estão de acordo com o necessário para garantir uma segura evacuação	☐	☒	☐
C – Teia e zona do palco			
. Existe e está em boas condições uma grade de proteção dos contrapesos no palco	☐	☒	☐
. A boca de cena está dotada de sistema de cortina de água funcional	☐	☒	☐
. As cortinas para obturação de cena e tela estão em bom estado e são constituídas por materiais da classe de reação ao fogo mínima exigida	☐	☒	☐
D – Sala de projeção			
. Os equipamentos técnicos estão devidamete protegidos, não provocando acidentes por electrocutação	☒	☐	☐
E – Postos de Segurança			
. Têm visão desimpedida da zona do palco e estão operacionais	☐	☒	☐
F – Bar/Restaurante			
. Os equipamentos eletrodomésticos estão devidamente protegidos, não provocando acidentes por electrocução	☐	☒	☐
E3. Segurança no uso normal			
E3.1 - Portas e Janelas			
. As portas de entrada e de todos os compartimentos do edifício são sólidas e seguras, e abrem e fecham, num ângulo de 90.º, sem recurso a força excessiva	☐	☒	☐
. As portas e janelas têm bom funcionamento e não apresentam degradação material	☐	☒	☐
. As portas têm um vão útil mínimo de 0,87m	☒	☐	☐
E3.2 - Pavimentos:			
. Os desníveis de piso estão protegidos com guarda-corpos (escadas, varandas, balcões e outros locais sobrelevados)	☐	☒	☐
. Os revestimentos dos pavimentos apresentam superfície regular (sem buracos ou aberturas perigosas)	☒	☐	☐

Quadro 6. Secção E. - Itens E2. e E3. - da Ficha de Avaliação do Estado de Conservação.

pontos 7 e 8[177] da Ficha de segurança contra incêndios da ANPC, sendo que esta é "*aplicável às Utilizações-Tipo: I a III e VI a XII*"[178]. Estes itens pretendem sintetizar quais as particularidades a ter atenção para a compreensão do estado de utilização dos espaços em análise no âmbito da SCIE. Por este motivo, são referidos os elementos de sinalização, desenfumagem, de primeira e segunda intervenção, assim como é posto em causa o estado das canalizações e da instalação elétrica.

É importante relembrar a Secção B. da Ficha, onde são estabelecidas as medidas do edificado, a sua altura e a sua relação com edifícios próximos, visto que são necessárias essas informação para perceber se as paredes de empena (E2.2.) estão de acordo com o estipulado no Artigo 9º[179] da já mencionada Portaria, por exemplo.

O item E2.5., é representado por 6 espaços distinguidos pelas letras de A a F: A - Caixa-de-escadas e caminhos de evacuação, B – Sala de espetáculos, C – Teia e zona do palco, D - Sala de projeção, E - Postos de Segurança - e F - Bar/Restaurante. Considera-se importante uma perceção das particularidades da compartimentação da UT. Os espaços interiores de qualquer tipo de edificado têm que responder às necessidades dos seus usuários no caso de incêndio, sendo as caixas de escadas e caminhos de evacuação os elementos constantes nas várias UT. Numa casa de espetáculos os espaços salientados na legislação correspondem à sala de espetáculos, à caixa de palco, à sala de projeção e aos postos de segurança. Como é usual nos equipamentos deste género a existência de espaços de restauração, neste ponto é incluída uma advertência para a situação: F - Bar/Restaurante, destacando a importância do bom estado de equipamentos eletrodomésticos, visto o risco que estes posam para o edificado quando mal mantidos.

O ponto E3 - Segurança no uso normal - é representado pelos itens E3.1 - Portas e Janelas e E3.2 – Pavimentos. De forma a completar a análise relativa à segurança do edificado são apontados os elementos menores para uma segura utilização dos vários espaços. Os pontos apresentados são suportados pelo estudo do Decreto-Lei (DL) 163/2008[180]. O objetivo deste decreto é "*garantir e assegurar os direitos das pessoas com necessidades especiais*"[181] através de medidas que contribuam para facilitar a usabilidade de um espaço. Deparamo-nos

177. *Ficha de Segurança Contra Incêndio*. Op. Cit. Ponto 7- Instalações Técnicas do edifício e ponto 8 – Equipamentos e sistemas de segurança dos edifícios.

178. Idem.

179. Portaria n.º 1532/2008, *Regulamento Técnico de Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RT-SCIE)*. Op. Cit. Art. 9º - Paredes de Empena; Numero 1 - As paredes exteriores da empena devem garantir uma resistência ao fogo padrão da classe EI 60 para edifícios de altura inferior ou igual a 28 m ou da classe EI 90 nas restantes situações, excepto se for exigível uma classe mais gravosa devido às utilizações-tipo do edifício.

180. Decreto-Lei n.º 163/2006, *Regime da acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais,* Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, 8 de Agosto de 2006.

181. Idem. P. 5670

com aspetos, que são necessários garantir para evitar qualquer tipo de incómodo e/ou acidente no uso normal do edifício. O item E3.1 pretende esclarecer qual o "*estado de conservação e* [correto] *funcionamento das portas e janelas*"[182]. No item E3.2 deve-se indicar a existência ou não dos guarda-corpos necessários, como o "*reforço da coxia com guarda contra perigo de queda*"[183] ou "*reforço da guarda em altura* [nos balcões], *não prejudicando a visibilidade do espectador*"[184]. Para além das questões mais simples aplicáveis a outros tipos de equipamento, como a regularidade dos pavimento, uma questão indiscutivelmente pertinente para a avaliação de um edificado. As condições necessárias para uma correta instalação dos elementos supracitados são explicitadas no Anexo do referido DL como, por exemplo, a força máxima que se deve exercer na abertura de uma porta[185] ou as características dos revestimentos dos pavimentos[186].

Em relação ao ponto E1 que trata a segurança da estrutura vertical e horizontal do Cine Aves, foram identificadas facilmente as zonas com anomalias. Em relação à estrutura vertical (E1.1) é indicado que o edifício apresenta as paredes interiores e exteriores intactas, no entanto observa-se a criação de fendas diagonais passantes em certas paredes estruturais. No que diz respeito a problemáticas como o "embarrigamento" ou deformação, foi observado que não se manifestam em nenhum tipo de parede. No que toca a revestimentos de paredes, é seguro afirmar que quase nenhum se encontra num estado aceitável. Quer as paredes estruturais quer as não estruturais apresentam algum tipo de defeito no revestimento. Através de uma simples e rápida observação foi possível comprovar este fato, como se vê nas imagens 80 e 78 que representam o volume dos camarins e da teia. Em relação à estrutura horizontal (E1.2), chega-se à mesma conclusão: os revestimentos estão degradados. No edifício em geral,

182. ORNELAS, "Reabilitação do património edificado: intervenção mínima e diferenciada como metodologia", Op. Cit.

183. IGAC, "Recintos de Espetáculos de Natureza Artistíca", 2017, disponível in https://www.igac.gov.pt/documents/20178/621837/pps_seminario_coimbra_30_06_2017/4cb47e6e-e584-4c1b-98d2-7703da0b50ae [consultado em 02-07-2018].

184. Idem.

185. *Anexo - Normas técnicas para melhoria da acessibilidade das pessoas com mobilidade condicionada*. Capitulo 4 – Secção "4.9.13 - A força necessária para operar as portas interiores, puxando ou empurrando, não deve ser superior a 22 N, excepto no caso de portas de segurança contra incêndio, em que pode ser necessária uma força superior."

186. Idem. Capitulo 4, Secção "4.7.1—Os pisos e os seus revestimentos devem ter uma superfície: 1) Estável—não se desloca quando sujeita às acções mecânicas decorrentes do uso normal; 2) Durável—não é desgastável pela acção da chuva ou de lavagens frequentes; 3) Firme—não é deformável quando sujeito às acções mecânicas decorrentes do uso normal; 4) Contínua—não possui juntas com uma profundidade superior a 0,005 m."

foram observados danos causados por água, em especial na cobertura e nas zonas abaixo da cota 0. Por outro lado, não se registam deformações ou vibrações excessivas do pavimento.

O ponto E2. marca antes de mais que o Cine Aves é um equipamento da UT VI como indicado na ficha. Os pontos itens deste ponto revelaram não corresponder aos parâmetros avaliados. Em primeiro, no item E2.1, apesar de ainda sobreviver alguma sinalética de emergência (83 e 84), assim como meios de primeira intervenção[187] (81 e 82) no edifício, a maior parte destes elementos estão mal colocados, sendo que todos se encontram em mau estado e/ou não funcionais. De seguida, verificou-se que a respeito de resistência ao fogo, fumo e calor resultante, em termos gerais, o edifício não responderia ao necessário em caso de incêndio, visto que os materiais de revestimento e as portas não se encontram em bom estado. Por outro lado, no item E2.2, que refere as paredes de empena, observou-se que visto serem paredes compostas por alvenaria de pedra, um material não combustível, e as platibandas correspondentes prolongarem-se no mínimo 60cm acima dos telhados, que se encontram em concordância com a legislação.

No item E2.3, quanto às canalizações e condutas é dúbia a existência da devida proteção e dispositivos de obturação automática, apesar de aparentarem boas condições em termos gerais. Assim como, por último, a instalação elétrica, o item E2.4. Podemos ver que existem fios desordenados na zona de palco e fios não protegidos numa das paredes do foyer da plateia. No entanto, é possível perceber através dos documentos fornecidos pela IGAC que existe de facto a ligação à terra da instalação elétrica[188].

No ponto E2.5 compreende-se uma observação sobre determinados espaço do Cine Aves de forma singular. As vias horizontais e verticais de evacuação[189](A) no edifício inspecionado mostram algumas falhas. O lixo que se encontra no edifício não permite uma circulação normal e segura pelos espaços, para além disso estes caminhos e acessos não estão equipados com a devida ventilação e iluminação que permita uma correta e segura ação em caso de incêndio. Bem como a sala de espetáculos (B) com atenção a zona mais danificada: a plateia. Esta também se encontra com estragos nos pontos de iluminação e repleta de estruturas deixadas pelos antigos arrendatários no palco e no lugar das cadeiras da plateia, que estão "armazenadas" no subpalco. Por este motivo, apenas é possível verificar as cadeiras do balcão,

187. Decreto-Lei n.º 224/2015, *Regime Jurídico da Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RJ-SCIE)*. Op. Cit. Capitulo V – Secção I - Meios de primeira intervenção

188. Doc.82-84, Op. Cit, IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.

189. Decreto-Lei n.º 224/2015, *Regime Jurídico da Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RJ-SCIE)*. Op. Cit. Título IV – Capítulo III e IV

77. Pormenor do alçado principal.

78. Pormenor do encontro entre o volume principal (e caixa de palco) e o dos camarins.

79. Caixa de escadas e porta de acesso a uma i.s.

80. Fachada poente parcial do volume dos camarins.

81. Passagem do palco para o volume dos camarins.

82. Boca de incêndio, foyer da plateia.

83. Sinalética de emergência, porta da fachada.

84. Sinalética de emergência e quadro técnico, bilheteira.

85. Compartimento técnico do palco.

86. Grelha de ventilação do foyer da plateia.

87. Zona atrás da tela no palco. Parede nascente, teto falso do palco e estrutura da tela.

88. Componentes técnicos na parede sul do palco.

dispostas em 6 filas de 11, 12 (4x) e 9, em ambos lados da coxia central. Segundo a Portaria nº 1532/2008, entre coxia e parede as filas só podem ter oito cadeiras[190], a não ser que se cumpram determinadas exigências em termos de distâncias entre cadeiras e largura da coxia, das quais o balcão do Cine Aves cumpre uma, porque a coxia apresenta uma largura superior a 2 Unidades de Passagem (2UP)[191], 1,4m.

De seguida, em resposta a C as imagens 87 e 88 mostram que a caixa de palco está a desrespeitar as medidas de segurança pois os contrapesos não estão protegidos corretamente e não há um sistema de cortina de água na boca de cena. As cortinas existentes, que se observaram ao longo das várias imagens neste trabalho também não estão a obedecer à legislação em vigor, visto que não se encontram seguras corretamente.

A sala de projeção (D) muito pelo facto do equipamento não ser o mais atual, não apresenta as melhores condições de segurança. Tal como o (suposto) posto de segurança (E) ao qual nem se quer se tem acesso porque a porta não abre, o que automaticamente o sinaliza como não operacional.

Para terminar a análise da Compartimentação resta a questão F- Bar/Restaurante, na qual se concluiu que os dois espaços de bar do Cine Aves têm problemas de segurança, sendo mais preocupante, os problemas do bar/sala de jogos do piso 2. O restaurante que pertence ao equipamento, é independente em termos de funcionamento, e está aberto ao público. Neste caso assume-se que esteja de acordo com a legislação em vigor. Por este motivo, as opções "não" relativamente a eletrodomésticos e sistemas associados referem-se apenas ao bar (piso 0) e bar/ sala de jogos (piso 2).

Na seção E3, os resultados também não correspondem às questões avaliadas. Nestes pontos relembramos alguns pontos anteriores. O facto de uma porta do interior do edificado não abrir, a do posto de segurança, indica não são cumpridas as disposições no primeiro item, o E3.1. Todavia, não é um caso singular. A saída de emergência da plateia é outro exemplo, pois não é fácil de abrir, assim como quase todas as portas exteriores. O motivo aparenta ser a falta de uso e limpeza, o que cria entraves na abertura dos vãos. Os outros vãos neste edifico, seguem esta diretriz. As janelas manifestam a degradação do material dos caixilhos e, em alguns casos, vidros partidos, especialmente as janelas fixas.

190. Portaria n.º 1532/2008, *Regulamento Técnico de Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RT-SCIE)*. Op. Cit. Art.º 53 – nº5 e nº6

191. Idem. Art.º 53 – nº5 e nº6 . 2UP=1,40m

No item E3.2. é assinalado que os desníveis no pavimento não estão completamente protegidos. Observou-se uma situação simples na zona da plateia como mostra a imagem 95, mas também uma situação mais gravosa, no caso do balcão (92) deste cineteatro.

Na Secção F os pontos são cinco. Esta secção cobre diversas áreas com o objetivo de esclarecer as condições oferecidas ao público. Esta é a última linha de preocupações em relação ao edificado. Pretende-se mostrar se um equipamento está realmente apto à receção de qualquer atividade sob um normal e correto funcionamento.

O primeiro ponto, F1- Dimensões e funcionalidade, trata-se de uma pergunta generalizada a todos os espaços essenciais do edifício avaliado, onde rapidamente fica percetível se, em termos gerais, os compartimentos estão aptos ao que lhes compete. Apenas apresenta um item: F1.1 - Dimensões de compartimentos. Deve-se verificar se os camarins estão em concordância com as atuais necessidades ou se a sala de projeção tem capacidade para incluir os equipamentos necessários, assim como, aferir a existência e correta disposição de todo o tipo de instalações sanitárias, tendo atenção às dimensões de cada espaço.

O ponto F2 - Higiene, saúde e conforto é dividido em três itens. Este ponto pretende definir o nível de salubridade dos espaços, as condições de higiene, saúde e conforto que são fulcrais para o bem-estar de um utilizador. O item F2.1 - Ventilação, Iluminação e Higiene - aponta as condições do edifício que se classificam pela existência de luminosidade natural, sendo que há espaços que a dispensam, como o palco. Para além do bom comportamento de elementos como portas e janelas e a ventilação necessária a cada espaço. No item F2.2 - Comportamento à Humidade - é importante para apontar as lacunas, caso se verifiquem, na "*proteção contra a humidade*"[192] e averiguar quaisquer danos provenientes de tais falhas. Por fim, o item F2.3. - Outros. Um imóvel, quer seja pelos danos que apresenta, quer pelo período no qual se encontra encerrado, quer por ambos os motivos, fica vulnerável à degradação e a proliferação de lixos e pragas, que são apontadas neste item.

O ponto F3- Instalações no edifício - é representado por 5 itens: F3.1 - Instalação/ Distribuição de Água Fria, F3.2 - Equipamento de Produção de Água Quente, F.3.3 - Sistema de Drenagem de Águas Residuais - e F3.4 - Sistema de Drenagem de Águas Pluviais - que completam a análise anterior expondo as condições das instalações, equipamentos e sistemas de águas. É clara, em todas as fichas estudadas, a relevância das "*exigências funcionais*"[193]

192. Decreto-Lei n.º 290/2007, *Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU)*. Capitulo III, Art.º 23.

193. PEDRO, "Método de avaliação das necessidades de reabilitação. Desenvolvimento e aplicação experimental.", Op. Cit.

F. Identificação das condições de uso			
F1. Dimensões e funcionalidade			
F1.1 - Dimensões de compartimentos			
. Os compartimentos existentes cumprem as dimensões adequados para o seu uso e estão em conformidade com a legislação em vigor, inclusive as condições de acessibilidade	☐	☒	☐
F2. Higiene, saúde e conforto			
F2.1- Ventilação, Iluminação e Higiene			
A - Nos compartimentos em geral:			
. Os compartimentos do edifício que precisam têm iluminação natural	☒	☐	☐
. Os compartimentos do edifício que precisam têm ventilação natural	☒	☐	☐
. As janelas e portas são resistentes ao vento e não deixam entrar corrente de ar	☐	☒	☐
B - Nas instalações sanitárias:			
. Possuem um sistema de ventilação mecânico	☐	☒	☐
. Não estão em comunicação direta com os outros compartimentos do edifício	☒	☐	☐
C - Nas cozinhas (restaurante/copa do bar):			
. Existe uma conduta de evacuação de fumos funcional	☐	☒	☐
. Existe admissão de ar por condutas, aberturas permanentes ou janelas que permitam ventilação direta do exterior	☐	☒	☐
F2.2 – Comportamento à Humidade			
. Ausência de infiltrações provenientes dos vãos, paredes, coberturas e terraços	☐	☒	☐
. Ausência de infiltrações provenientes de fugas das canalizações	☒	☐	☐
. As paredes dos pisos térreos não possuem humidades provenientes do solo	☒	☐	☐
Ausência de bolores e manchas provenientes de condensações superficiais	☐	☒	☐
F2.3 - Outros			
. Ausência de lixo, roedores ou pragas nos compartimentos	☐	☒	☐
F3 – Instalações no edifício			
F3.1 - Instalação/Distribuição de Água Fria			
. Está em adequadas condições, abastece água potável e não é composta por canalizações de chumbo	☐	☒	☐
F3.2 - Equipamento de Produção de Água Quente			
. Existe, está em adequadas condições e assegura a distribuição de água quente	☐	☒	☐
F.3.3 - Sistema de Drenagem de Águas Residuais			
. Está em adequadas condições de funcionamento, ligado à rede pública (ou sistema simplificado de drenagem)	☒	☐	☐
F3.4 - Sistema de Drenagem de Águas Pluviais			
. Está em adequadas condições funcionamento	☒	☐	☐

Quadro 7. Secção F. - Itens F1., F2 e F3. - da Ficha de Avaliação do Estado de Conservação.

F4– Acessibilidade ao e no edifício			
F4.1 – Caixa-de-escadas			
. A largura do lance de escada tem largura mínima necessária à evacuação do efetivo correspondente	☒	☐	☐
. A altura ao longo das escadas é constante	☐	☒	☐
F4.2 - Nos pisos			
. Nos pisos do edifício é possível aceder pelo menos a um compartimento/divisão e a uma instalação sanitária com uma cadeira de rodas	☐	☒	☐
. Existe um percurso completamente acessível a pessoas com mobilidade reduzida	☐	☒	☐
. Os corredores têm largura mínima de 1,20m	☒	☐	☐
F4.3 – Entrada e Átrio			
. O espaço exterior que antecede a entrada do edifício tem desníveis vencidos por rampas	☐	☒	☐
. No átrio existe espaço para efetuar uma manobra de 360º com cadeira de rodas	☒	☐	☐
. O mobiliário de atendimento ao público está adequado a pessoas com mobilidade reduzida	☐	☒	☐
F4.4– Sala de espetáculos			
. Os lugares reservados a pessoas com mobilidade reduzida representam a percentagem necessária consoante a capacidade da sala	☐	☒	☐
. Os lugares reservados a pessoas com mobilidade reduzida encontram-se distribuídos pela sala e em piso horizontal	☐	☒	☐
F5. Estado de conservação			
☐Bom; ☐ Razoável; ☒Mau; ☐Muito Mau			

Quadro 8. Secção F. - Item F4. - da Ficha de Avaliação do Estado de Conservação.

89. Subpalco.

90. Corredor salas do último piso.

91. I.S. masculina do piso -1.

92. Guarda do balcão.

93. Janelas fixas da caixa de escadas.

94. Bar da sala de jogos.

95. Passagem da plateia para o foyer.

para um bom funcionamento das diversas instalações, visto estas serem a base do conforto em qualquer tipo de edificado.

O ponto F4 - Acessibilidade ao e no edifício - representa o último tema desta ficha, a acessibilidade, e inclui os itens F4.1 - Caixa-de-escadas, F4.2 - Nos pisos, F4.3 - Entrada e Átrio - e F4.4 - Sala de espetáculos. O ponto pretende mostrar se o edificado está preparado para receber corretamente uma pessoa com mobilidade condicionada. As questões incorporadas neste pontos têm por base o DL n.º 163/2006[194] e concluem a compreensão do edificado nas várias valências exploradas através dos elementos relevantes para um plano de acessibilidade. O percurso acessível[195] é o elemento chave desta análise.

"*Os edifícios e estabelecimentos devem ser dotados de pelo menos um percurso, designado de acessível, que proporcione o acesso seguro e confortável das pessoas com mobilidade condicionada entre a via pública, o local de entrada/ saída principal e todos os espaços interiores e exteriores que os constituem.*"[196]

Em conclusão da secção e Ficha, apresenta-se o ponto F5. - Estado de conservação. Consoante as informações retiradas ao longo da ficha, seleciona-se uma das quatro opções: bom; razoável; mau ou muito mau. Esta escolha serve de resumo e rápida apreciação do estado de conservação do edifício. Sendo assim torna-se percetível de forma o mais aproximada possível, se o edifício está em necessidade de elevada intervenção ou apenas de uma manutenção mais profunda. Estes quatro níveis são abrangentes, visto não se recorrer a um cálculo para a seleção de um deles, como noutras fichas referidas. No entanto, podemos encurtar a subjetividade destas opções, declarando que tudo que envolva questões simplesmente estéticas e/ou higiénicas se enquadra no "bom" ou "razoável" e, a partir do momento que nos deparamos com falhas graves na resposta à legislação atual, juntamente com as questões anteriores, a situação escala para o "mau". A ultima opção, "muito mau", é reservada para quando nos deparamos com o acréscimo de danos estruturais elevados.

A secção F permite o estudo da usabilidade do edifício. A importância deste ponto cai sobre a avaliação da segurança e acessibilidade encontrada, ou não, no cineteatro. No entanto, também completa a perceção no que diz respeito à higiene e conforto dos seus elementos. Este

194. Decreto-Lei n.º 163/2006, *Regime da acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais*. Op. Cit.

195. *Anexo - Normas técnicas para melhoria da acessibilidade das pessoas com mobilidade condicionada*. Op. Cit. Percurso Acessível: Secções 1.1 e 2.1; e Capitulo 4.

196. Idem. Capitulo 2, Secção 2.1 – Percurso acessível; Ponto 2.2.1.

leque de tópicos, que se mostram de seguida ajudam-nos a fechar o círculo de estudo do estado de conservação e segurança do Cine Aves.

O ponto F1, o primeiro da secção F, é bastante abrangente. A observação de cada espaço deste cineteatro foi realizada com atenção, principalmente no que diz respeito às medidas apresentadas por cada um. Por este motivo, foi possível assinalar o "não" em resposta ao item F1.1. Apesar de alguns espaços corresponderem às expetativas em termos de dimensão, como a entrada principal, a maior parte não tem o que é necessário para receber pessoas com dificuldades motoras.

Os itens do ponto F2 referem-se à higiene, saúde e conforto. Em primeiro lugar, em resposta ao item F2.1, observa-se os compartimentos do edifício. Na questão A é assinalado que os compartimentos que precisam, tem efetivamente iluminação natural, assim sendo também é garantida a ventilação natural nos locais necessários. No entanto, na questão B, visto que alguns vãos não se encontram na melhor condição, como apontado no ponto E3.1, são criadas correntes de ar indesejadas. Ainda no tema da ventilação, agora mecânica, observa-se que nas instalações sanitárias dos camarins há falta da mesma. Assim como, nos bares do piso 0 e 2. Percebe-se neste ponto como todas as conclusões retiradas até então na Ficha nos serviram para responder de forma informada e apoiada às questões apresentadas. Nas questões concernentes ao item seguinte, F2.2, observa-se no Cine Aves marcas de infiltração de água nas escadas de acesso à instalação sanitária masculina no piso -1, no piso -1 dos camarins e no subpalco, que inevitavelmente criaram bolores e manchas. No ponto F2.3 assinala-se que há lixo e pragas nos compartimentos do edifício. O Cine Aves apresenta lixo em diversos compartimentos e pragas, neste caso pombas, apenas nas salas do último piso do cineteatro.

No ponto F3 não é possível afirmar seguramente se as canalizações de água estão em boas condições, no entanto, em termos gerais não há indícios do contrário. Não obstante, tem-se acesso ao depósito e bomba de água, e neste caso observa-se que estes elementos não apresentam as condições ideais. Por estas razões, os pontos F3.1 e F3.2 estão assinalados com o "não", sendo que o abastecimento e aquecimento de água ficam comprometidos segundo a última observação. Por outro lado, é possível afirmar que os sistemas de drenagem de todo o tipo de águas encontram-se funcionais e ligados à rede pública.

No ponto F4 a questão da degradação do edifício é colocada de parte e há um foco na configuração dos espaços. No item F4.1 vemos que a largura dos acessos verticais corresponde à necessária, no entanto, as alturas, nomeadamente dos lanços da caixa de escadas do volume principal, não são constante nem confortáveis, sendo registadas alturas de 2,15m a 3,15m. No caso do Cine Aves não há elevador, como constatado no ponto C3.1 logo o acesso aos pisos superiores não é possível para pessoas com mobilidade reduzida. No item F4.2 encontramos outra questão à qual este cineteatro não responde, a questão das instalações sanitárias acessíveis, pois não se constata em nenhum piso uma casa de banho com as medidas e/ou os apoios correspondentes a este tipo de instalação. Ainda no item F4.2 marca-se que de facto não se apresenta qualquer caminho acessível no Cine Aves, mas que os corredores apresentam uma largura igual ou superior a 1,20m.

No item F4.3 marca-se, segundo o observado no local, que há impedimentos físicos no acesso exterior ao edifício, nomeadamente escadas. Neste item acrescenta-se o facto do mobiliário de atendimento ao público também não estar apto a servir pessoas com mobilidade reduzida. No último item do ponto F4, o item F4.4, aponta-se que não há lugares reservados a pessoas com mobilidade reduzida, visto que nem sequer há lugares na plateia da sala de espetáculos.

As informações retiradas desta ficha levam à escolha da opção "mau" estado de conservação no último ponto da Ficha, o ponto F5.

O Cine Aves não cumpre os requisitos em avaliação na Parte II da Ficha, sendo que a Parte I serviu para indicar os elementos e materiais do edifício. São notáveis as marcas deixadas pelo tempo e pelo incorreto uso dos espaços do Cine. Os danos em geral são a um nível superficial, ou seja, de revestimentos. No entanto, há pontos que levantam preocupações. No contexto atual, é importante perceber onde se encontram as falhas cruciais a corrigir, para que se tomem decisões assertivas na concretização de um anteprojeto.

O ponto E1. - Segurança estrutural, que inicia a segunda parte da ficha, apresenta-se como o ponto que melhor cumpre as questões avaliadas na ficha, sendo que em termos estruturais o Cine Aves se apresenta em boas condições. No entanto, regista-se que os revestimento apresentam muitos danos. No resto da Parte II nota-se a marcação da opção "não" de forma substancial.

É relativamente fácil afirmar que o Cine Aves não se encontra de acordo com a legislação em vigor no que diz respeito à SCIE, visto que está encerrado há muito tempo. Através do ponto E2 obtêm-se a confirmação deste facto. O edifício não está preparado para responder à SCIE nem em termos preventivos nem em caso de evacuação. A maior parte das questões impostas pela legislação sobre esta problemática não se cumprem, como por exemplo, o facto de não existir ou não estar operacional a iluminação de emergência. Isto é agravado quando simples questões de segurança no uso normal, apontadas no ponto E3, não são correspondidas. Sobre o tema de seguração ao uso, indicaram-se as falhas no funcionamento das portas e na proteção

96. Corredor do piso -1 dos camarins.

97. Patamar do piso 2 da caixa de escadas.

98. Pormenor do degrau das escadas de acesso ao piso -1.

99. Parede das escadas de acesso ao piso -1.

100. Camarim do piso -1.

101. Teto dos arrumos da sala de jogos..

102. Passagem da plateia para o foyer da plateia.

103. Escadas de acesso ao palco.

104. Teto do palco.

dos desníveis, estas questões aludem também à questão do percurso de evacuação da SCIE. O confortável uso do edifício também é afetado pelo facto da caixa de escadas do volume principal, para além de mostrar degradação de material, não responde a uma altura constante e confortável.

A falta de manutenção, o incorreto uso dos espaços e a água são as principais causas dos danos apresentados. O espaço mais afetado é a sala de espetáculos, principalmente a zona da plateia e do palco, como mostram as imagens 102, 103 e 104. Para além da sala, são consideráveis os danos no foyer da plateia, na sala de jogos, nas salas do último piso e caixa de escadas do volume principal. No que diz respeito à higiene, saúde e conforto do Cine Aves, observe-se que o edifício não cumpre os requisitos em avaliação na maioria dos itens. Uma das causas dos danos exibidos é a água, como referido anteriormente, em forma de humidade, infiltrações e inundação no caso do piso -1 dos camarins e subpalco, onde foram usadas as almofadas das cadeiras pertencentes à plateia no chão para evitar andar na água (96). A humidade e as infiltrações aparecem principalmente na parede interior das escadas que guiam aos sanitários do piso -1 (98 e 99) e nos tetos do segundo piso (101), que estão em contacto com o espaço da cobertura. A cobertura, tendo telhas a vista, é normal não estar protegida da ação das chuvas, o que leva aos danos nos tetos supracitados. Os pavimentos são os que menos sofrem, apesar do desgaste ser visível, na zona da plateia e palco. A humidade é um problema em qualquer tipo de edificado, e pode trazer muitas consequências. Para além dos danos diretos que a água causou, com o passar do tempo e a falta de manutenção, isto traduziu-se em bolores e manchas nos ditos revestimentos. No entanto, é importante referir que nenhum destes componentes apresenta um risco à integridade construtiva do edifício.

Também se apontaram falhas em termos de ventilação e higiene no edifício. A ventilação do Cine Aves precisa de ser revisada e atualizada, muitos espaços não respondem corretamente a esta questão. O lixo deixado pelos antigos inquilinos encontra-se em praticamente todos os compartimentos. A última causa da degradação dos espaços neste edifício deve-se ao fato da existência de pombas nas salas do último piso. Esta zona é quase inacessível, devido à sujidade criada pelos animais e pela presença dos mesmos na zona, como se observa na imagem 97.

Para terminar, é importante referir que o Cine Aves não está preparado para receber pessoas com mobilidade reduzida como se constata no ponto F4, sendo que não apresenta sequer um percurso completamente acessível, nem instalações sanitárias acessíveis. O acesso ao edifício é realizado por uma plataforma elevada do passeio. A única forma de acesso a esta elevação são escadas. A secção sobre acessibilidade termina com a observação do espaço principal desta tipologia: a sala de espetáculos. Os lugares reservados a pessoas com mobilidade reduzida devem ser contabilizados consoante o número total de lugares da sala. No Cine Aves não podemos

observar isto porque não há de todo lugares na plateia. No entanto, sabe-se que este número se concentra entre 201 e 500 logo, segundo a legislação, a percentagem de lugares reservados deve ser de 2% do total[197]. É importante referir que estes lugares devem-se localizar em piso nivelado e distribuídos pela sala.

Conclui-se que o edifício inspecionado necessita de intervenção, não apenas por não estar apresentável, mas também por não responder em termos de segurança contra incêndios e segurança no uso normal. O estado atual do Cine Aves não permite que seja aberto ao público. Para que isto aconteça é necessário corrigir os danos listados nesta avaliação. Em termos projetuais há uma serie de passos a tomar, sendo que o primeiro se realiza com esta ficha, a compreensão física do edificado, tendo atenção às suas particularidades técnicas, construtivas e arquitetónicas do património. É partir destas conclusões que se regem os próximos passos. Contudo, é importante relembrar que todo o conhecimento social e cultural relacionado com este edifício, até aqui adquirido, forma outro grande apoio na realização de um projeto de reabilitação para o Cine Aves.

197. Decreto-Lei n.º 163/2006, *Regime da acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais*. Op. Cit.

"É *vital a compreensão do papel que tiveram, têm e poderão vir a ter enquanto equipamento público na cidade incluindo-os e utilizando-os como função participativa, para além de representativa, formal, ou histórica, sempre frágeis e novamente indutoras de decadência*"[198]

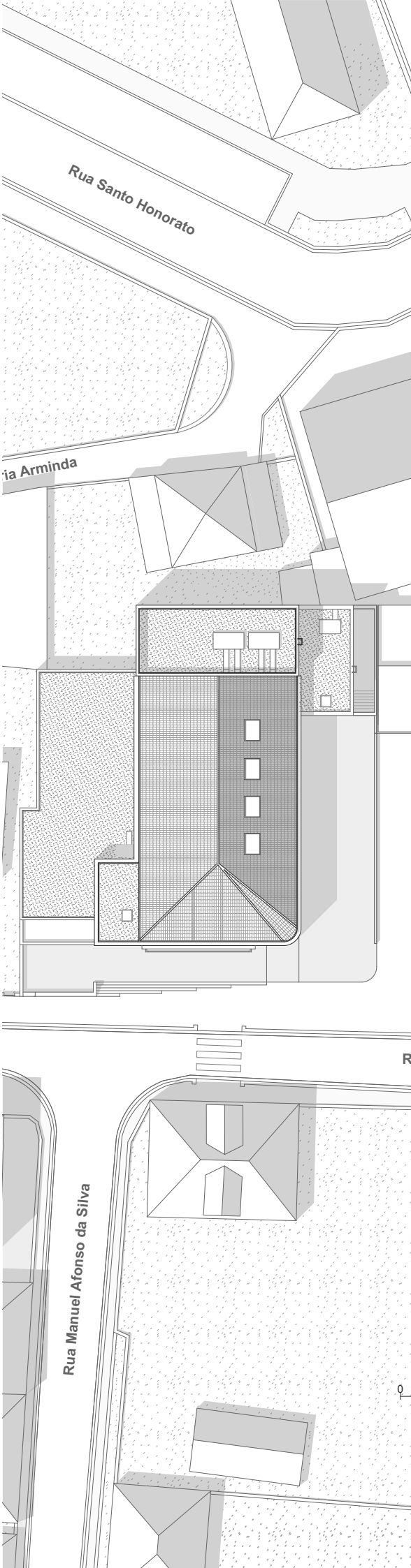
Tiago Lopes

198. LOPES, "O cine-teatro Rosa Damasceno o significado de uma intervenção". P.31

Ato 3

Cine Aves no Futuro

A *trama* e o anteprojeto do Cine Aves



105. Sala de espetáculos do Cine Aves, 2019.

Cena 3.1.
Desenrolar da *Peça*

> *"O desenho é uma forma de comunicação, com o eu e com os outro. Para o arquitecto, é também, entre muitos, um instrumento de trabalho; uma forma de aprender, compreender, comunicar, transformar: de projecto."*[199]
>
> Siza Vieira

Sempre com uma mão no desenho, o desenvolvimento desta proposta de reabilitação percorre várias fases. Com mais ou menos informação, há uma exploração dos desenhos, uma procura por uma organização, uma linha de pensamento continua no que diz respeito à realização de um anteprojeto para o Cine Aves. Resumidamente, as fases desta *narrativa* concentram-se na pesquisa, na aproximação e na realização. A pesquisa, primeira fase, cobre tudo que diz respeito há procura de informação quer sobre o edifício, quer sobre o local, quer sobre a história de ambos. A aproximação é um desenvolvimento natural da pesquisa, ou seja, com um certo conhecimento do objeto sente-se a necessidade de aprofundar o conhecimento relativo ao objeto de estudo. Por último, a realização. É nesta fase que este *Ato* se concentra. A amalgamação de todo esse processo e conhecimento num anteprojeto.

Numa fase inicial as perguntas sobre o edifício como obra isolada são a principal preocupação. A informação obtida restringiu-se ao pedido de programa da proprietária e aos desenhos do Cine no estado atual (desenhos do Ato 2). Este conjunto, só por si, revelou-se limitado e insuficiente. No entanto, antes de avançar com a pesquisa, realizou-se a visita ao edifício, um ponto chave de conhecimento. Em paralelo, realizou-se a visita a Vila das Aves, onde foram observados outros edifícios, praças próximas e as ruas circundantes. As visitas, tanto ao local como ao edifício, repetem-se ao longo das várias etapas de trabalho. Este pequeno leque de conhecimento foi o primeiro passo e o suporte para a evolução do trabalho. No entanto, a pesquisa apareceu como urgente quando nos deparamos com a pouca informação fornecida. O primeiro local de pesquisa foi a biblioteca do Centro Cultural de Vila das Aves. Neste espaço,

199. SIZA, "01 textos", Op. Cit.

não longe do próprio objeto de estudo, deparamo-nos de forma "*romântica*"[200] com jornais antigos que contam parte do passado do Cine Aves. Para além de que se pode ver pequenas programações da casa de espetáculos em cada periódico. É curioso relembrar que os donos do jornal fundaram o Cine. Ainda no centro cultural, surgiram monografias e livros acerca da vila que ajudaram a conhecer e perceber tanto a envolvente como o cineteatro.

Na procura de informação também se tentou entrar em contacto com a Junta de freguesia de Vila das Aves e com a Câmara de Santo Tirso, mas sem sucesso. Foi realizada ainda uma visita às finanças em Santo Tirso, juntamente com a proprietária, onde vimos a data de construção do edifício, "*dezembro de 1951*" [201].

Para obter as informações na IGAC realizou-se uma viagem a Lisboa, visto a falta de resposta por email. Esta viagem transformou-se numa oportunidade de conhecer alguns equipamentos na zona centro do país. Na capital, por exemplo, visitou-se o Cinema de São Jorge (1950), que ocupa "*grande parte de um quarteirão a meio da principal Avenida de Lisboa*"[202]. O conjunto de equipamentos visitados, principalmente nesta cidade, também incluiu edifícios que abandonaram a sua funcionalidade original, como o atual Hard Rock Café Lisboa, antes Cinema Condes[203], do mesmo ano do Cine Aves, 1951; ou o Cinema Império (1952), observada apenas a fachada imponente e o resistente café-restaurante[204].

Na viagem de volta, foram visitados 3 exemplos de "C*ine-teatros da Província*"[205], que vão mais de encontro ao exemplar estudado. De sul para norte realizaram-se paragens em Torres Novas, Alcobaça e na Mealhada. Respetivamente, visitaram-se o Cineteatro Virgínia (1957) do "*arquitecto Shiappa*"[206]; o Cine-teatro de Alcobaça, "*construído em 1944, segundo projecto dos*

200. "John Ruskin (1819-1900) representa la conciencia romántica, moralista y literaria, que se opuso ácidamente a quien tenía, como sabemos, por ideología enemiga: la teoría y la práctica de la restauración en estilo." CAPITEL, Antón, "Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración", Madrid: Alianza, 1988. P.23

201. "Caderneta predial urbana", 18 de Agosto de 1967.

202. CALOR, Inês Alhandra, "Reabilitação de Cinemas Modernista. Caracterização do contexto urbano ibérico.", Porto: FAUP, 2004. P.78

203. "Depois da sua decadência e um período em que apenas servia de suporte a grandes cartazes publicitários (2002) este edifício no coração de Lisboa conheceu uma recente reabilitação, mudando radicalmente de programa. Hoje alberga um café/restaurante da cadeia Hard Rock Café e escritórios." CALOR, "Reabilitação de Cinemas Modernista. Caracterização do contexto urbano ibérico." Op. Cit. P.65

204. Idem. P.70

205. Idem. p.51

206. Idem. P. 52

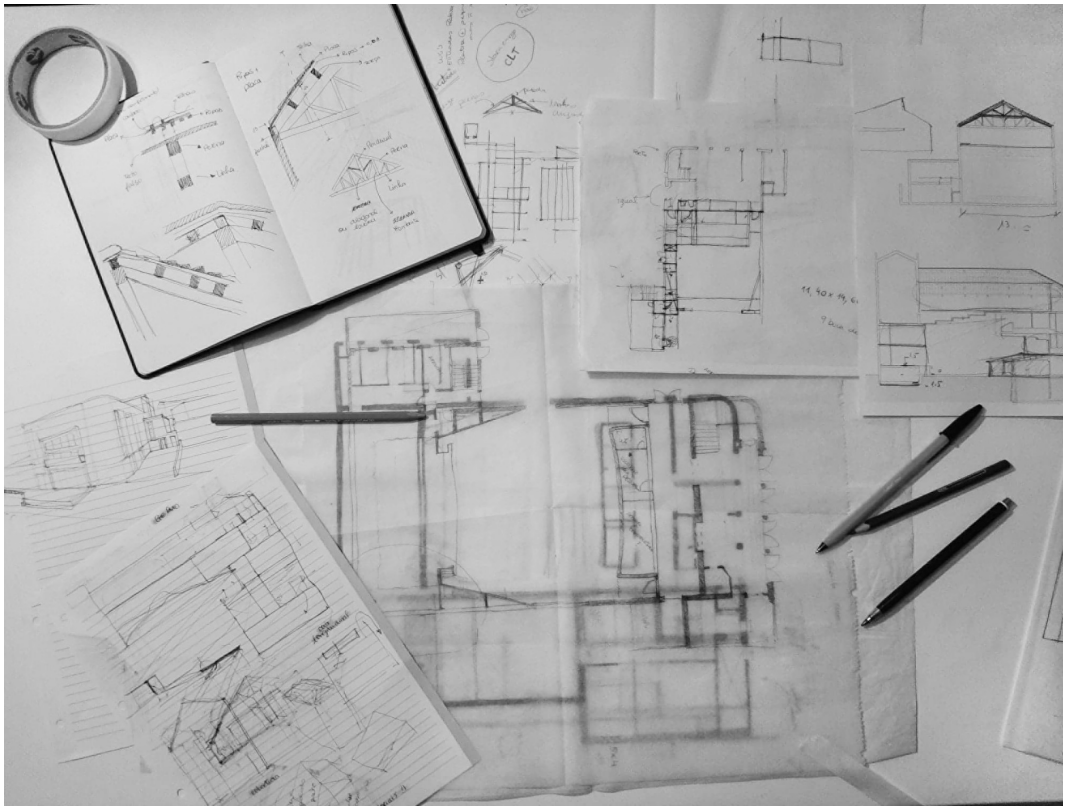
Arquitectos E*rnesto e Camilo Korrodi*"[207]; e o Cineteatro Municipal Messias, construído segundo o projeto "*elaborado pelo Arquitecto* R*odrigues de* L*ima*"[208]. É interessante perceber que estes equipamentos também tiveram dificuldades económicas na década de 80[209] com o aparecimento de outras infraestruturas dedicadas ao cinema e a proliferação da televisão, contudo, passam por várias fases de melhoramento e projetos de reabilitação.

No que diz respeito a IGAC, é apenas *in loco* que se obtêm a informação referente ao Cine Aves. Neste caso em forma de uma capa com toda a comunicação sobrevivente entre a empresa a quem pertence o edifício, "*Cine Aves* L*da.*"[210], e a entidade. O importante é que permitem a digitalização de todos esses documentos[211], quase 300 páginas de texto e desenhos, para o uso no trabalho. Inclui, inclusive, o projeto original[212].

Denote-se que os primeiros desenhos obtidos são os de levantamento das alterações de 1982, e não se encontravam completamente corretos. Como são os usados como base para o desenho do anteprojeto, foi necessário fazer a sua correção. A falta de coerência e exatidão nestas representações levaram à retificação de medidas e ao (re)desenho de pormenores considerados mal ou não representados.

Realizadas medições gerais foi possível confirmar que as medidas de maior escala estavam corretas como, por exemplo, a altura, largura e profundidade da sala de espetáculos. Por outro lado, a zona da cobertura estava pobremente representada nos referidos desenhos, onde apenas se ilustrava a linha de contorno do espaço entre a teia e as salas na fachada. Para além da zona da cobertura verifica-se a incorreta representação do alçado principal onde se constatavam os componentes essenciais, janelas, portas e a forma geral, mas estavam desprovidos de pormenores e texturas, sendo que a fachada do restaurante era apenas representada por uma linha de contorno. Contudo, não se olha para este procedimento de forma negativa. A questão relativa à correção dos desenhos revelou-se uma boa forma de (re)conhecimento aprofundado do objeto de estudo. Um começo de aproximação. Com o conhecimento obtido é possível uma melhor compreensão dos componentes e uma resposta mais concreta. Inicialmente o desenho

207. ORNELAS, "Recuperação de cine-teatros modernos portugueses". P.127
208. Idem. P. 143
209. "A questão principal da geração de 1980 reside na angustia da perda dos bens referenciais da memoria e da identidade. Perante a efemeridade da vida humana, em confronto com a velocidade do ritmo tecnológico (…)." CUSTÓDIO, Coord. Jorge e AL., et, "Portugal 1910-2010 : 100 anos de património, memória e identidade", Lisboa: IGPAA, 2011. P.346
210. Doc.105, 4 de janeiro de 1953, IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves*. Op. Cit.
211. Cena 1.2.1.
212. Projeto de 1951 presente na Cena 1.2.2.



106. Desenhos de estudo.

livre de restrições é indispensável, mais uma "*forma de comunicar*"[213] pensamentos e explorar o objeto.

Tendo como base todas as questões anteriormente estudadas, as várias representações, a linha temporal e o local, chega o momento de olhar para o Cine Aves como um equipamento que, por um motivo ou outro, não se encontra apto para reabertura. A primeira interação com o objeto mostrou claramente as suas irregularidades. Na *Cena 2.2* através da Ficha de avaliação percebemos a extensão desta problemática. O documento obtido age como "*prótese*"[214] e mostra o estado de conservação do edifício no momento em que foi analisado, assim como as suas características gerais e particulares. A partir do momento em que se recolhe as conclusões da ficha, pode afirmar-se que o edifício é compreendido de uma forma mais clara e concisa. Isto reflete-se na realização.

É estabelecida uma continuidade no desenvolvimento do anteprojeto consoante a adição de informação. Outra questão que também é relevante e vai influenciando esse avanço, é a comunicação com a proprietária. É interessante perceber que a proprietária acompanha esse processo atentamente, sendo que a proximidade emocional ao Cine Aves também suscita curiosidade sobre a sua história. Por este motivo, auxilia na procura de informação sobre o edifício e junta-se na visita à IGAC em Lisboa. No que diz respeito ao projeto em si, a interação com a proprietária é mais preponderante na formulação do programa, sendo que em termos de desenho é oferecida uma liberdade na procura de soluções. Não obstante, a visão para o edifício é bem formada e esclarecedora. Trata-se de uma visão abrangente, uma visão social e cultural, de arte, cinema e teatro.

A realização, identificada como a fase final como a palavra indica trata a concretização, neste caso um anteprojeto. Todos componentes referidos até então, têm um papel nesta fase como explicado inicialmente. A "recolha" de todas as decisões, das ideias e características consideradas apropriadas são unificadas e apresentadas em forma de desenhos, esquemas e imagens 3D na última *Cena* deste trabalho. A única questão que precisa de ser esclarecida refere o desenvolvimento do programa e, por conseguinte, a apresentação das funcionalidades que integram o anteprojeto. Esta ultima questão age como base da esperada conclusão. Sendo assim considera-se necessário tratar deste assunto singularmente.

213. SIZA, "01 textos", Op. Cit. P.137

214. "Em todos os domínios práticos ou teóricos, a sua memoria (da humanidade) é sempre mais bem assistida, revezada e finalmente substituída por próteses cada vez mais eficazes." CHOAY, "Alegoria do Património", Op. Cit. P.244

107. Teia do Cine Aves, 2019.

Cena 3.1.1
Programa

O programa foi discutido e estudado ao longo deste processo tornando-se um exercício continuo, um exercício real. A intenção inicial da proprietária aliada à pesquisa e estudo do objeto levam à criação de um programa concreto e possível e não uma imposição irrealista. Este aspeto trata uma das diferenças entre um projeto novo e um projeto de reabilitação, pois apesar de existirem restrições/ressalvas em ambos: a envolvente, a comunidade, os custos, etc. estes confinamentos baseiam-se em aspetos diferentes quando nos referimos ao novo programa, visto existir uma base construída. Os espaços existem, o projeto está limitado por mais uma questão física. Contudo, percebesse a maleabilidade que os mesmos podem mostrar numa reabilitação consoante a profundidade a que se pretende ir na (re)construção.

> *"A maior dificuldade consiste em saber antes de mais avaliar com justiça a necessidade ou a oportunidade de intervenção"*[215]
>
> Françoise Choay

Para além deste facto, é importante ter em mente que a índole programática influencia muito o decorrer do processo. No caso de uma mudança radical de tema, onde é pedido uma alteração substancial em termos de programa, os espaços existentes e as respetivas características técnicas, podem não estar dimensionados ou preparados para receber a mudança. Como a adaptação de um cineteatro para uma discoteca[216] ou para uma café[217]. Por outro lado, quando a intenção é manter, pelo menos como base, a mesma tipologia, entramos num campo concordante com o edifício, no qual a adaptação contemporânea poderá ser confortável e amigável. Neste espectro podemos ver as mudanças praticadas em teatros na adaptação para o cinema, principalmente na primeira metade do sec. XX, onde as características gerais, como a sala de espetáculos, permanecem. Outro exemplo, é a transformação de convento para Pousada[218] onde a questão do elevado número de quartos se encontra presente.

215. Idem. P.168
216. Referência no caso ao uso do Cine Aves como discoteca *Theatro*.
217. Referência ao Hard Rock Café Lisboa.
218. Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro, Arq. Souto Moura. Percebe-se o nível avançado de degradação - a ruína - no entanto, a disposição geral da volumetria apoia a instalação de vários compartimentos, também pelo número elevado de aberturas nas fachadas resistentes.

No caso específico a tratar, há de facto uma concordância programática. A ideia da proprietária é restituir à comunidade o Cine Aves como cineteatro. Não obstante, o pedido incorpora outras facetas, de igual forma culturais, mas com uma vertente educacional e mais abrangente. Inicialmente, numa conversa, é proposto um programa. Sem restrições espaciais é proposta por parte da proprietária uma lista de espaços/funções considerados interessantes para integrar o Cine Aves.

Em relação à sala de espetáculos, o ponto principal de um cineteatro, há uma preocupação de incluir o teatro visto que até então este é esquecido. Esta parte fundamental do projeto acarreta toda um conjunto de subsistemas como, por exemplo, a sala de projeção e a teia. Nesta primeira lista são apenas representados os espaços chave, sendo que os adjacentes onde se incluem as instalações sanitárias e os arrumos são acrescentados posteriormente consoante a necessidade do programa selecionado.

Para além da dita sala, há uma diversidade de funcionalidades propostas, novas e/ou renovadas, para o Cine Aves. Para começar, como aumento ao leque cultural: um atelier ou dois; salas de workshops, preferencialmente aptos para atividades artísticas; um pequeno estúdio de gravação de música; uma sala de revelação de fotos e uma sala de exposições. No entanto, também aparecem outros espaços, que de certa forma completam a zona de espetáculos, tais como os camarins e o espaço de trabalho para teatro. Para terminar são ainda acrescentados ao pedido inicial: um café concerto, uma sala de jogos e um restaurante. A ideia cultural e educacional, marcada desde início, é a base para este novo conjunto de funcionalidades.

O programa que se encontra no edifício é consideravelmente menor. Baseia-se na sala de espetáculos, nos camarins, no bar snack, no bar/sala de jogos e no restaurante. Não obstante, aponte-se a teia e subpalco de apoio ao teatro, e as salas de projeção e as anexas a esta de apoio ao cinema. Conclui-se que a disposição é bastante simples. Para além das funções referidas, existem as várias instalações sanitárias, a bilheteira e um escritório/arrumos.

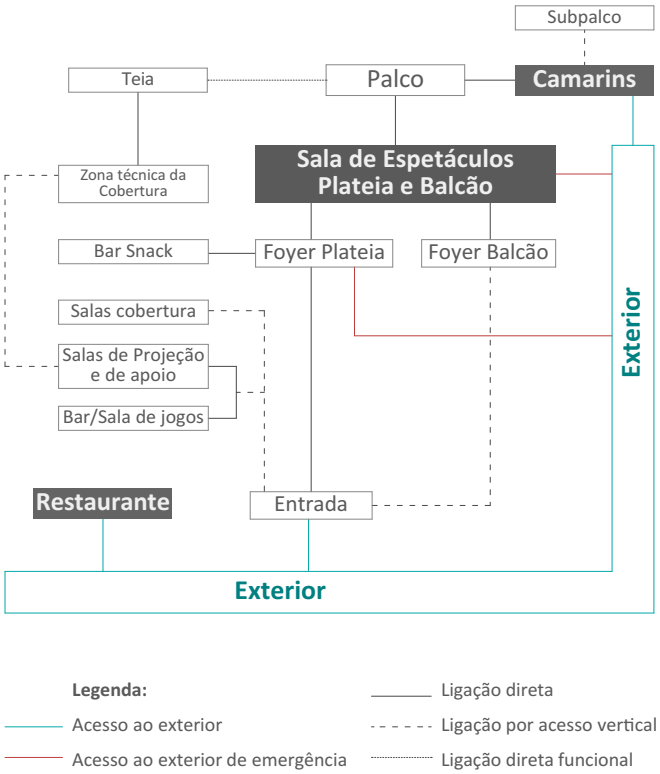
Na tentativa de dar resposta ao pedido é necessário perceber o espaço que o edifício oferece. Contudo, antes de realizar essa análise, numa impressão inicial diz-se à proprietária que o edifício aparenta não ter capacidade de integrar todas as vertentes programáticas requeridas. A visita ao edifício e a perceção de quanto espaço cada um dos programas ocupa levam a crer que há de facto essa impossibilidade. Neste seguimento, é iniciada uma espécie de "negociação" com o objetivo de perceber quais dos novos programas se podem dispensar. Visto se tratar de uma conversa inicial, não se descarta por completo nenhuma das funcionalidades sendo que há uma vontade de integrar o máximo de opções possíveis. Por estes motivos, em forma de resposta,

Programa Pedido

- Sala de espetáculos
- Camarins
- Espaço de trabalho do teatro
- Atelier (1 ou 2)
- Salas de workshops
- Pequeno estúdio de gravação de música
- Sala de revelação de fotos
- Sala de exposições
- Café concerto
- Bar snack
- Sala de Jogos
- Restaurante

Programa Atual

- Sala de espetáculos
- Camarins
- Bar snack
- Bar/Sala de Jogos
- Restaurante



108. Organograma de distribuição atual.

uma das soluções gerais discutida é a polivalência dos espaços, ou seja, ao invés de se desenhar pequenos espaços que se restringem a uma atividade cada, construir a possibilidade de que um espaço possa albergar diversas.

O propósito desta proposta é, portanto, "*sob a condição de que não se implante aí atividades incompatíveis com a sua morfologia*"[219], acrescentar funcionalidades a um edifício existente com uma tipologia muito própria, um cineteatro, que pretende cobrir falhas culturais de Vila das Aves. A análise inicial estabelece quais os programas coincidentes, ou seja, os que se mantêm. Assim dividimos logicamente o edifício em dois grupos: os programas mantidos e os acrescentados. No primeiro grupo vemos os componentes que servem a sala de espetáculos, inclusive. Os camarins, o palco, a teia e a sala de projeção. Junta-se a este conjunto o restaurante, os espaços de bar e a sala de jogos. No segundo grupo, consoante o primeiro pedido por parte da cliente encontram-se: as salas de workshop, os ateliers, o estúdio de gravação, um espaço de revelação de fotos e a sala de exposições.

É constatável que o primeiro grupo ocupa grande parte da área total do edifício. As funcionalidades novas têm que conviver com a definição e escala espacial das primeiras, o que se torna um problema de espaço. Com esta consideração inicia-se a tentativa de perceber onde no cineteatro se pode encontrar área, não utilizada ou mal aproveitada. Assim como onde se poderia acrescentar área, aumentando o edifício. As áreas dedicadas a cada função atual são expostas na descrição do *Ato 2,* podemos neste momento referir quatro consideradas interessantes no seguimento da "negociação", a área do volume do restaurante, 340 m^2 que se divide em dois pisos; do volume dos camarins, 159 m^2 que se divide em três pisos; e do volume principal, 1291 m^2, onde se reservam 419 m^2 para a sala de espetáculos. Acrescenta-se a este conjunto a área das águas furtadas, pouco utilizada, onde se encontram apenas quatro salas mais a zona técnica deste piso com um total de 370 m^2.

Para ajudar a perceber como agir sobre este assunto, acrescenta-se a vertente económica. A rentabilização de um novo Cine Aves é um ponto fulcral. Sendo um projeto com expetativa de futuro, é necessário pensar como é que esse futuro poderá ser sustentável. Por este motivo, lança-se um desafio a uma estudante[220] no Mestrado de Gestão de Indústrias Criativas, Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, na procura de perceber em que pontos de um programa deste gênero se pode esperar uma maior rentabilização. Para além disto, considera-se uma boa forma de obter uma base de conhecimento nova, no que diz respeito à gestão de um

219. CHOAY, "Alegoria do Património", Op. Cit. P.209

220. Juliana da Silva.

equipamento e como em termos arquitetónicos se pode facilitar este processo. Esta proposta torna-se vantajosa para ambos os lados. Em resposta a um trabalho do curso, juntam-se mais três estudantes a este desafio, formando um grupo de quatro pessoas[221] com conhecimentos em diversas áreas, desde gestão à pedagogia e arte.

As informações passadas a este grupo de trabalho, relativamente ao edifício, concentram-se em questões espaciais, ou seja, apesar de não estar estabelecido um programa final, há uma ideia de que tipo de espaços possam ser incluídos numa fase final, sendo o ideal de polivalência dos mesmos um critério estabelecido. Neste ponto, as áreas das águas furtadas e do segundo piso do restaurante são consideradas como potenciais pontos de aproveitamento e dinamização programática, correspondendo a 540 m^2 no conjunto. Assim sendo, é passada a informação de ser estimada, segunda as áreas referidas, a possibilidade de uma sala polivalente de aproximadamente 300m^2 e de seis a nove salas, indefinidas em termos de função, que poderiam variar entre os 20m^2 e os 60m^2. Noutra nota, o grupo é informado da existência de uma plateia e balcão com 160 e 90 lugares, respetivamente; de camarins; de um bar e um restaurante. Estes espaços não sendo os definitivos, quer em termos de definição, área e no caso da sala de espetáculos, número de lugares, servem como referência para o referido trabalho.

A extensão total do trabalho (plano de Marketing) realizado não se considera pertinente para a corrente dissertação. O importante é perceber a ideia geral criada por esta equipa e perceber quais os pontos desse trabalho que ajudam a definir um programa realista para o Cine Aves. Não obstante, é importante perceber que, assim como nesta dissertação, há uma pesquisa em torno de Vila das Aves, no caso direcionada para uma vertente empresarial, pois as "630 empresas registadas em Vila das Aves"[222] poderiam beneficiar de um espaço como o Cine Aves. Para além desta questão, o trabalho também procura perceber a situação social da comunidade, desde faixas etárias à taxa de desemprego. Neste campo é realizado um inquérito numa das escolas das Aves, com o intuito de perceber como é vista, pelos "*encarregados de educação*"[223], a cultura e a arte na educação dos seus filhos. Com este intuito foram colocadas no inquérito algumas perguntas concretas que incluíam a possibilidade de participação por parte das crianças em workshops, semanas de férias e outras atividades passiveis de se concretizar no Cine.

Para responder ao desafio o grupo de estudantes idealiza a criação de uma empresa com base no cineteatro. À luz do ideal polivalente mencionado, é escolhido o nome Matrioska[224], em

221. André Quelhas, Bárbara Castro, Juliana da Silva e Susana Rocha.
222. Matrioska. Plano de Marketing. "Análise da Envolvente –Vila das Aves"
223. Matrioska. Plano de Marketing. "Análise de Potenciais Clientes"
224. Espaço Matrioska. "Business Case". Componentes Gráficos da Marca

109. Logótipo da "empresa Matrioska".

referência às bonecas russas. Uma metáfora de que um espaço pode ter mais que um prepósito. O foco principal da empresa seria a "*realização e planeamento de eventos*"[225], para responder às necessidades de várias instituições, empresas, escolas, famílias e outros promotores, maximizando o uso dos vários espaços através do aluguer.

A conclusão a que se chega, no que diz respeito ao projeto, é que de facto a qualidade polivalente é uma mais valia no meio onde se encontra o Cine Aves, uma zona onde há falta de equipamentos com capacidade de receber conferências ou pequenos congressos, colóquios, encontros/reuniões e workshops. A análise conduzida pela equipa indica que este tipo de modelo económico de aluguer de espaços poderia ser o mais lucrativo.

No entanto, é de salientar que esta forma de ver o Cine Aves não responde à vontade da cliente de ver o equipamento como um local completamente ligado à cultura. Por este motivo, considera-se que, visto serem expostas algumas informações viáveis, é necessário conciliar as duas visões de forma a responder ao pedido e à parte económica, que também é um ponto de interesse por parte da proprietária. Nesta linha de pensamento, chegamos a outra questão, que tipo de equipamentos existem em Vila das Aves que já respondam a alguma ou algumas das funcionalidades novas propostas. Antes de mais, é de notar que quaisquer que sejam estes programas o intuito é de colaboração e não concorrência, um ideal também passado pela idealizada empresa Matrioska. A comunidade, neste sentido, é privilegiada através de um aumento de programas em Vila das Aves e não uma repetição.

É neste momento se observa a envolvente do Cine Aves e se indicam três programas: o Centro Cultural de Vila das Aves, uma escola de música[226] e mais recentemente um estúdio de gravação/escola de música[227]. Já se estabeleceu que o centro cultural responde a diversas questões culturais na comunidade neste sentido olhamos para o cineteatro como complementar. Este equipamento têm um auditório de 160 lugares. É importante que a sala de espetáculos se diferencie desse número oferecendo um espaço que albergue mais pessoas, podendo assim

225. Espaço Matrioska. "Business Case". Objectivo.
226. Estudio 3. http://460227360397989089.weebly.com/quem-somos.html#
227. Old Space Studio. https://oddspacestudio.webnode.pt/

responder a outro tipo de atividades. O facto de a sala de espetáculos ter outros apoios como camarins e teia, assim como sala de projeção, levam à possibilidade de se realizarem atividades mais variadas em Vila das Aves.

Em termos de música encontra-se mais que um programa que responde a este pedido, o que torna obsoleta a criação da zona de gravação apontada no primeiro programa discutido. Por outro lado, não há equipamentos dedicados à dança na comunidade da vila. Apesar de não ser um ponto referido inicialmente, discute-se a possibilidade de espaços de ensaio para esta modalidade. O ideal polivalente pode suportar esta ideia sendo que uma sala de maior porte serviria este propósito sem se restringir ao mesmo. Para além disso, os camarins serviriam de balneários.

Também é referida numa primeira instância uma sala de exposições. O Centro Cultural de Vila das Aves oferece esta funcionalidade. Não obstante, sente-se a necessidade de implantar no cineteatro espaços de exposição. A sala de maior porte referida anteriormente pode servir para exposições temporárias, e os espaços de foyer, de cariz social, podem ter peças de forma permanente. Desta maneira o edifício responde ao pedido da proprietária, sem que se prenda a esta característica nova e assim permite a colaboração com o centro cultural em exposições de maior escala, por exemplo, onde se considere interessante a dinâmica de espaços diferentes. A proximidade destes dois equipamentos torna esta tema de cooperação praticável.

Falta referir dois programas apontados na primeira lista programática: os ateliers e as salas de workshop. Em relação aos ateliers, a cliente considera importante esta adição ao Cine. Aliada a necessidade de espaços para trabalhos relacionados com o teatro, como a criação de cenários e figurinos, vê-se a pertinência na incorporação de áreas reservadas a esta função, com o olhar direcionado para a zona do subpalco e volume dos camarins, que também se poderiam consideram ateliers. A área disponível seria a área do subpalco, 97 m^2, e talvez o piso -1 dos camarins. No entanto, joga-se com a possibilidade de aumentar um ou dois pisos ao volume dos camarins com o objetivo de integral um camarim de grupo masculino, um de grupo feminino, e um singular acessível; espaços de trabalho tanto relacionado com o teatro e/ou com as artes plásticas, consoante necessidade. Reserva-se, no entanto, essa possibilidade para uma segunda intervenção no cine, mantendo talvez no anteprojeto, o número de 3 pisos, onde se podem instalar 3 camarins, e onde apenas o subpalco age como zona de trabalho/atelier. Para além destas funcionalidades, seria importante reservar alguma área para arrumos de material, não só artístico, mas também técnico, de som por exemplo.

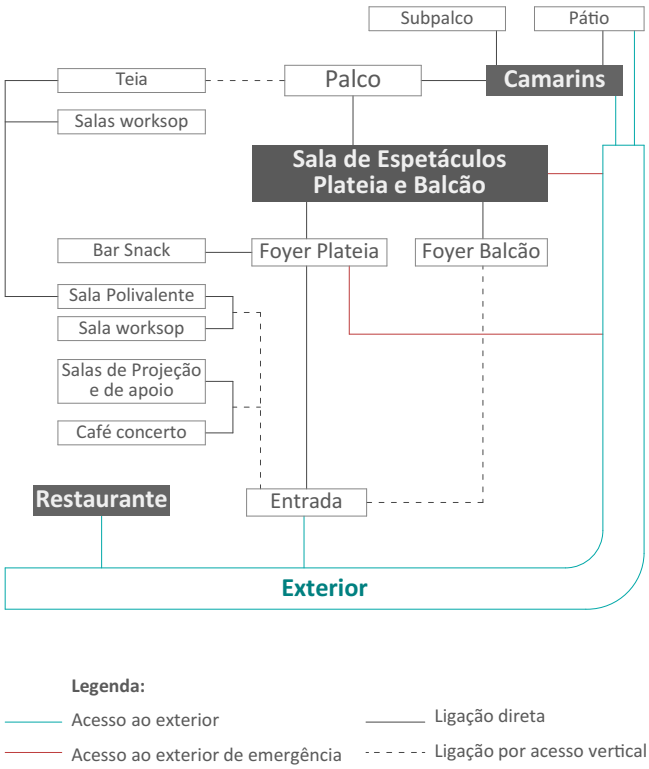
Em relação aos espaços de workshop, percebemos que estes possam atuar em salas de diversos tamanhos, dependendo da modalidade. Por este motivo, a própria sala de espetáculos pode oferecer algum tipo de atividade pedagógica e artística em formato de workshop. Mas à luz de outras questões referidas pelo grupo de trabalho do Mestrado de Gestão de Indústrias Criativas, sugere-se o desenho de espaços mais controlados e que apesar de serem predispostos para atividades mais pequenas, como reuniões ou workshops de teor empresarial, não impedem a realização de atividades culturais e educativas. Para estes considera-se a área das águas furtadas e talvez a adaptação do 1º piso do restaurante, mais uma vez numa segunda fase de intervenção. Ao longo de todo o edifício são ainda esperadas instalações sanitárias de acordo com o que se considera apropriado segundo a legislação e segundo o programa em geral. Assim como são consideradas essenciais pequenas áreas de apoio, tais como: bilheteira/receção, arrumos e sala administrativa/arquivo.

O programa final tenta responder a todas estes pontos. No entanto, a configuração espacial exata de cada um dos espaços depende de outros fatores apresentados nesta dissertação. Contudo, constata-se que das funcionalidades existentes são mantidas a sala de espetáculos e todas as áreas de apoio a esta parte do programa: o palco, o subpalco, a teia, os camarins e a sala de projeção. No entanto, considera-se interessante a inclusão de pequenos espaços de tradução simultânea, para ir de encontro a outro tipo de atividades. Também são mantidas as zonas de restauração: o pequeno espaço dedicado à sala de espetáculos, o restaurante e o bar, que perde a qualidade de sala de jogos e ganha a qualidade de café concerto. No novo programa encontramos ainda a bilheteira e o escritório/área administrativa. O equipamento também recebe 5 salas completamente novas: uma sala polivalente e 4 salas de workshop.

Antes de concluir, é importante marcar que as questões supracitadas, reservadas a uma fase posterior de intervenção, são recolhias no que se intitula de programa +. Esta denominação, escolhida para o presente trabalho, corresponde a determinadas funcionalidades ou espaços que, não sendo consideradas essências para o Cine Aves, podem valorizá-lo. Assim sendo, ficam registadas no trabalho e consoante o futuro desenvolvimento do projeto se concluirá a viabilidade de inclusão das mesmas no edifício.

Programa Final

- Sala de espetáculos
  - Palco e teia
  - Sala de projeção
- Espaços técnicos:
  - Tradução simultânea, som e luz
- Bar snack
- 4 Salas de workshops
- Sala de polivalente
- Instalações sanitárias necessárias
- Sala administrativa
- Bilheteira/receção
- 3 Camarins
  - Instalações sanitárias
  - Área de duche
  - Arrumos
- Espaços de trabalho
- Bar concerto
  - Copa
  - Palco
  - Restaurante



110. Organograma de distribuição do anteprojeto.

Programa +

- Salas Workshop/Atelier
- Espaço para revelação de fotos
- Arrumos
- Zona de trabalho/Atelier
- 2 Camarins feminino e masculino (com as mesmas dimensões)

111. Balcão do Cine Aves, 2019.

Cena 3.1.2.
Organização e *diálogo*

Os desafios sociais, programáticas e técnicos deste projeto ficam claros até este ponto do trabalho. Nesta *Cena* serão acrescentadas as problemáticas teóricas e criativas ao processo. Todos estes componentes têm um papel no desenvolvimento do anteprojeto do novo Cine Aves. A história, a envolvente, a evolução e a condição física do edifício, neste momento tornam-se dados adquiridos e estudados. Contudo, o percurso de realização do trabalho, no qual se espera como conclusão um anteprojeto sustentável e coerente, foi uma viagem onde todos estes parâmetros se enlaçaram. O *diálogo* representa a interação entre os vários componentes. Com o programa definido resta perceber como é que efetivamente o projeto se desenvolve com o acréscimo de informação no decorrer da pesquisa e da aproximação ao objeto.

Esta *Cena* é então partida em três momentos. Numa primeira instância é abordado o tema da reabilitação, da intervenção, onde revisitamos a história do Cine Aves e revemos as características do edifício consideradas "*fulcrais*"[228]. De seguida, apontam-se as problemáticas do edifício, as questões que se revelam tanto através dos desenhos, como das visitas, como da Ficha de Avaliação. Por fim, na última parte mostram-se certas decisões projetuais, onde se incorporam questões construtivas e financeiras. Este trio pretende rematar os dois primeiros *Atos* e apresentar o anteprojeto final de forma esclarecida.

Antes de avançar, é interessante referir algumas obras de reabilitação de cineteatros. As diferentes formas de intervir num edifício variam consoante as necessidades de cada exemplo, "*todo o caso é único e individual*"[229]. Nesta tipologia peculiar, são observados edifícios onde se formam escolhas que revelam intervenções com vários níveis de alterações. São apresentados quatro exemplos visitados e mencionados ao longo do trabalho, exemplos de possíveis e inspiráveis soluções que representação diferentes opções construídas no campo da reabilitação de cineteatros.

O exemplo mais próximo geograficamente ao objeto de estudo, é o Cineteatro Constantino Nery. Neste edifício vemos uma opção de profunda mudança, visto que se realizou

228. CALOR, "Reabilitação de Cinemas Modernista. Caracterização do contexto urbano ibérico.", Op. Cit. P.7

229. BRANDI, "Teoria do restauro", Op. Cit. P. 49

112. Fachada principal do Cineteatro Constantino Nery.

114. Entrada do Constantino Nery.

113. Sala de espatáculos do Constantino Nery.

115. Fachada principal do Cine-Teatro Virgínia.

116. Sinal da entrada particular do café concerto.

117. Fachada tardoz do Cine-Teatro Virgínia.

118. Entrada principal do Virgínia.

a "*demolição do miolo que constituía o antigo edifício*"[230]. Optou-se assim, por um "*esventramento*"[231], mantendo a fachada como elemento chave de memória, sendo também o único elemento indicado à conservação por parte da Câmara Municipal de Matosinhos. Guiado pelas diretrizes da entidade, a proposta que se encontra hoje dá forma a um equipamento com o mesmo programa, mas com uma distribuição espacial renovada onde se encontra resposta a todas as componentes e exigências atuais, espaciais e técnicas[232], de um cineteatro. Neste edifício foi interessante observar, para além da ligação entre vários espaços, a forma como é resolvida a teia conectada à "torre" de camarins. Nestes espaços compreendem-se as necessidades técnicas e práticas associadas a estes espaços no que diz respeito às questões de SCIE, como por exemplo a linha de água na boca de cena.

Por outro lado, vemos o Cine-Teatro Virgínia que mantêm muito do seu desenho original. O ideal era de valorizar o equipamento, oferecendo uma melhor resposta às necessidades da zona. O edifício recebe uma "*redefinição da caixa de palco, sub-palco, zona de camarins e áreas técnicas*"[233] e um novo espaço, o café concerto que se desenha na área do eliminado segundo balcão. Considerado elevado o número de lugares anteriormente marcados na sala de espetáculos resolve-se criar o novo espaço supracitado, através do encurtamento da dita sala que enaltece o edifício em termos de funcionalidades. O "*desgaste e mau estado de conservação*"[234] encontrados e mesmo a falta de coerência entre revestimentos resulta na seleção de um novo conjunto de materiais que unificam o conjunto tanto interior como exteriormente oferecendo uma imagem nova sobre a estrutura[235] existente. Em conclusão observa-se uma apreciação pelo objeto arquitetónico existente, no qual são identificadas problemáticas e, sendo assim, é realizado um projeto de reabilitação onde estas se vêm resolvidas com a conservação da volumetria e da organização interior geral. O cineteatro em questão apresenta um espaço de entrada,

230. FARIA, António, et al., "Cine-Teatro Constantino Nery. Construção III", Porto: FAUP, Sistemas Estruturais, 2012.

231. "Esvaziamento: Determinando que a nova função não é de todo compatível com a configuração interior do objecto arquitectónico opta-se pelo "esventramento" deste. A manutenção do invólucro exterior, ou simplesmente de um plano de fachada significativo, garante o reconhecimento do edifício, condição mínima indispensável para se considerar reabilitação." CALOR, "Reabilitação de Cinemas Modernista. Caracterização do contexto urbano ibérico.", Op. Cit. P.7 No caso do cineteatro de Matosinhos, mantem-se a função mas considera-se necessário o redesenho total dos espaços interiores com a permanencia integral do involucro.

232. Analise e conclusão formulada no trabalho: FARIA et al., "Cine-Teatro Constantino Nery. Construção III", Op. Cit.

233. ORNELAS, "Recuperação de cine-teatros modernos portugueses". P.114

234. Idem.

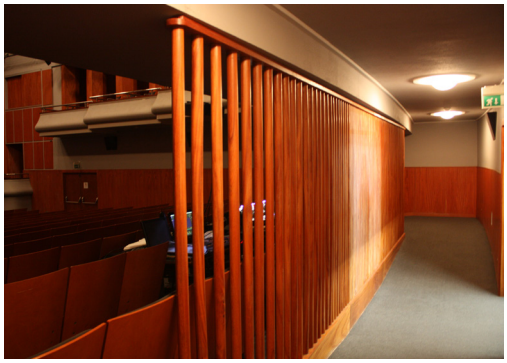
235. BRANDI, "Teoria do restauro", Op. Cit. Refere-se aos conceitos de *estrutura* e *aspecto*. P.6-7

119. Cine-Teatro Messias.

120. Sala de espetáculos do Messias. Palco.

121. Fachada principal do Cine-Teatro de Alcobaça.

122. Sala de espetáculos do Cine-Teatro de Alcobaça. Plateia, balcão e galeria.



123. Entrada da sala do Cine-Teatro de Alcobaça.

124. Sala de espetáculos Cine-Teatro de Alcobaça.

tanto exterior como interior, bem delineado e amplo. Há uma presença forte da luz natural no momento de entrada, onde se situa a bilheteira, instalações sanitárias, entradas para a sala de espetáculo e acesso ao piso superior. Para além disto, nota-se um acesso pelo exterior ao novo café concerto, destinado ao uso exclusivo deste serviço.

De seguida olha-se para o Cine-Teatro de Alcobaça João D'Oliva Monteiro. Percebe-se o cuidado de preservar o involucro do edificado e "*manter a leitura do edifício original*"[236]. Segundo o gabinete de arquitetura BFJ Arquitetos[237] no projeto reside uma preocupação com a acessibilidade ao e no edifício, para além da necessária "*actualização dos equipamentos e infra-estruturas*"[238]. Este conjunto de preocupações guia o edifício através de algumas alterações espaciais, principalmente interiores, onde por exemplo, vê-se o acrescento de um piso, o -1, onde se responde a diversas questões técnicas do cineteatro. Para além desta questão, vemos um redesenho da sala de espetáculos, com o objetivo de melhorar a acústica e a visualização no espaço. Para terminar, note-se o aproveitamento de alguns revestimentos ao longo do edifício, sendo que na maior parte, recorre-se à substituição de materiais, para que respondam à nova unidade. Na sala de espetáculos observa-se o momento de entrada que é separado da plateia por uma divisória de ripas de madeira verticais. Já no auditório observa-se o desenho cuidado do teto e a colocação das luzes de palco nas laterais, para além do uso de várias cores quentes e madeira.

Por fim, considera-se interessante referir o cineteatro Messias. A intervenção neste edifício em 2001, foi quase exclusivamente sobre a remoção dos materiais e elementos construtivos degradados, onde a espacialidade e volumetria do conjunto se mantêm. A inserção desenhada de novos materiais resulta em espaços de leitura simples e limpa, com especial atenção à Sala de espetáculos que "*dispõe de plateia e balcão e mantém a traça original*"[239]. No entanto, há um aproveitamento de uma zona ampla no rés-do-chão para a criação de "*diversos gabinetes*"[240]. Foi possível percorrer neste edifício várias zonas. Foi interessante observar a sala de projeção e tradução simultânea. Todos os componentes da Sala de espetáculos, a forma como interagem e se apresentam, desde a plateia ao subpalco, com passagem pelo volume dos camarins. Observa-se ainda os vários níveis da teia, onde se apontam tubagens de ventilação, e por fim a sala polivalente, de pé direito duplo.

236. ARQUITECTOS, Bjf, "Cine-teatro Alcobaça", 2001, disponível in http://bfj.pt/wp/blog/portfolio/cine-teatro-de-alcobaca/ [consultado em 13-05-2019].
237. ORNELAS, "Recuperação de cine-teatros modernos portugueses". P.131
238. Idem. P.132
239. "História", [online]. Op. Cit.
240. ORNELAS, "Recuperação de cine-teatros modernos portugueses".P.153

Esta curta lista de exemplos mostra vários caminhos e modos de intervenção que se podem seguir numa reabilitação de um cineteatro. Verificam-se formas de atuar sobre os materiais e espaços do edifício e percebe-se a constante preocupação com a conservação do seu exterior. Conservar este aspeto nos equipamentos deste tipo é um tema recorrente, diretamente ligado ao impacto provocado pelo edifico no local e à imagem atribuída a esse local, através do edifício, na memória coletiva.

Um dos objetivos desta "conversa" entre temas, é compreender como se olha para o cineteatro dos anos 50 numa situação de reabilitação. No início do projeto os ideais a seguir no que diz respeito a alterações no cineteatro seguem uma linha clara: respeito pelo existente. A chamada memoria coletiva[241], ou seja, a ligação da comunidade ao edifício torna-se o esqueleto deste pensamento. Qualquer alteração desenhada tinha antes de mais uma preocupação pela história do edifício, que num primeiro instante é relativamente desconhecida. Este pensamento pode ser limitador e não permitiu um distanciamento compreensível que direcionasse o olhar para o futuro sem ficar preso no passado.

A apreciação pelo objeto arquitetónico que é o Cine Aves torna esta busca por uma resposta, por um projeto, um exercício rico e complexo. Ao longo dos anos observamos o desenvolvimento do olhar sobre as intervenções a realizar sobre um objeto do passado, são caracterizados vários *valores* associados aos edifícios, singularmente ou como conjunto, que mostram uma apreciação, um *culto* aos mesmos[242]. Quanto mais próximo esse passado mais complicado se torna de atuar sobre o edificado, no sentido em que é necessário um afastamento da história para conseguir perceber quais as necessidades de um edifício que se determina "*entre um passado terminado e um presente em gestação*"[243]. A necessidade de conhecer o passado torna-se um dos pilares na reabilitação do Cine Aves, no entanto, não se estabelece como único.

> "T*orna-se assim necessário considerar uma intervenção que ultrapasse a preservação imagética, e utilize as capacidades intrínsecas enquanto peça arquitetónica*"[244]
>
> Tiago Lopes

241. "os cidadãos estão dotados de uma memoria histórica que representará o papel afetivo de uma memoria viva" CHOAY, "Alegoria do Património", Op. Cit. P.120
242. RIEGL, Alöis, "O culto moderno dos monumentos. A sua essência e a sua origem.", São Paulo: Perpectiva S.A., 2014.
243. CHOAY, "Alegoria do Património", Op. Cit. P.200
244. LOPES, "O cine-teatro Rosa Damasceno o significado de uma intervenção". P.31

A primeira impressão do edifício é a de precisar de cuidados de manutenção. Com esta nota, a primeira ideia cai na área da "*renovação/ recuperação*"[245], restituindo "*o estado de um edifício a uma configuração anterior*"[246] numa intervenção mínima. Uma procura pelo "*estilo*"[247] seria uma aproximação ao pensamento do momento, sendo que este parecer primário incita a busca das linhas do projeto original. Esta ideia rapidamente desvanece com a perceção de outras necessidades, que não a de uma nova pintura ou do "remendo" de superfícies em geral. O "*estado de conservação das matérias de que é feita*"[248] a obra é um agente importante neste campo e pode determinar a forma como se age sobre dita obra. No caso do Cine Aves esta avaliação auxilia mais na compreensão e no conhecer do objeto, sendo que a estrutura corresponde aos parâmetros avaliados e se apontam danos e falhas nos revestimentos e nas questões técnicas e de segurança.

Descarta-se a intenção de reverter as alterações de 1982 para ir de encontro ao projeto original. Considera-se esta ideia contraproducente, no sentido em que o Cine Aves, precisa de uma aproximação ao presente, tanto construtiva e técnica, como visual e apelativa ao usuário[249], porque não obstante de se tratar de um objeto interessante do passado, trabalhamos com uma cliente que faz um pedido projetual que sirva as necessidades atuais e futuras do edifício, incluindo o sucesso entre os membros da comunidade. Para além de se considerar que, "*qualquer ação sobre o existente constituirá* [e já constitui] *uma alteração, pelo que terá de ser aceite*"[250]. Neste caso com a perspectiva de melhorar o edifício em todos os campos onde se considere necessário, institui-se uma procura de conhecer o objeto e a sua "viagem" até aos dias de hoje, com a ideia de lhe dar continuidade. Os "*danos que sofre são irreparáveis e a sua perda irremediável*"[251], mas assumem-se como parte do percurso do edificado e afirma-se que o que foi não volta a ser, mas o que poderá ser é indeterminado e entusiasmante. Não significa esquecer o passado de "*encanto*"[252], mas criar

245. "Aplica-se quando se pretende referir ao tratamento de superfícies, revertendo o envelhecimento da sua imagem. Diz respeito ao aspecto visual da edificação e implica a não adulteração da imagem. Permite a substituição de elementos envelhecidos por outros iguais ou da o mesma aparência. CALOR, "Reabilitação de Cinemas Modernista. Caracterização do contexto urbano ibérico.", Op. Cit. P.6

246. Idem. P.6

247. "Viollet (1814-1879) quien intente sistematizar los criterios y la acción de la *restauración en estilo* como método eficaz de recuperar la forma de los Monumentos del pasado." CAPITEL, "Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración", Op. Cit. P.18

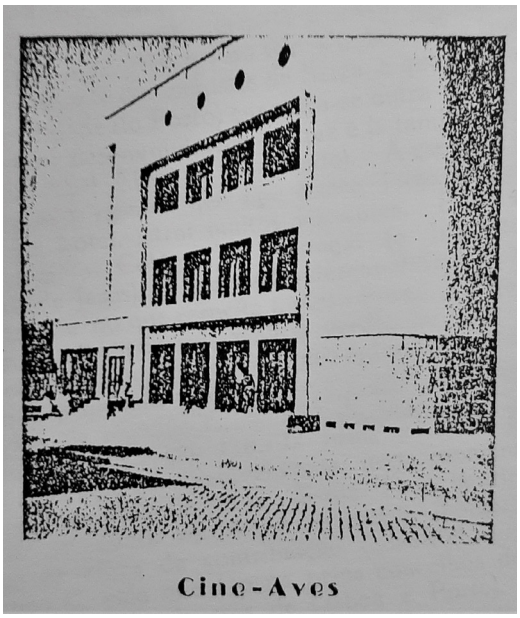
248. BRANDI, "Teoria do restauro", Op. Cit. P.74

249. Valor de novidade e utilitário refere que "tudo aquilo que está em uso deve, aos olhos da grande maioria, apresentar-se jovem e forte, apagados os traços da idade, da decomposição, do fraquejar das forças" RIEGL, "O culto moderno dos monumentos. A sua essência e a sua origem.", Op. Cit. P.72

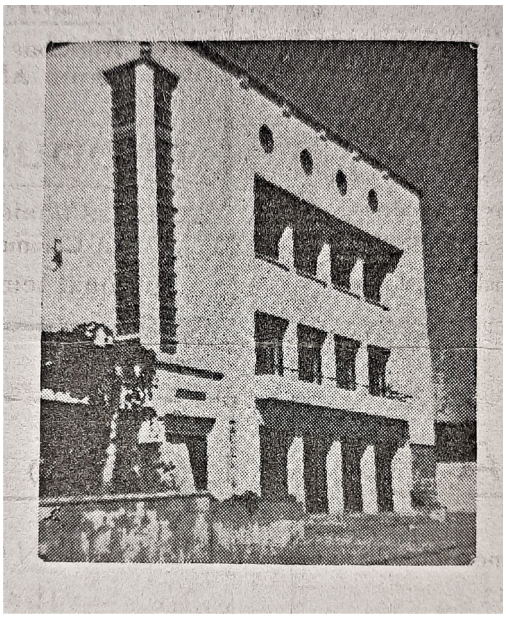
250. CAPITEL, "Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración", Op. Cit. P.47

251. CHOAY, "Alegoria do Património", Op. Cit. P. 145

252. RUSKIN, "Las siete Lámparas de la arquitectura", Op. Cit. P.227



125. Ilustração do Cine Aves, 1953.



126. Cine Aves, 1956.

127. Cine Aves, 2019.

um afastamento necessário para que o edifício se possa desenvolver e ser novamente um objeto arquitetónico com um propósito novo ou redescoberto.

> *"A adição pode completar, ou pode desenvolver, sobretudo na arquitetura, funções diversas das originais; na adição não se recalca, antes se desenvolve ou se excerta."*[253]
>
> Cesare Brandi

A consideração atribuída ao passado do objeto de estudo incutida na visão *romântica* do Cine Aves é marcada também pela proximidade sentimental da proprietária ao mesmo. É certo que o edifício não poderia manter o seu estado atual de forma a responder ao pedido, mas como vemos nos exemplos referidos anteriormente, há uma persistência da linguagem do desenho das fachadas, numa permanente representação das características do edifício que marcam o seu "*interesse para a história, a beleza do trabalho, o valor pedagógico para a arte e as técnicas*"[254]. Esta questão age como alicerce na realização de uma proposta de reabilitação do Cine Aves.

Estabelece-se que a perceção de já não se tratar do objeto original guia um parecer de continuidade, quaisquer alterações pensadas deram ao Cine o necessário no tempo em que aconteceram. Assim como novas alterações, deveram atribuir características novas com esse intuito. Nos traçados do anteprojeto espera-se descobrir a conjugação da história e respeito pelo edifício, do pedido da proprietária e da resposta às problemáticas encontradas, tanto espaciais como técnicas.

As várias formas de reconhecimento do edifício para além de nos dar a conhecer as suas características de uma forma geral mostram onde reside a provável necessidade de redesenho ou alteração. Questões chave como o estado de conservação e o estudo da legislação, assim como o programa decidido segundo o espaço disponível e o pedido da proprietária surgem como bases de suporte do desenho. É nesta parte que se apontam as problemáticas encontradas no edifico, quer em termos espaciais, quer legislativos, quer materiais, e de que forma se olha para estas na procura de soluções projetuais.

O programa desejado para o edifício é extenso. O edifício precisaria de crescer volumetricamente para dar resposta e albergar as várias funcionalidades do primeiro pedido programático da proprietária. No entanto, evita-se esta opção de aumento construtivo segundo o pensamento de preservação imagética exterior. O número de questões a dar atenção, contudo, não se prende a este ponto e aumenta durante as fases de pesquisa e conhecimento do objeto.

253. BRANDI, "Teoria do restauro", Op. Cit. P. 46
254. CHOAY, "Alegoria do Património", Op. Cit.P.112

128. Pataforma e ruela do Cine Aves.

129. Pataforma do Cine Aves.

130. Entrada principal do Cine Aves.

131. Escadas de acesso às salas de apoio, piso 2.

132. Hall das escadas de acesso ao balcão.

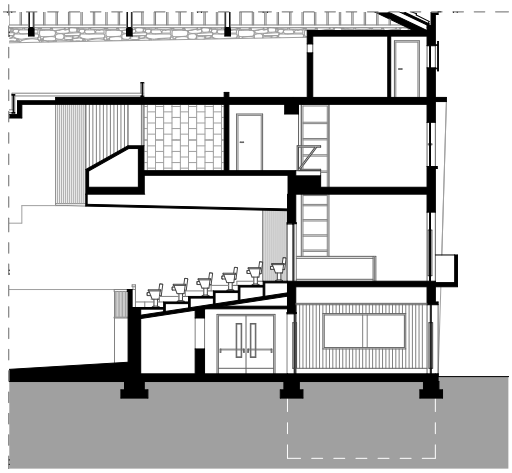
133. Foyer da plateia.

Identifica-se a plataforma de chegada à entrada principal como o primeiro desafio projetual. Em termos de acessibilidade este ponto revela-se um problema para uma segura ascensão à cota de entrada do edificado por parte de pessoas com mobilidade reduzida, visto o acesso se realizar apenas por escadas. Para além disso vemos que a pequena rua lateral ao Cine, que também representa entradas mas para outras partes do edifício, recebe um tratamento muito distinto da plataforma. Percebe-se a necessidade de distinguir os acessos através do caminho que nos guia até eles, segundo a importância associada a estes. Não obstante, neste caso dada a proximidade visual das entradas secundárias à principal, aceita-se a premissa de que se pode oferecer uma melhor ligação exterior, de igual forma visual, onde ao invés de dois acessos forçosamente separados, se crie uma continuidade espacial que corresponda a uma leitura clara de pertencerem a um mesmo equipamento, sendo que se distinguem pela localização, escala e fachada. Esta conclusão também poderá criar uma certa unidade entre as várias volumetrias do Cine Aves. Em geral, as fachadas do Cine Aves apresentam essa desejada unidade, no entanto, é importante relembrar que a secção referente ao restaurante destoa do conjunto.

Os espaços que se apresentam em primeiro lugar no interior do Cine Aves são os da entrada e do foyer da plateia. Atualmente, há uma divisão dos mesmos em três salas, ou seja, três momentos distintos de estar, onde o primeiro seria o de receção, o segundo de entrada para a sala de espetáculos e o terceiro de acesso ao piso superior. Esta forma de distribuição repartida é uma escolha que se encontra ao longo do edifício. Os espaços dispostos de forma quase enclausurada traduzem-se em espaços limitadores.

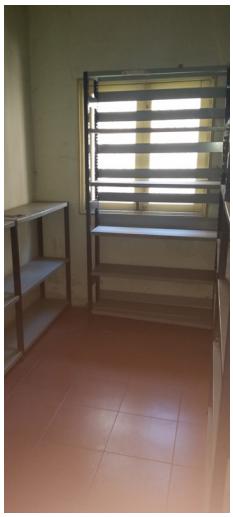
As pequenas salas de apoio ao cinema no segundo piso do edifício, as salas de projeção e as anexas a esta, são quatro espaços que se enquadram na descrição limitadora. O acesso é feito por um estreito corredor que se inicia com quatro escadas e onde se localiza uma instalação sanitária. O fim do corredor é delineado por paredes falsas e uma passagem para um momento de distribuição confinado, onde se localizam as aberturas para três salas. Dentro de uma das salas há então acesso a um pequeno espaço de arrumos. Para além destes pontos, é de salientar que o acesso à zona técnica das águas furtadas é realizado por um destes espaços onde se instala uma escada na parede. Uma zona deste calibre técnico e de apoio, considera-se uma zona importante para o bom e correto funcionamento do cineteatro, em específico da sala de espetáculos. Por este motivo, espera-se um desenho de espaços práticos, que respondam às exigências técnicas e de trabalho em geral.

A próxima problemática é uma questão salientada pelo corte longitudinal, é a diferença de cotas entre a sala de jogos e o bar propriamente dito. Já se apontou as 4 escadas que se precisa subir para alcançar as salas de apoio, aqui encontramos a continuação desse problema, visto se



134. Secçao do corte longuitudinal (E.) do Cine atual.

135. Duas cotas do bar/sala de jogos.



136. Camarim piso 0.

137. Camarim piso 1.

138. Sanitário do piso 1 dos camarins.

139. Sanitário do piso 0 dos camarins.

140. Acesso a uma das instalações saniárias de plataforma da caixa de escadas.

141. Fachada do volume dos camarins.

localizarem no mesmo piso. A falta de praticabilidade da diferença altimétrica sente-se mais nos espaços que constituem o bar/sala de jogos, onde se esperaria uma maior coesão e continuidade, para além de que não responde à questão da acessibilidade.

A localidade onde se implanta o cineteatro é relativamente pequena e, como já vimos, existe um outro auditório em Vila das Aves, no do centro cultural. Assim sendo, não se sente a necessidade de tantos lugares na sala de espetáculos deste edifício. O número atual de 400 lugares considera-se excessivo. Por este motivo mantêm-se a possibilidade de reduzir este número para que se valorizem outras áreas do cineteatro. Ainda na sala de espetáculos vemos a entrada de luz natural pela abertura do balcão e pelas janelas da porta de emergência na zona da plateia.

No volume dos camarins é questionável o número elevado de pequenos espaços considerados camarins. Sabemos que esta zona supõe a inclusão de áreas de chuveiro, não é o caso no Cine. Num dos andares há uma instalação sanitária com banheira, e nota-se à partida a falta de praticabilidade deste pormenor. O esperado é que estas instalações possam oferecer as características adequadas para receber diversos tipos de grupos, desde um ato a solo ou uma dupla, que requer um espaço menor de preparação, até um grupo de músicos ou bailarinos, onde é de esperar o uso de áreas maiores e com um número superior de chuveiros, por exemplo.

As instalações sanitárias, não só as dos camarins, são também questionáveis. No edifício atual podemos ver uma distribuição dispersa das instalações sanitárias. No foyer de plateia temos acesso a uma instalação sanitária feminina. A correspondente masculina encontra-se isolada no piso -1. Depois deparamo-nos com a colocação desta funcionalidade nos patamares das escadas secundárias, que não respeita o instruído para a SCIE. Uma destas apenas apresenta uma passagem estreita para o foyer do balcão. Nenhuma responde às questões de acessibilidade.

Em termos espaciais, resumem-se acima as problemáticas chave do edificado, não sendo o único tema referido. No que diz respeito às problemáticas técnicas e materiais, de segurança, conforto e acessibilidade é necessária uma exposição suportada pela ficha de avaliação do Cine Aves.

Sendo o tema recorrente nas questões espaciais, resume-se agora a problemática da acessibilidade. Aponta-se a falta de elevador no edifício (ponto C3.1 da ficha). O estudo dos acessos verticais deverá incluir este elemento. É de salientar que esta problemática se torna complexa no volume dos camarins. A entrada para esta parte é feita a meio piso, ou seja, diretamente para um patamar intermédio da caixa de escadas. Assim sendo, não se localiza um acesso a pessoas com mobilidade reduzida nem aos camarins, nem ao palco que está à mesma cota do piso considerado 0 dos camarins.

Já no campo da segurança, é necessária uma atenção às alturas apresentadas na caixa de escadas do volume principal (ponto F4.1 da ficha). No percorrer destes lanços sente-se o teto baixo. No que diz respeito à SCIE (ponto E2.) é importante relembrar a falta de resposta em termos gerais no edifício onde não se indica um caminho de evacuação seguro e desimpedido, visto que até as portas de emergência funcionam incorretamente.

O bom ou mau "*estado material do edifício*"[255] é um dos pontos de partida numa reabilitação e influencia certas decisões. O edifício como vemos na ficha de avaliação apresenta bastantes pontos que não respondem aos critérios avaliados, sendo que todos os sistemas referentes ao edifício estão desatualizados, danificados ou não se encontram instalados.

No último piso do volume principal vemos a vontade de aproveitar a área total, neste caso é preciso ter atenção às alturas, tanto na área próxima das paredes exteriores, onde há o encontro com a estrutura do telhado, como nas linhas onde se localizam as asnas, porque a construção de uma laje na cota deste piso não pode resultar numa altura desconfortável de passagem. Por fim, em termos de conforto nos espaços[256], percebe-se o pobre isolamento térmico e acústico devido às paredes de pedra e ao estado lastimável dos revestimentos. Através deste última apreciação percebe-se também que no que diz respeito aos revestimentos há um justificável pensamento de alteração de materiais no interior do edificado.

Com estas notas percebemos os pontos mais importantes onde atuar no Cine Aves em termos projetuais. A observação atenta dos danos físicos e questões arquitetónicas indefinidas inclusive, o estudo da legislação, e das problemáticas, listadas acima, leva a um entendimento que desenvolve os desenhos de projeto. No entanto, é curioso entender como se enlaçam e que passos são dados de forma a responder às problemática identificadas, para além de ser interessante registar a linha condutora onde se revelam ideias descartadas ou até soluções que não se encontram no anteprojeto apresentado, mas que se possam revisitar caso a oportunidade financeira se presenteie.

Deixa em parte de ser um exercício solto de conhecimento e inicia-se uma procura concreta de soluções onde se incorpora uma vertente técnica, tendo em mento o "*valor de bem-estar das pessoas*"[257] que é um ponto essencial das decisões projetuais. Desenvolve-se "*um o cálculo cerco do que existe e do que é desejado*"[258].

255. "Atribuir-lhe um novo destino é uma operação difícil e complexa, (…) Esse destino deve, antes de tudo, ter em conta o estado material do edifício" idem. P.234

256. Ficha de avaliação e analise do Cine Aves, ponto F2.

257. RIEGL, "O culto moderno dos monumentos. A sua essência e a sua origem.", Op. Cit. P.67

258. SIZA, "01 textos", Op. Cit. P.37

> *"(…) o necessário novo desenho que seja capaz de interpretar o eco do antigo, a simpatia do monumento, e, assim, procurar uma solução de harmonia analógica que, evitando mal-entendidos históricos, não sente a necessidade de exibir diferenças artificiais ou distâncias mentais, mas antes procurar um trabalho lógico, rigoroso e bonito com o antigo."*[259]
>
> Antón Capitel

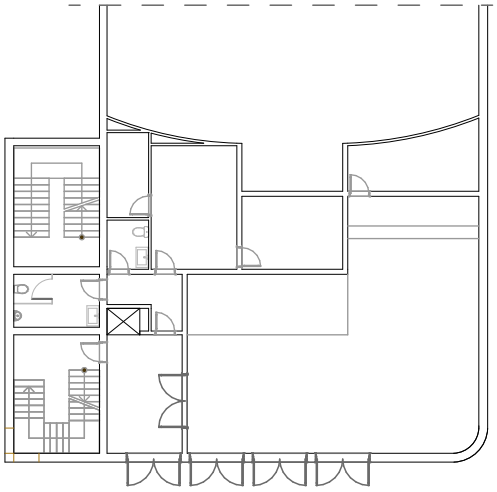
As alterações que se marcam no exterior, resolvem as problemáticas expostas acerca desta zona, e são consideradas simples e representativas de algumas decisões realizadas nos espaços internos do edifício. Por este motivo, são simplesmente apresentadas as opções na *Cena* seguinte de apresentação do anteprojeto. No entanto, é importante apontar que a história e o projeto original do edifício recebem um papel preponderante nas opções implementadas nesse campo, principalmente na zona do restaurante que se indica como lacuna dos alçados do conjunto.

São os espaços interiores que se submetem a mudanças de maior escala. No exercício do desenho surgem várias linhas e sugestões de solução projetual, umas descartadas rapidamente e umas que no momento se discutem e ponderam-se oportunas, auxiliando no desenrolar do anteprojeto. São estas que se consideram interessantes de expor, focando a organização interior do Cine Aves. Claro que estas podem influenciar a volumetria exterior do edificado, no entanto, concentram-se nos espaços existentes interiores onde se vê uma maior necessidade de alterações consoante as problemáticas identificadas e o programa definido.

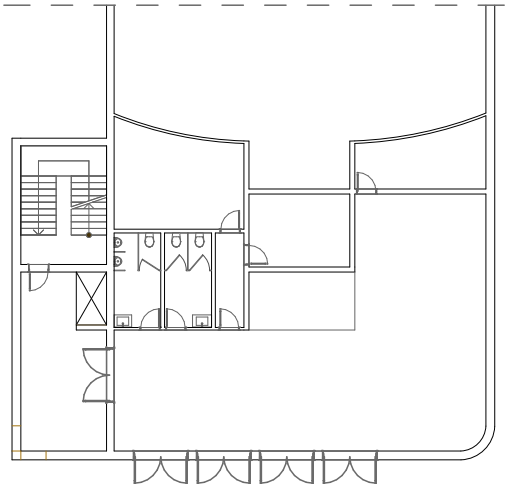
O estudo dos acessos verticais, com o requerido elevador, e de distribuição considera-se o ponto de partida dos desenhos e desencadeia um entendimento das limitações dos restantes espaços existentes. É estabelecido de início que as escadas principais permaneceriam com a mesma forma sendo um elemento que caracteriza a entrada e os foyers. Em relação às escadas secundárias estabelece-se a necessidades de redesenho. As escadas identificadas como parte do caminho de evacuação, não apresentam os parâmetros necessários em resposta à SCIE, sendo a altura entre os vários lanços inconsistente opta-se pelo redesenho total da caixa de escadas. No entanto, não se pretende alterar a volumetria exterior deste elemento. As escadas e as instalações sanitárias associadas apresenta-se como uma espécie de torre que, apesar de ter a mesma altura da fachada principal, apenas tem 7,75 m de profundidade. Esta área é então estudada para que inclua as novas escadas e o novo elevador.

Segundo a ideia geral para o anteprojeto, o redesenho das escadas precisa de responder a certas diretrizes: manter a passagem existente direta para o exterior, oferecer uma

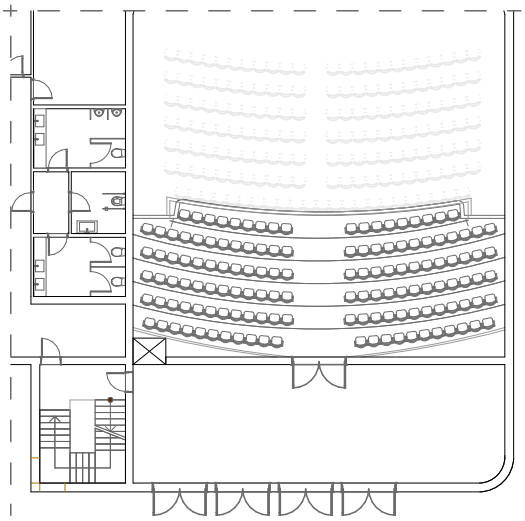
259. CAPITEL, "Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración", Op. Cit. 49



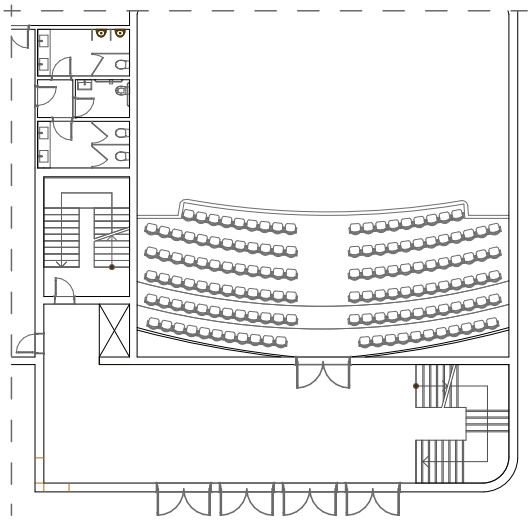
Piso 2



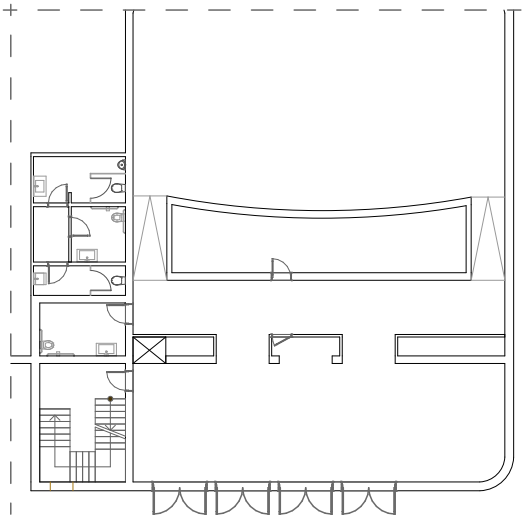
Piso 2



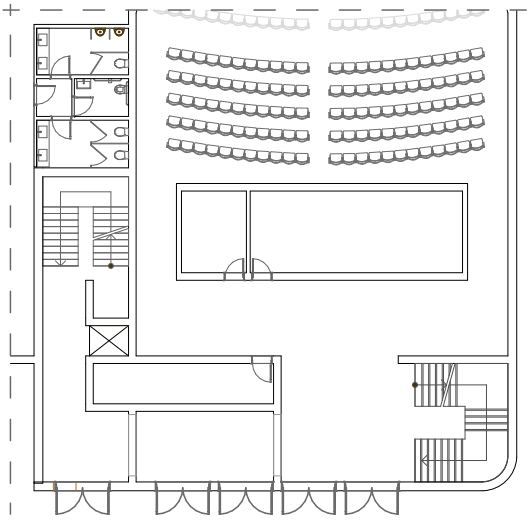
Piso 1



Piso 1



Piso 0
Desenhos de estudo



Piso 0

0 4m 8m

altura constante e confortável e incluir o acesso ao piso do foyer do balcão. Para tal, numa primeira procura, há um redesenho da área total da "torre" para responder apenas às escadas, localizando o elevador entre o foyer de plateia e entrada principal. No piso 1 o acesso ao elevador encontrar-se-ia na parede que divide atualmente o balcão do foyer. Ao recuar as escadas para o interior, seria também possível criar uma segunda receção dedicada aos espaços do Cine que não a sala de espetáculos. A receção poderia ser um pequeno balcão no momento de entrada da caixa de escadas. Esta disposição dos elementos verticais acaba por ser descartada, pois ao longo dos pisos causaria transtornos na organização espacial, visto ser preciso dedicar espaço suplementar de circulação. Para além de que seria necessária uma demolição completa da parede que divide as escadas das instalações sanitárias e a construção de uma nova idêntica, já que as escadas de emergência precisão de ser enclausuradas, o que não permite a coexistência espacial entre a mencionada receção e os degraus. Segundo este desenrolar de ideias, opta-se por um olhar mais simples e menos dispendioso, tanto em termos de espaço como em termos monetários, onde as escadas, sendo na mesma redesenhadas, se mantém no mesmo sítio, e o elevador aproveita o espaço atual das instalações dos patamares.

O objetivo que se estabelece para a entrada do edifico é o de criar uma maior espacialidade e abertura. Numa fase inicial, nota-se uma tentativa inconsciente de justificar a separação dos dois espaços que a conformam. Nesta linha entre a entrada e o foyer da plateia, desenhou-se, segundo a descrição anterior, o acesso ao elevador, mas também a determinada altura a bilheteira no centro do espaço, que deixava passagem para o foyer de plateia em ambos os lados. As primeiras opções eram em torno destas característica, até se perceber que se obteria um melhor resultado através da redução desta divisória e não do aumento programático na mesma.

Os espaços que se encontram por baixo do balcão, para além de pequenos tem um pé direito baixo, resultante da inclinação do balcão. Neste espaço também se pondera a colocação da bilheteira, mas principalmente das instalações sanitárias de apoio à sala de espetáculos. Marcada a convicção de disponibilizar sanitários femininos, masculinos, e de acessibilidade num mesmo local, contrariando a dispersa colocação atual, surge numa primeira instância a ideia de aumentar a área do piso -1, onde se encontra já uma das instalações sanitárias. Considera-se a integração da questão da acessibilidade nos dois primeiros, mas a área necessária para responder a esta questão é considerável, assim opta-se pela individualidade deste elemento, permitindo uma melhor resposta. A sugestão de escavações para a colocação de instalações sanitárias parece drástica e dispendiosa e a colmatar esta ideia percebe-se a impraticabilidade de ser necessário o uso de elevador por questões de acessibilidade, visto que o único acesso atual são as escadas sob as principais.

Em suma é necessária uma reorganização espacial para a resolução destas problemáticas que resulta em várias experiências onde como percebemos se discute a localização da bilheteira, do elevador, das instalações sanitárias e até a configuração do próprio balcão.

Em relação à sala de espetáculos, numa primeira ideia, considera-se uma solução semelhante à aplicada no Cine-teatro Constantino Nery. A exclusão do elemento balcão em prol de uma plateia continua em escada que ofereceria mais área ao foyer do balcão e mais altura às salas sob o balcão. Esta ideia é explorada até certo momento, pois carrega demasiados pontos problemáticos e negativos que anulam os benefícios. Em termos práticos, calculada a profundidade necessária da estrutura e altura da última linha de cadeiras, a nova plateia teria que se enquadrar na área da atual plateia o que levava a uma redução excessiva do número de lugares atuais. Ainda se observaria uma duplicação da área de circulação, causada pela adição das escadas da nova plateia aos corredores laterais existentes que se têm que manter por questões de acesso e segurança. O balcão é uma das particularidades que caracteriza esta sala e como tal chega-se à talvez inevitável conclusão de o manter. Assim sendo, procuram-se soluções mais contidas para a resolução das altimetrias referidas.

O redesenho da sala de espetáculos concentra-se numa fase final em duas questões chave deste tipo de equipamento: a área social antecedente e o número de lugares que apresenta. A valorização dos espaços sociais que guiam à sala de espetáculos do cineteatro impõe-se como um dos objetivos da proposta. O aumento da área destas zonas é uma resposta a esta premissa. A relevância conferida aos foyers vai diretamente apoiar outras alterações e solucionar outras questões. Vemos que vai dar sentido à redução do número de lugares na sala de espetáculos, através do aumento da área do foyer do balcão e consequente redução do balcão. Esta opção também oferece uma altura correta aos espaços sob este elemento, referidas anteriormente, e ainda facilita a abertura do elevador no piso 1.

É interessante perceber que, ainda sobre sala de espetáculos, a expressão e desenho dado ao espaço é criado gradualmente, o desejo de incorporar superfícies curvas e lisas guia este redesenho. O edifício do Cine Aves mostra, nas duas representações existentes, de 1951 e 1982, a conjugação destas formas opostas, tanto na sua forma geral como na simples disposição das linhas de cadeiras.

No caso dos camarins desenvolvem-se tentativas de maximizar o espaço existente de cada piso tendo em conta as aberturas existentes, a circulação necessária de acesso ao palco, subpalco e caixa de escadas. Considera-se necessário um camarim com sanitários e chuveiros por piso e a inclusão de espaços de arrumos e trabalho.

142. Espaço das águas furtadas.

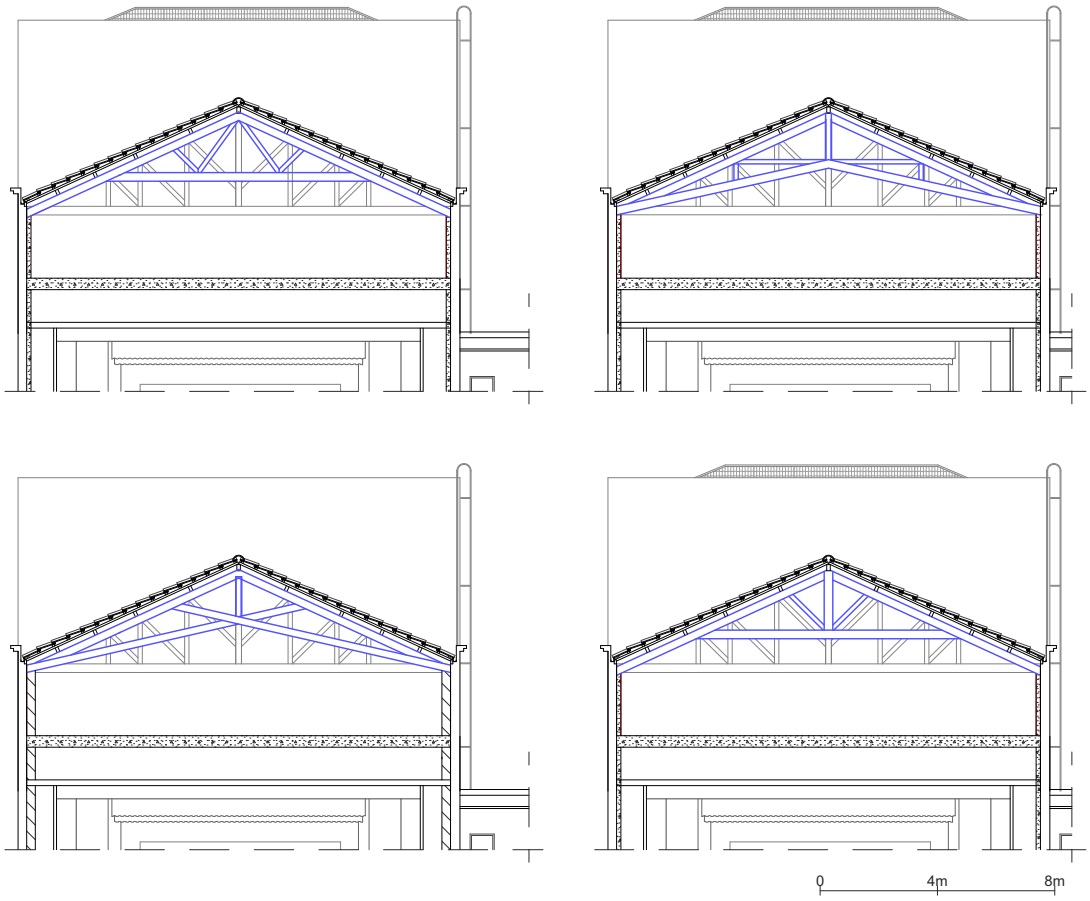
143. Espaço das águas furtadas.

Para resolver o problema de acessibilidade desta zona, de acesso ao palco e piso 0 dos camarins, considera-se nos primeiro desenhos a instalação de uma plataforma elevatória ou rampa exterior. Este último elemento, no entanto, é rapidamente desconsiderado visto que desconfiguraria tanto a rua lateral do cine como as fachadas associadas, e bloquearia a saída de emergência da sala de espetáculos pela extensão necessária para vencer a altura do piso. Por outro lado, uma plataforma elevatória considerou-se viável. Não obstante, o enquadramento da plataforma nas escadas do volume dos camarins é insustentável para a SCIE, por outro lado se fosse colocada ao lado da caixa de escadas roubaria área passível de ser camarim. Assim sendo, olha-se para a sala de espetáculos para colocação do elemento. Aqui indica-se a instalação num dos dois compartimentos de apoio no palco ou uma inserção disfarçada do elemento no pavimento em frente ao palco. Apesar deste sistema ser uma escolha aceitável, numa fase final de desenho, num dos compartimento supracitados, pondera-se antes a instalação de mais um elevador, visto possibilitar o acesso não só ao piso do palco, mas também ao subpalco e ao piso superior do volume principal.

O aproveitamento da área total do piso 3 para a integração de novas valências é uma ideia discutida com a proprietária desde início. O espaço é então estudado em termos de área e distribuição e o ideal de polivalência é preponderante. No espaço amplo com 340 m^2 são idealizadas várias salas com paredes amovíveis. No entanto, presta-se atenção às asnas que se pretende deixar à vista. As ditas paredes precisam de suporte no teto e chão, sendo assim só podem ser colocadas diretamente a baixo da linha das asnas.

A problemática de organização espacial identifica-se mais no piso 2 do volume principal. Neste piso são identificados múltiplos objetivos, devido ao número de funcionalidades esperadas. É aqui que se espera encontrar o novo bar concerto, com copa, palco e arrumos, para

145. Fachada do restaurante, Passado, Presente e Futuro.



144. Desenhos de algumas possibilidades de desenho das asnas.

além da sala de projeção e salas de apoio. Antes de mais, é estabelecida apenas uma cota para o piso e espera-se menos circulação e mais fluidez espacial. Cria-se um processo de procura, tendo em conta a área aceitável para cada função, de forma a encontrar uma conjugação espacial que permita a criação de um bar concerto coerente e confortável e uma zona de apoio ao espetáculo simples e funcional.

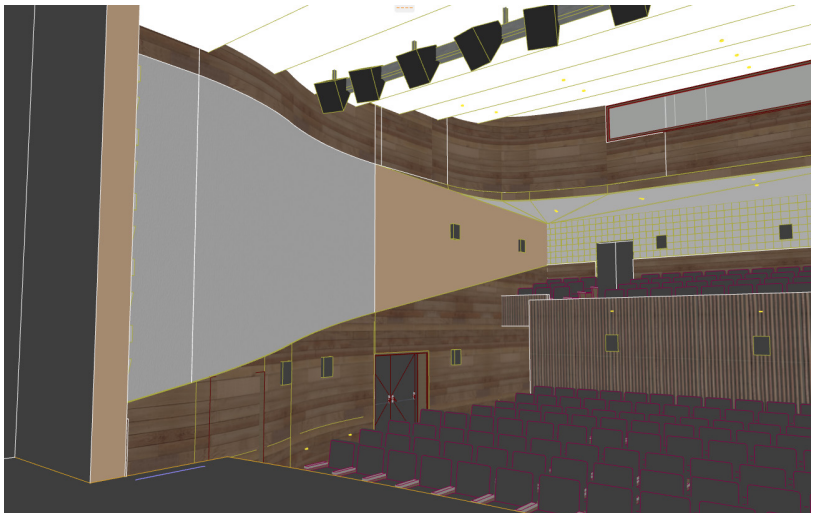
Em relação ao volume do restaurante é importante relembrar que se considera importante um redesenho de fachada. No rés-do-chão não se pretende interferir muito, é um espaço de configuração simples e é uma funcionalidade que está alugada e ajuda na sustentabilidade do Cine. No entanto, pode ganhar com o aumento de área e reserva-se essa ideia para o andar de cima, que é menos utilizado por causa da inclinação do telhado se sentir em certos pontos. É neste piso que se consideram, ao longo do trabalho, ideias de aproveitamento por parte do cineteatro propriamente dito. Como por exemplo, o desenho de uma sala com escadas tipo auditório, que aparenta ser cativante num momento inicial, mas que na realidade não valorizaria um edifício onde uma sala polivalente e um café concerto podem atuar como segundo ponto de espetáculo ou visualização de filmes.

Para que todas as alterações pensadas sejam possíveis sentiu-se a necessidade de "*colaborar com a engenharia num continuo entendimento*"[260]. Assim sendo, "contrata-se" um engenheiro [261] para uma conversa onde são esclarecidas dúvidas sobre a possibilidade ou não de algumas alterações, como a criação da nova laje do piso 3. Neste caso, o profissional em questão é especialista em soluções em madeira, uma das opções consideradas interessante para a resolução da nova laje. A madeira que já está presente na zona, representada pelas asnas, sugere esta solução. Para além de que a considerável carga associada um novo espaço desta dimensão, beneficiaria de uma estrutura mais leve de madeira e vigas metálicas do que, por exemplo, uma estrutura de betão. No entanto, independentemente do material usado neste elemento há um acordo de que as paredes existentes devem ser reforçadas, aí sim com betão, para possibilitar este novo espaço no Cine Aves. Em relação as asnas aponta-se que a altura deixada nestes pontos é reduzida, por este motivo são também estudadas outras formas de as desenhar, de maneira a permitir uma confortável passagem.

Antes de apresentar o objeto final, é importante referir duas questões. Em primeiro lugar é importante salientar que é usado um instrumento de trabalho e apresentação do anteprojeto para além dos desenhos: o modelo tridimensional. Na percepção da espacialidade e dos materiais

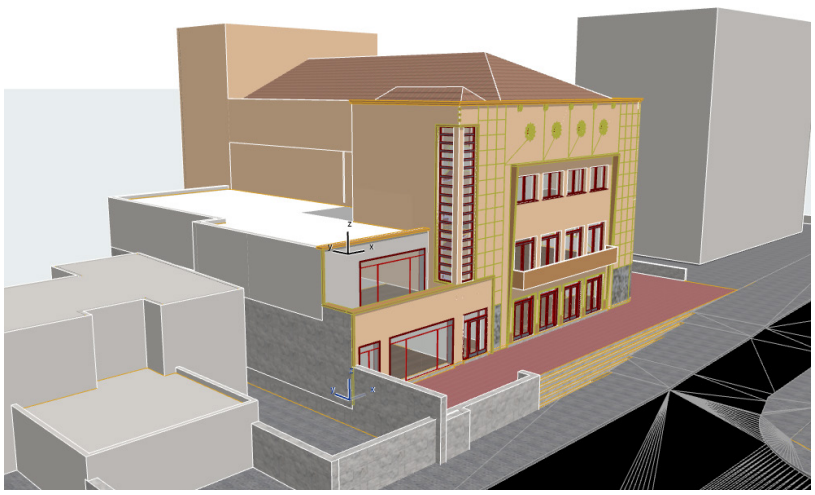
260. TOSTÕES, "A idade maior: cultura e tecnologia na arquitectura moderna portuguesa", Op. Cit. P.165

261. Eng. João Alves.



148. Sala de espetáculos no modelo tridimensional do Cine Aves.

147. Modelo tridimensional do Cine Aves.



146. Modelo tridimensional do Cine Aves.

idealizados para os espaços do Cine esta ferramenta atuou como um suporte na concretização de decisões. Na apresentação do anteprojeto, as imagens (ou renders) que resultam do modelo e que se desenvolvem ao longo do trabalho complementam tanto os desenhos, plantas, alçados e cortes, como auxiliam visualmente na descrição dos novos espaços do Cine Aves.

Em segundo lugar é importante referir que são desenhadas, segundo algumas das ideias mencionadas, possíveis aumentos a este anteprojeto. Consoante o financiamento obtido, o Cine Aves pode tentar responder a mais questões do primeiro pedido da proprietária. Como observamos na *Cena* anterior os pontos de atelier e de revelação de fotos, por exemplo, não se incluem no programa final, mas são mencionados no programa +. Apesar de existirem espaços de workshops no conjunto final de funcionalidades, estes não são salas completamente encerradas, como se perceberá na apresentação do anteprojeto, podendo responder a algumas atividades, mas sempre com o ideal de polivalência e colaboração entre vários espaços. Por estes motivos, considera-se interessante expor, como nota final, ideias que no caso de surgir oportunidade sejam implementadas no projeto final. Para tal, o anteprojeto apresentado, em termos construtivos e espaciais, é guiado em certos pontos para que estes aumentos sejam facilitados, quer se realizem numa primeira intervenção ou numa segunda fase de construção.

149. 3D - Cine Aves.

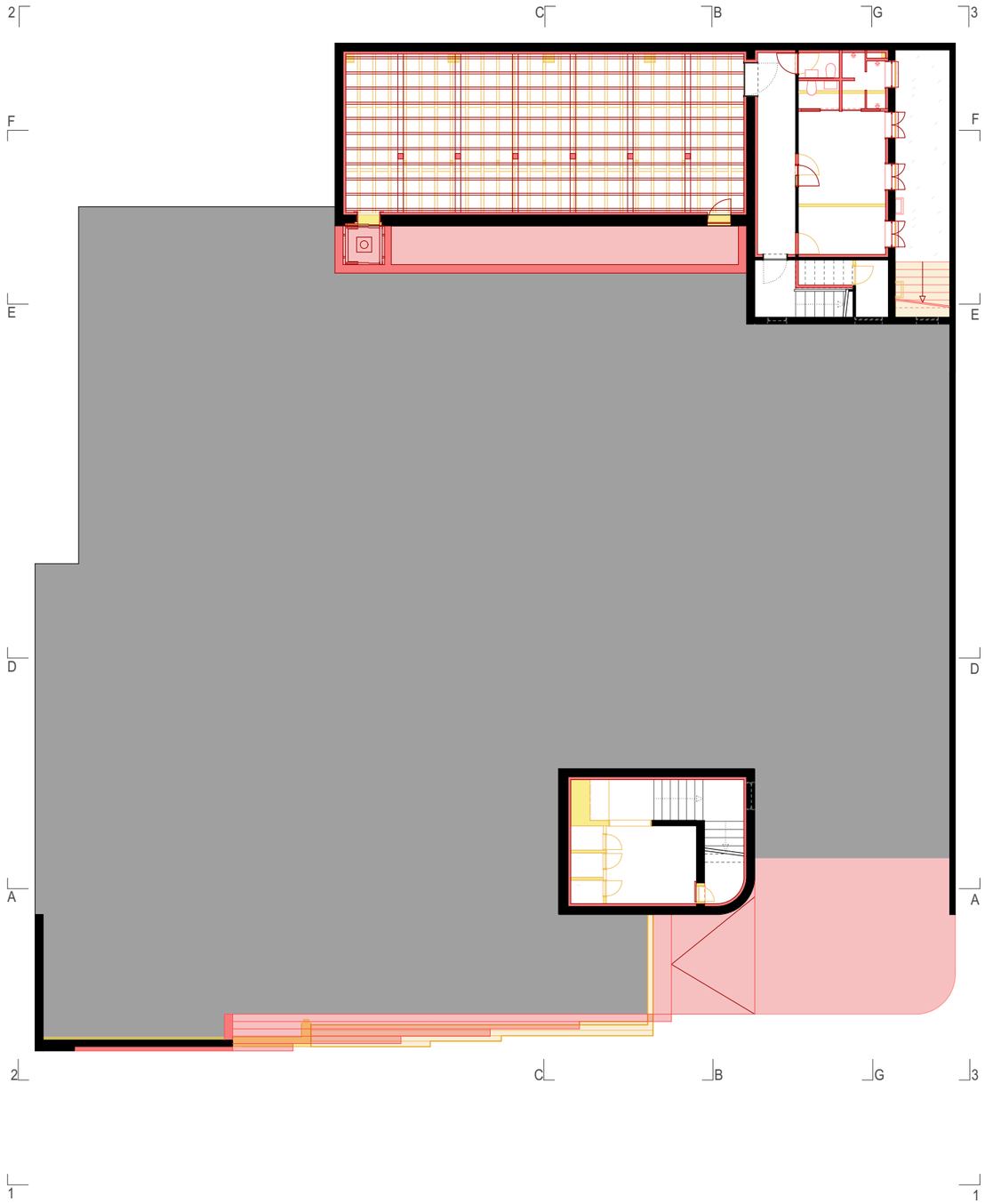
Cena 3.2

O anteprojeto do Cine Aves

Este projeto representa o que poderá ser o próximo passo na vida do Cine Aves. Nesta *Cena* surge a exposição dos espaços do *novo* cineteatro e das ligações entre esses. A interseção de todas as questões tratadas anteriormente leva à apresentação desta conclusão. Uma memória descritiva onde estão representadas as decisões refletidas e consideradas oportunas/certas para esta nova fase do edifício. Tendo em mente as várias etapas que levam a este desfecho, é importante reafirmar que se trata de uma passo na vida do cineteatro e que se deixa em aberto, em termos projetuais, a viabilidade de crescimento.

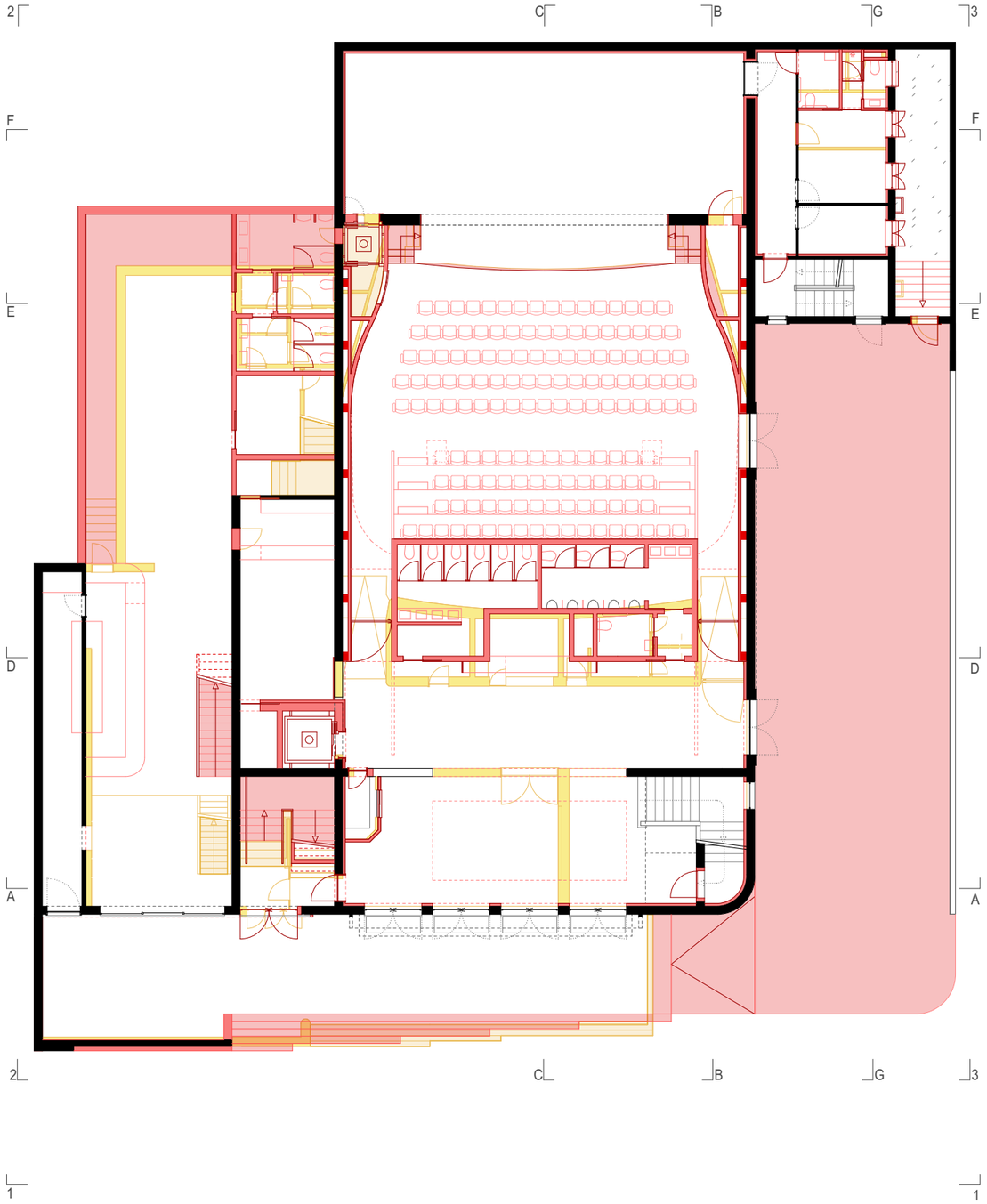
A descrição procede com a apresentação do edifício, sendo que os elementos desenhados completos encontram-se no inicio para uma leitura continua dos mesmos. Os elementos desenhados referem-se às plantas, cortes e alçados do projeto de demolição/construção, comumente conhecidos como desenhos de vermelhos e amarelos, e do anteprojeto. No entanto, incluem-se desenhos esquemáticos e imagens juntamente com a descrição que se encontra depois, de forma a auxiliar a compreensão da proposta.

Para além da descrição espacial, a parte construtiva e técnica, que confirma a exequibilidade do anteprojeto, revela-se como um agente de suporte na descrição. Considera-se importante perceber em termos físicos e concretos como as ações propostas pelo trabalho podem ser realizadas. Neste campo, são apresentados esquemas que mostram uma resposta, também em anteprojeto, do tema construtivo, legislativo e de segurança. As problemáticas subliminares do edifício, como a SCIE, a acessibilidade, a ventilação, assim como as soluções construtivas que permitem certas decisões, são reveladas segundo todas as condições impostas ao longo do trabalho.



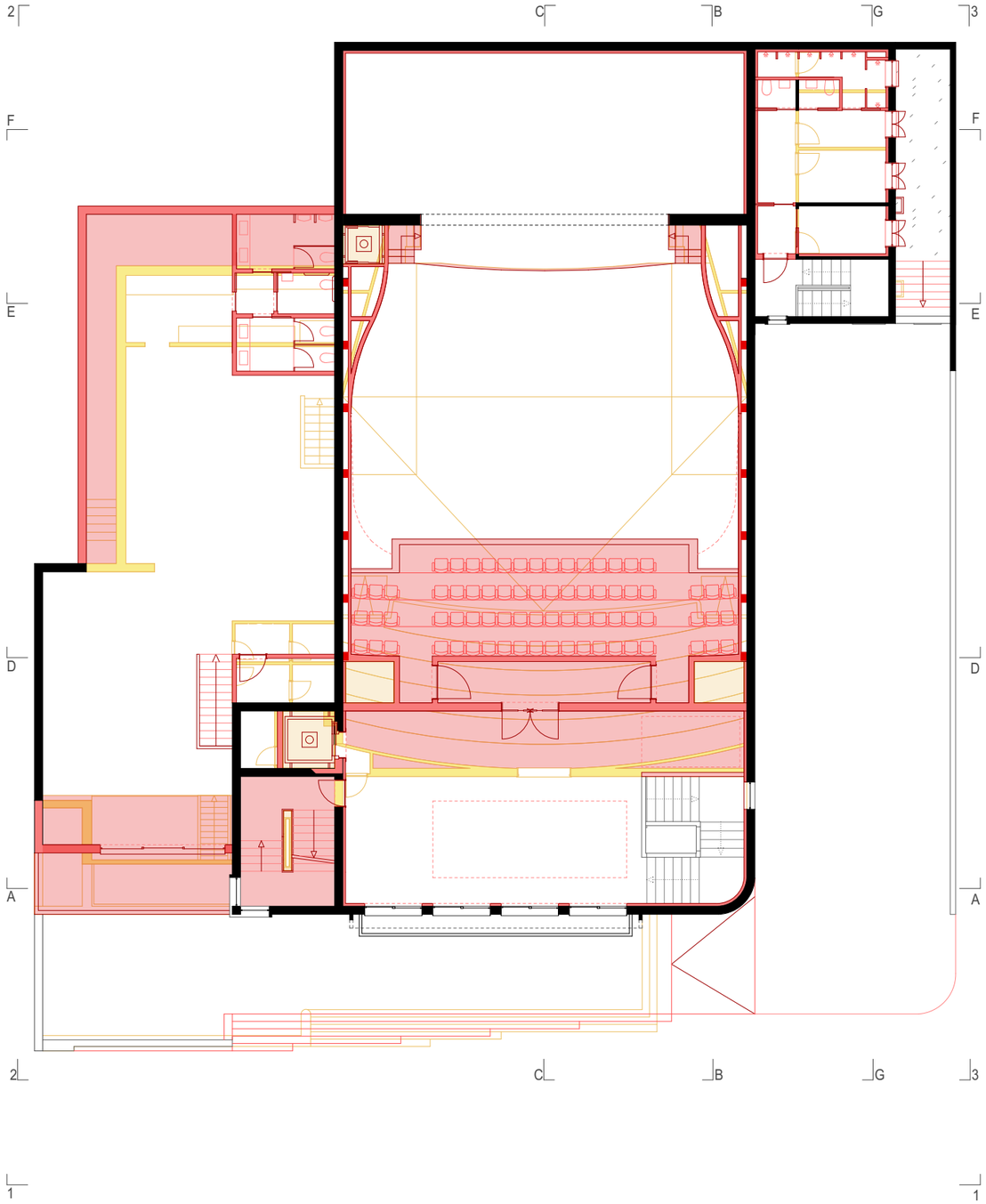
Planta Piso -1

1:200



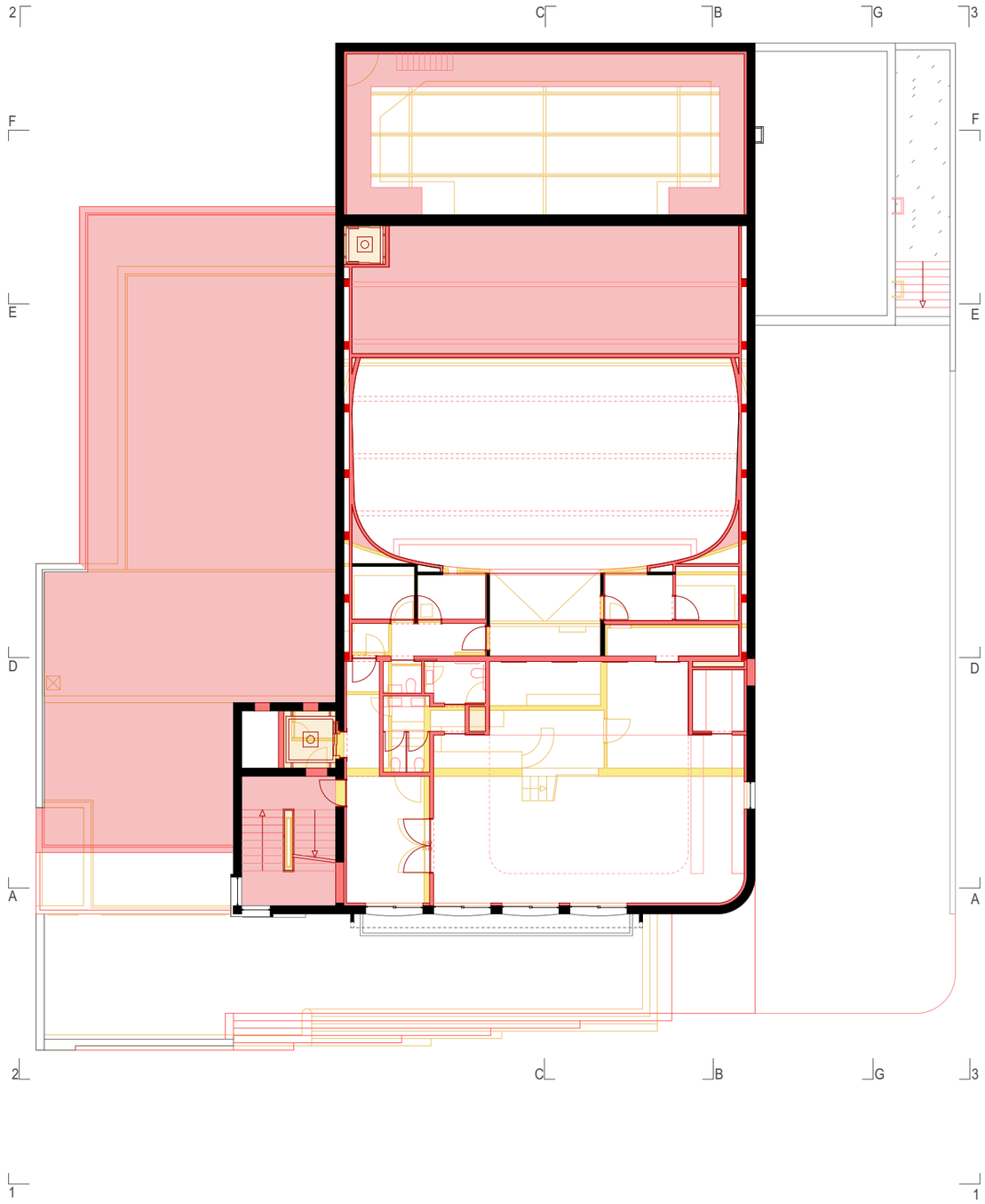
Planta Piso 0

1:200



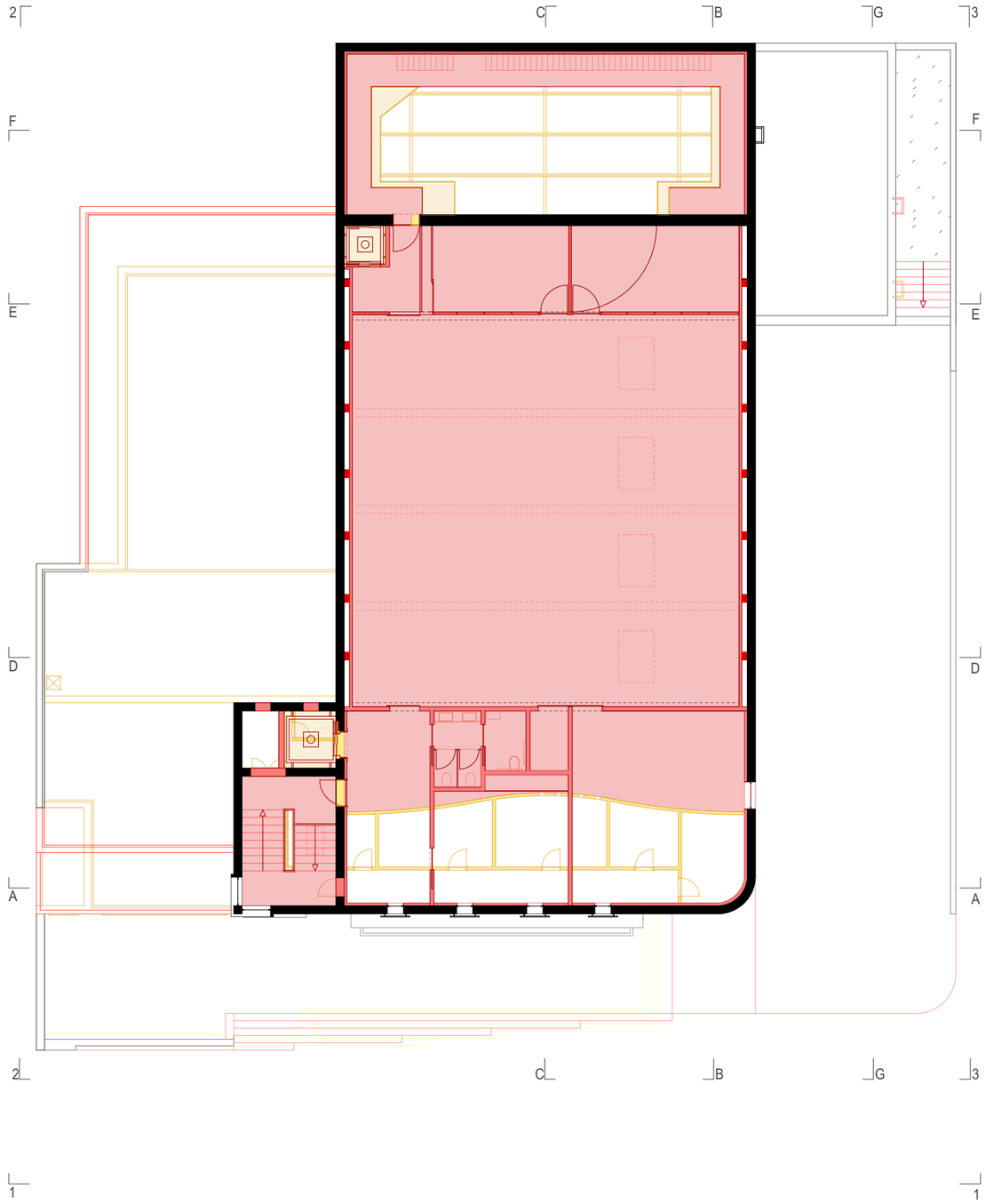
Planta Piso 1

1:200



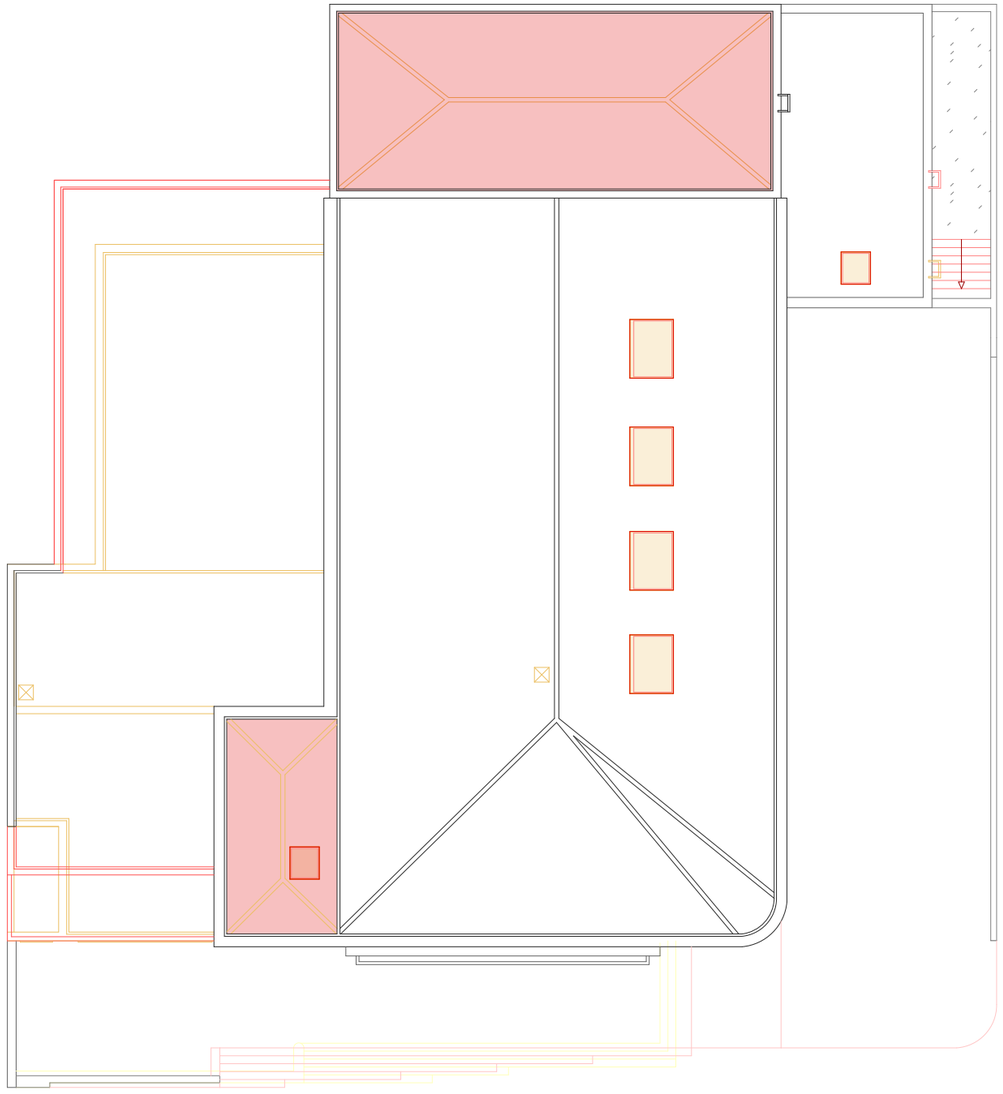
Planta Piso 2

1:200



Planta Piso 3

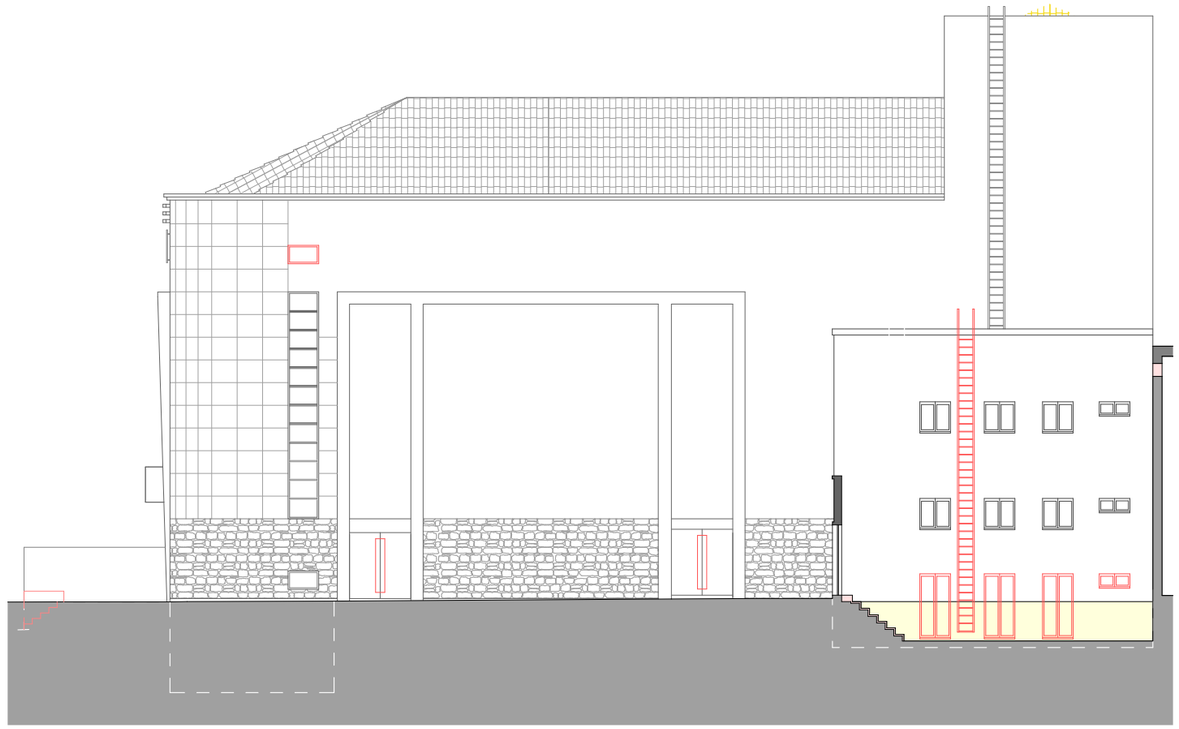
1:200



Planta de coberturas

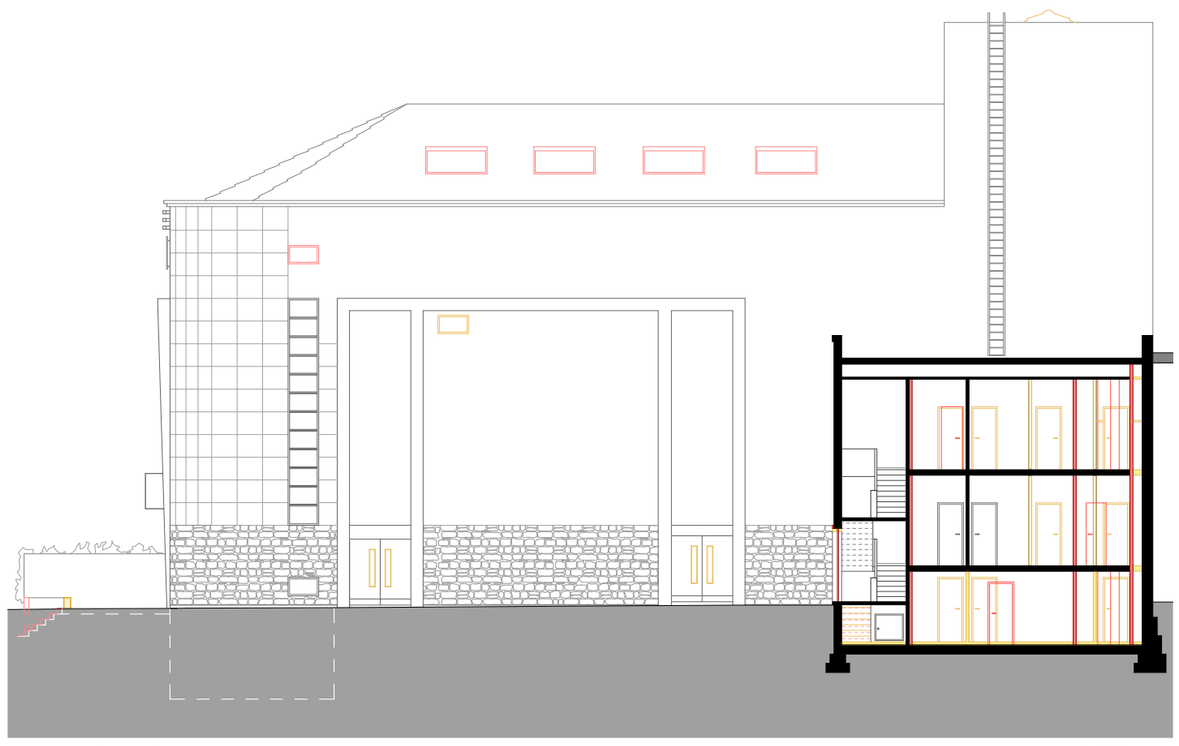
0 2m 4m 6m

1:200



Alçado Norte (1)

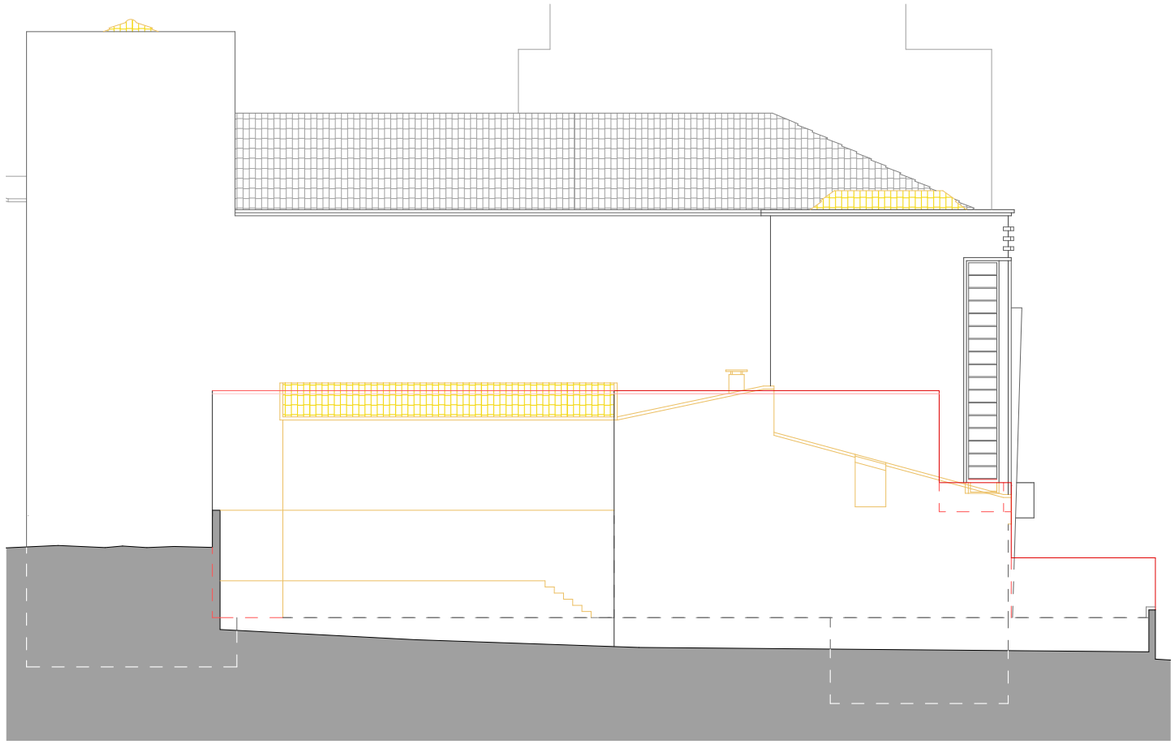
1:200



Corte A

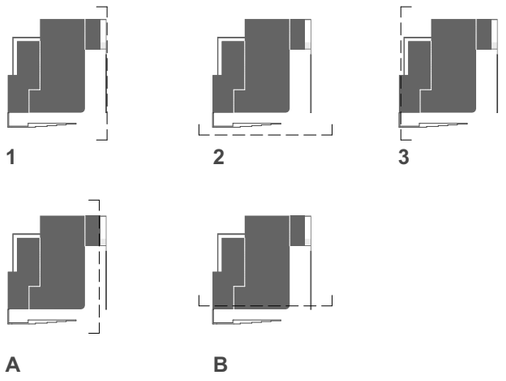
1:200

Alçado Poente, Principal (2) 1:200

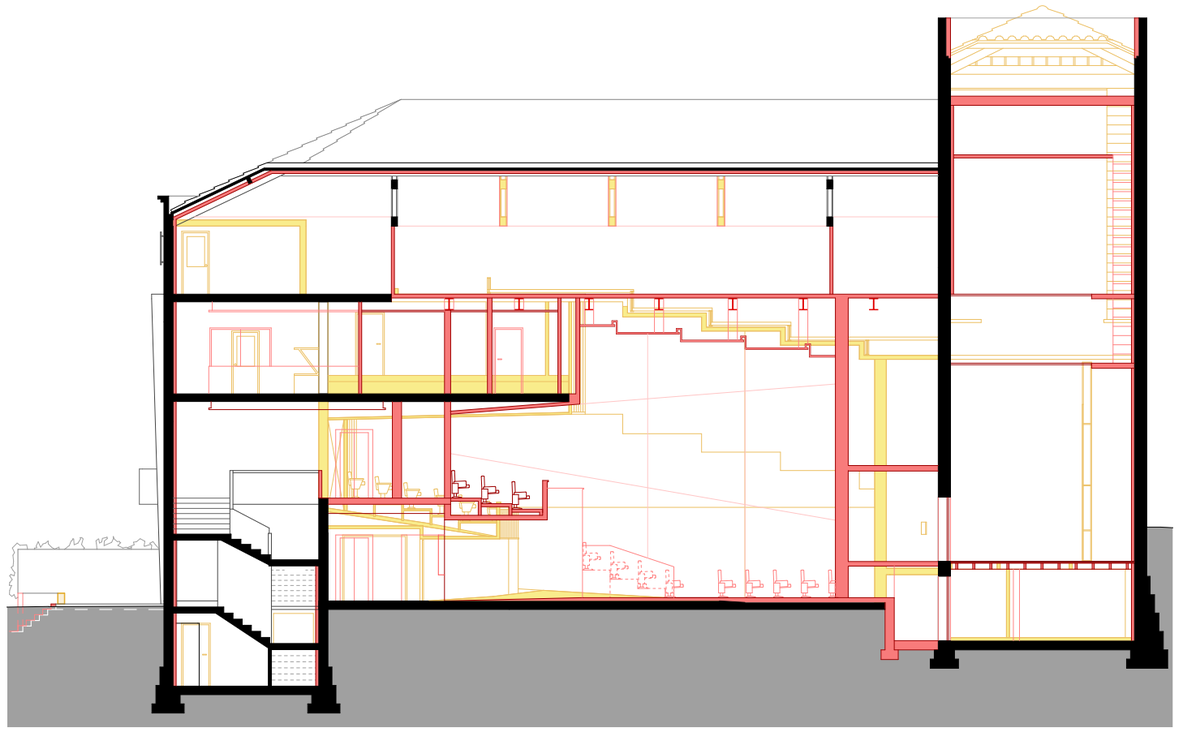


Alçado Sul (3) 1:200

Corte B 1:200

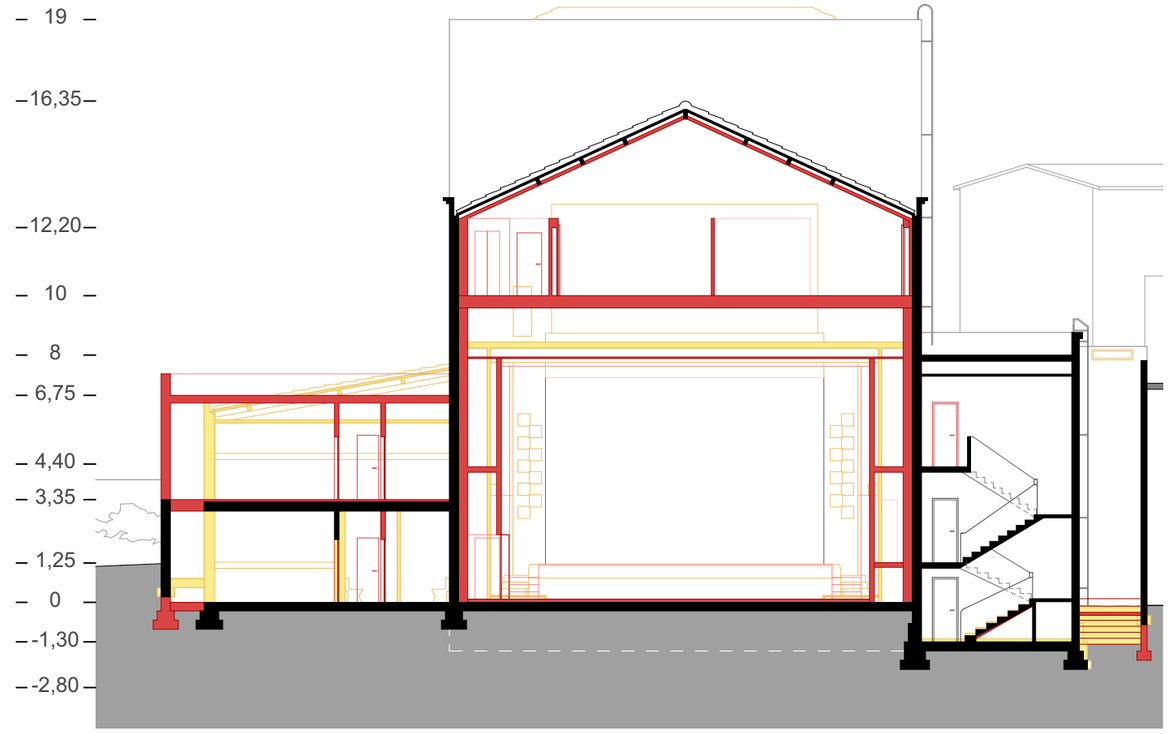


Esquemas de marcação de cortes



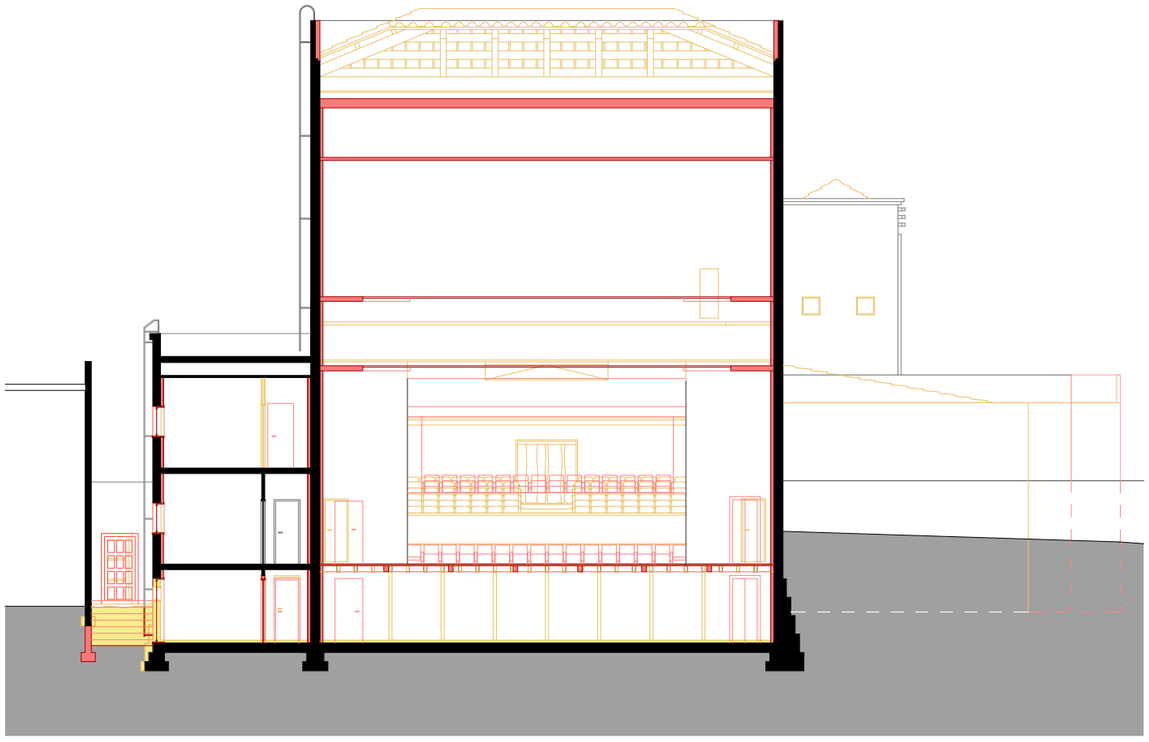
Corte C

1:200



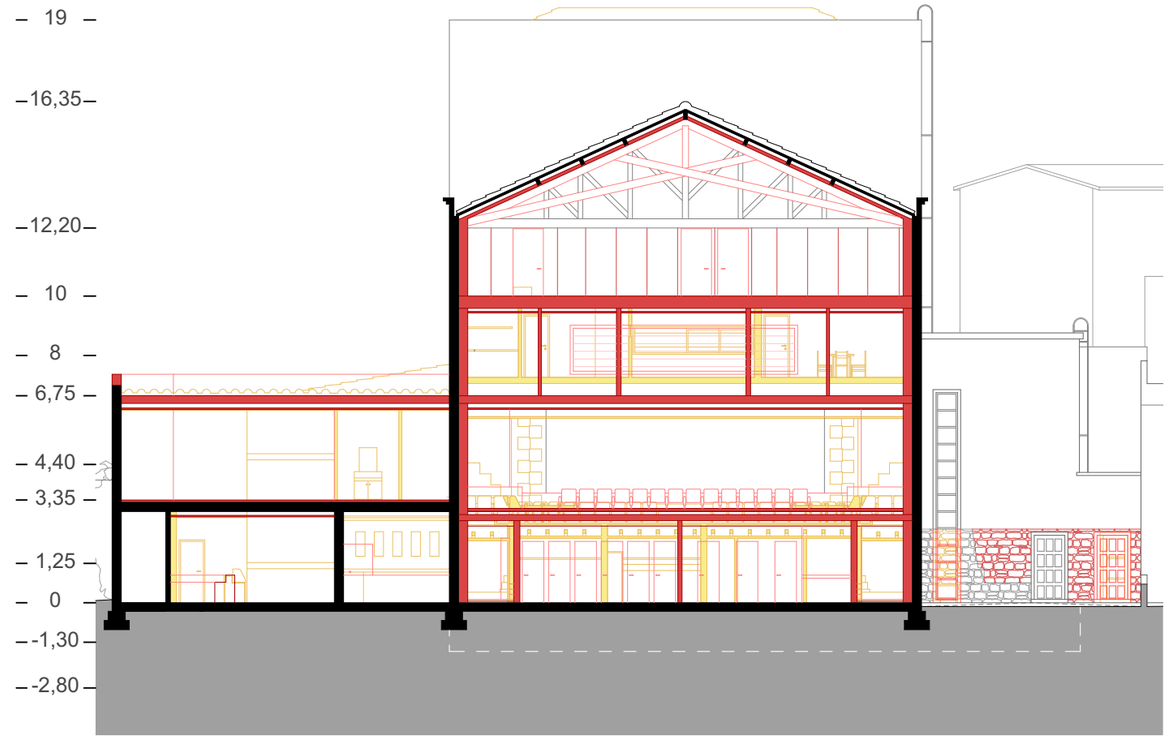
Corte D

1:200



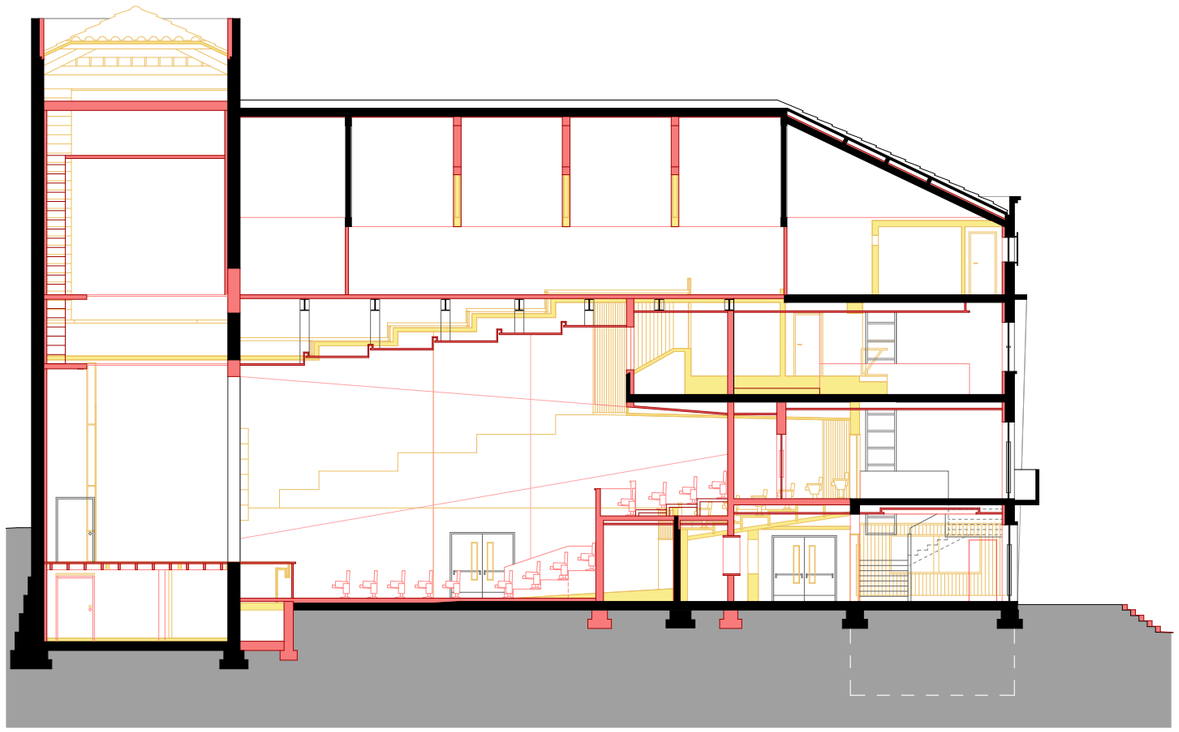
Corte F

1:200

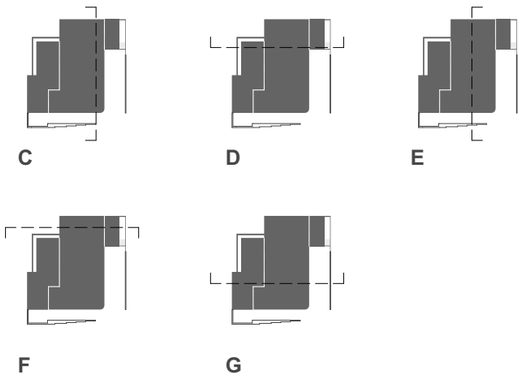


Corte G

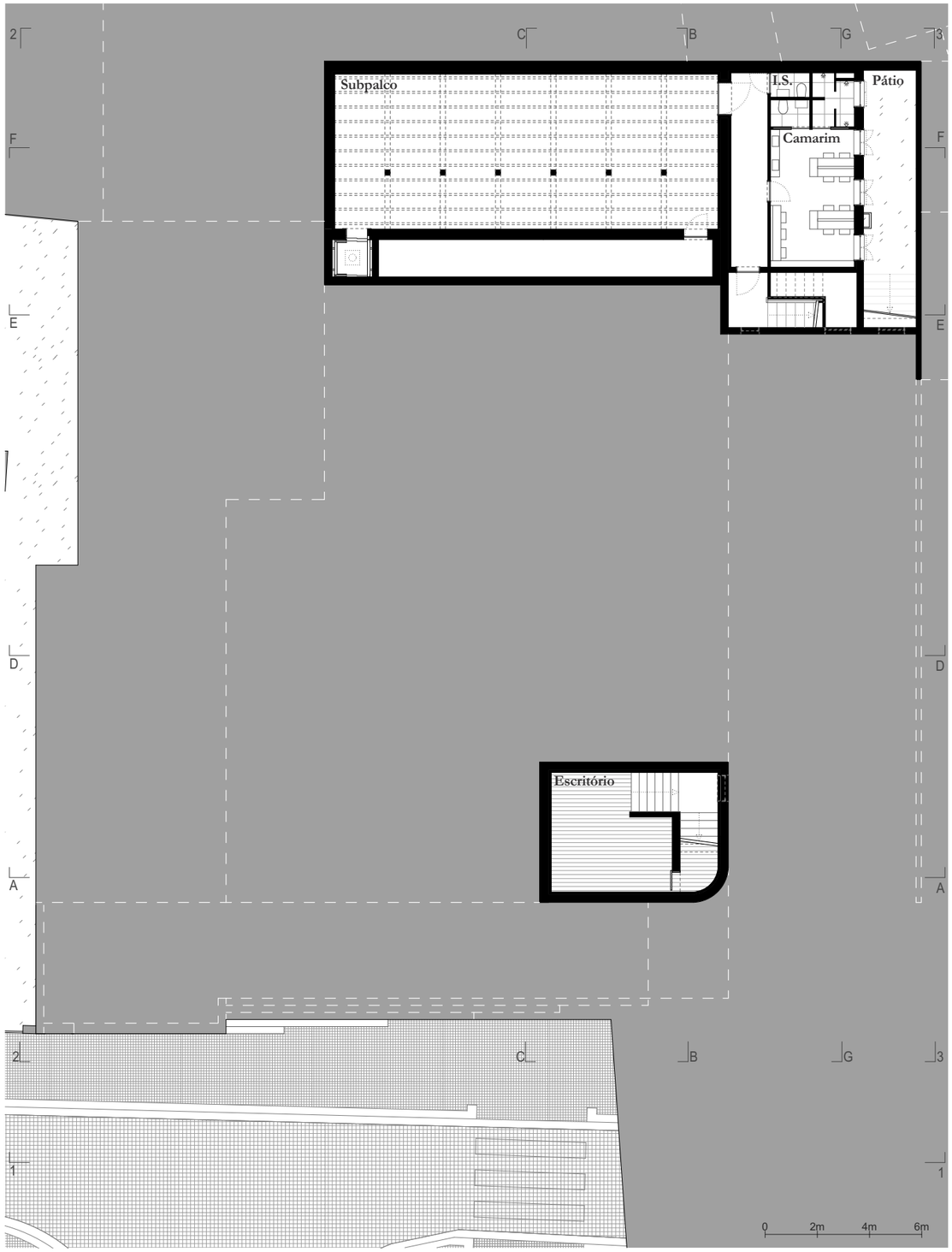
1:200



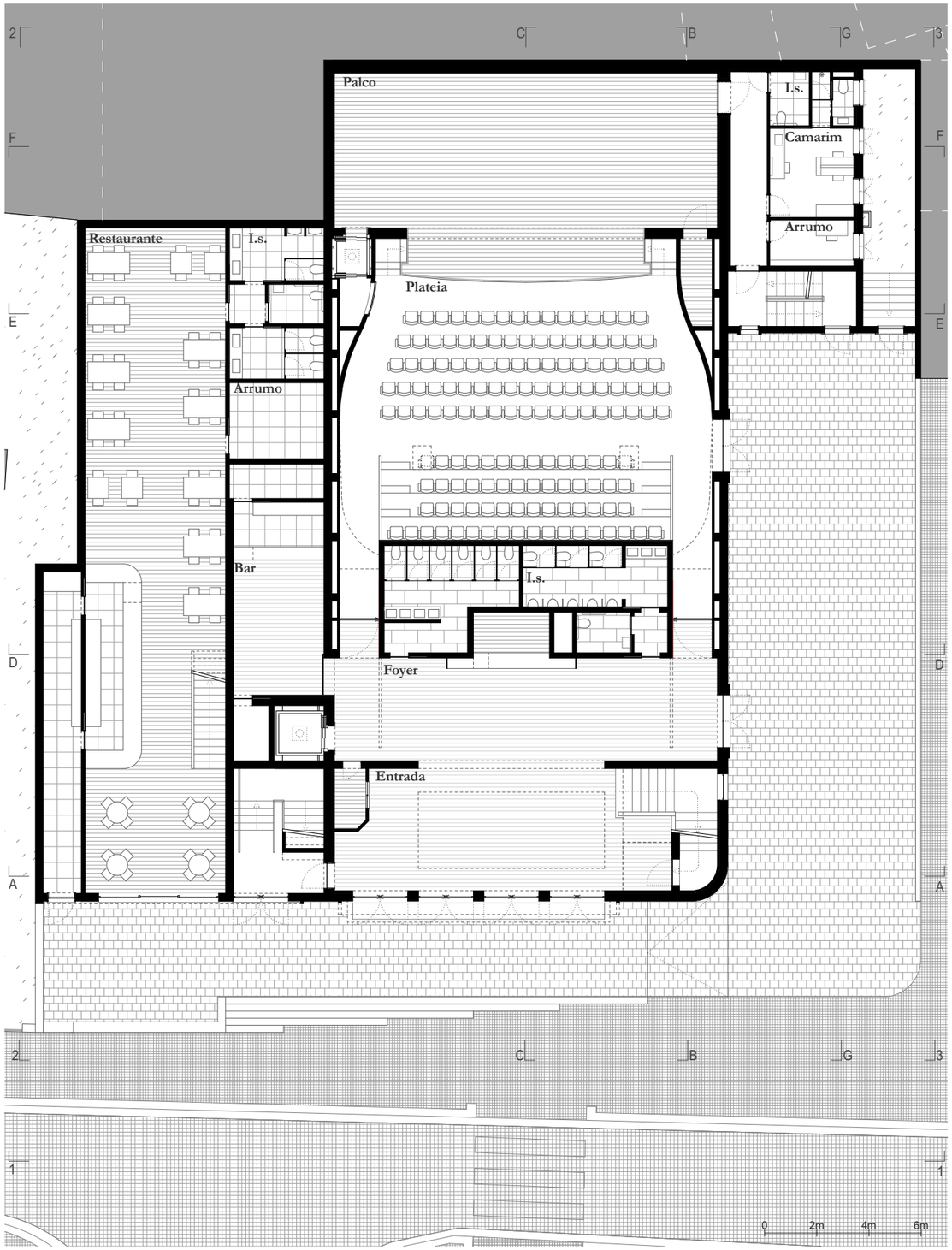
Corte E 1:200



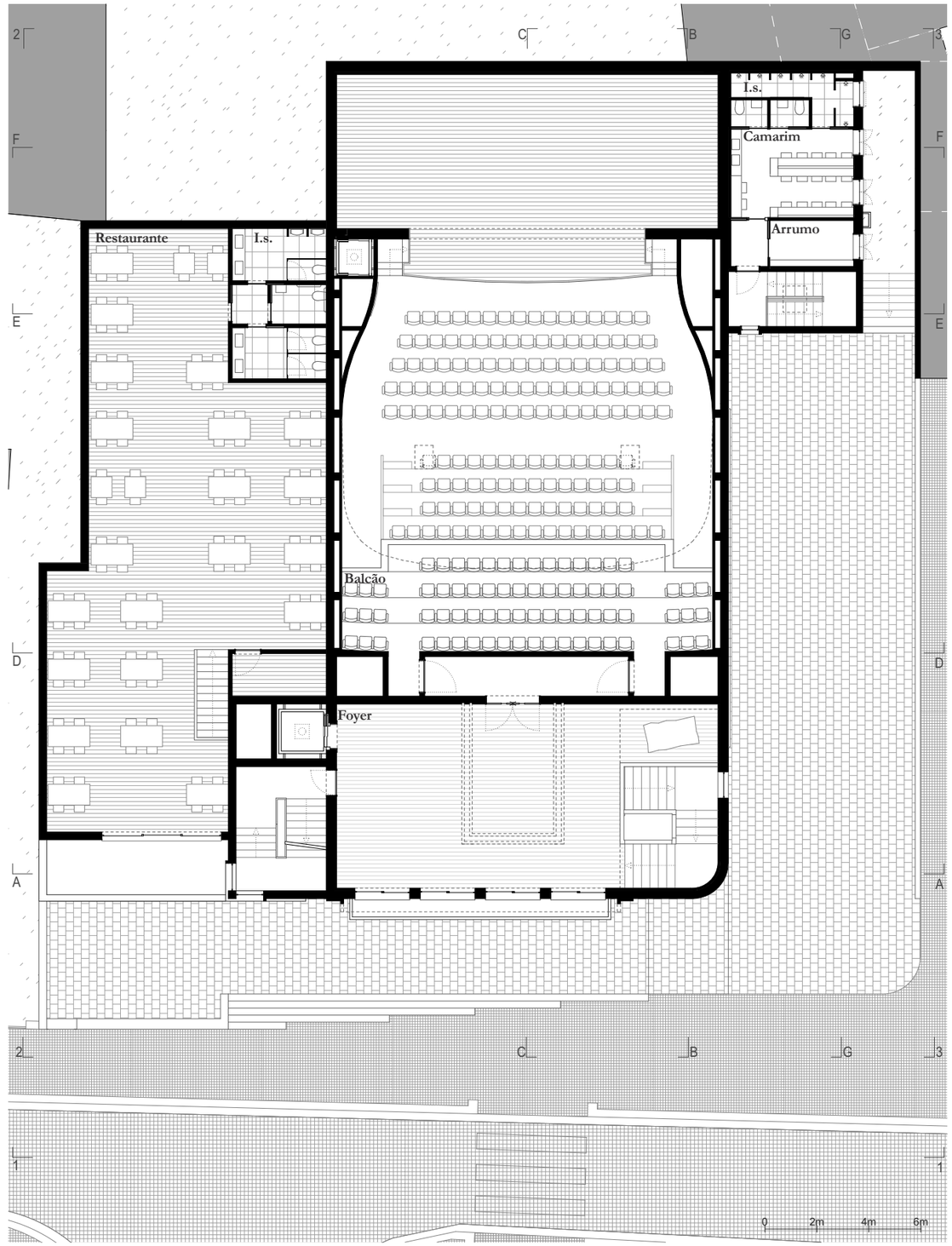
Esquemas de marcação de cortes



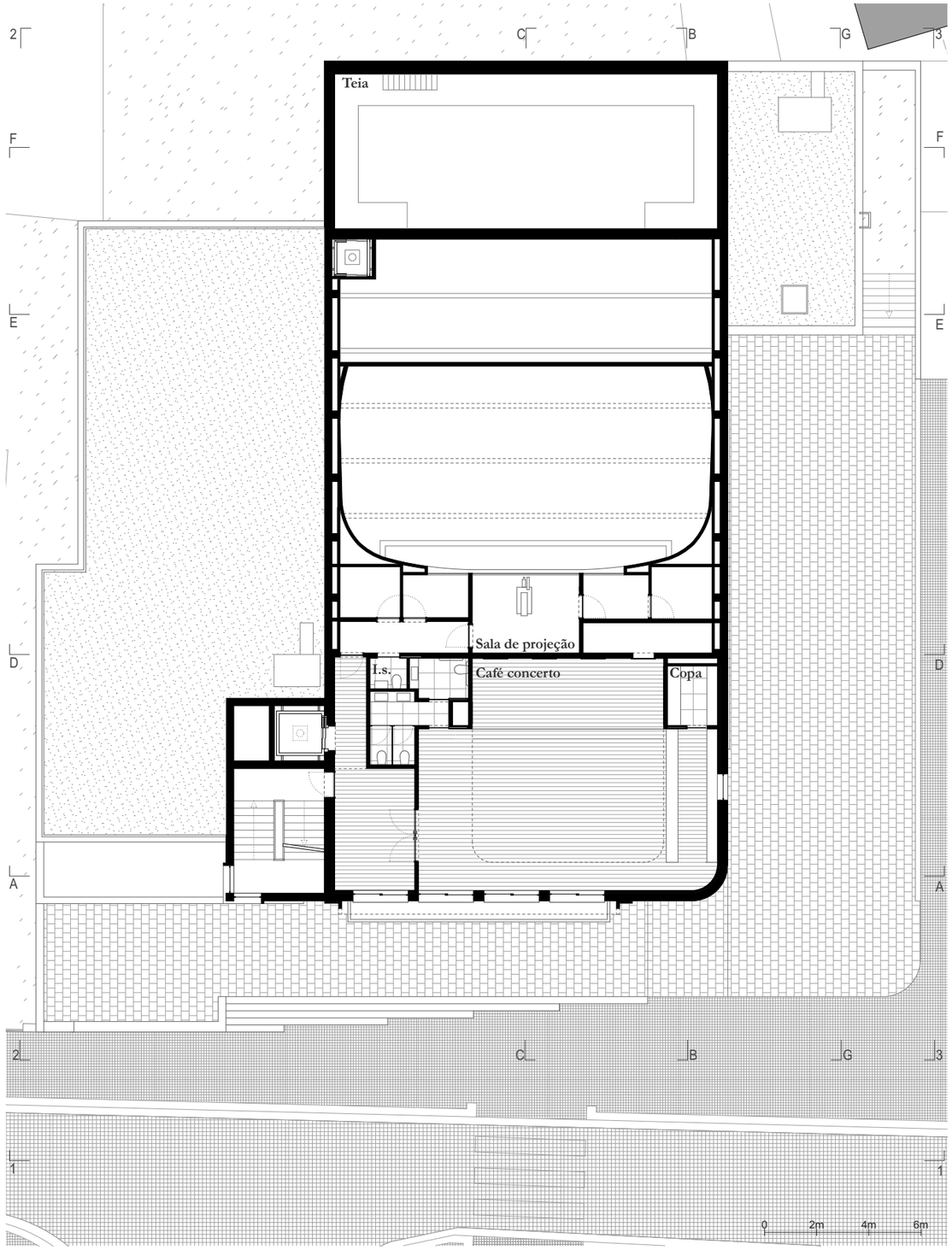
Planta Piso -1 1:200



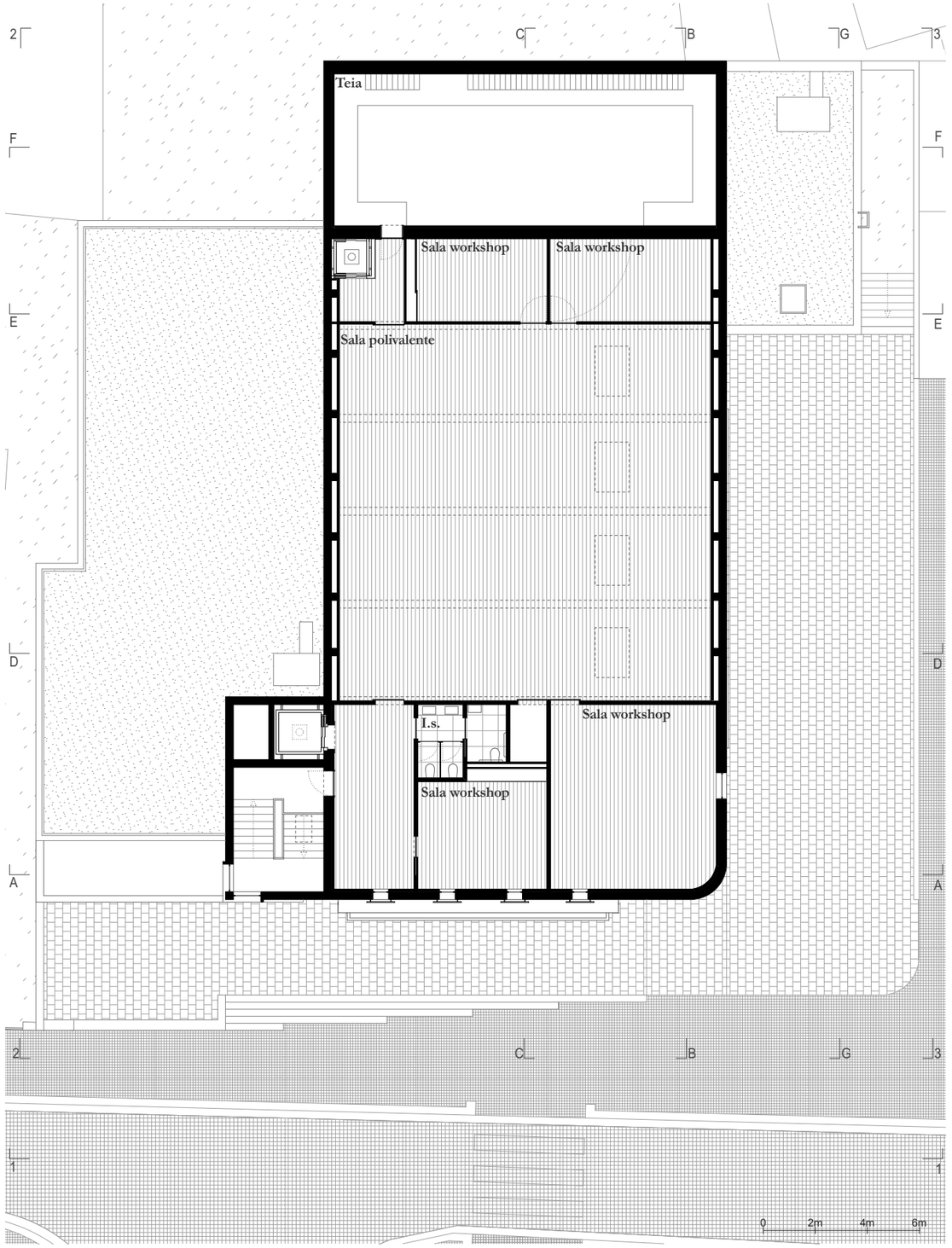
Planta Piso 0 1:200



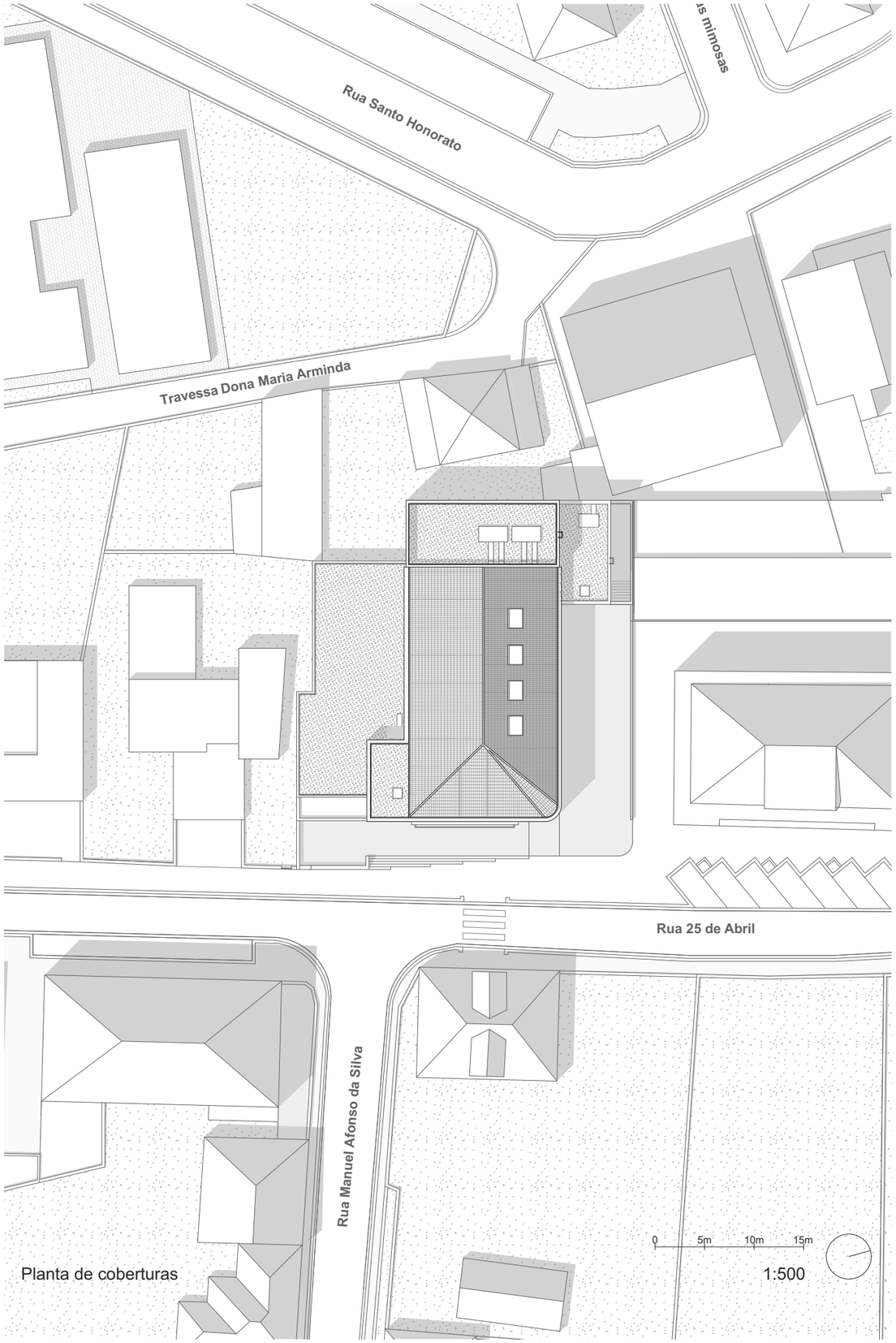
Planta Piso 1 1:200



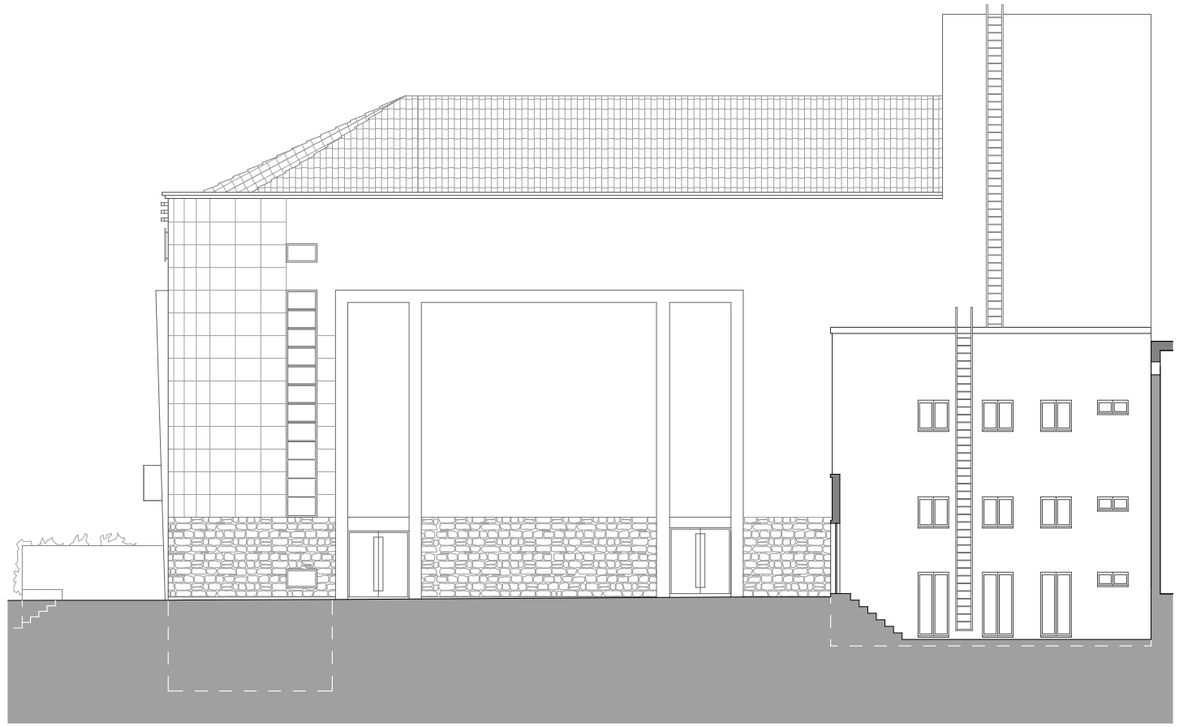
Planta Piso 2 1:200



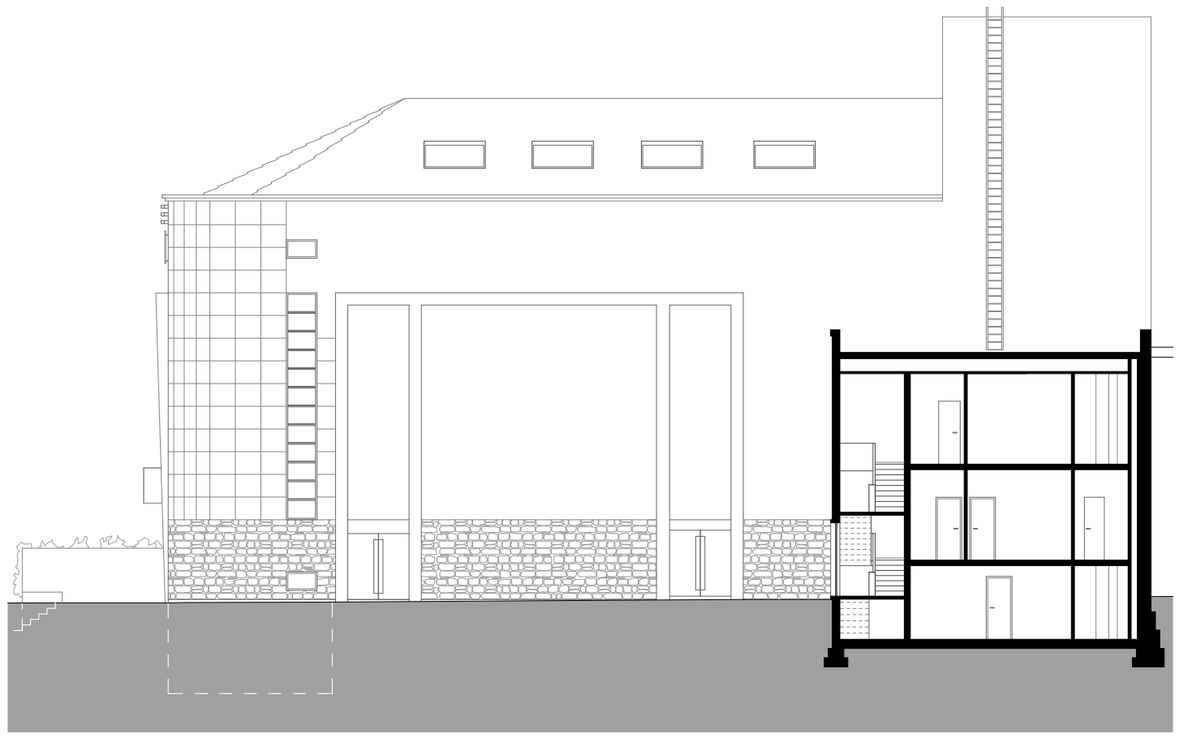
Planta Piso 3 1:200



Planta de coberturas

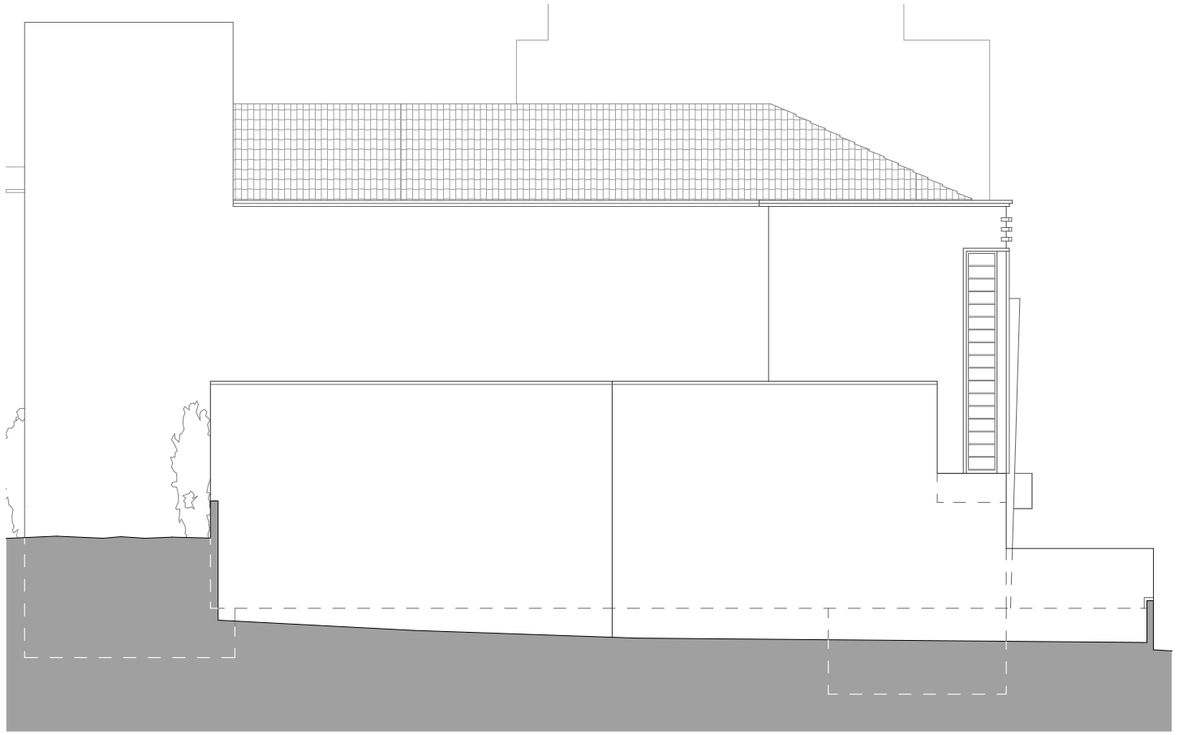


Alçado Norte (1) 1:200

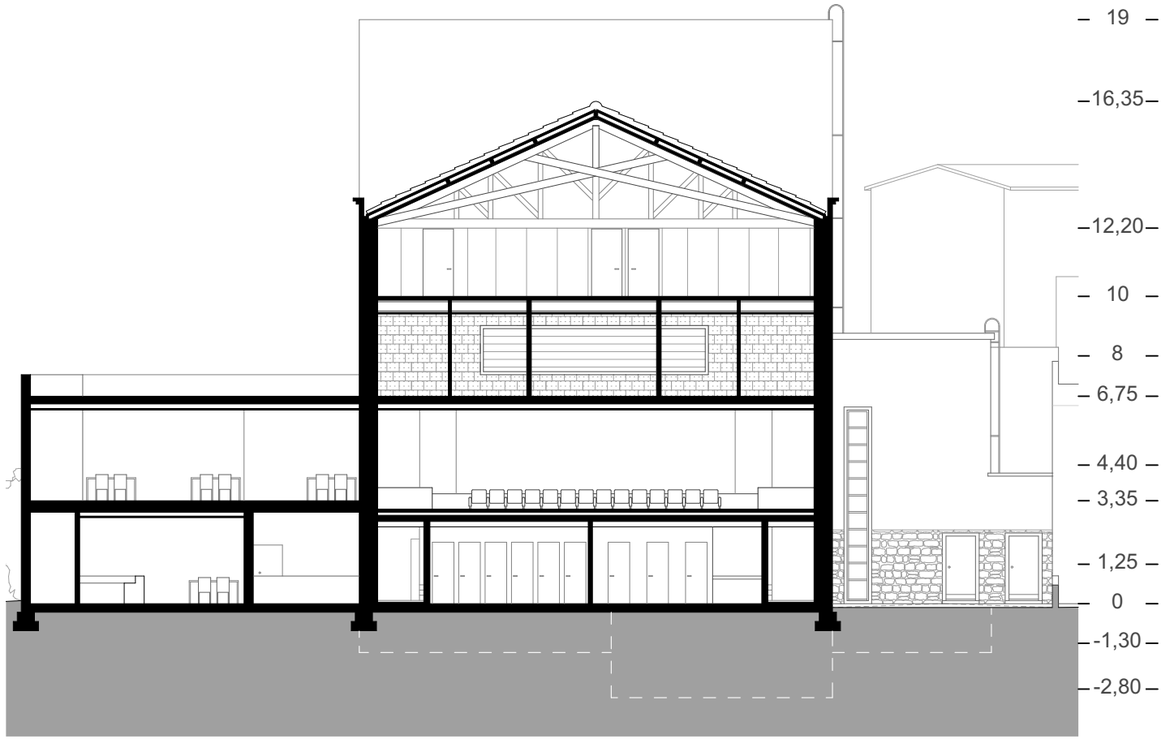


Corte A 1:200

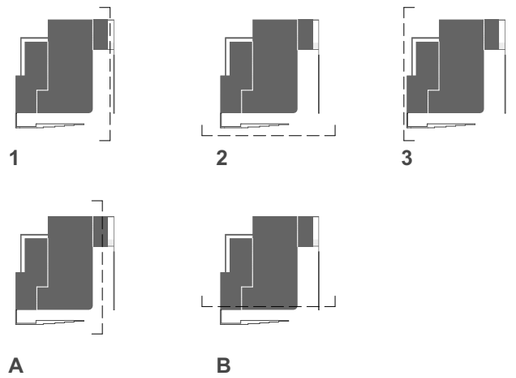
Alçado Poente, Principal (2) 1:200



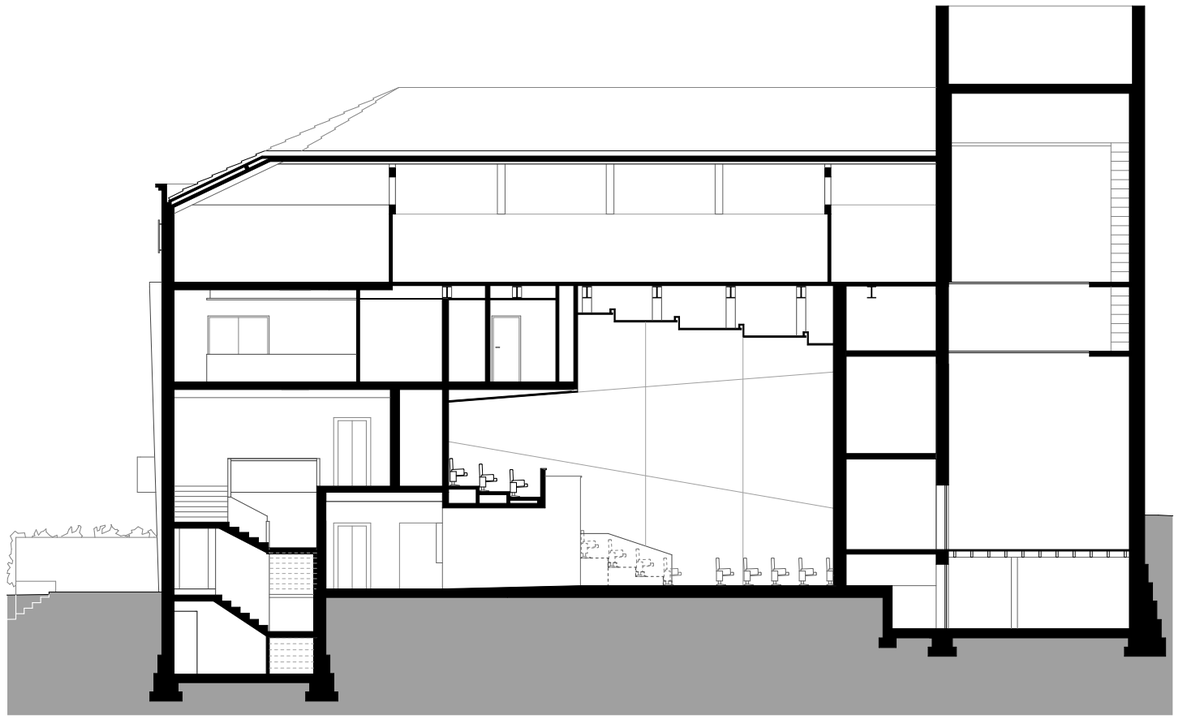
Alçado Sul (3) 1:200



Corte B 1:200

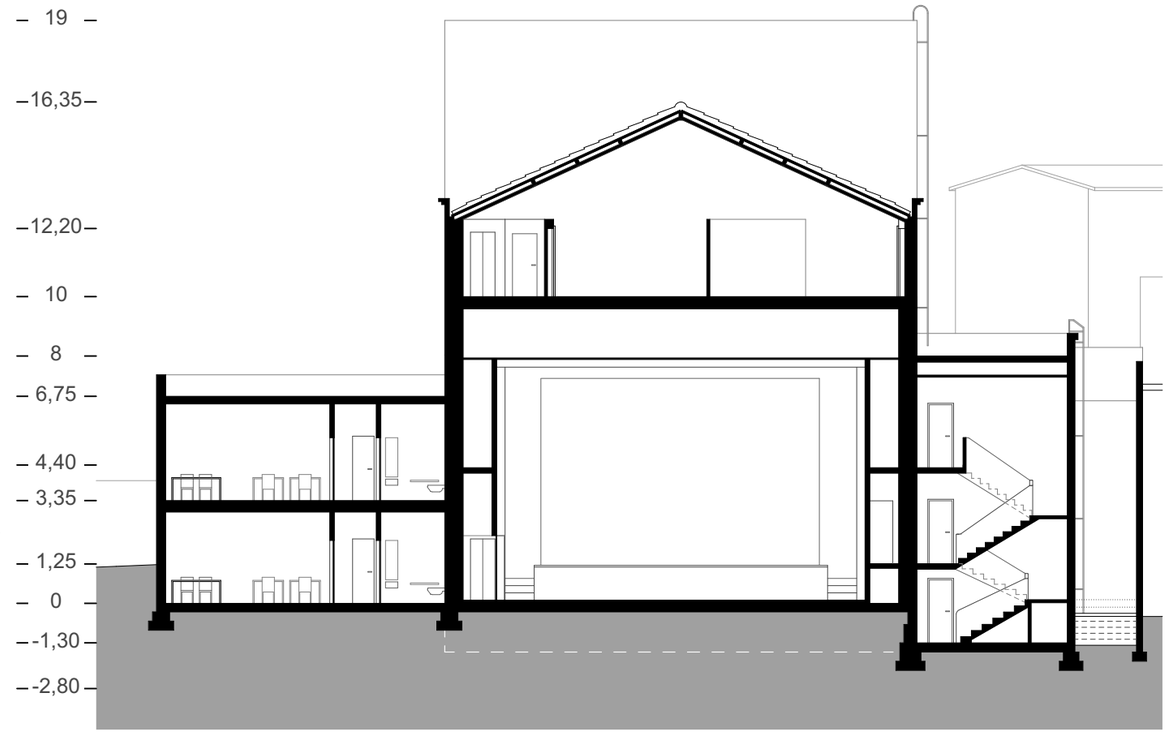


Esquemas de marcação de cortes



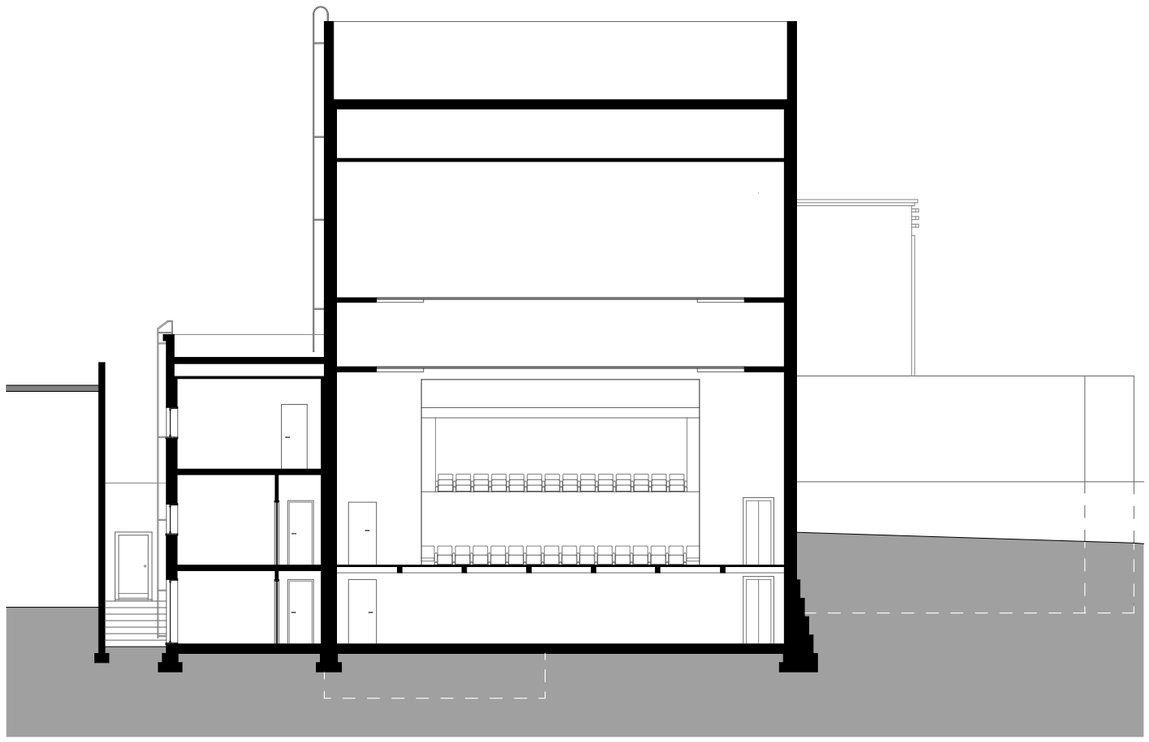
Corte C

1:200



Corte D

1:200

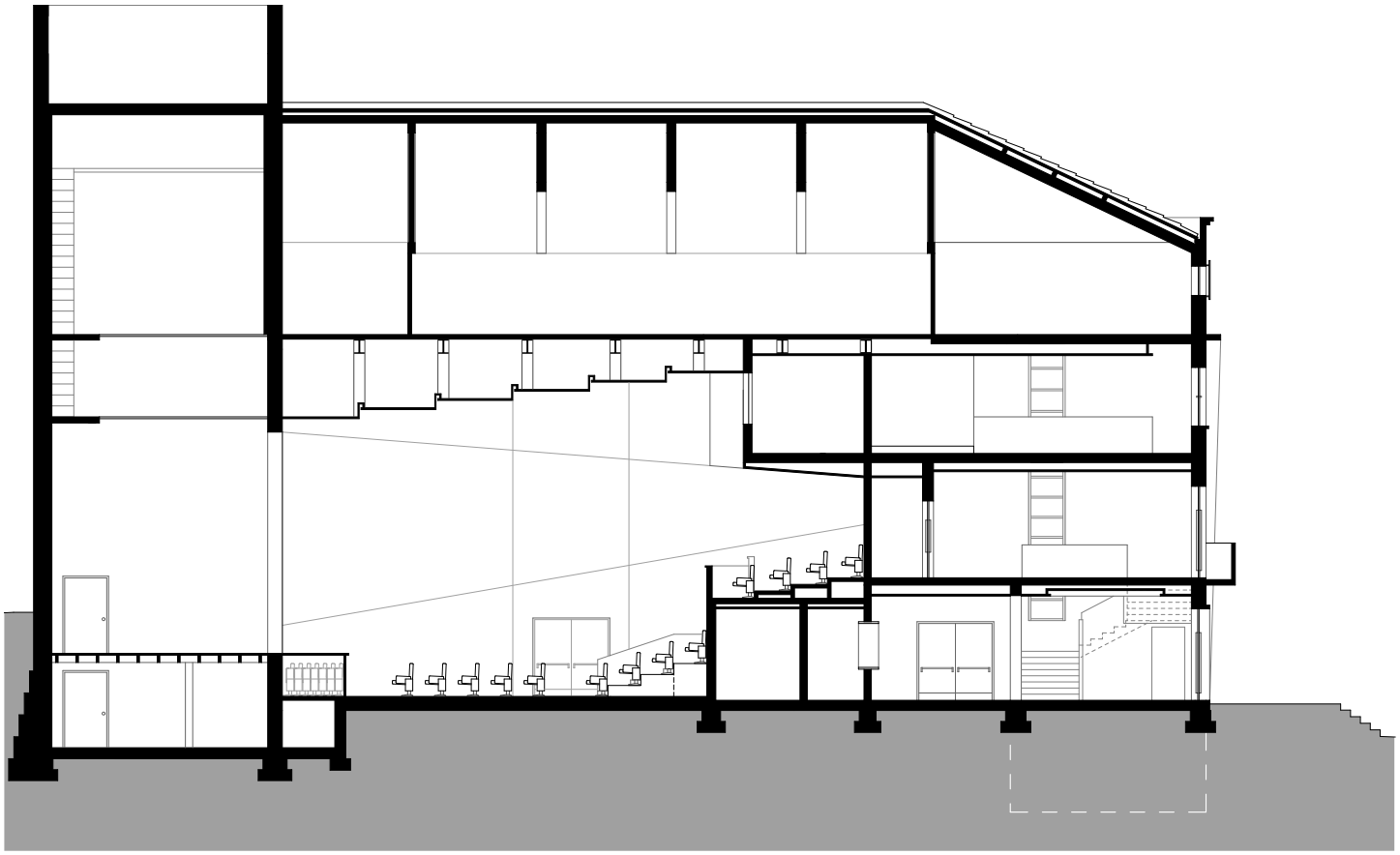


Corte F

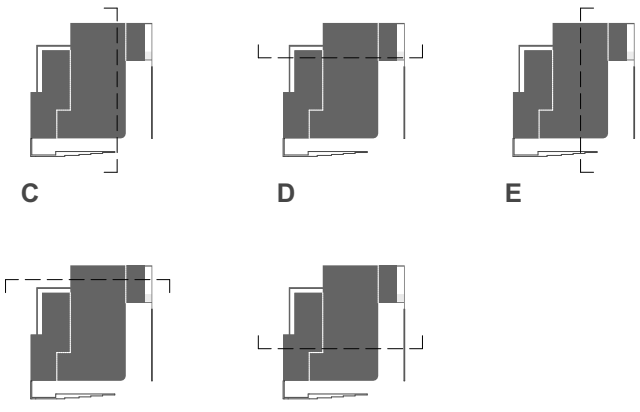
1:200

Corte G

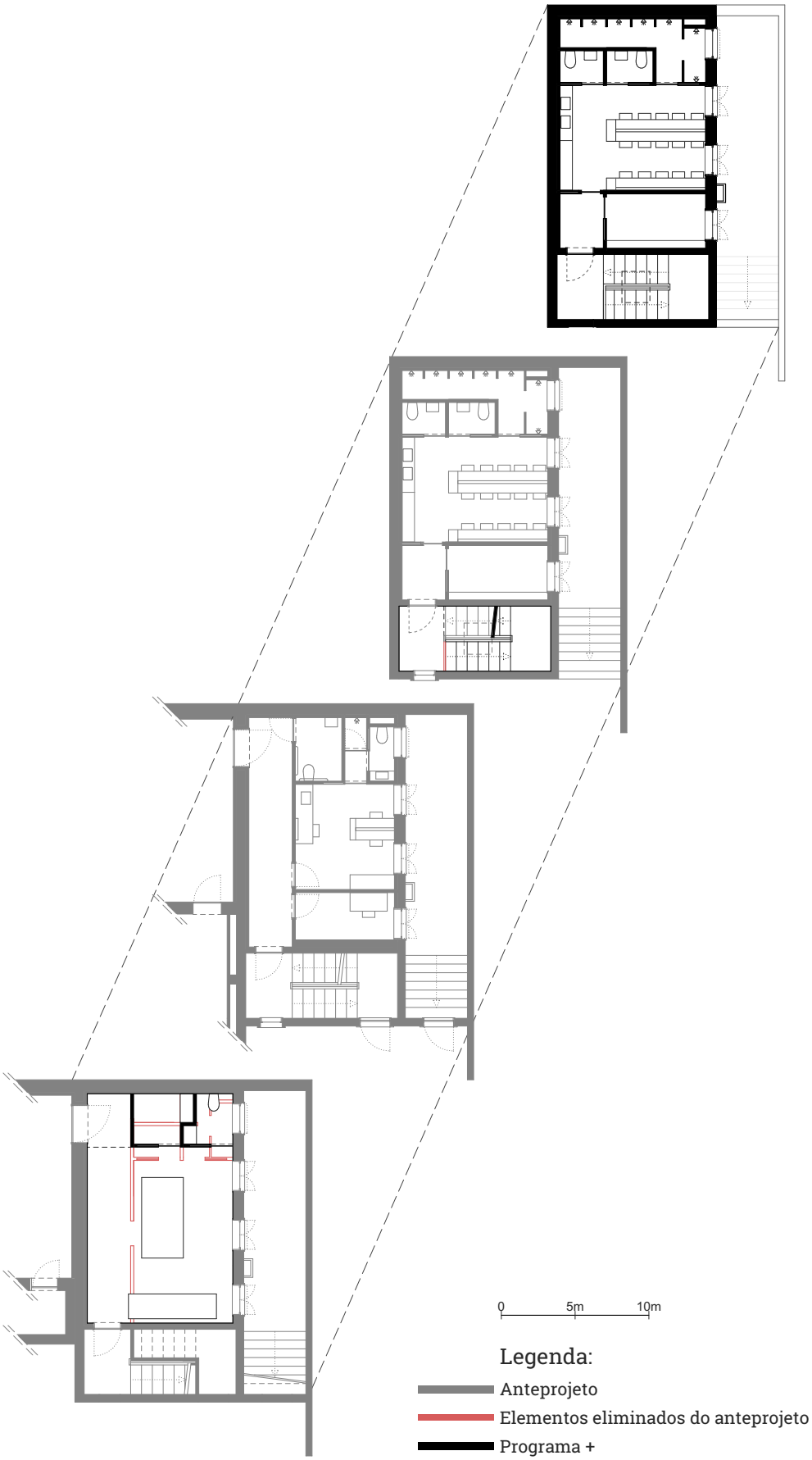
1:200



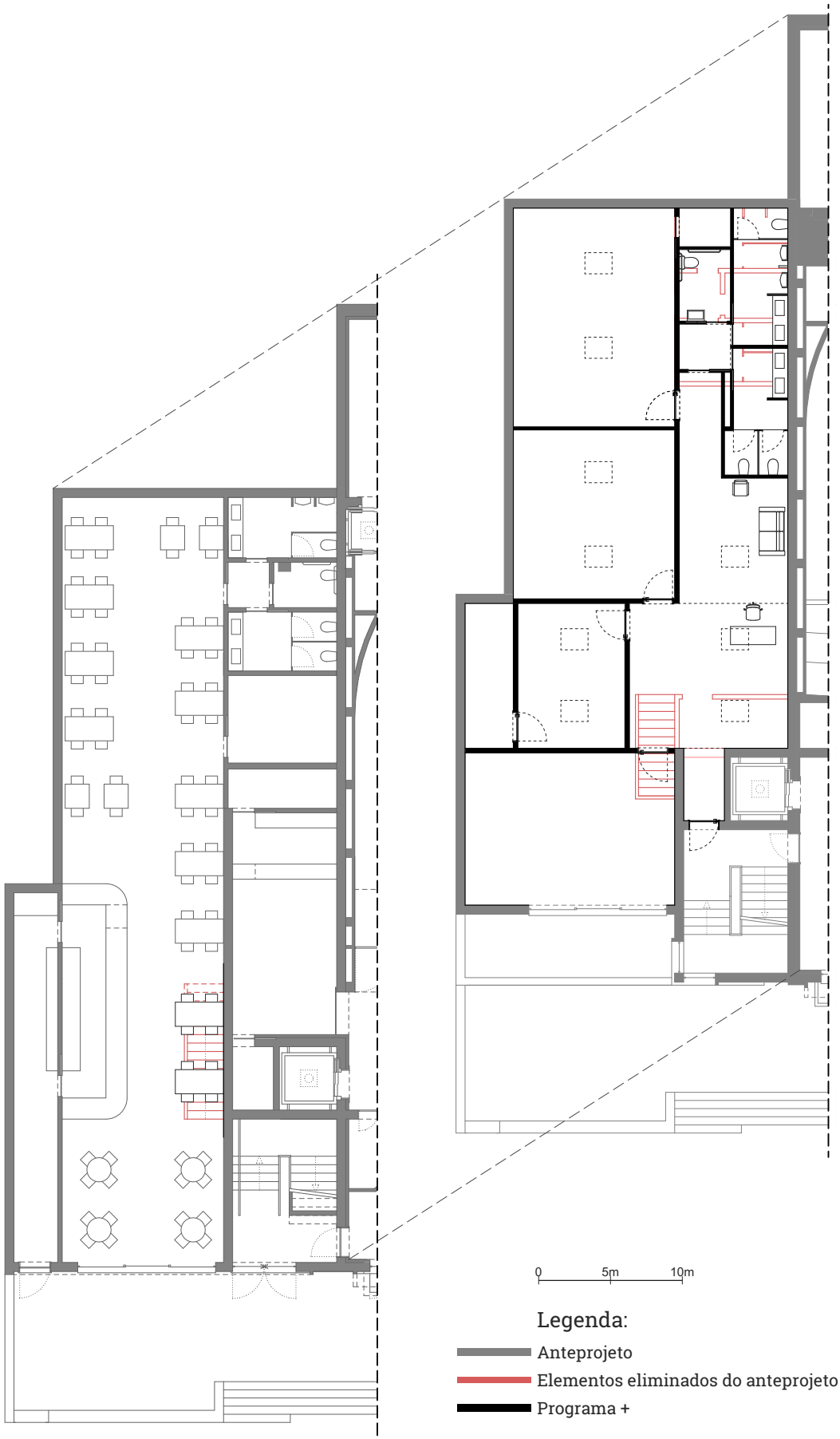
Corte E 1:200



Esquemas de marcação de cortes



Plantas do volume dos camarins Piso -1 | Piso 0 | Piso 1 | Piso 2/+ Escala 1:200



Plantas do volume do restaurante | Piso 0 | Piso 1

Escala 1:200

A área exterior do Cine Aves é uma zona bastante delimitada. A linha que divide o exterior do interior é apresentada gradualmente na aproximação ao edifício, através da plataforma a nascente e a da ruela que flanqueia o cineteatro do lado Norte. Estes espaços exteriores apresentam-se na forma de um "L" e separam o edifício da rua. Com efeito, estes elementos apresentam os três volumes que constituem o Cine Aves: o volume dos camarins, o principal e o do restaurante. O grau de alterações exteriores é mínimo, pois consideram-se os elementos que mais fortemente se relacionam com as pessoas de Vila das Aves.

Em relação à área exterior, podemos ver nos desenhos a consolidação na organização do espaço circundante do edifício, de forma funcional e visual. Os dois elementos que o constituem unem-se pelo uso do mesmo material no chão. Esta decisão permite a separação visual do passeio e do espaço exterior destinado para uso do Cine. Em primeiro lugar observamos a plataforma, supracitada, a clara área de receção do equipamento, que nos guia para a entrada principal do edifício e para a entrada do restaurante, situado a Sul da anterior. Neste ponto, apontam-se duas questões: a ligação do passeio à plataforma e a delimitação da mesma.

O momento de chegada ao edifício é importante e é pensado para que o movimento de passagem seja claro. A ascensão à plataforma é possível de duas maneiras, através de uma rampa ou de escadas. De forma subtil, em continuidade com a superfície do terraço, implanta-se a rampa. Este elemento cria a ligação entre o passeio e a entrada permitindo uma transição de forma ténue entre os dois momentos. Por outro lado, as poucas escadas implantadas no lado nascente, são (re)desenhadas para vencerem o crescente declive da rua e guiam-nos diretamente para as portas de entrada no volume principal. Este elemento termina, a Sul, com um muro como constatável no desenho. A delimitação deste terraço de receção são os próprios acessos. No entanto, o componente "muro", surge para fechar a área. A criação de uma divisão intransponível do passeio permite o desenho de uma zona de estar exterior, onde o movimento é reduzido à passagem para a entrada do restaurante. Tendo em mente que o muro existente é reduzido em comprimento, é possível a visualização das várias entradas do volume central, na tentativa de dar enfase à fachada principal e resguardar a zona exterior reservada ao restaurante.

O segundo elemento exterior é a ruela que apenas recebe uma repavimentação. Não obstante, este elemento une, exteriormente, dois dos volumes do cineteatro: o dos camarins e o principal. Curiosamente, em termos volumétricos, estes não sofrem alterações. Pelo contrário, quando desviamos a atenção para o restaurante percebemos que a forma geral deste é modificada. O segundo piso deste programa ganha área e altura, o que se reflete na volumetria e, por consequência, na secção correspondente do alçado.

150. 3D - Cine Aves. Entrada.

A primeira questão da acessibilidade, mencionada ao longo do trabalho, é solucionada no momento de entrada. A rampa é um pormenor que permite o fácil acesso ao edifício, tornando-se essencial para uma experiência confortável e segura. Neste caso observamos uma rampa com uma "*projecção horizontal*"[262] de 3,60m com aproximadamente 2% de inclinação. Esta informação responde aos parâmetros legais exigidos, não ultrapassando uma inclinação de 6%[263].

O próximo passo na apresentação do cineteatro são os elementos de distribuição e percurso interior, desde a entrada aos novos acessos verticais. Em suma, existem 5 pontos de acesso ao interior do Cine Aves: dois reservados ao restaurante, o de serviço e o dos clientes; a entrada para o volume dos camarins; e por fim, três de acesso ao volume principal, o acesso principal representado por quatro portas, o das escadas secundárias, e os reservados para emergência, no lado Norte.

262. *Anexo - Normas técnicas para melhoria da acessibilidade das pessoas com mobilidade condicionada*. Op. Cit. P. 5678 - Percurso Acessível: Capitulo 2, Secção 2.5.

263. "2.5.1—As rampas devem ter a menor inclinação possível (…) Ter uma inclinação não superior a 6 %, vencer um desnível não superior a 0,6 m e ter uma projecção horizontal não superior a 10 m;" idem. P. 5678 - Percurso Acessível: Capitulo 2, Secção 2.5.

Os acessos dos primeiro dois grupos, do restaurante e dos camarins, considerados volumes de apoio e com área significativamente menor, são explicados posteriormente, juntamente com a explicação das respetivas distribuições interiores. Já o terceiro grupo, o do volume principal, como trata a maior parte das funcionalidades programáticas e o maior número de espaços de estar e distribuição, considera-se interessante perceber de início quais as mudanças recebidas por estes espaços, em termos espaciais.

O ponto de acesso principal ao edifício leva-nos à entrada. Este espaço é liberto de muitos constrangimentos físicos anteriores. Revela-se então uma área aberta, que se funde, até certo ponto, com a zona de foyer deste piso. A parede que divide estes dois espaços é significativamente reduzida permitindo uma visualização quase imediata das diversas questões resolvidas neste primeiro momento. No espaço de entrada percebemos rapidamente a distribuição dos vários componentes. É nesta zona que se encontra um pequeno ponto de informação rápida, uma estrutura de madeira "transferida" da entrada anterior para quando, por exemplo, apenas as outras partes do edifício estejam a funcionar. É também nesta área que temos acesso às escadas, tanto principais como secundárias. Para além destas característica, de forma discreta, é embebida na parede sob as escadas principais uma porta para aceder a uma zona de apoio ao Cine, de arrumos ou administração, no piso -1.

Graças a leitura leve desta zona, dada pela remoção dos referidos elementos físicos, é imediata a perceção da localização da bilheteira/receção. Esta é enquadrada numa moldura de madeira que serve de balcão e cria uma ligação visual à estrutura referida anteriormente. Este elemento já se localiza no foyer. A organização funcional deste espaço permite o acesso a diversos pontos do programa, para além da bilheteira. Na mesma parede onde se localiza a abertura da receção situam-se as entradas das instalações sanitárias dedicadas aos espetadores. Já nas extremidades desta mesma parede, identificam-se as duas passagens para a plateia, em concordância com o projeto original e atual. No lado Sul desta zona temos acesso ao elevador, que tal como as escadas secundários nos leva a todos os pisos superiores deste volume. Ao lado deste elemento deparamo-nos com uma abertura para um espaço que serve a sala de espetáculos, onde se espera o serviço de bebidas e snacks, típico de uma sala de cinema. No lado oposto, identificamos uma das saídas de emergência representada no alçado Norte. Em conclusão podemos afirmar que estes dois pontos combinados, são uma zona de encontro, de receção e de distribuição.

As escadas principais levam-nos para o segundo foyer do edifício, o de acesso ao balcão. Este espaço também apresenta uma área generosa de estar. É interessante perceber que é reservado um pequeno espaço de exposição, entre o muro das escadas e a parede que divide o

foyer e o balcão. No caso a ideia sempre foi expor a máquina de projeção antiga que se encontra no edifico. Também nesta zona são instalados acessos para as escadas secundárias e para o elevador, para além da porta do balcão.

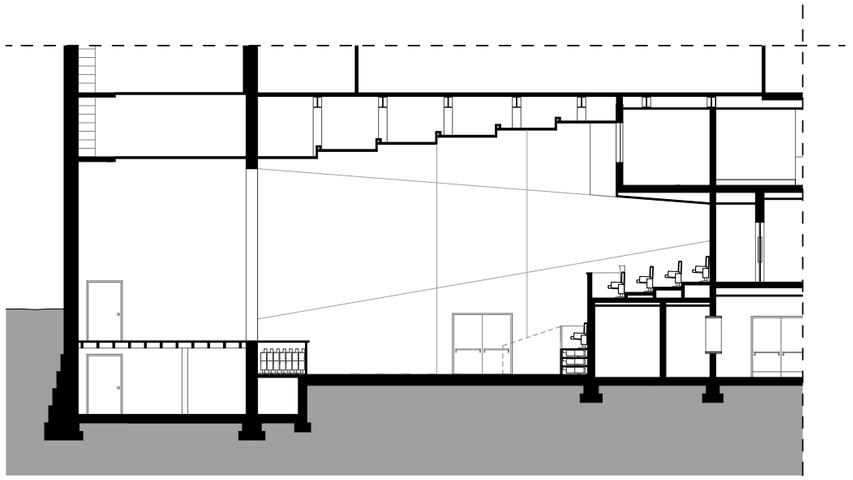
As redesenhadas escadas secundárias e o novo elevador agem como um conjunto de acessos verticais que comunicam com os restantes pisos. O primeiro elemento tem acesso direto ao exterior e passagem para a entrada do edifício. O segundo, no rés do chão, encontra-se resguardado no foyer da plateia, mas nos outros pisos partilha um hall de chegada com as escadas secundárias. O segundo piso do cineteatro incorpora o café concerto e as salas de apoio à sala de espetáculos. No piso seguinte, e último, estão presentes as salas de workshop e a sala polivalente. Assim sendo, nos dois casos, os acessos abrem-se para um hall onde se localizam as passagens para os respetivos programas. No primeiro encontramos a entrada para o referido bar e para o corredor das salas de apoio, e no segundo para uma das salas, para a sala polivalente e para as instalações sanitárias desse piso.

O programa do Cine Aves é extenso e cresce em volta da funcionalidade principal: a sala de espetáculos. As alterações às quais é submetida, permitem o aumento em área de outras zonas, como o foyer do balcão e a área sob o balcão. Não obstante, este programa continua a ser constituído de plateia e balcão e rematado por um palco e teia. Na totalidade são representados 223 lugares, 74 no balcão e 149 na plateia. A zona da plateia está dividida em duas áreas, plateia 1 e 2, com 89 e 60 lugares, respetivamente. Na primeira plateia, junto ao palco, encontramos conjuntos de cadeiras amovíveis[264] que caso seja necessário são armazenáveis sob o palco, na zona do proscénio. A segunda trata-se de uma estrutura retrátil[265] que se arruma tipo gavetas, como mostra o esquema (A.). A área de plateia "limpa" cria um espaço de 125m² pronto à produção de outro tipo de atividade, de acordo com o tema de polivalência atribuído ao edifício. Para que todas estas decisões sejam possíveis há um nivelamento do pavimento.

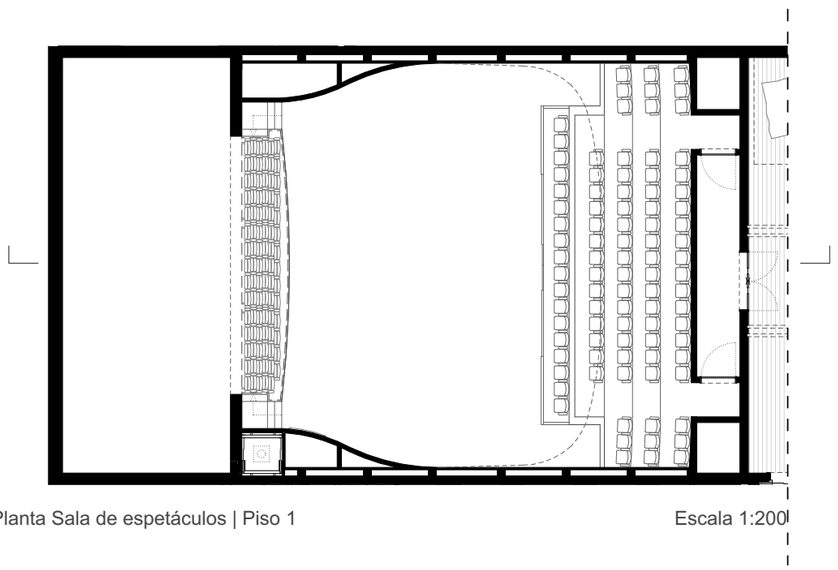
Em relação à zona do palco é interessante perceber que resistem os dois espaços de apoio, um deles (Sul) alberga um elevador, o outro reserva-se de apoio ao palco. O elevador, o segundo do edifício, liga a zona do palco à zona da cobertura, onde se podem realizar ensaios e até pequenos espetáculos. Assim sendo, não é cômodo nem eficiente os performers precisarem de atravessar todo o edifício até ao conjunto de acessos verticais da entrada para aceder ao piso superior.

264. GROUP, Figueras, "EcoBank", disponível in https://www.figueras.com/pt/projetos/espacos-multifuncionais/218_ecobank.html [consultado em 10-06-2018].

265. Idem.



Corte longitudinal Sala de espetáculos Escala 1:200



Planta Sala de espetáculos | Piso 1 Escala 1:200

A. Esquemas das cadeiras retrateis.

152. 3D - Cine Aves. Foyer do balcão.

151. 3D - Cine Aves. Camarim do piso -1.

Acima do palco, encontramos a teia. Um elemento estritamente técnico que permite o controlo e funcionamento seguro e fácil de cortinas, cenários, luz e tela de projeção. São colocadas 3 plataformas nesta área. Estes caminhos colocados a 3 cotas diferentes, auxiliam a realização de um espetáculo, mas também permitem acesso à área por cima do teto da plateia, por motivos de manutenção. Assim como ao topo onde se espera encontrar algumas tubagens de ventilação. No palco podemos ainda ver, os acessos ao elevador, a um pequeno espaço de apoio e ao volume dos camarins. Sabemos que este último tem uma saída direta para o exterior através das escadas que o rematam a nascente.

A reconstrução do palco torna-se essencial, no sentido em que a madeira existente apresenta danos de humidade extensos. A zona semienterrada do subpalco, precisa de bastante ventilação para controlar a humidade, para além de um reforço no isolamento hidrófugo. O pátio dos camarins rebaixado ajuda a controlar a renovação do ar porque possibilita o aumento da área das aberturas neste piso.

Os três pisos, -1, 0 e 1, que representam o volume dos camarins mostram sempre instalações sanitárias com zona de duche, espaço de preparação e vestuário, e uma sala de arrumos ou trabalho, consoante as necessidades do momento. No caso do piso -1 essa sala de trabalho é a área do subpalco. Considerou-se importante o desenho de três tamanhos de vestiário, sendo o do piso do palco, o mais pequeno, para situações com uma ou duas pessoas. Os outro dois apresentam áreas semelhantes entre eles, contudo, o do piso superior oferece mais duches.

O bar concerto, piso 2, é desenhado sobre o atual bar/sala de jogos. Neste espaço encontramos instalações sanitárias, uma pequena copa de apoio ao balcão, uma zona elevada tipo palco e um espaço de arrumos deste elemento. É mais uma vez um espaço polivalente, pode ser anfitrião de festas, pequenas sessões de cinema, de poesia ou música. Em termos de distribuição espacial, reserva-se o espaço interior para as instalações sanitárias, palco no centro, e copa, e garante-se assim o maior espaço possível de estar, com luz natural, que começa no momento de entrada até ao balcão.

Ainda neste piso, como referido anteriormente, vemos as salas de apoio à sala de espetáculos. Neste conjunto, são dispostas cinco compartimentos e uma instalação sanitária. A sala central, com 3 por 4m que se dedica em exclusivo à projeção, as duas salas à sua direita, podem tratar do som e os arrumos restritos à atividade em evidência. Já as da esquerda consideram-se

mais maleáveis. A primeira pode ser uma sala de trabalho ou de arrumos. Enquanto que, a sala com visualização para o palco seria de tradução simultânea.

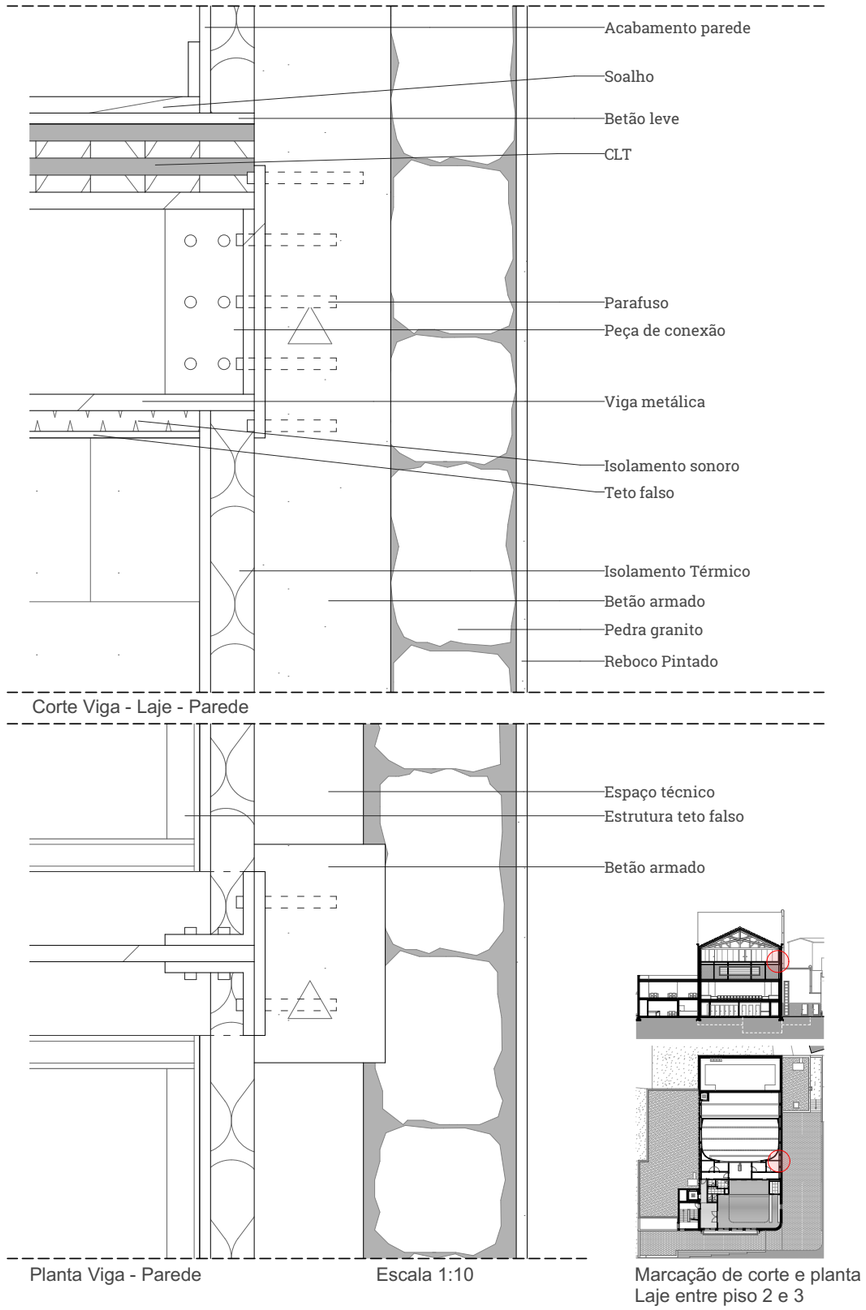
No piso 3 do volume principal só eram aproveitados cerca de 50m² através das salas onde residem pombos atualmente. Na zona das águas furtadas do Cine Aves é onde se alcança um aumento significativo de área, passando por mais alterações. O aproveitamento da área que está sobre a sala de espetáculos permite a criação de quatro salas menores de 15m², 2x20m² e 45m². Duas destas salas podem-se unir formando uma de 35m². E progressivamente, essas duas salas também se podem unir à sala polivalente de 200m², desenhando um espaço com tanta profundidade como a sala de espetáculos. Isto é possível com a utilização de paredes amovíveis instaladas entre as ditas salas e a sala polivalente, que se movem segundo railes no chão e asna. Nos desenhos C. vemos como as salas se podem apresentar. O objetivo deste andar é conseguir dar resposta a vários tipos de atividades. Mais uma vez olhamos para a noção de polivalência. A localização do segundo elevador também é pensada para que o percurso entre os dois pontos de acesso deste piso, se desenhe em linha reta de percurso no lado esquerdo da sala polivalente.

A criação destes últimos espaços, requer um reforço estrutural no edifício para a colocação de uma laje completamente nova. O vão que é necessário vencer é de 14 metros. Realiza-se a mencionada "consulta" com um engenheiro. Nesta conversa chega-se a uma opção viável para este aumento espacial do Cine. Uma estrutura de vigas metálicas em H[266] e placas de madeira lamelada colada cruzada (CLT)[267], de 125 ou 160mm de espessura. Neste anteprojeto considera-se a colocação de 7 vigas e as mencionadas placas CLT de 125mm. Estes elementos tornam mais leve a adição total e seriam rematados com uma simples camada de betão leve nivelador, que também previne a rebarbação da madeira, para além do revestimento final. É importante ter este pormenor em mente porque se está a tratar um espaço diretamente acima da sala de espetáculos. Como reforço estrutural são desenhados pilares que se encostam nas paredes autoportantes de pedra. Assim as paredes na zona do edifício onde se encontra a sala de espetáculos, ganha cerca de 20 cm de espessura.

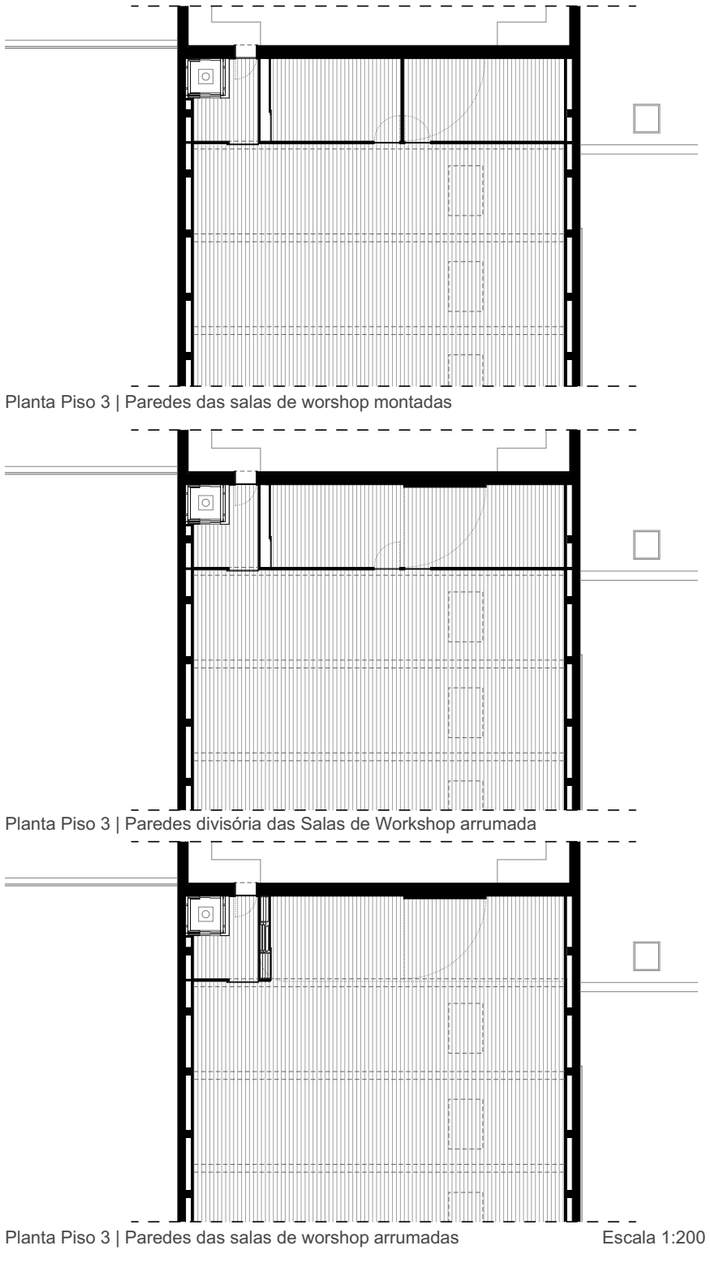
A questão construtiva é rematada com o reforço do isolamento geral do edifico. Como exposto no pormenor construtivo (B.), há uma adição de cerca de 10 cm para além dos pilares, onde se instala o isolamento térmico e acústico, juntamente com o acabamento de cada espaço. O isolamento também é colocado no interior do resto do edifício com exceção das caixas

266. Heb 400. 40x35cm.

267. "CLT - cross-laminated timber." https://www.storaenso.com/en/products/wood-products/massive-wood-construction/clt



B. Corte construtivo.



C. Salas de workshop e sala polivalente.

de escadas onde não se vê necessidade e, no caso das dos camarins, o espaço. A decisão de colocar este componente no interior do edifício surge da vontade de preservação das fachadas. Conclusivamente, isto gera um aumento geral das paredes em 10 cm, e na zona da plateia e balcão de 30 cm. O interessante nesta zona de 30 é que são criados espaços na parede onde é possível passar várias infraestruturas, de cabelagem elétrica a ventilação.

Ainda na zona de cobertura observamos as asnas do telhado. As existentes, deixam um pé direito de 2,20m, por este motivo, decide-se pela permanência de duas nos pontos de passagem, ou seja, alinhadas com as paredes que delimitam a sala polivalente. As outras 3, que se encontravam no meio das supracitadas, são substituídas por asnas com um desenho diferente que oferece um pé direito confortável para a zona de estar ou de ensaio, para área central do piso. Esta decisão também é apoiada pela opinião do mencionado engenheiro, que como vemos na cena anterior ajuda na escolha de possíveis desenhos para estas novas asnas.

O último ponto do programa é o restaurante que continua a ser formalmente independente e sem ligações internas ao restante edifício. As duas entradas referidas são a entrada de serviço, no lado esquerdo, nos leva a um espaço/copa de preparação do restaurante. Já o segundo momento de entrada, abre-se para a sala inferior do restaurante onde também se implantam as escadas de acesso ao piso superior. Logo no momento de entrada observamos o balcão que separa espacialmente uma primeira zona de café, que se pode estender para o exterior, de uma zona interior mais dedicada a refeições. O segundo piso é desafogado e amplo. Em ambos os pisos encontramos instalações sanitárias iguais na mesma linha vertical e zonas de apoio, que não a copa.

Os espaços de distribuição e percurso de um edifício levantam a questão da SCIE dos caminhos de evacuação. Neste anteprojeto, como mostram os esquemas (D.), tenta-se garantir o desenho de tal caminho. Aliada à boa sinalização, este percurso deve ser claro e livre de obstáculos. Para tal, são cumpridas as larguras e alturas mínimas dos vãos e corredores compreendidos neste caminho, medidas ditadas pela legislação. Estas medidas mínimas variam consoante o efetivo de pessoas[268]. No Cine Aves vemos que se encontram entre 1UP e 2UP, 80-120 cm úteis nos corredores/escadas e 80x200cm nos vãos. O redesenho das escadas secundárias permite manter a necessária largura de 2P da zona e corrigir as alturas encontradas ao longo dos lanços. Neste

268. "19 — Efectivo, número máximo estimado de pessoas que pode ocupar em simultâneo um dado espaço de um edifício ou recinto," Decreto-Lei n.º 224/2015, *Regime Jurídico da Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RJ-SCIE)*. Op. Cit. Anexo I.

projeto, apresentam uma altura constante de 2,40 m. Para complementar este acesso vertical é instalado o elevador, inexistente como vemos na ficha de avaliação do Cine Aves, mas necessário por questões de acessibilidade.

As escadas dos camarins, também se encontram no caminho de evacuação. A largura do lanço de escadas, neste caso, deve ser no mínimo de 1 UP. No caso do volume dos camarins o efetivo não ultrapassa as 70[269] pessoas, visto o cálculo de 15 pessoas por piso, ou seja, 45 pessoas segundo a área dos espaços de camarim e trabalho, mais cerca de 30 utilizadores no subpalco. Por este motivo, pode permanecer com 95 cm de largura útil e apenas ser restaurada. A questão do efetivo também afeta o número de saídas de emergência da plateia e balcão, nestes casos podemos ver que há concordância entre o requerido e o existente. Com uma saída só para o balcão e 3 de saída da plateia.

O propósito primordial do 2º elevador (do palco) é a acessibilidade. Este elemento torna possível o acesso à cota do palco e primeiro piso dos camarins, para pessoas com mobilidade reduzida. A sala de espetáculos é o epicentro de muitas questões técnicas, somando a ventilação e acústica às problemática da acessibilidade. Antes de mais, vemos nos desenhos a representação dos dois lugares reservados para corresponder aos 2% requeridos na resposta ao ponto F4 - Acessibilidade ao e no edifício - da ficha de avaliação. No entanto é de apontar que, visto a mobilidade dos restantes lugares esta percentagem pode aumentar consoante necessidade do momento.

Ainda neste tema, é importante referir que todas as instalações sanitárias do volume principal, incluem uma instalação sanitária para pessoas com mobilidade reduzida. Esta questão também se responde nos pisos 0 dos volumes do restaurante e camarins.

Para além das questões programáticas a entrada e foyers distingem-se pela luz. Primeiro olhamos para a entrada. A área é preenchida de luz natural, as quatro portas de vidro assim o permitem. Por consequência da sua localização mais interior, esta luz não atinge por completo o foyer da plateia. No entanto, isto é considerado um ponto positivo, visto aqui se localizarem as entradas para a sala de espetáculos e o facto de não ser aceitável a entrada de luz natural na mesma.

269. "11 — Com excepção das vias que servem exclusivamente espaços afectos à utilização-tipo I (Habitacionais) , a largura útil em qualquer ponto das vias verticais de evacuação não deve ser inferior à correspondente a 1 UP por cada 70 utilizadores, ou fracção, com um mínimo de 2 UP em edifícios cuja altura seja superior a 28 m." Idem. Titulo IV, Capitulo IV, Artigo 64.º - Número e características das vias.

153. 3D - Cine Aves. Entrada.

154. 3D - Cine Aves. Foyer do balcão.

D. Esquemas do percurso de evacuação.

No caso do foyer superior, visto a permanência das quatro portas idênticas às da entrada que, neste piso, permitem o acesso a uma estreita varanda, a origem da luz natural é bastante mais próxima do que das entradas para a plateia. Neste espaço há uma necessidade de conter essa luz, sendo direto o contato desta com a porta de acesso ao balcão. Para tal, é desenhada uma antecâmara. A estética simples do espaço mantêm-se, com a colocação de apenas uma porta de acesso ao balcão. No entanto, essa abertura leva-nos ao pequeno espaço de corredor, que para além de deter a entrada de luz natural, cria um momento de antecipação antes de visualizar a sala de espetáculos por completo. Esta ideia é reforçada com o rebaixar do pé direito e os tons escuros atribuídos às paredes.

Há também um cuidado na distinção do tratamento da luz artificial. Sempre com a ideia de uma iluminação ambiente semelhante em todos os espaços de estar do edificado, opta-se por uma aplicação de pontos de luz desenhados, destintos, que realcem alguma característica do espaço em questão. No caso da entrada é desenhado um elemento que dá enfase a zona central de chegada. Através de um teto falso são apresentadas duas alturas próximas subtis, sendo a mais alta no centro que permite a instalação de luz numa sanca.

No caso do foyer inferior são instaladas umas luzes verticais em pontos estratégicos, que indicam aos utilizadores a localização das duas entradas para a plateia, como vemos na imagem 126. No segundo foyer, estão representados elementos que, de certa forma, compreendem as últimas duas questões. São desenhados pontos de luz verticais que marcam ambos os lados da porta de entrada do balcão, mas que continuam no teto onde se fecham num "U" (127), e marcam o centro do espaço de estar, que neste piso é bastante mais delimitado espacialmente.

O bar concerto recebe muita luz natural através de três janelas retangulares horizontais, presentes no alçado principal, e a parte superior da janela vertical alongada representada no alçado Norte. Visto se tratar de uma funcionalidade virada inclusive para atividades teatrais ou de cinema, decide-se trazer o elemento curva. Nesta situação, é aplicada no teto do espaço guiando a atenção para a área de palco. Este pormenor invoca a forma da sala de espetáculos, mas também vai de encontro à curva presente no próprio bar, a curva que marca a fachada principal.

A iluminação natural no ultimo piso, da sala polivalente, é feita através de luz zenital do lado Norte do telhado, para além das pequenas janelas redondas da fachada principal, sendo que estas estão presentes no hall dos acessos (às escadas secundarias e elevador principal) e em duas das salas.

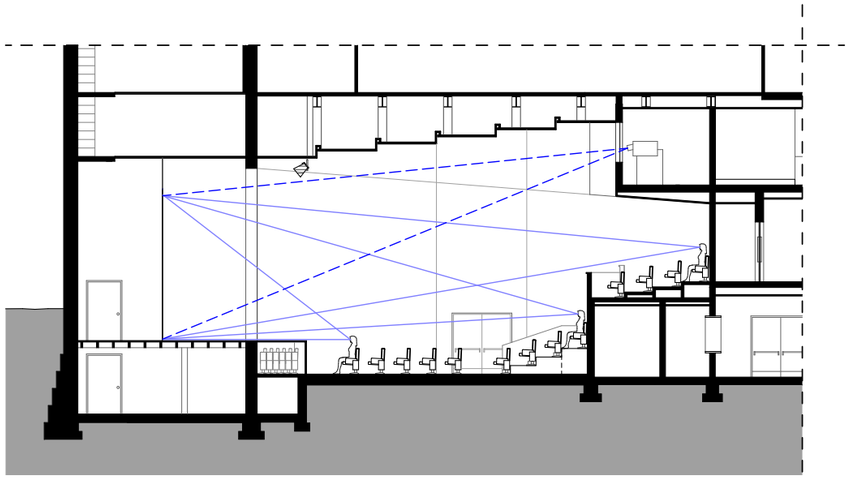
A expressão dada à sala de espetáculos tenta oferecer movimento ao espaço. A conjugação da curva nas paredes e das plataformas lisas no teto, aliada aos degraus tanto do balcão como da estrutura retráctil, invoca o projeto original e aprecia algumas características do existente. A curva desenha os limites da sala em geral através das duas paredes laterais que recebendo esta forma possibilitam a permanência dos tais pequenos espaços técnicos na zona do palco, onde num se encontra o elevador. A dita curva também se funde a uma cota superior com a curva estendida da sala de projeção no piso 2. A cortar a maleabilidade das curvas temos o teto distribuído em plataformas lisas onde são colocadas luzes corridas, no comprimento de cada uma, como se vê na mencionada imagem.

Para além destes elementos mais fortes, observe-se a parede de trás do balcão. As extremidades desta parede, entre as aberturas de acesso e as referidas paredes laterais, são desenhadas com uma pequena curvatura. O motivo para tal é que nestes pontos específicos da sala, localizam-se as cadeiras com uma visualização para o palco menos direta. Assim sendo, decide-se aplicar uma pequena inclinação nas cadeiras, agrupadas em 3. O que se reflete na parede em questão.

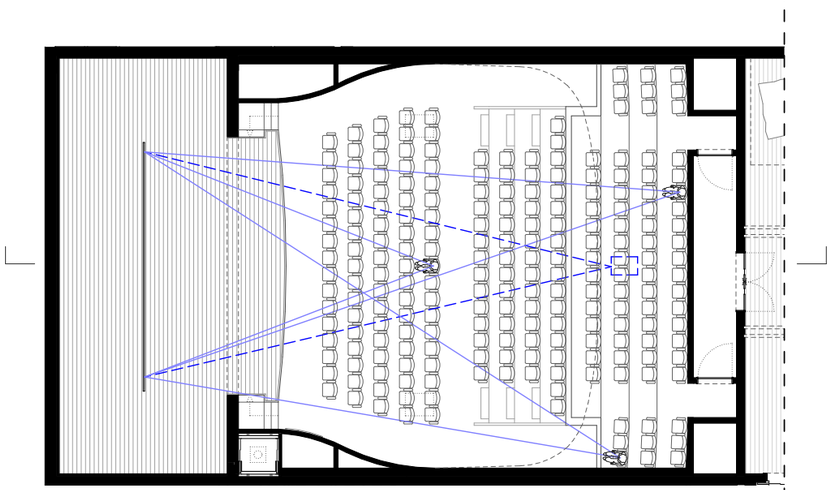
No esquema E podemos ver como se age sobre o assunto da visualização da sala de espetáculos. As linhas continuas representam os ângulos de visão dos espectadores, e a tracejado vemos o que seria a luz de projeção. Para definir a localização e tamanho da tela de projeção é necessário ter em mente a localização dos lugares e os ângulos de visualização, tanto verticais como horizontais. Para tal em corte é apontada uma linha de visão a 1,20m do chão em três pontos ao longo da Sala. Em planta também estão representado 3 ponto de visualização, distintos dos anteriores. As diferentes localizações tem como objetivo perceber os diferentes ângulos de visão oferecidos no espaço.

No corte, podemos observar que a partir do ponto marcado na primeiro fila estende-se uma linha horizontal e uma que faz um angulo de 35º sobre a primeira. Em planta, vemos a marcação do ponto central da plateia, ou seja, do ponto que representa o primeiro terço da sala total. A partir deste ponto desenham-se duas linhas com um angulo de 40º. Ainda em planta vemos a marcação das linhas do ângulo de visão dos lugares do balcão que tem uma menos direta visualização. A conjugação destas diretrizes, mais a conciliação de que se deve desenhar uma tela de 16:10, resulta numa tela de cinco metros de altura por oito metros de largura.

Em relação ao tema de ventilação vemos que há um cuidado em pensar onde as infraestruturas de extração e insuflação de ar poderão ser instaladas ao longo do edifício. Nos



Corte longitudina Sala de espetáculos Escala 1:200



Planta Sala de espetáculos | Piso 1 Escala 1:200

E. Esquemas de visualização.

155. 3D - Cine Aves. Sala de espetáculos, palco.

156. 3D - Cine Aves. Sala de espetáculos, parede norte.

esquemas G., no corte longitudinal, no caso da sala de espetáculos, vemos que este sistema se distribui pelo teto, no caso da extração, e nas paredes laterais, a uma cota baixa, no caso da insuflação. Exceto no balcão onde vemos a possibilidade de insuflação nas plataformas.

Em termos de acústica, prevê-se a necessidade de um projeto para assegurar uma eficaz distribuição de som sem que esta cause rebarbação excessiva. No entanto, esta questão é pensada nas formas, materiais e texturas selecionadas para o espaço em questão. O esquema F. mostram uma primeira análise de acústica. As paredes que se encontram do lado oposto ao palco, são revestidas com materiais mais absorventes ou porosos, o que cria uma interrupção na reflexão do som, quanto mais longe do palco, mais absorvente o material da parede. Inclusive a forma irregular dada ao material apoia este ideal. O teto do balcão responde a esta questão com uma leve inclinação que guia o som diretamente para os espectadores ao invés de este balançar na parede tardoz e chegar aos ouvidos como eco. A forma geral da Sala age como base numa propagação do som, sustentada pelas várias texturas e diferentes tipos de materiais.

A fachada principal do Cine Aves é o elemento marcante da linguagem do edifício e diferenciador dos restantes volumes da rua onde se situa. Atualmente, a parte onde encontramos o restaurante representa um elemento desestabilizador do conjunto, visto as diversas alterações realizadas principalmente nos últimos anos. Isto incita ao redesenho geral desta área que resulta na redescoberta do desenho original, de 1951. Não se pretende um "*refazimento*"[270] nem tão pouco "*abolir um lapso de tempo*"[271] que representa tanto o objeto original como as mudanças que o permitiram chegar ao nosso tempo, mas "*refundir*"[272] algumas linhas características do objeto precedente de forma a alcançar uma unidade dos volumes, através da alteração da fachada que se inspirar no desenho original. Esta deliberação aliada ao aumento de área do restaurante, reúne as necessidades atuais do edifício a uma ponderada "*nostalgia do passado*"[273].

Como se constata no desenho, há uma conciliação das linhas gerais do desenho original, mais presente no piso inferior, com elementos novos, tais como as janelas de correr e a nova varanda do piso superior. Este último elemento, ao recuar a fachada do piso 1 do restaurante para um segundo plano, permite reforçar a nova ligação visual de continuidade do primeiro plano da fachada principal. Ao descartar as decisões tomadas pelos atuais exploradores do pronto a comer, onde foram introduzidos materiais novos que chocam com o restante edifício, é constituída

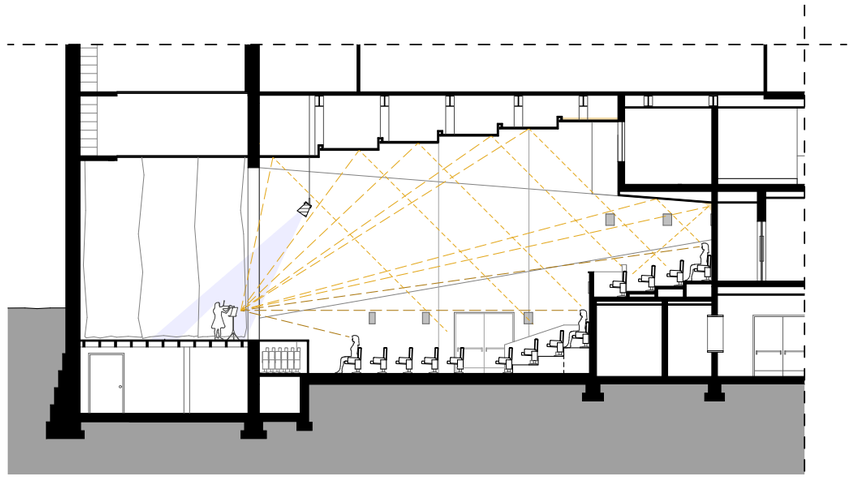
270. BRANDI, "Teoria do restauro", Op. Cit. P.47
271. Idem.
272. Idem.
273. TOSTÕES, "A idade maior: cultura e tecnologia na arquitectura moderna portuguesa", Op. Cit. P. 151

uma fachada coerente, prática e visualmente apelativa. Por fim, as grandes janelas de correr representadas atuam como forma de entrada no restaurante e acesso à varanda. A forma interior alongada do restaurante leva a esta decisão, visto que estes momentos tratam os únicos pontos de entrada de luz natural nas salas.

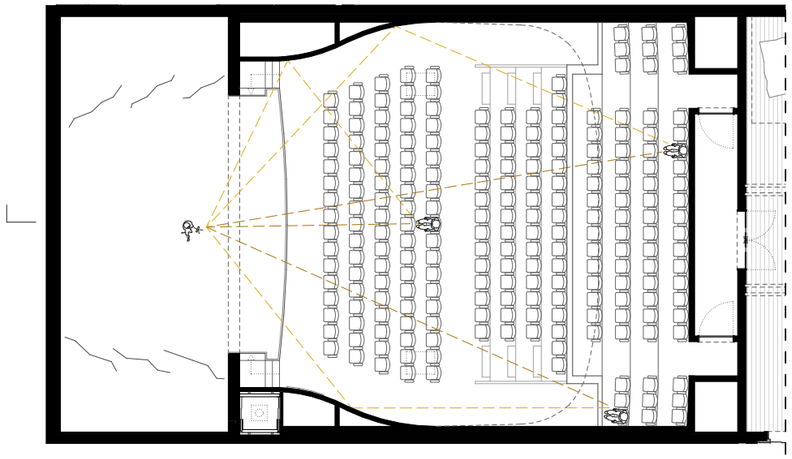
Em termos gerais, o "involucro" do edifício recebe pequenas alterações representativas das alterações interiores com o objetivo de consolidação do objeto como um todo. Estas modificações concentram-se nas aberturas/janelas e na cor geral. Ainda no alçado principal olhamos para as portas principais como pesadas, no sentido em que impedem uma passagem da luz natural para a zona de entrada e foyer. Assim, são alteradas para portas de duas folhas envidraçadas invés das quatro folhas existentes. As restantes aberturas presentes nesta fachada mantêm a sua configuração atual, sendo que nenhuma muda em tamanho. A exceção é a porta das escadas secundarias, situada entre as quatro da entrada principal e a zona do restaurante. Esta porta para além de perder uma das folhas, a fixa, recebe o mesmo tratamento das restantes do volume principal, afirmando assim a continuidade desta fachada.

No alçado principal é possível visualizar uma das fachadas do volume dos camarins. Esta pequena fachada incorpora três aberturas: uma janela e duas portas. Estes elementos receberam mudanças. No seguimento do pensamento de consolidação repara-se na informal colocação atual destes componentes, ou seja, a disparidade entre estes e outros elementos semelhantes dispostos noutras fachadas. Antes de mais, em termos da composição, há uma continuação da cantaria até ao fim da parede no volume dos camarins, que cria uma marcação das portas de acesso ao volume e ao pátio anexo. A ideia de extensão da superfície da pedra surge em concordância com a situação encontrada no alçado Norte onde, da mesma forma, este material é interrompido para desenhar as saídas. A porta de entrada para o volume dos camarins mantém as dimensões, é a segunda porta que se altera para ir de encontro a uma simetria, sendo modificadas as dimensões para corresponderem às da primeira. Em relação à última abertura, a janela vertical, vemos que começa por ser duas, uma no piso inferior e uma acima da anterior mais comprida. Ambas marcam no alçado a presença de escadas no interior. Neste caso, percebe-se o interesse de unir as duas criando uma abertura alongada constatado terem o mesmo propósito, desta forma compreende-se uma melhor representação da funcionalidade interior, e uma maior ligação à janela semelhante colocada nas escadas secundárias.

Resta o alçado Norte, que incorpora as fachadas Norte do volume dos camarins e do principal. O pátio, anteriormente referido, na extremidade norte do conjunto, torna-se um complemento ao piso inferior dos camarins. A fachada correspondente mantém-se, com a exceção das aberturas inferiores que se estendem até ao chão permitindo o acesso direto para o

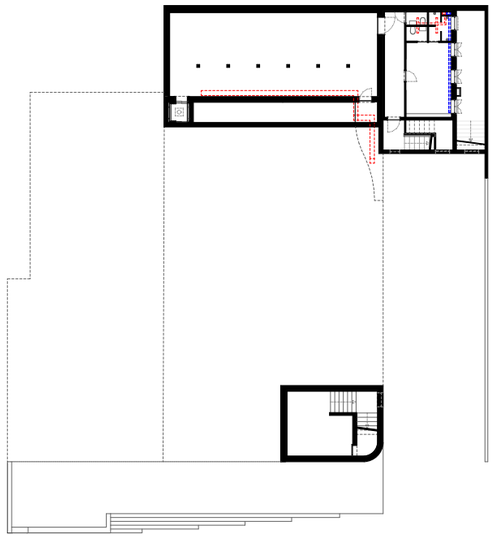


Corte longitudinal Sala de espetáculos Escala 1:200

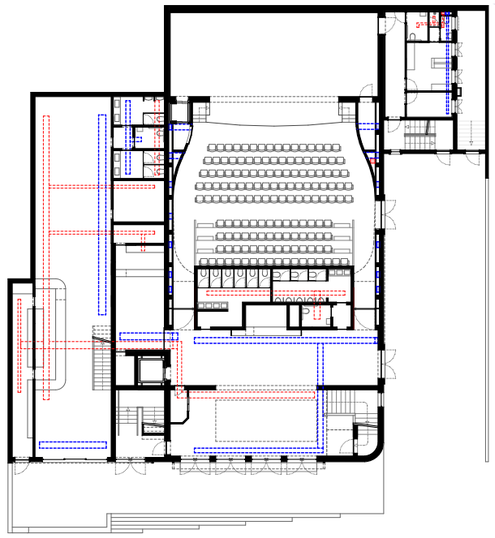


Planta Sala de espetáculos | Piso 1 Escala 1:200

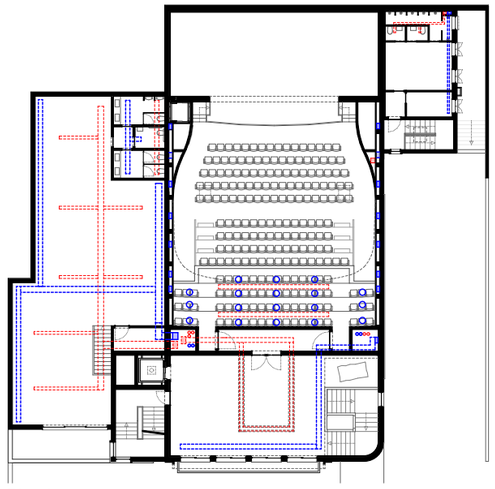
F. Esquema de acústica.



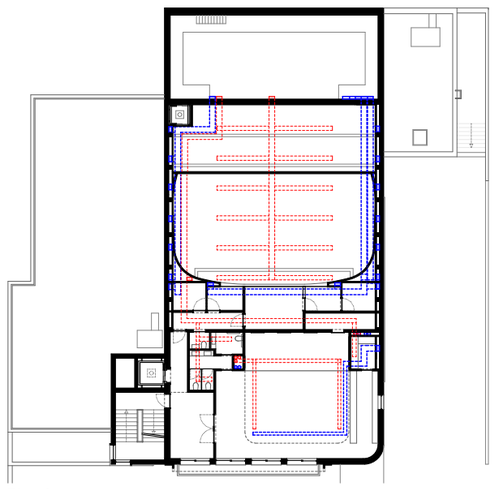
Piso -1



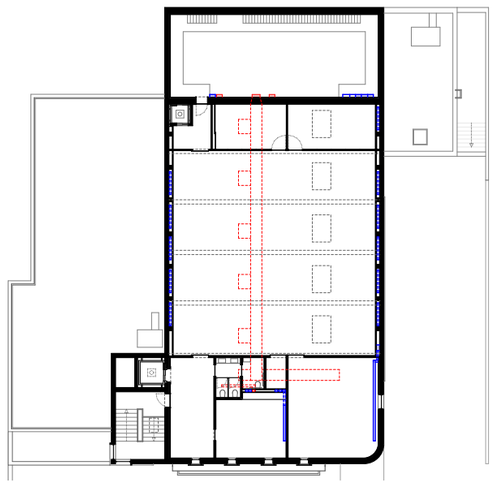
Piso 0



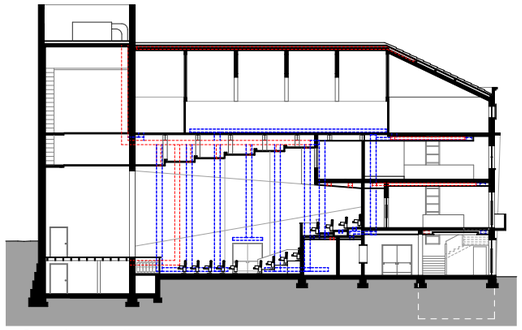
Piso 1



Piso 2



Piso 3



Corte Longitudinal

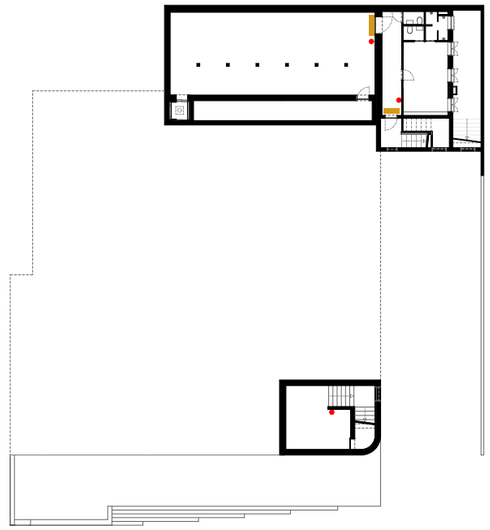
0 5m 10m

Legenda:

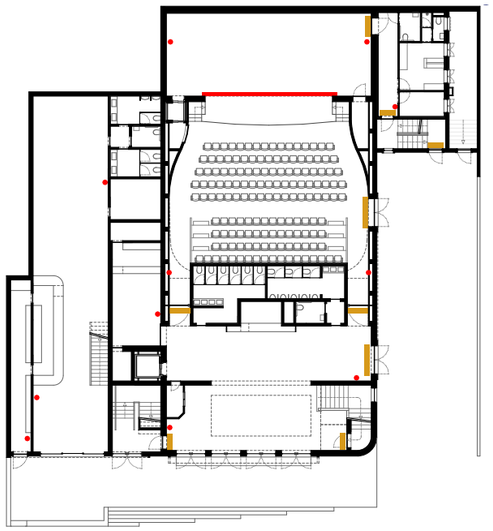
Extração

Insuflação

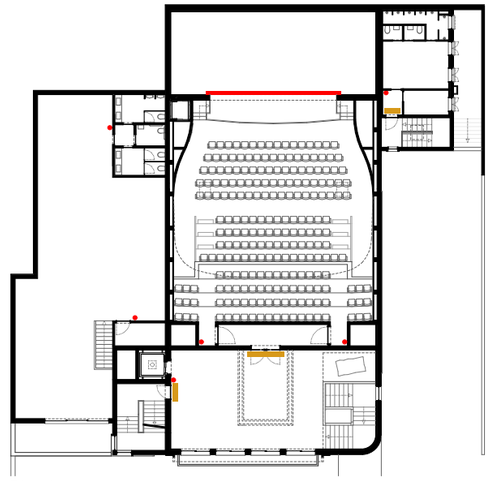
G. Esquema de ventilação.



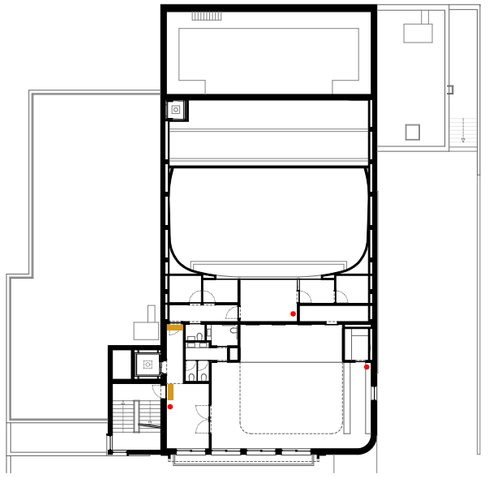
Piso -1



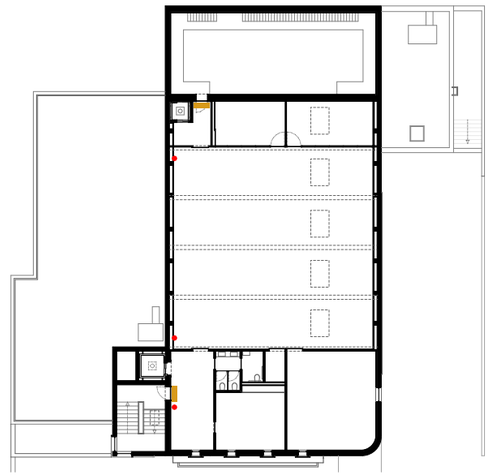
Piso 0



Piso 1



Piso 2



Piso 3

0 5m 10m

Legenda:

Portas corta-fogo

Meios de primeira e segunda intervenção

H. Esquemas das portas de fogo e meios de primeira e segunda intervenção.

novo "desenterrado" pátio. Ainda nesta zona, numa parede perpendicular, há o encerramento de uma abertura de uma construção vizinha considerada evasiva como se vê nos desenhos vermelhos/amarelos.

Na fachada Norte do volume principal, mais uma vez, vemos alterações nas janelas. Neste caso, observamos a repetição de um elemento existente na mesma, uma pequena janela é inserida na zona superior, onde se encontra, no anteprojeto, uma sala nova de workshops. Para além de que remata a linha de aberturas existentes. Como referido, considera-se importante os alçados representarem os respetivos interiores, isto leva ao querer uma leitura fechada na zona onde se encontra a sala de espetáculos, e aberturas onde se encontram outros tipos de programas. A concluir este pensamento surge a alteração das portas de emergência, onde se suprime os elementos de vidro para não permitir a entrada de luz na sala de espetáculos. Há também a eliminação de uma pequena abertura considerada desnecessária, tanto para a sala onde estaria, como para a leitura simples da fachada em questão. É interessante relembrar que similarmente nesta fachada encontramos uma abertura vertical, que também marca um acesso vertical, assim como no volume dos camarins e nas escadas secundarias. Não obstante, esta em específico ilumina, para além das escadas dos foyers, o Bar concerto.

A SCIE é uma questão fundamental para uma correto funcionamento de qualquer edificado. Neste caso, em relação às fachadas, todas as portas abrem no sentido de saída. É este tema que também sustenta a opção de redesenho da saída das escadas secundárias. Localizando a porta no caminho de evacuação, ou seja, alinhando de forma prática as folhas da dita porta com o lanço final/inferior das escadas torna-se imediata a perceção da saída em caso de emergência.

De forma a completar esta explicação sobre as portas de entrada do Cine Aves, continua-se o tema da segurança. Mostram-se esquemas dos pisos (H) onde são representadas, nomeadamente, as portas corta-fogo e a possível localização dos meios de primeira e segunda intervenção.

As portas corta fogo abrem no sentido da evacuação e, assim como os outros elementos da SCIE, devem ser devidamente assinaladas[274]. No caso das portas de emergência do alçado Norte garante-se o caminho desimpedido exterior na ruela com 7 metros de largura[275]. Este

274. Decreto-Lei n.º 224/2015, *Regime Jurídico da Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RJ-SCIE)*. Op. Cit. Titulo VI; Capitulo I – Sinalização.

275. "2 - Quando as portas referidas no número anterior forem de acesso directo ao exterior, deve permanecer livre um percurso exterior que possibilite o afastamento do edifício com uma largura mínima igual à da saída e não possuir, até uma distância de 3 m, quaisquer obstáculos susceptíveis de causar a queda das pessoas em evacuação." Idem. Capitulo III, Artigo 62.

157. 3D - Cine Aves. Sala polivalente, piso 3.

158. 3D - Cine Aves. Pàtio do piso -1.

tipo de portas é apontado também nas restantes saídas da sala de espetáculo e nas escadas do volume dos camarins e das escadas secundárias, visto representarem compartimentos corta-fogo[276]. Os meios de primeira e segunda intervenção, como extintores ou componentes da rede armada[277], são apontados ao longo do cineteatro. Esta marcação simples é uma marcação prévia de onde, num efetivo e completo projeto de SCIE, se consideram passiveis a instalação dos ditos elementos. Segundo a indicação dada pela legislação, são escolhidos pontos perto das várias saídas, com principal atenção aos espaços amplos como a sala de espetáculos e subpalco, assim como ao bar concerto, sala polivalente e na zona de entrada e foyers. Para além deste, olhe-se para os locais mais suscetíveis a casualidades, considerados locais de risco C[278], como a copa do restaurante e a sala de projeção. Para além disso, percebemos a necessidade de uma cortina de água[279] na boca de cena.

São ainda representadas aberturas no teto em ambas as caixas de escadas como possível sistema de desenfumagem passiva[280].

(Re)conhecidos os elementos dos vários alçados, é importante perceber uma última questão que os unifica: a cor. O edifício do Cine Aves apresenta cores terra. Excluído o preto introduzido pelo Theatro jogamos mais uma vez com o passado através de duas cores da mesma palete, uma escura e outra clara.

Na ficha de avaliação do Cine Aves estabelecemos que a cor é um dos elementos importante do edifício, uma das suas características marcantes. Por este motivo, considera-se importante manter a mesma base, sendo que são aceitáveis pequenas variações de tonalidade dentro dessas duas cores em prol de um conjunto que efetivamente mostre uma nova vida, sem apagar a sua origem (que já está afetada pela adição do preto na fachada principal).

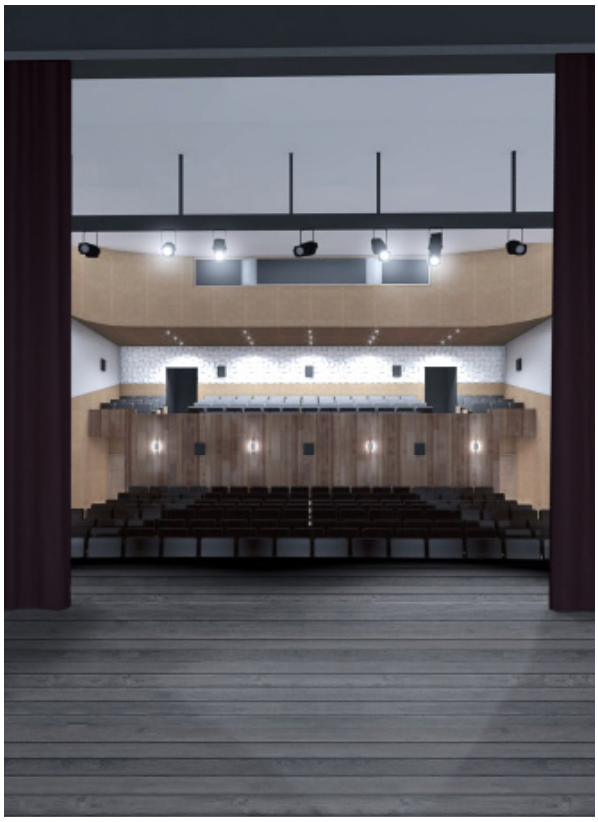
276. "2- Compartimento corta-fogo, parte de um edifício, compreendendo um ou mais espaços, divisões ou pisos, delimitada por elementos de construção com resistência ao fogo adequada a, durante um período de tempo determinado, garantir a protecção do edifício ou impedir a propagação do incêndio ao resto do edifício ou, ainda, a fraccionar a carga de incêndio" idem. Anexo I, Artigo 3.

277. Idem. Capitulo V – Meios de intervenção.

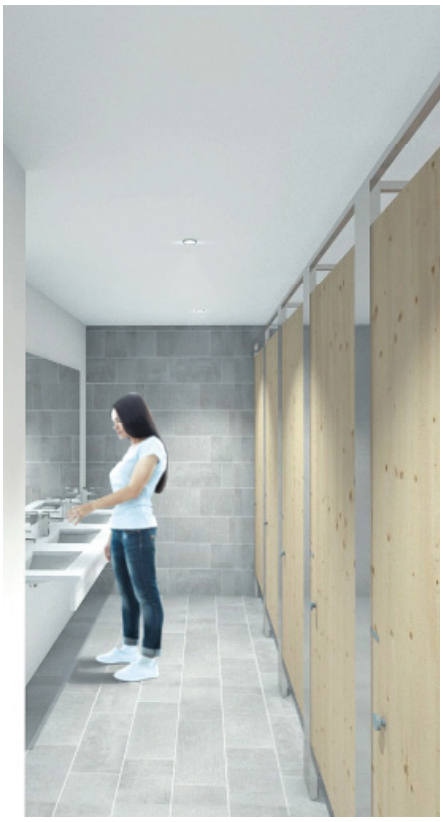
278. Ponto E2.5 da ficha de avaliação.

279. "1 — As bocas de cena das caixas de palco com área superior a 50 m2 de espaços cénicos isoláveis devem ser dotadas de sistemas de cortina de água, irrigando, do lado do palco, os dispositivos de obturação referidos no artigo 242.º". Decreto-Lei n.º 224/2015, Regime Jurídico da Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RJ-SCIE). Op. Cit. Titulo VIII, Capitulo IV, Artigo 253.º - Sistemas de cortina de água.

280. Idem. Titulo VI, Capitulo IV, Secção VII - Controlo de fumo nas vias verticais de evacuação.



159. 3D - Cine Aves. Sala de espetáculos.



160. 3D - Cine Aves. I.S. feminina do piso 0.

161. 3D - Cine Aves. Café concerto

Os materiais idealizados para o edifício tem como base um ideal de continuidade entre espaços. Em termos gerais são escolhidos tons claros para o interior do edifício, refletidos principalmente na escolha do branco nas paredes e tetos. Por outro lado, o chão dos vários compartimentos recebe vários tipos de materiais consoante funcionalidades. A diferença de materiais no chão é uma decisão baseada no espectável movimento esperado em cada tipo de espaço. Podemos, muito resumidamente, dividir o tipo de material por 3 grupos de espaços. Nas zonas de distribuição escolhe-se o uso de placagem de pedra, o mármore cinza mate, em homenagem ao material atual da entrada. As zonas de permanência são revestidas a madeira. Por fim, as áreas húmidas optam pelo uso de cerâmicas, de preferência em tons cinzas tamanhos menores às peças de mármore usado no primeiro grupo. Este conjunto de materiais pretende afirmar a leitura simples e leve transmitida pela espacialidade de cada espaço. Todos os materiais selecionados tentam refletir de alguma forma os originais sem, no entanto, ser esta a única justificação.

As áreas de distribuição do Cine são representadas pela entrada e foyers, escadas principais inclusive, e pelos halls do piso 2 e 3. Através da aplicação de pedra no chão nestas áreas e do uso da cor branca nas paredes e tetos, é esperada uma boa propagação da luz natural, para além de uma imagem limpa onde sobressaem as características de cada espaço. Neste contexto, considera-se interessante o uso da madeira para marcar pontos importantes, em contraste com as restantes opções. Os dois pontos de informação/receção supracitados são os primeiros exemplos desta decisão. Vemos de igual forma, a colocação da madeira nas paredes das entradas para a plateia, numa continuação da expressão da própria sala de espetáculos, e no corrimão das escadas principais. Pelo facto de se tratar da entrada para o edifício e de zonas de passagem constante, ou seja, de elevado movimento de pessoas, também se cria uma praticabilidade no uso de pedra.

As zonas de permanência são basicamente todas as outras com exceção das instalações sanitárias. O contraste do branco das paredes com a madeira no chão eleva o espaço, tornando-o visualmente amplo e confortável. Este ideia simples apresenta-se com mais força no piso superior, na cobertura onde os espaços são efetivamente grandes, mesmo em altura. Nesta zona o branco do teto é cortado pelas asnas que apresentam dois tipos de madeira que representam o antigo e o novo.

No caso do bar concerto, acrescenta-se não um material, mas uma cor (ou textura talvez). Mais uma vez vemos o jogo entre o branco e a madeira, no entanto, no centro do teto do espaço, onde encontramos uma área rebaixada, esta opta pela diferenciação do acabamento, criando uma característica que enfatiza a zona do palco. Esta ideia também é utilizada no volume dos camarins. Nas paredes que separam o palco/subpalco dos corredores, é aplicada uma textura

diferente que cria uma ligação visual entre as portas do palco e subpalco às portas das escadas do volume. Juntamente com a aplicação de luz em sanca neste encontro, idealiza-se uma imagem de continuidade entre pisos.

Por fim, a sala de espetáculos. O movimento desejado para este espaço é concluído com o desenho da interseção dos materiais. A zona do palco e antecâmara do balcão, antes de mais, quebram a regra geral, sendo preferível uma cor escura que não reflita a luz de todo, para que a luz da sala seja completamente artificial e controlável. Na restante área, vemos a madeira e o branco, juntamente com o tecido das cadeiras. Neste caso, a madeira não fica pelo chão, sendo usada para desenhar um lambril que começa na boca de cena e se estende até as costas do balcão, onde é interrompido pelas entradas para o balcão, à luz da cantaria exterior do alçado Norte. Este elemento segue o movimento das paredes. Para além do lambril vemos a madeira nos topos das paredes curvas e parede da sala de projeção. Entre estas duas superfícies está desenhado um "V" deitado que aumenta na direção do palco, como a luz de uma projeção, neste intervalo vemos o claro da tinta escolhida. Para além das questões materiais, relembra-se a mobilidade dos acentos da plateia, possível graças ao nivelamento do chão.

O último tópico relativo à Ficha de avaliação e análise do Cine Aves trata a segurança ao uso e conforto. O isolamento térmico do edifício ajuda na regularização da temperatura geral, ou seja, no conforto dos espaços. Para além disso, é importante apontar que todas as portas e janelas devem funcionar corretamente sem uso de forma excessiva, como mencionado no E3.1 - Portas e Janelas, da citada ficha.

Em termos de segurança ao uso, consideram-se que todos os pavimentos devem oferecer uma segurança no percorrer dos vários espaços, sendo antiderrapantes. Por fim, é importante ter em conta a manutenção destes elementos de forma a apresentarem superfícies regulares[281], para evitar qualquer tipo de constrangimento ou acidente.

Como nota final do anteprojeto, e como referido na *Cena* anterior, são realizados dois desenhos representativos do programa +. O primeiro mostra o volume do restaurante, com especial atenção ao primeiro piso. O segundo mostra o volume dos camarins, onde se acrescenta um piso, e onde se redesenha o piso -1. Estas representações/ideias surgem no desenvolvimento do trabalho, mas é também ao longo do trabalho que percebemos a carga visual, programática e

281. E3.2 – Pavimentos. Ficha de avaliação do Cine Aves.

monetária que estes aumentos exigem ao Cine Aves. Assim sendo, são introduzidas neste ponto com o pensamento de que podem ser revisitadas num futuro.

No primeiro desenho vemos o redesenho do primeiro piso do restaurante. Neste espaço encontramos um hall de entrada, umas instalações sanitárias e quatro salas, numa destas salas pode-se instalar a desejada divisão de revelação de fotos. O acesso a este espaço seria feito através das escadas secundárias do volume principal que, como estabelecido anteriormente, são reconstruídas. Apoiado neste facto, são estudadas de forma a que o patamar do 1 piso/foyer do balcão se desenhe do lado do restaurante, desta forma tanto pode servir o foyer como o suposto espaço de workshops/atelier. Assim sendo visto o restaurante oferecer uma fonte segura de rendimento este plano não está incluído nos desenhos finais apresentados, no entanto, reserva-se a possibilidade de incluir estas características com o redesenho das escadas segundo esta descrição.

O segundo desenho, representa um possível novo piso nos volumes dos camarins. São atualmente três e o anteprojeto, como apresentado, mantém este número. A componente de espaço de trabalho neste volume é uma questão importante para a proprietária, por este motivo, como se confirma posteriormente, são incorporados estes espaços, mas a uma escala muito reduzida, que complementam as áreas propriamente de camarim. A ideia deste novo desenho seria a transferência do camarim inferior para um piso novo, deixando todo o -1 livre para atelier/espaço de trabalho. Este caso seria interessante visto que também se teria a oportunidade de desenhar dois camarins exatamente iguais nos pisos 1 e 2(novo), feminino e masculino. Esta questão não se presenteia no anteprojeto, pois é necessário um corredor nos piso 0 e -1 para aceder ao palco e subpalco, respetivamente, ao contrário do piso 1, no qual a área toda pode ser aproveitada para o camarim em si. Nesta representação do programa +, observa-se a repetição deste camarim num segundo piso. Mais do que a anterior, esta sugestão depende do financiamento obtido. Para além de ser uma construção completamente nova, também é necessário o aumento da caixa de escadas.

"As luzes apagam-se. Não é cinzento, é negro. Não é triste, repousa. Os edifícios e os objetos e os espaços, não são tristes nem alegres. Existem quando recebem gente e existem por isso e para isso."[282]

Siza Vieira

282. SIZA, "01 textos", Op. Cit. P.373

Cena Final

Considerações finais

O cineteatro Cine Aves foi um edifício de grande importância na vida social da outrora rural e industrial Vila das Aves. O *diálogo* que se formou nos três *Atos* deste trabalho serviu como base para a concretização da proposta de reabilitação do objeto de estudo. Foram estudadas e compreendidas as várias componentes que dizem respeito ao edifício como elemento da memória de uma sociedade e como objeto arquitetónico singular.

A realização do projeto, com a componente de se tratar de uma aproximação ao contexto real de um exercício de arquitetura, levou à soma de um *leque de novos conhecimentos* que criaram uma sensibilização sobre a tipologia tão característica dos cineteatros, sobre o próprio Cine Aves e sobre as exigências técnicas associadas às necessidades atuais deste tipo de equipamento.

No *Ato 1* observou-se que para conhecer o edifício foi conduzida uma jornada de pesquisa na qual deparamo-nos com a história do edifício, os acontecimentos que levaram tanto à criação da tipologia como deste equipamento em particular. Na concretização do anteprojeto determinou-se a importância deste conhecimento 'Passado' do objeto em prol de o devolver à comunidade das Aves como um cineteatro com mais valências que faz parte de uma memória coletiva que se pretendeu respeitar.

No *Ato 2* obtivemos a perceção dos vários equipamentos e serviços existentes nas Aves, mas também dos equipamentos de cariz cultural de uma envolvente alargada. Os desenhos que apareceram neste *Ato*, cedidos pela proprietária e corrigidos no decorrer deste trabalho, mostraram as modificações que o equipamento recebeu na década de 80 e agiram como base gráfica para a realização do anteprojeto.

Nesta parte do trabalho, de aproximação ao objeto arquitetónico, foi adaptada a FA da MAPEH de forma a auxiliar a compreensão do estado de conservação do edificado. O próprio processo de adaptação da FA para a Ficha de Análise e Avaliação, no qual foram estudadas outros métodos e fichas, para além da legislação em vigor concernente, tornou-se uma ferramenta valiosa de conhecimento das especificidades espaciais e técnicas dos cineteatros. A formalidade do preenchimento da Ficha formulada levou a uma observação atenta das características gerais e particulares, assim como do *mau* estado de conservação 'Presente' do Cine Aves. O programa desenvolvido a par com a proprietária do cineteatro considerando as observações e conclusões retiradas da primeira parte do *Ato 2*.

O *Ato 3* agiu como uma ferramenta aglutinadora de todas as questões apresentadas, observadas e estudadas nos *Atos* anteriores com o acréscimo das componentes financeira e projetual. Foi neste Ato que se mostrou o *diálogo* e se apresentou o resultado deste: o anteprojeto. Na compreensão das questões financeiras e de gestão deste tipo de equipamentos, recorreu-se

aos ideais da "empresa Matrioska" que foi idealizada por um grupo de estudantes do Mestrado de Gestão de Indústrias Criativas, e criou uma forma de exploração e gestão do Cine Aves calculada pela espectável participação da comunidade empresária e familiar de Vila das Aves. Consideradas as problemáticas financeiras e os programas da envolvente criou-se uma discussão da qual resultou o programa final e o programa *mais*. Este último, corresponde a um registo de ideias projetuais que eventualmente podem ser incorporadas no projeto final consoante o financiamento obtido.

Em virtude dos fatos mencionados, entendeu-se que o Cine Aves pode voltar a ocupar a posição de valor cultural e social na vida contemporânea de Vila das Aves, valores que se sentiram na época em que os filmes reinavam nesta casa de espetáculos e se foram perdendo com o tempo. No entanto, não se poderá restringir à atividade cinematográfica, como era regra, mas antes responder, num quadro de novos e renovados espaços, a diversos programas e atividades que valorizem tanto o equipamento como a comunidade que este alcança. O anteprojeto que se apresentou também enquadrou a vontade da proprietária de ver de novo vida no equipamento de forma a devolvê-lo às pessoas de Vila das Aves.

O programa final face ao existente acrescenta funções ao edifício, como a sala polivalente e o bar concerto, que o enaltecem através do aproveitamento e reorganização do espaço preservando o seu valor patrimonial. Não obstante, outros programas do edifício foram mantidos mas melhorados, como por exemplo a sala de espetáculos e os camarins, por forma a respeitar e manter a identidade e integridade do Cine Aves. Quanto às problemáticas técnicas e materiais do edifício, identificadas na Ficha de avaliação, constatou-se no anteprojeto uma resposta de acordo com as exigências legais.

O *diálogo* entre estas vertentes projetuais, reorganização espacial em conjugação com a resposta às várias especialidades técnicas e construtivas, considerou-se um dos desafios desta primeira experiência de aproximação a um contexto real de reabilitação. Como futura arquiteta os conhecimentos obtidos consideram-se importantes para o início de uma vida profissional. O estudo da história, tanto da tipologia como do próprio edifício, auxiliou na compreensão do objeto de estudo, a sua identidade e as suas características, importantes no contexto de uma reabilitação. A certa altura do processo, tornou-se essencial uma mediação entre a visão da "cliente" e as necessidades invocadas pelo próprio edifício por forma a resolver as questões programáticas. Aliado a isto, tomou-se conhecimento de condicionantes técnicas e financeiras que permitem a viabilidade de uma proposta. O entrelaçado destas vertentes resultou numa aproximação a um contexto real de um projeto de arquitetura e a um conjunto de novos ou expandidos conhecimentos.

162. 3D - Cine Aves. Sala polivalente, piso 3.

Este trabalho pretende continuar a evoluir de forma a alcançar um projeto final pronto para execução, segundo todas as informações e conclusões registadas e estudadas. Compreende-se a necessidade de explorar as especificidades construtivas do objeto arquitetónico em estudo, sendo que um dos passos seguintes poderá ser o aprofundamento do estudo iniciado pela Ficha de Avaliação. Ambiciona-se uma melhor compreensão das componentes construtivas e técnicas do edifício atual, como por exemplo da canalização e componentes elétricas, através de ferramentas não utilizadas no presente trabalho como um scanner de paredes.

Tendo em vista a efetiva reabilitação do cineteatro, este estudo e anteprojeto poderão atuar como uma base impulsionadora na procura de financiamento que permitirá avançar para a próxima fase projetual e sequentemente para a construção da nova visão para o Cine Aves.

163. Caixas das bobines de filmes, 2019.

Referências

Bibliografia

BARCA, Padre Joaquim da, "S. Miguel das Aves (Monografia)", S. Miguel das Aves: Tipologia da Aves, 1953.

BECKER, Annette, Tostões, Ana, e Wang, Wilfried, "Portugal: arquitectura do século XX", München: Prestel, 1997.

BRANDI, Cesare, "Teoria do restauro", (trad.PRATS, Cristina) Amadora: Orion, 2006.

CALOR, Inês Alhandra, "Reabilitação de Cinemas Modernista. Caracterização do contexto urbano ibérico.", Porto: FAUP, 2004.

CAPITEL, Antón, "Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración", Madrid: Alianza, 1988.

CARNEIRO, Luís Soares, "Teatros portugueses de raíz italiana", Porto: FAUP, 2002.

CHOAY, Françoise, "Alegoria do Património", Lisboa: Edições 70, 2017.

CUSTÓDIO, Jorge, et. al., "Portugal 1910-2010: 100 anos de património, memória e identidade", Lisboa: IGPAA, 2011.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho e FREITAS, Felisbela da Conceição F. C. M., "Vila das Aves em Livro Aberto - 50 Anos", Vila das Aves: Tipografia das Aves, 2005.

DIAS, Geraldo Coelho, Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto in **OLIVEIRA, Padre Fernando Marques de,** "Vila das Aves - Elementos para uma monografia", Vila das Aves: Tipografia das Aves 2005.

FARIA, António, et al., "Cine-Teatro Constantino Nery. Construção III", Porto: FAUP, Sistemas Estruturais, 2012.

GOMES, Paulino e SILVA, João Belmiro Pinto e, "Santo Tirso, ConVida...": Anégia Editores, 1997.

GRAÇA DIAS, Manuel, "Cultura e divulgação" in "Cultura: Origem e destino do Movimento Moderno. Equipamentos e infra-estruturas culturais. 1925-1965" Porto: Docomomo ibérico, 2001.

LOPES, Tiago Justino Soares, "O cine-teatro Rosa Damasceno o significado de uma intervenção", Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Porto, FAUP, 2008.

MATOS, Rogério Bruno, "Contributo para a salvaguarda do património Arquitetónico, Azenhas e Açudes no Vale do Ave, paisagem e memória", Porto, FAUP, 2011.

MOREIRA, Álvaro, "Santo Tirso: das origens do povoamento à atualidade", Santo Tirso: Câmara Municipal, 2013.

MONTEIRO, Dulce J. Ribeiro, Associação Comercial e Industrial do Concelho de Santo Tirso (ACIST), "Um olhar Economico sobre Vila das Aves", 2005, in **DIAS, Geraldo J. A. Coelho e FREITAS, Felisbela da Conceição F. C. M.,** "Vila das Aves em Livro Aberto - 50 Anos", Vila das Aves: Tipografia das Aves, 2005.

OLIVEIRA, Padre Fernando Marques de, "Vila das Aves - Elementos para uma monografia", Vila das Aves: Tipografia das Aves 2005.

ORNELAS, Cilísia, "Recuperação de cine-teatros modernos portugueses", Dissertação de Mestrado em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico, Porto, FAUP, 2006.

ORNELAS, Cilísia, "Reabilitação do património edificado: intervenção mínima e diferenciada como metodologia", Porto: FEUP, 2016.

ORNELAS, Cilísia; BRENDA-VASQUES, Isabel e GUEDES, João Miranda, "Degradação e modos de habitar em edifícios residenciais antigos do Porto: avaliação da satisfação e percepção dos residentes ", Covilhã: 4º CIHEL - Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono | A Cidade Habitada, 2017.

PADILHA, João Pedro, 'S. Miguel das Aves', *Correio do Minho,* 14 de março de 1928, in BARCA, Padre Joaquim da, "S. Miguel das Aves (Monografia)", S. Miguel das Aves: Tipologia da Aves, 1953.

PEDRO, João Branco; VILHENA, António e PAIVA, José Vasconcelos de, "Método de avaliação das necessidades de reabilitação. Desenvolvimento e aplicação experimental.", Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2011.

PEREIRA, Nuno Teotónio, "Arquitectura de Regime, 1938-1948", in **BECKER, Annette, Tostões, Ana, e Wang, Wilfried,** "Portugal: arquitectura do século XX", München: Prestel, 1997.

RIEGL, Alöis, "O culto moderno dos monumentos. A sua essência e a sua origem.", São Paulo: Perpectiva S.A., 2014.

RUSKIN, John, "Las siete Lámparas de la arquitectura", Barcelona: Editorial Alta Fulla, 1987.

SILVA, Susana Constantino Peixoto da, "Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registro [1927-1959] - Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo", Coimbra: Almedina, 2010.

SIZA, Álvaro, "01 textos", Porto: Civilização, 2009.

TEIXIRA, Joaquim, "Salvaguarda e valorização do edificado habitacional da cidade histórica, metodologia de intervenção no sistema constructivo da casa burguesa do Porto.", Porto: FAUP, 2013.

TOSTÕES, Ana, "Em direcção a uma nova monumentalidade: os equipamentos culturais e a afirmação do Movimento Moderno ", in "Cultura: Origem e destino do Movimento Moderno. Equipamentos e infra-estruturas culturais. 1925-1965" Porto: Docomomo ibérico, 2001.

TOSTÕES, Ana, "A idade maior: cultura e tecnologia na arquitectura moderna portuguesa", Porto: FAUP Publicações, 2015.

Entidade: **IGAC**, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves,* Vila das Aves, Santo Tirso.

Entidade: **Jornal entre Margens** (Jornal bimensário de atualidade regional e generalista da região do Vale do Ave)

Entidade: **Jornal das Aves** (Jornal de Vila das Aves, já não se encontra em funcionamento)

Internet

"**Carta de Atenas (1931)**", disponível em http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/ [consultado em 14-06-2018].

"**Carta de Cracóvia (2000)**", Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído, Cracóvia, 26 de outubro de 2000, disponível em http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/ [consultado em 14-06-2018].

"**Documento de Nara sobre a autenticidade (1994**)", ICOMOS, disponível em http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/ [consultado em 14-06-2018].

Decreto-Lei n.º 163/2006, "Regime da acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais", Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, 8 de agosto de 2006. in http://www.segurancaonline.com/gca/?id=147

Decreto-Lei n.º 224/2015, "Regime Jurídico da Segurança Contra Incêndios em Edifícios (RJ-SCIE)", Lisboa, Ministério da Administração Interna, 9 de outubro de 2015. in http://www.segurancaonline.com/gca/?id=1506

Decreto-Lei n.º 290/2007, "Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU)", 7 de agosto de 2007. in http://www.segurancaonline.com/gca/?id=301

Portaria n.º 1532/2008, "Regulamento Técnico de Segurança Contra Incêndios em Edifícios" (RT-SCIE), Lisboa, Ministério da Administração Interna, 29 de dezembro 2008. in http://www.segurancaonline.com/legislacao/?doc=1

Portaria n.º 1192-B/2006, "Método de avaliação do estado de conservação de imóveis", Lisboa, Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações. Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 3 de novembro de 2006. in https://dre.pt/pesquisa/-/search/152704/details/maximized?print_preview=print-preview

NRAU, Novo Regime de Arrendamento Urbano, "Método de avaliação do estado de conservação de imóveis. Instruções de aplicação.", Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações. Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2007. in https://dre.pt/legislacao-consolidada/-/lc/34578375/view

*"*Anexo - Normas técnicas para melhoria da acessibilidade das pessoas com mobilidade condicionada*"* in **Decreto-Lei n.º 163/2006**, Regime da acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, 8 de agosto de 2006.

"Ficha de Segurança Contra Incêndio*",* Ministério da Administração Interna. Autoridade Nacional de Proteção Civil (ANPC). in http://www.prociv.pt/pt-pt/PROTECAOCIVIL/LEGISLACAONORMATIVOS/SEGURANCACONTRAINCENDIOEDIFICIOS/Paginas/default.aspx

BJF Arquitectos, "Cine-teatro Alcobaça"*,* 2001*,* disponível in http://bfj.pt/wp/blog/portfolio/cine-teatro-de-alcobaca/ [consultado em 13-05-2019].

BOTELHO, Inspetor-geral Luis Silveira, "Apresentação - IGAC"*, IGAC*, 2018*,* disponível in https://www.igac.gov.pt/apresentacao [consultado em 02-07-2018].

COSTA, Ana Correia, "Fecho do Cine-Aves mandou os filmes embora". *Jornal de Notícias*. 2009 disponível em https://www.jn.pt/local/noticias/porto/santo-tirso/interior/fecho-do-cine-aves-mandou-os-filmes-embora-1151962.html [consultado 2018-02-23].

COSTA, Ana Correia, "«Barulho toda a noite» em bares ilegais", *Jornal de Notícias,* 2011 disponível em https://www.jn.pt/local/noticias/porto/santo-tirso/interior/barulho-toda-a-noite-em-bares-ilegais-1753076.html [consultado 2011-01-10].

IGAC, "Recintos de Espetáculos de Natureza Artistíca"*, Jornal de Notícias,* 2017*,* disponível em https://www.igac.gov.pt/documents/20178/621837/pps_seminario_coimbra_30_06_2017/4cb47e6e-e584-4c1b-98d2-7703da0b50ae [consultado em 02-07-2018].

IGAC, "Apresentação"*,* 2019*,* disponível em https://www.igac.gov.pt/apresentacao [consultado em 02-07-2018].

Equipa de Educação Artística (EEA), "te·a·tro", 2019, disponível em http://educacaoartistica.dge.mec.pt/teatro-glossario.html#teatro.

FERREIRA, Victor, "Cinema São Mamede reabre como centro de artes e espectáculos", *Público*, 2007, disponível em https://www.publico.pt/2007/12/07/jornal/cinema-sao-mamede-reabre-como-centro-de-artes-e-espectaculos-240487.

Figueras Group, "EcoBank", disponível em https://www.figueras.com/pt/projetos/espacos-multifuncionais/218_ecobank.html [consultado em 10-06-2018].

MACHADO, José, "Testemunho a Manuel Martins Ferreira", *Entre Margens*, 2008, disponível em http://jornal-entre-margens.blogspot.com/2008/03/testemunho-manuel-martins-ferreira.html [consultado 20.05.2018].

"Auditório Municipal | Município de Lousada", disponível em http://www.cm-lousada.pt/pt/auditorio-municipal [consultado em 20-04-2018].

"Auditório Municipal de Vila Nova de Gaia (AMG)", disponível em http://www.cm-gaia.pt/pt/cidade/cultura/equipamentos-municipais/auditorio-municipal/ [consultado em 20-04-2018].

"Auditório", 2019, disponível in https://fundacaoalord.pt/auditorio/ [consultado em 10-06-2019].

"Casa das Artes", 2019, disponível in https://www.culturanorte.pt/pt/patrimonio/casa-das-artes/ [consultado em 10-06-2019].

"Casa da Cultura de Paredes", disponível in https://www.cm-paredes.pt/pages/501 [consultado em 20-04-2018].

"Colectividades - Junta de Freguesia de Vila das Aves", disponível in http://www.jf-viladasaves.pt/colectividades/ [consultado em].

'Caminheiros do Progresso', (3 de Dezembro de 1955), *Jornal das Aves*.

"Censos 2011 Resultados Defenitivos - Portugal", Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P., 2011.

"Fórum Cultural de Ermesinde", disponível in https://www.cm-valongo.pt/frontoffice/pages/502?poi_id=19 [consultado em 20-04-2018].

"História", disponível in http://www.cm-matosinhos.pt/pages/477 [consultado em 20-04-2018].

"Mosteiro de São Bento da Vitória", 2019, disponível in https://www.tnsj.pt/pt/edificios/mosteiro-de-sao-bento-da-vitoria [consultado em 10-06-2019].

"O Palácio do Bolhão", 2019, disponível in http://ace-tb.com/teatrobolhao/o-palacio-do-bolhao/ [consultado em 10-06-2019].

"População residente segundo os Censos: total e por grandes grupos etários", 2019, disponível in https://www.pordata.pt/Municipios [consultado em 06-04-2019].

"Teatro Helena Sá e Costa", 2019, disponível in https://www.esmae.ipp.pt/esmae/thsc [consultado em 10-06-2019].

"Teatro Municipal de Vila do Conde", disponível in https://www.cm-viladoconde.pt/pages/313 [consultado em 20-04-2018].

"Theatro Circo", disponível in https://www.theatrocirco.com/pt/theatrocirco [consultado em 20-04-2018].

"Teatro Cinema de Fafe", disponível in http://www.cm-fafe.pt/conteudo?item=31242 [consultado em 20-04-2018].

"Sobre Vila das Aves", 2018, disponível in http://www.jf-viladasaves.pt/sobre-vila-das-aves/ [consultado em 22-05-2018].

"Vila das Aves", 2019, disponível in https://www.cm-stirso.pt/pages/499 [consultado em 10-04-2018].

Índice de Imagens

(VII) https://s-i.huffpost.com/gen/1139038/images/o-SB10067018F001-facebook.jpg

[3] Google Earth, 2019, e https://apontementos.wordpress.com/grid-page/first-child/. Imagem do Google Earth com a marcação do rio Ave e rio Vizela segundo a imagem de https://apontementos.wordpress.com/grid-page/first-child/.

[4] http://entre-ambos-os-aves.blogspot.com/2009/11/regulamento-da-fabrica-do-rio-vizela_17.html

[5] http://entre-ambos-os-aves.blogspot.com/2012/01/fotos-antigas.html

[6]DIAS, Geraldo J. A. Coelho e FREITAS, Felisbela da Conceição F. C. M., "Vila das Aves em Livro Aberto - 50 Anos", Vila das Aves: Tipografia das Aves, 2005. P.24.

[7] DIAS, Geraldo J. A. Coelho e FREITAS, Felisbela da Conceição F. C. M., "Vila das Aves em Livro Aberto - 50 Anos", Vila das Aves: Tipografia das Aves, 2005. P.130.

[8] *Jornal das Aves*, 1955.

[9] IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves,* Vila das Aves, Santo Tirso.

[10]Envelope da Cine Aves Lda. cedido pela proprietária.

[11] *Jornal das Aves*, 1956.

[12] Idem.

[28] IGAC, Processo nº 13.14.0001, *Cine Aves,* Vila das Aves, Santo Tirso. Doc.4

[30] httpentre-ambos-os-aves.blogspot.pt201012cine-aves-do-cine-teatro-que-foi-ao-que.html

[33] http://www.jf-viladasaves.pt/fotografias/vila-das-aves/

[34] DIAS, Geraldo J. A. Coelho e FREITAS, Felisbela da Conceição F. C. M., "Vila das Aves em Livro Aberto - 50 Anos", Vila das Aves: Tipografia das Aves, 2005. P.82

[35]Google Earth, 2019, com a marcação dos programas culturais.

[36] https://www.cm-stirso.pt/viver/urbanismo/planeamento/reabilitacao-urbana/aru-vila-das-aves com a marcação dos programas de Vila das Aves.

[126] BARCA, Padre Joaquim da, "S. Miguel das Aves (Monografia)", S. Miguel das Aves: Tipologia da Aves, 1953.

[125] *Jornal das Aves*, 1956.

As fotografias de 2019 do Cine Aves são da autoria do fotógrafo João Silva.

As restantes fotografias são de autoria própria.

Os desenhos originais (Ato 1) do Cine Aves foram recolhidos do Processo do Cine Aves do IGAC.

Os desenhos do Cine Aves atual (Ato 2) foram cedidos pela proprietária e completos e corrigidos pela autora do presente trabalho.

Os desenhos, esquemas e imagens do anteprojeto (Ato 3) são da autoria própria.

164. Máquina de enrrolamento do Cine Aves, 2019.

Índice de anexos

IGAC, Processo nº 13.14.0001, Cine Aves, Vila das Aves, Santo Tirso.

A1. Doc.1, 1 de abril de 1946.

Doc.2, 22 de maio de 1946.

Doc.3, 30 de maio de 1946.

A2. Doc.4-5, 22 de junho de 1948.

A3. Doc.6, 26 de junho de 1948.

Doc.7 outubro de 1948.

Doc.8, 4 de janeiro de 1949.

A4. Doc.9-12, 6 de maio de 1948.

A5. Doc.13-14, 27 de fevereiro de 1950.

A6. Doc.15-17, 29 de novembro de 1951.

A7. Doc.18-20, 7 de fevereiro de 1952.

A8. Doc.21, 4 de janeiro de 1953.

Doc.22, 20 de novembro de 1973.

Doc.23, 24 de outubro de 1986.

Doc.24, 12 de outubro de 1988.

A9. Doc.25, 22 de maio de 1992.

Doc.26, 12 de maio de 1998.

A10. Doc.27, 6 de julho de 1998.

Doc.28, 15 de fevereiro de 1999.

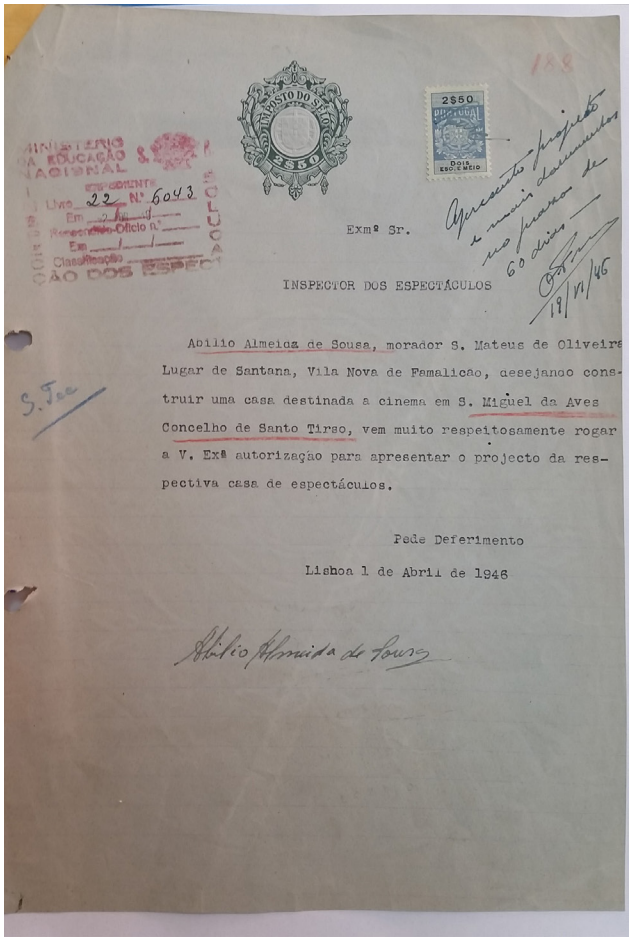
A11. Doc.29-31, 16 de junho de 2009.

A12. Doc.32, 28 de dezembro de 2010.

Doc.33, 3 de janeiro de 2011.

B1. Ficha de avaliação

B2. Ficha de avaiação preenchida



Exmº Sr.

INSPECTOR DOS ESPECTÁCULOS

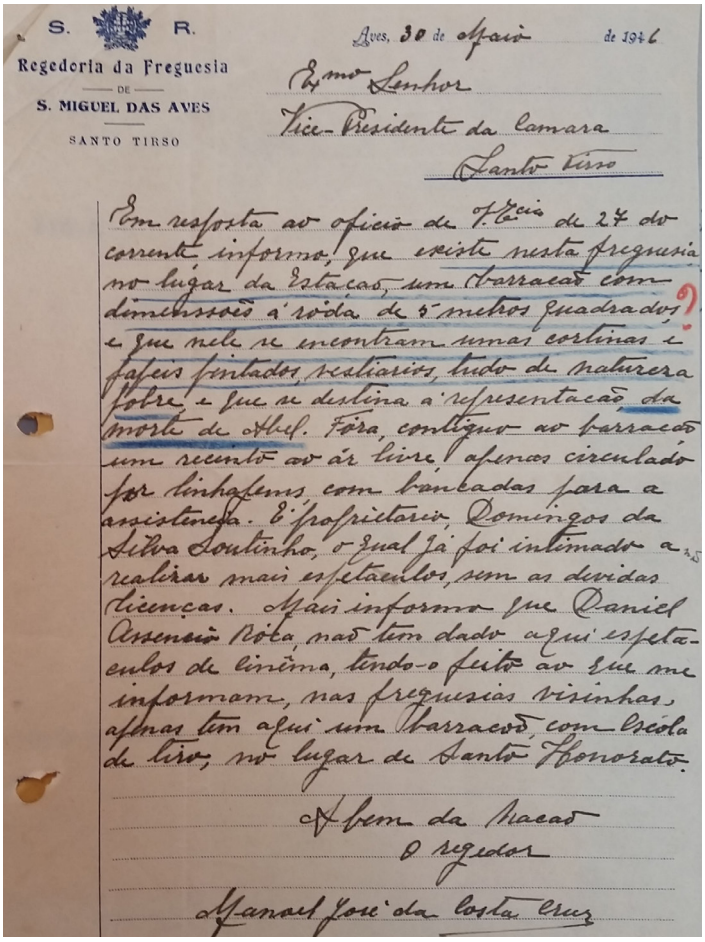
Adilio Almeida de Sousa, morador S. Mateus de Oliveira Lugar de Santana, Vila Nova de Famalicão, desejando construir uma casa destinada a cinema em S. Miguel da Aves Concelho de Santo Tirso, vem muito respeitosamente rogar a V. Exª autorização para apresentar o projecto da respectiva casa de espectáculos.

Pede Deferimento

Lisboa 1 de Abril de 1946

Adilio Almeida de Sousa

Doc.1, 1 de abril de 1946.



S. R.
Regedoria da Freguesia
DE
S. MIGUEL DAS AVES
SANTO TIRSO

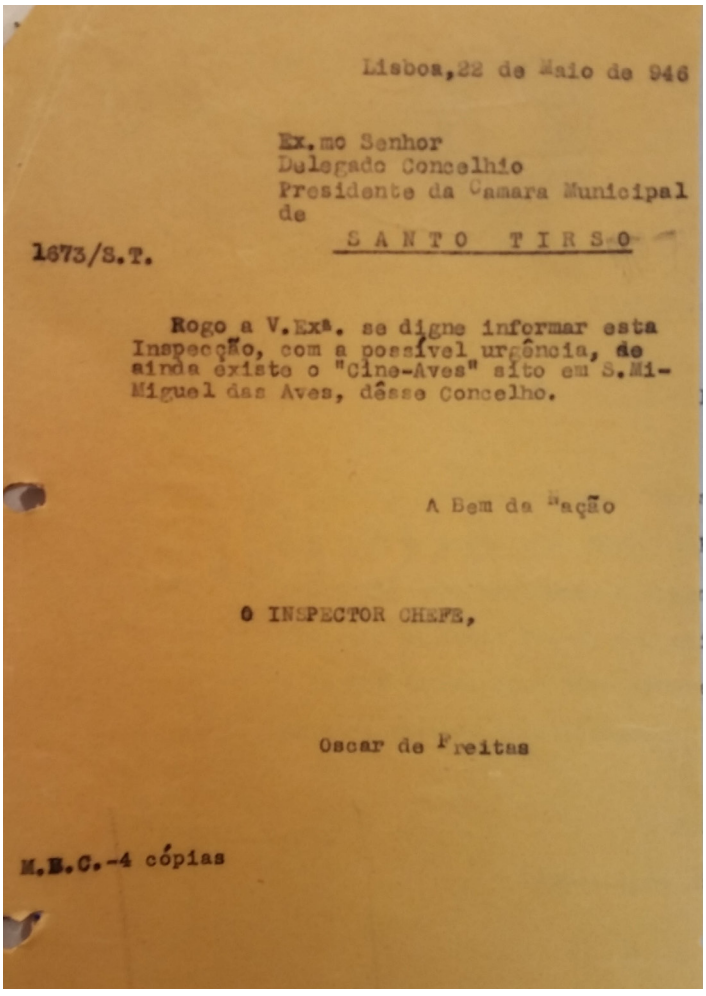
Aves, 30 de Abril de 1946

Exmo Senhor
Vice-Presidente da Camara
Santo Tirso

Em resposta ao oficio de V.Exª de 27 do corrente informo, que existe nesta freguesia no lugar da Estação, um barracão com dimensões á vista de 5 metros quadrados? e que nele se encontram umas cortinas e fatos pintados, vestiarios, tudo de natureza fobre e que se destina á representação da morte de Abel. Fóra, contiguo ao barracão um recinto ao ár livre, apenas circulado por linhagens, com bancadas para a assistencia. É proprietario Domingos da Silva Coutinho, o qual já foi intimado a realisar mais espetaculos, sem as devidas licenças. Mais informo que Daniel Assenção Rôla, não tem dado aqui espetaculos de cinema, tendo-o feito ao que me informam, nas freguesias visinhas, apenas tem aqui um barracão, com escola de tiro, no lugar de Santo Honorato.

A bem da Nação
O regedor
Manuel José da Costa Cruz

Doc.2, 22 de maio de 1946.



Lisboa, 22 de Maio de 946

Ex.mo Senhor
Delegado Concelhio
Presidente da Camara Municipal
de
SANTO TIRSO

1673/S.T.

Rogo a V.Exª. se digne informar esta Inspecção, com a possível urgência, de ainda éxiste o "Cine-Aves" sito em S.Mi-Miguel das Aves, dêsse Concelho.

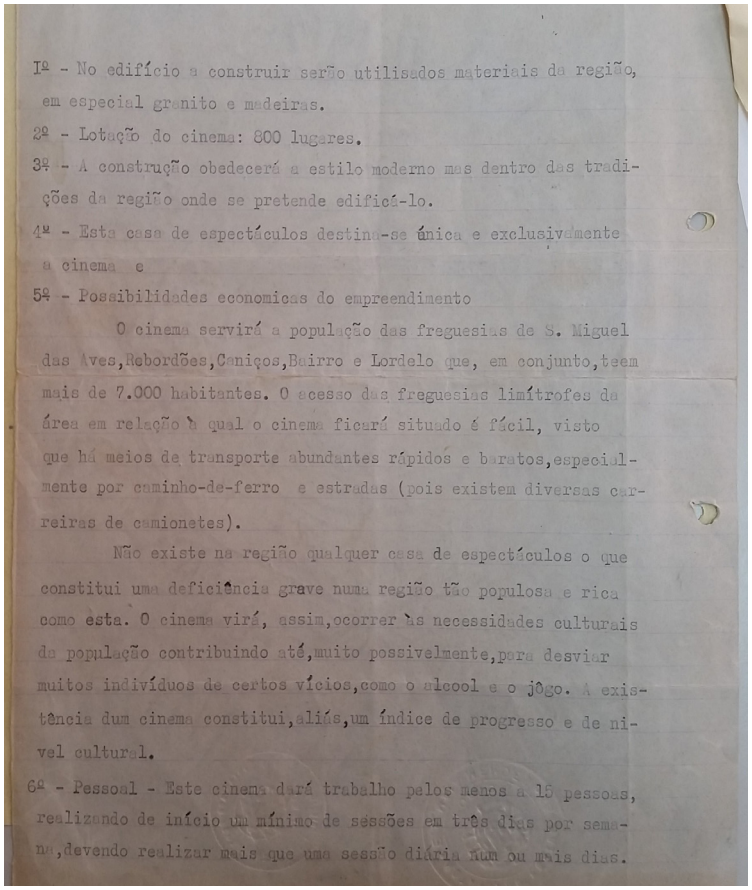
A Bem da Nação

O INSPECTOR CHEFE,

Oscar de Freitas

M.B.C.-4 cópias

Doc.3, 30 de maio de 1946.



1º - No edifício a construir serão utilisados materiais da região, em especial granito e madeiras.

2º - Lotação do cinema: 800 lugares.

3º - A construção obedecerá a estilo moderno mas dentro das tradições da região onde se pretende edificá-lo.

4º - Esta casa de espectáculos destina-se única e exclusivamente a cinema e

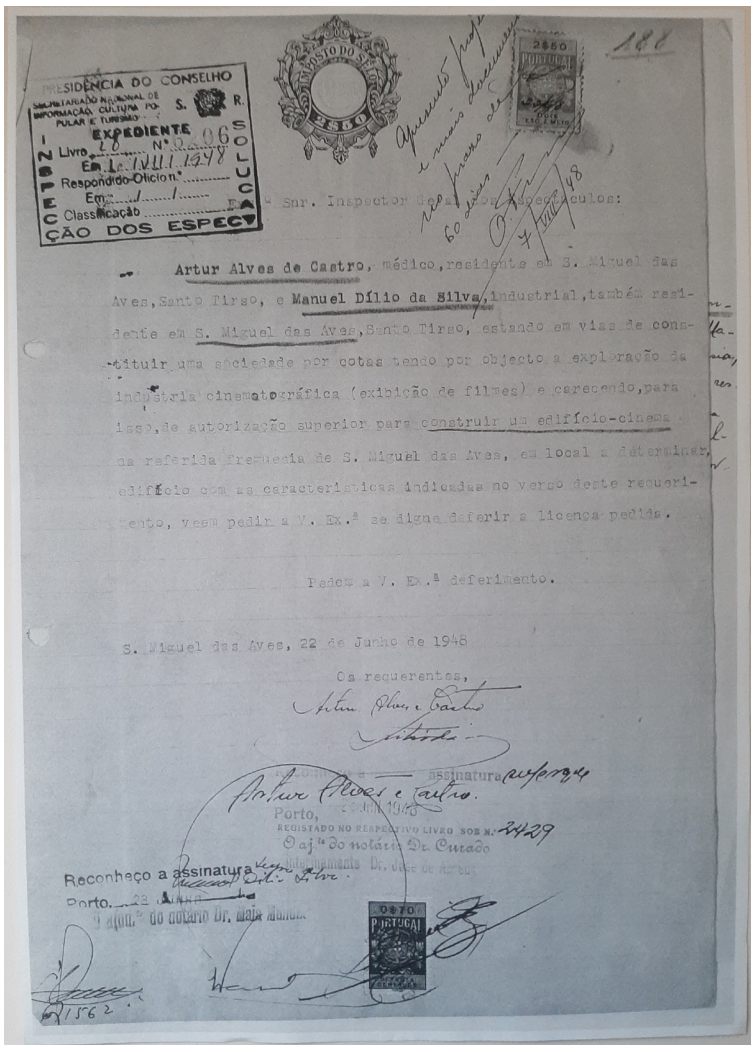
5º - Possibilidades economicas do empreendimento

O cinema servirá a população das freguesias de S. Miguel das Aves, Rebordões, Caniços, Bairro e Lordelo que, em conjunto, teem mais de 7.000 habitantes. O acesso das freguesias limítrofes da área em relação à qual o cinema ficará situado é fácil, visto que há meios de transporte abundantes rápidos e baratos, especialmente por caminho-de-ferro e estradas (pois existem diversas carreiras de camionetes).

Não existe na região qualquer casa de espectáculos o que constitui uma deficiência grave numa região tão populosa e rica como esta. O cinema virá, assim, ocorrer às necessidades culturais da população contribuindo até, muito possivelmente, para desviar muitos indivíduos de certos vícios, como o alcool e o jôgo. A existência dum cinema constitui, aliás, um índice de progresso e de nível cultural.

6º - Pessoal - Este cinema dará trabalho pelos menos a 15 pessoas, realizando de início um mínimo de sessões em três dias por semana, devendo realizar mais que uma sessão diária num ou mais dias.

Doc.4, 22 de junho de 1948.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO
INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS
EXPEDIENTE
Livro 28 Nº 2.06
Em 12/VIII/1948
Respondido-Oficio nº
Em / /
Classificação

Ex.mo Snr. Inspector dos Espectáculos:

Artur Alves de Castro, médico, residente em S. Miguel das Aves, Santo Tirso, e Manuel Dílio da Silva, industrial, também residente em S. Miguel das Aves, Santo Tirso, estando em vias de constituir uma sociedade por cotas tendo por objecto a exploração da indústria cinematográfica (exibição de filmes) e carecendo, para isso, de autorização superior para construir um edifício-cinema na referida freguesia de S. Miguel das Aves, em local a determinar, edifício com as características indicadas no verso deste requerimento, vem pedir a V. Ex.ª se digne deferir a licença pedida.

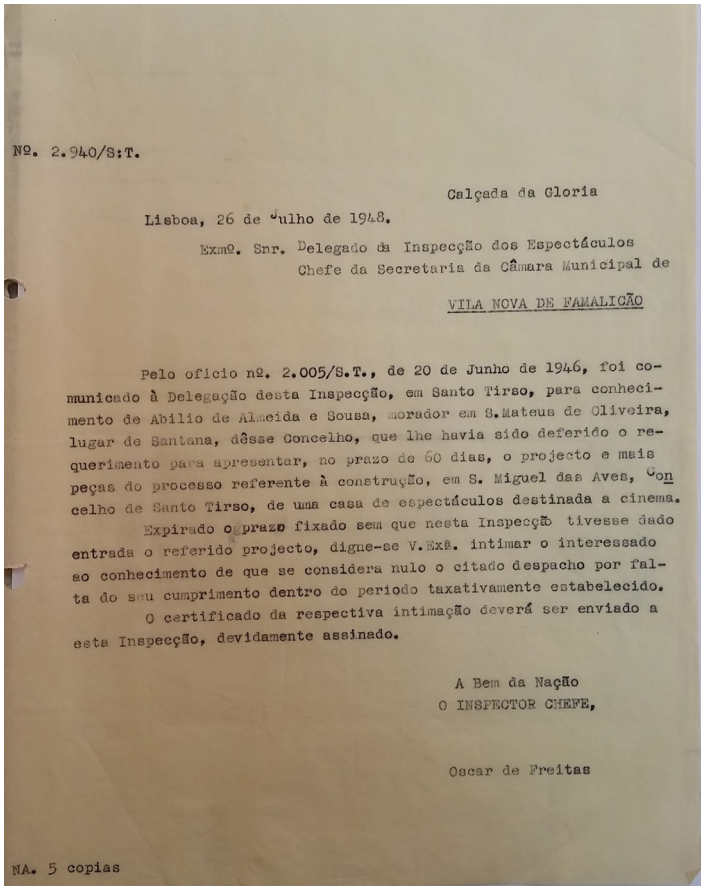
Pedem a V. Ex.ª deferimento.

S. Miguel das Aves, 22 de Junho de 1948

Os requerentes,

Reconheço a assinatura
Porto, 22 JUNHO 1948
O aj.º do notário Dr. Maia Manuel

Doc.5, 22 de junho de 1948.



Nº. 2.940/S:T.

Calçada da Gloria

Lisboa, 26 de Julho de 1948.

Exmº. Snr. Delegado da Inspecção dos Espectáculos
Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de

VILA NOVA DE FAMALICÃO

Pelo oficio nº. 2.005/S.T., de 20 de Junho de 1946, foi comunicado à Delegação desta Inspecção, em Santo Tirso, para conhecimento de Abilio de Almeida e Sousa, morador em S.Mateus de Oliveira, lugar de Santana, dêsse Concelho, que lhe havia sido deferido o requerimento para apresentar, no prazo de 60 dias, o projecto e mais peças do processo referente à construção, em S. Miguel das Aves, Concelho de Santo Tirso, de uma casa de espectáculos destinada a cinema.

Expirado o prazo fixado sem que nesta Inspecção tivesse dado entrada o referido projecto, digne-se V.Exª. intimar o interessado ao conhecimento de que se considera nulo o citado despacho por falta do seu cumprimento dentro do periodo taxativamente estabelecido.

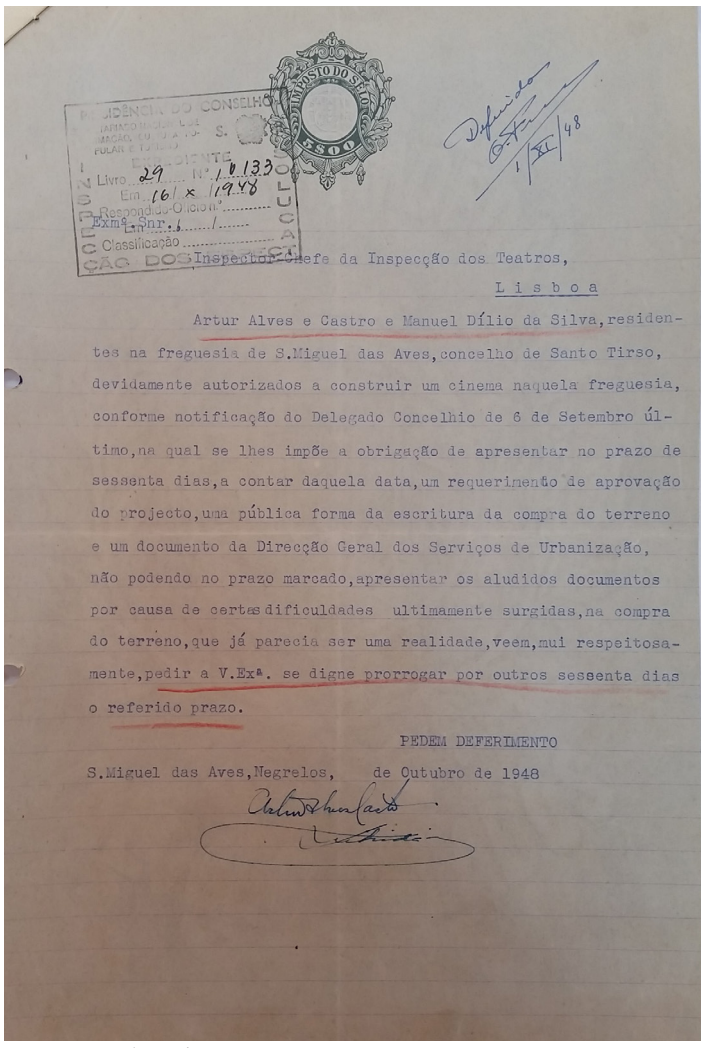
O certificado da respectiva intimação deverá ser enviado a esta Inspecção, devidamente assinado.

A Bem da Nação
O INSPECTOR CHEFE,

Oscar de Freitas

NA. 5 copias

Doc.6, 26 de junho de 1948.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO
SERVIÇOS DE CENSURA
Livro 29 Nº 10.133
Em 16 / X / 1948
Respondido-Oficio
Exmº Snr. /
Classificação

Inspector-Chefe da Inspecção dos Teatros,

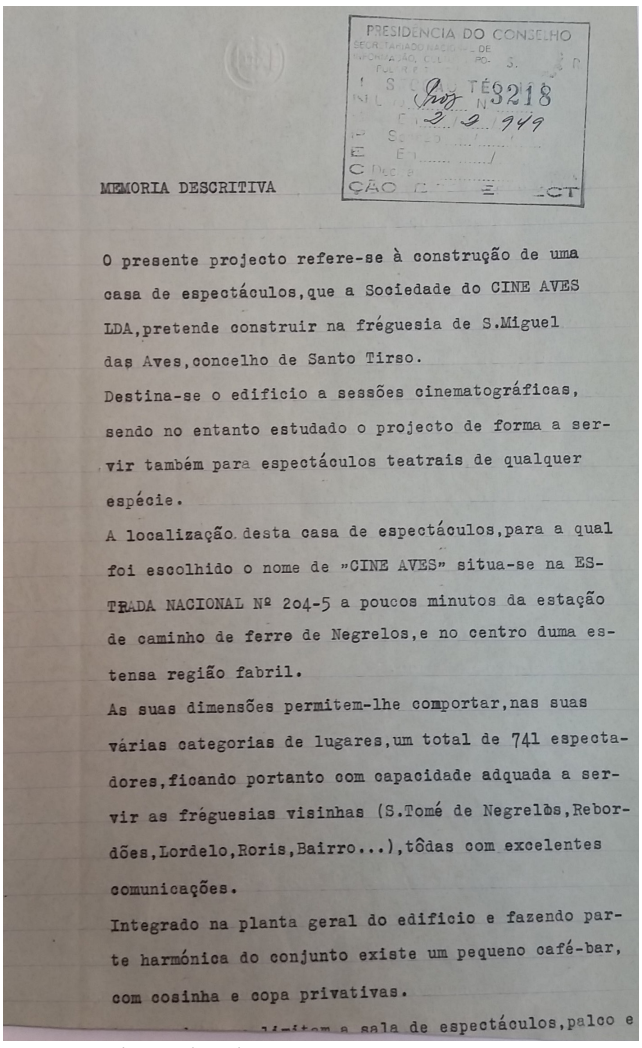
L i s b o a

Artur Alves e Castro e Manuel Dílio da Silva, residentes na freguesia de S.Miguel das Aves, concelho de Santo Tirso, devidamente autorizados a construir um cinema naquela freguesia, conforme notificação do Delegado Concelhio de 6 de Setembro último, na qual se lhes impõe a obrigação de apresentar no prazo de sessenta dias, a contar daquela data, um requerimento de aprovação do projecto, uma pública forma da escritura da compra do terreno e um documento da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, não podendo no prazo marcado, apresentar os aludidos documentos por causa de certas dificuldades ultimamente surgidas, na compra do terreno, que já parecia ser uma realidade, veem, mui respeitosamente, pedir a V.Exª. se digne prorrogar por outros sessenta dias o referido prazo.

PEDEM DEFERIMENTO

S.Miguel das Aves, Negrelos, de Outubro de 1948

Doc.7 outubro de 1948.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO
SERVIÇOS DE CENSURA
Nº 3218
2 2 949

MEMORIA DESCRITIVA

O presente projecto refere-se à construção de uma casa de espectáculos, que a Sociedade do CINE AVES LDA, pretende construir na fréguesia de S.Miguel das Aves, concelho de Santo Tirso.

Destina-se o edificio a sessões cinematográficas, sendo no entanto estudado o projecto de forma a servir também para espectáculos teatrais de qualquer espécie.

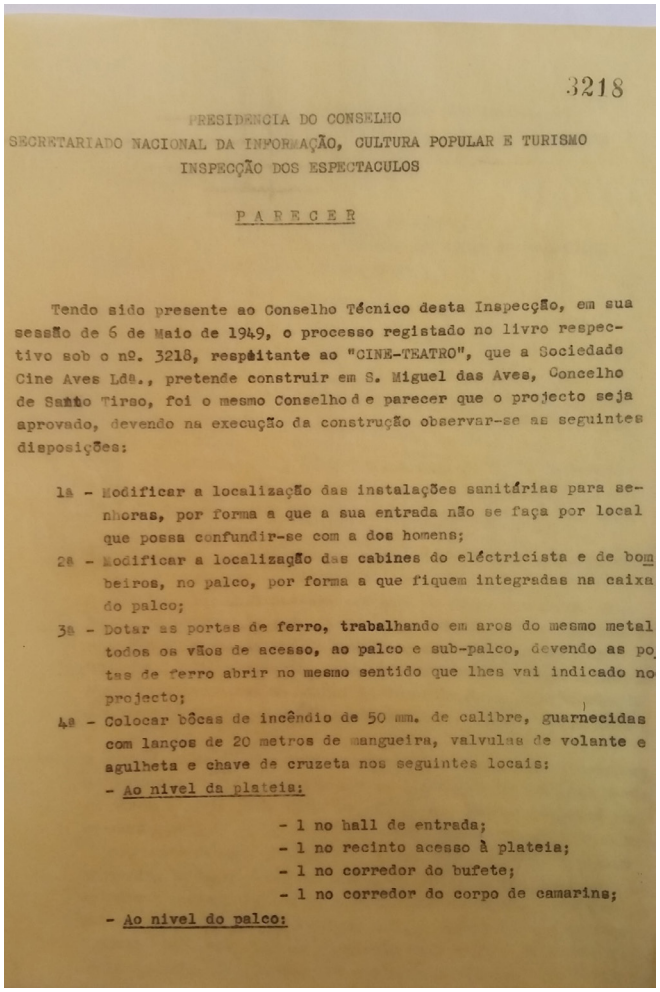
A localização desta casa de espectáculos, para a qual foi escolhido o nome de "CINE AVES" situa-se na ESTRADA NACIONAL Nº 204-5 a poucos minutos da estação de caminho de ferro de Negrelos, e no centro duma estensa região fabril.

As suas dimensões permitem-lhe comportar, nas suas várias categorias de lugares, um total de 741 espectadores, ficando portanto com capacidade adquada a servir as fréguesias visinhas (S.Tomé de Negrelos, Rebordões, Lordelo, Roris, Bairro...), tôdas com excelentes comunicações.

Integrado na planta geral do edificio e fazendo parte harmónica do conjunto existe um pequeno café-bar, com cosinha e copa privativas.

... sala de espectáculos, palco e

Doc.8, 4 de janeiro de 1949.



3218

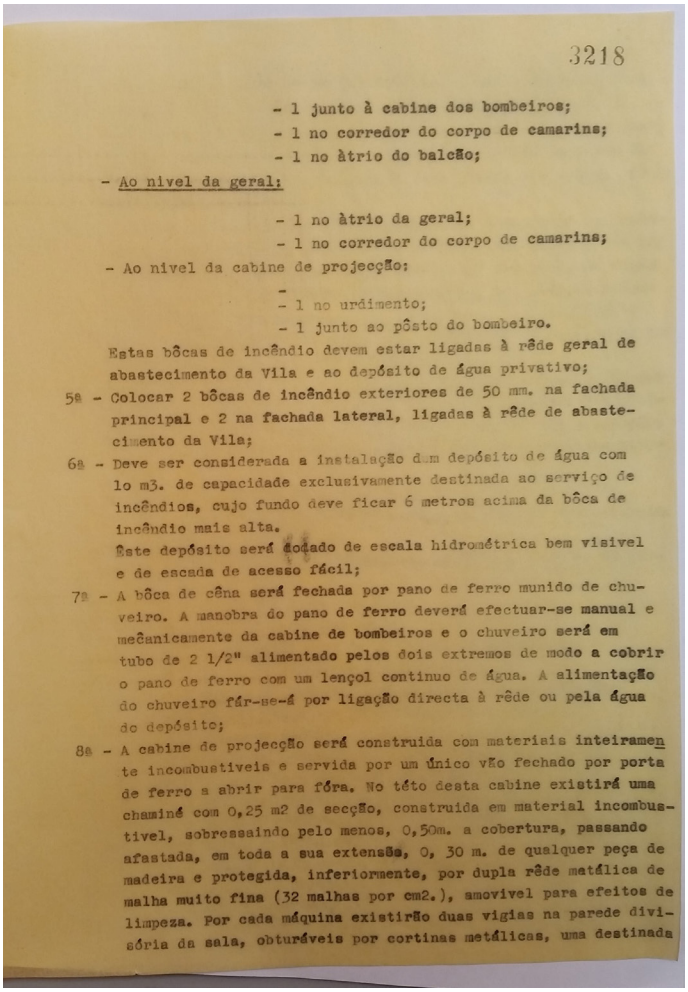
PRESIDENCIA DO CONSELHO
SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO
INSPECÇÃO DOS ESPECTACULOS

PARECER

Tendo sido presente ao Conselho Técnico desta Inspecção, em sua sessão de 6 de Maio de 1949, o processo registado no livro respectivo sob o nº. 3218, respeitante ao "CINE-TEATRO", que a Sociedade Cine Aves Ldª., pretende construir em S. Miguel das Aves, Concelho de Santo Tirso, foi o mesmo Conselho de parecer que o projecto seja aprovado, devendo na execução da construção observar-se as seguintes disposições:

1ª - Modificar a localização das instalações sanitárias para senhoras, por forma a que a sua entrada não se faça por local que possa confundir-se com a dos homens;
2ª - Modificar a localização das cabines do eléctricista e de bombeiros, no palco, por forma a que fiquem integradas na caixa do palco;
3ª - Dotar as portas de ferro, trabalhando em aros do mesmo metal todos os vãos de acesso, ao palco e sub-palco, devendo as portas de ferro abrir no mesmo sentido que lhes vai indicado no projecto;
4ª - Colocar bôcas de incêndio de 50 mm. de calibre, guarnecidas com lanços de 20 metros de mangueira, valvulas de volante e agulheta e chave de cruzeta nos seguintes locais:
- Ao nivel da plateia:
- 1 no hall de entrada;
- 1 no recinto acesso à plateia;
- 1 no corredor do bufete;
- 1 no corredor do corpo de camarins;
- Ao nivel do palco:

Doc.9, 6 de maio de 1948.



3218

- 1 junto à cabine dos bombeiros;
- 1 no corredor do corpo de camarins;
- 1 no àtrio do balcão;

- Ao nivel da geral:

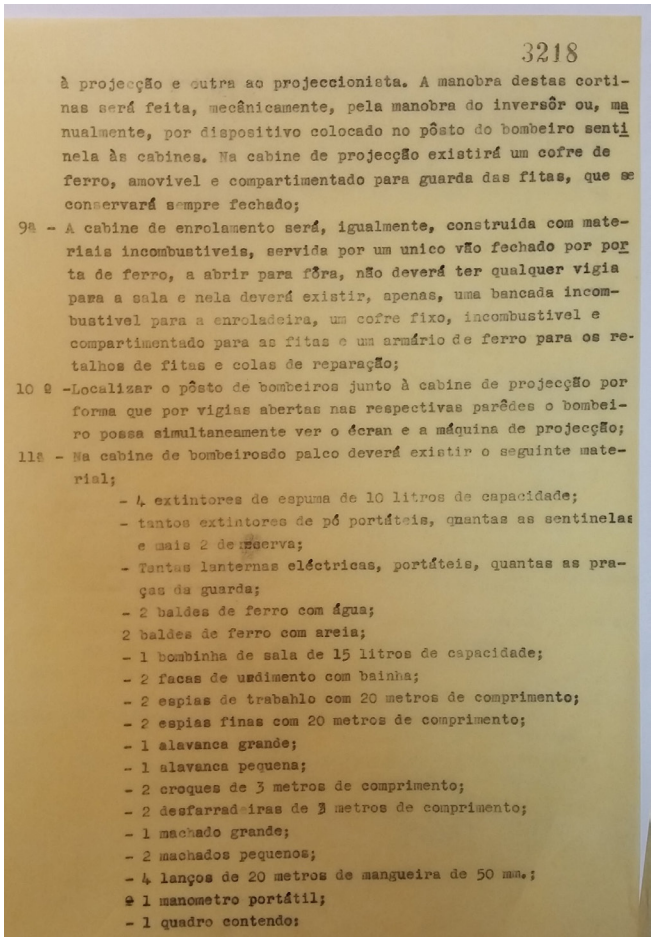
- 1 no àtrio da geral;
- 1 no corredor do corpo de camarins;

- Ao nivel da cabine de projecção:

-
- 1 no urdimento;
- 1 junto ao pôsto do bombeiro.

Estas bôcas de incêndio devem estar ligadas à rêde geral de abastecimento da Vila e ao depósito de água privativo;
5ª - Colocar 2 bôcas de incêndio exteriores de 50 mm. na fachada principal e 2 na fachada lateral, ligadas à rêde de abastecimento da Vila;
6ª - Deve ser considerada a instalação dum depósito de água com 10 m3. de capacidade exclusivamente destinada ao serviço de incêndios, cujo fundo deve ficar 6 metros acima da bôca de incêndio mais alta.
Êste depósito será dotado de escala hidrométrica bem visivel e de escada de acesso fácil;
7ª - A bôca de cêna será fechada por pano de ferro munido de chuveiro. A manobra do pano de ferro deverá efectuar-se manual e mecânicamente da cabine de bombeiros e o chuveiro será em tubo de 2 1/2" alimentado pelos dois extremos de modo a cobrir o pano de ferro com um lençol continuo de água. A alimentação do chuveiro fár-se-á por ligação directa à rêde ou pela água do depósito;
8ª - A cabine de projecção será construida com materiais inteiramente incombustiveis e servida por um único vão fechado por porta de ferro a abrir para fóra. No této desta cabine existirá uma chaminé com 0,25 m2 de secção, construida em material incombustivel, sobressaindo pelo menos, 0,50m. a cobertura, passando afastada, em toda a sua extensão, 0, 30 m. de qualquer peça de madeira e protegida, inferiormente, por dupla rêde metálica de malha muito fina (32 malhas por cm2.), amovivel para efeitos de limpeza. Por cada máquina existirão duas vigias na parede divisória da sala, obturáveis por cortinas metálicas, uma destinada

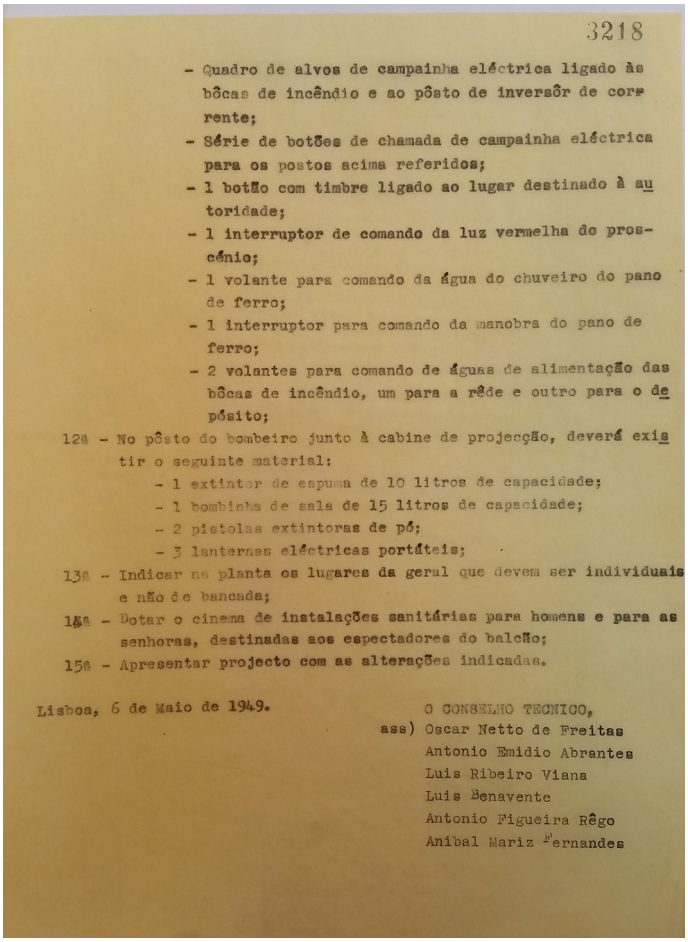
Doc.10, 6 de maio de 1948.



3218

à projecção e outra ao projeccionista. A manobra destas cortinas será feita, mecânicamente, pela manobra do inversôr ou, manualmente, por dispositivo colocado no pôsto do bombeiro sentinela às cabines. Na cabine de projecção existirá um cofre de ferro, amovivel e compartimentado para guarda das fitas, que se conservará sempre fechado;
9ª - A cabine de enrolamento será, igualmente, construida com materiais incombustiveis, servida por um unico vão fechado por porta de ferro, a abrir para fóra, não deverá ter qualquer vigia para a sala e nela deverá existir, apenas, uma bancada incombustivel para a enroladeira, um cofre fixo, incombustivel e compartimentado para as fitas e um armário de ferro para os retalhos de fitas e colas de reparação;
10ª -Localizar o pôsto de bombeiros junto à cabine de projecção por forma que por vigias abertas nas respectivas parêdes o bombeiro possa simultaneamente ver o écran e a máquina de projecção;
11ª - Na cabine de bombeirosdo palco deverá existir o seguinte material;
- 4 extintores de espuma de 10 litros de capacidade;
- tantos extintores de pó portáteis, quantas as sentinelas e mais 2 de reserva;
- Tantas lanternas eléctricas, portáteis, quantas as praças da guarda;
- 2 baldes de ferro com água;
2 baldes de ferro com areia;
- 1 bombinha de sala de 15 litros de capacidade;
- 2 facas de urdimento com bainha;
- 2 espias de trabahlo com 20 metros de comprimento;
- 2 espias finas com 20 metros de comprimento;
- 1 alavanca grande;
- 1 alavanca pequena;
- 2 croques de 3 metros de comprimento;
- 2 desfarradeiras de 3 metros de comprimento;
- 1 machado grande;
- 2 machados pequenos;
- 4 lanços de 20 metros de mangueira de 50 mm.;
- 1 manometro portátil;
- 1 quadro contendo:

Doc.11, 6 de maio de 1948.



3218

- Quadro de alvos de campainha eléctrica ligado às bôcas de incêndio e ao pôsto de inversôr de corrente;
- Série de botões de chamada de campainha eléctrica para os postos acima referidos;
- 1 botão com timbre ligado ao lugar destinado à autoridade;
- 1 interruptor de comando da luz vermelha do proscénio;
- 1 volante para comando da água do chuveiro do pano de ferro;
- 1 interruptor para comando da manobra do pano de ferro;
- 2 volantes para comando de águas de alimentação das bôcas de incêndio, um para a rêde e outro para o depósito;

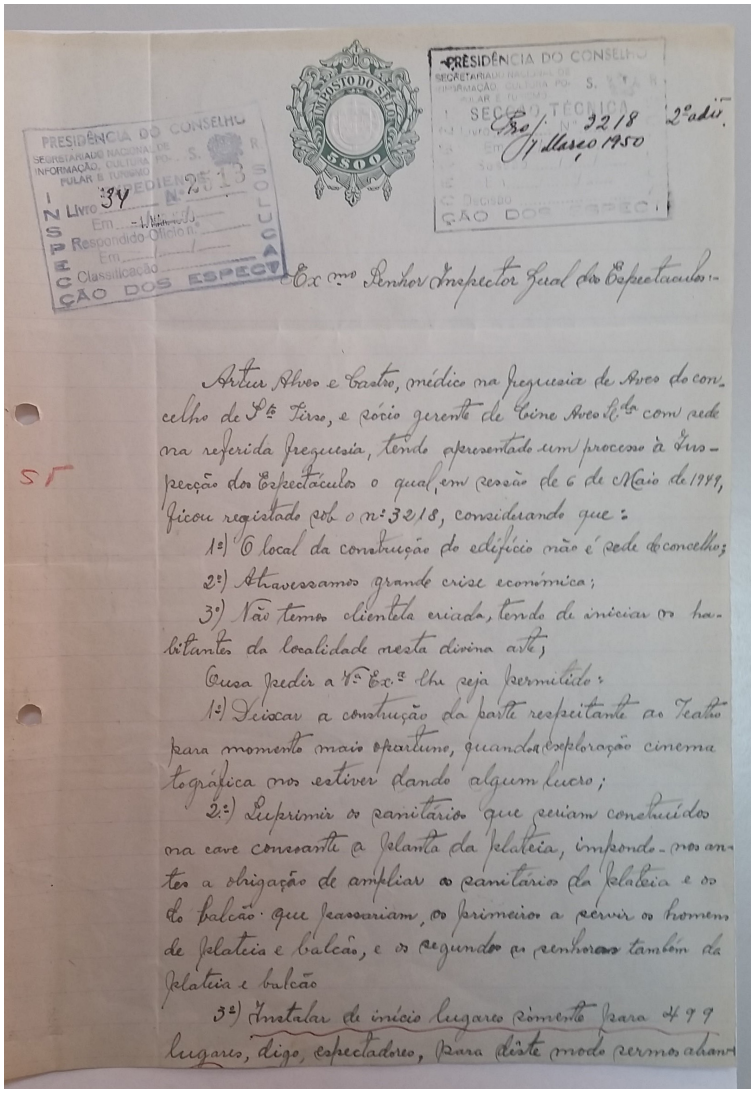
12ª - No pôsto do bombeiro junto à cabine de projecção, deverá existir o seguinte material:
- 1 extintor de espuma de 10 litros de capacidade;
- 1 bombinha de sala de 15 litros de capacidade;
- 2 pistolas extintoras de pó;
- 3 lanternas eléctricas portáteis;

13ª - Indicar na planta os lugares da geral que devem ser individuais e não de bancada;
14ª - Dotar o cinema de instalações sanitárias para homens e para as senhoras, destinadas aos espectadores do balcão;
15ª - Apresentar projecto com as alterações indicadas.

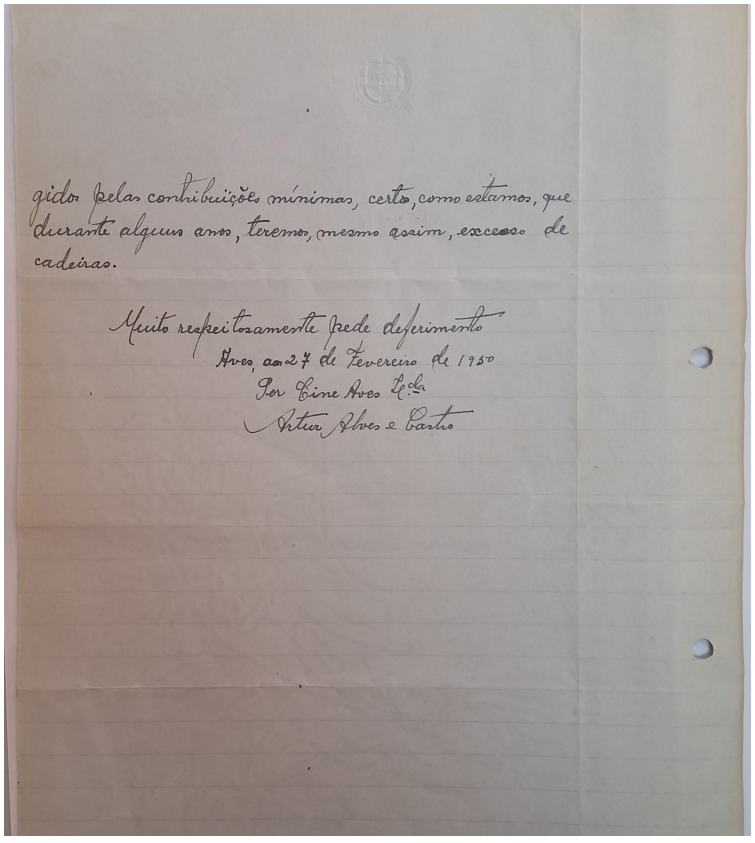
Lisboa, 6 de Maio de 1949.

O CONSELHO TECNICO,
ass) Oscar Netto de Freitas
Antonio Emidio Abrantes
Luis Ribeiro Viana
Luis Benavente
Antonio Figueira Rêgo
Anibal Mariz Fernandes

Doc.12, 6 de maio de 1948.



Doc.13, 27 de fevereiro de 1950.



gido pelas contribuições mínimas, certo, como estamos, que durante alguns anos, teremos, mesmo assim, excesso de cadeiras.

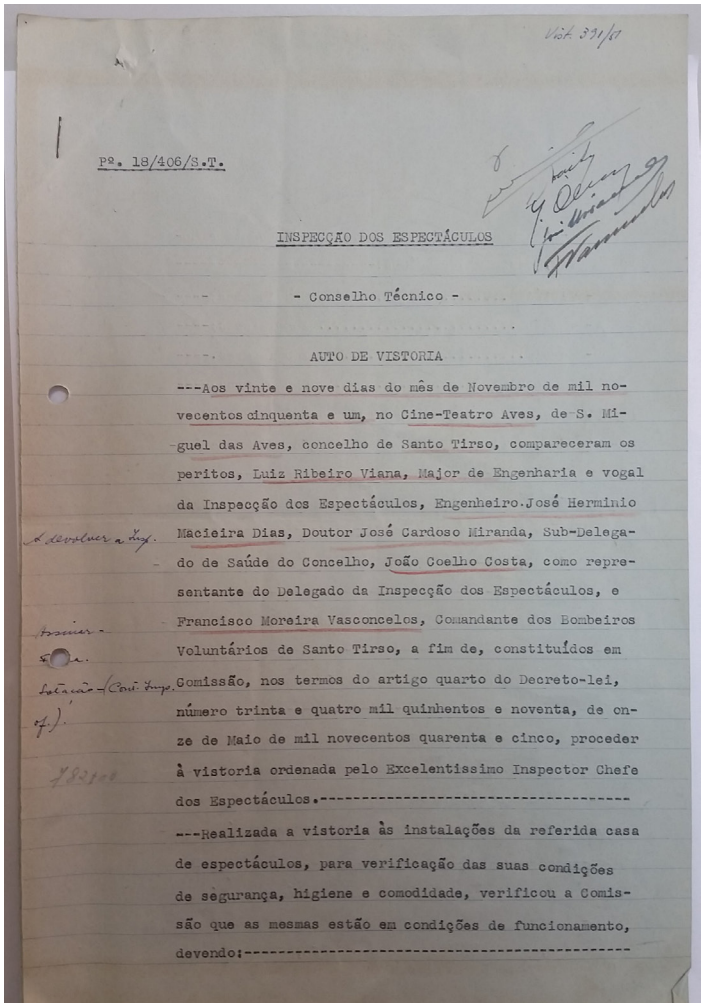
Muito respeitosamente pede deferimento

Aves, aos 27 de Fevereiro de 1950

Por Cine Aves Lda

Artur Alves e Castro

Doc.14, 27 de fevereiro de 1950.



Vist. 331/51

Pº. 18/406/S.T.

INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

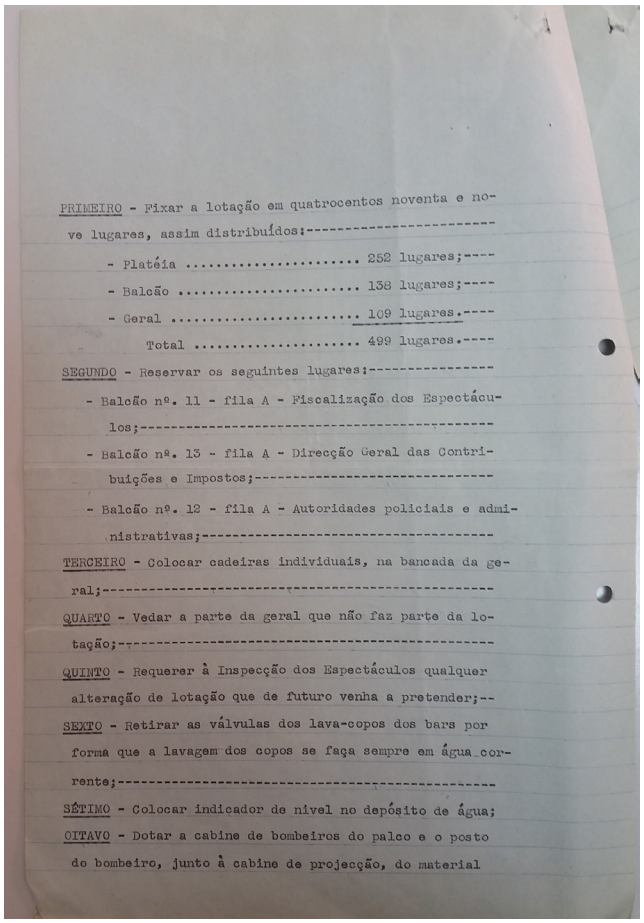
- Conselho Técnico -

AUTO DE VISTORIA

---Aos vinte e nove dias do mês de Novembro de mil novecentos cinquenta e um, no Cine-Teatro Aves, de S. Miguel das Aves, concelho de Santo Tirso, compareceram os peritos, Luiz Ribeiro Viana, Major de Engenharia e vogal da Inspecção dos Espectáculos, Engenheiro José Herminio Macieira Dias, Doutor José Cardoso Miranda, Sub-Delegado de Saúde do Concelho, João Coelho Costa, como representante do Delegado da Inspecção dos Espectáculos, e Francisco Moreira Vasconcelos, Comandante dos Bombeiros Voluntários de Santo Tirso, a fim de, constituídos em Comissão, nos termos do artigo quarto do Decreto-lei, número trinta e quatro mil quinhentos e noventa, de onze de Maio de mil novecentos quarenta e cinco, proceder à vistoria ordenada pelo Excelentissimo Inspector Chefe dos Espectáculos.----------

---Realizada a vistoria às instalações da referida casa de espectáculos, para verificação das suas condições de segurança, higiene e comodidade, verificou a Comissão que as mesmas estão em condições de funcionamento, devendo:----------

Doc.15, 29 de novembro de 1951



PRIMEIRO - Fixar a lotação em quatrocentos noventa e nove lugares, assim distribuídos:----------

- Platéia ..... 252 lugares;----
- Balcão ..... 138 lugares;----
- Geral ..... 109 lugares.-----

Total ..... 499 lugares.-----

SEGUNDO - Reservar os seguintes lugares:----------

- Balcão nº. 11 - fila A - Fiscalização dos Espectáculos;----------
- Balcão nº. 13 - fila A - Direcção Geral das Contribuições e Impostos;----------
- Balcão nº. 12 - fila A - Autoridades policiais e administrativas;----------

TERCEIRO - Colocar cadeiras individuais, na bancada da geral;----------

QUARTO - Vedar a parte da geral que não faz parte da lotação;----------

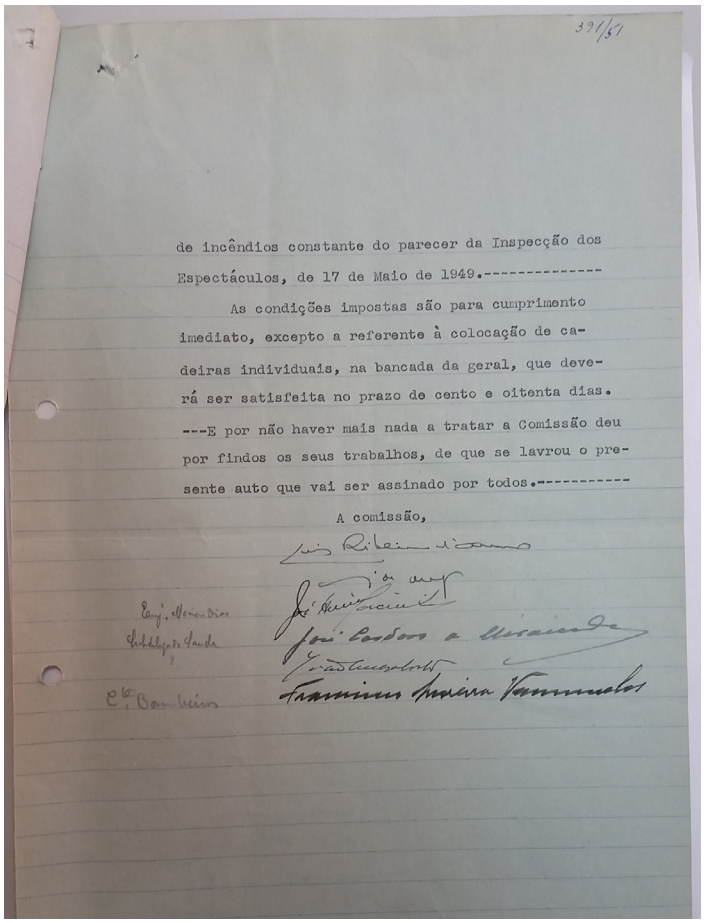
QUINTO - Requerer à Inspecção dos Espectáculos qualquer alteração de lotação que de futuro venha a pretender;--

SEXTO - Retirar as válvulas dos lava-copos dos bars por forma que a lavagem dos copos se faça sempre em água corrente;----------

SÉTIMO - Colocar indicador de nivel no depósito de água;

OITAVO - Dotar a cabine de bombeiros do palco e o posto do bombeiro, junto à cabine de projecção, do material

Doc.16, 29 de novembro de 1951



331/51

de incêndios constante do parecer da Inspecção dos Espectáculos, de 17 de Maio de 1949.----------

As condições impostas são para cumprimento imediato, excepto a referente à colocação de cadeiras individuais, na bancada da geral, que deverá ser satisfeita no prazo de cento e oitenta dias.

---E por não haver mais nada a tratar a Comissão deu por findos os seus trabalhos, de que se lavrou o presente auto que vai ser assinado por todos.----------

A comissão,

Luis Ribeiro Viana

Engº. Macieira Dias

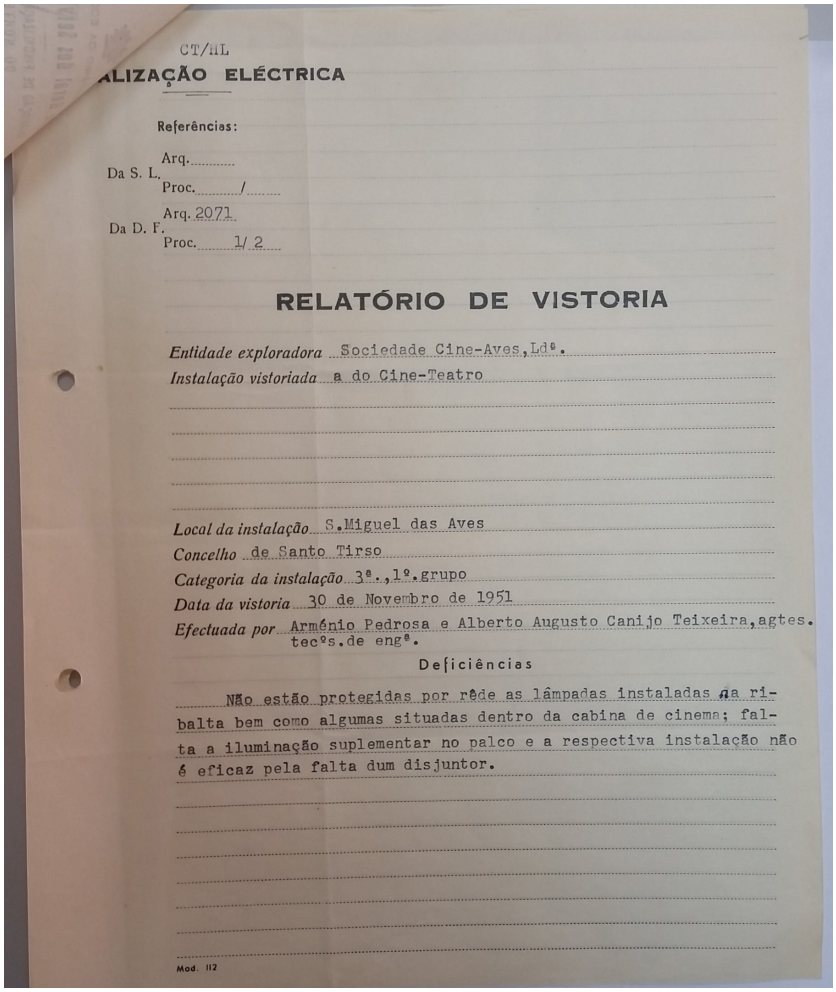
Subdelegado de Saúde

José Cardoso de Miranda

Francisco Moreira Vasconcelos

Cte. Bombeiros

Doc.17, 29 de novembro de 1951



CT/nL

ALIZAÇÃO ELÉCTRICA

Referências:

Da S. L. Arq. ..... Proc. ..... /

Da D. F. Arq. 2071 Proc. 1/ 2

RELATÓRIO DE VISTORIA

Entidade exploradora Sociedade Cine-Aves, Ldª.

Instalação vistoriada a do Cine-Teatro

Local da instalação S.Miguel das Aves

Concelho de Santo Tirso

Categoria da instalação 3ª., 1º. grupo

Data da vistoria 30 de Novembro de 1951

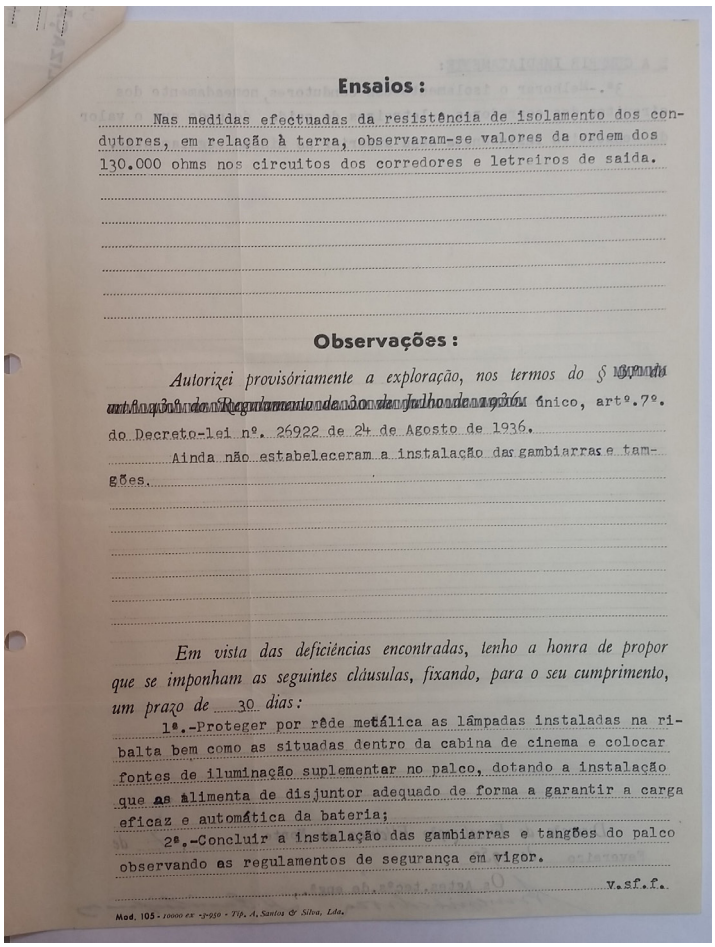
Efectuada por Arménio Pedrosa e Alberto Augusto Canijo Teixeira, agtes. tecºs.de engª.

Deficiências

Não estão protegidas por rêde as lâmpadas instaladas na ribalta bem como algumas situadas dentro da cabina de cinema; falta a iluminação suplementar no palco e a respectiva instalação não é eficaz pela falta dum disjuntor.

Mod. 112

Doc.18, 7 de fevereiro de 1952.



Ensaios:

Nas medidas efectuadas da resistência de isolamento dos condutores, em relação à terra, observaram-se valores da ordem dos 130.000 ohms nos circuitos dos corredores e letreiros de saida.

Observações:

Autorizei provisóriamente a exploração, nos termos do § único, artº.7º. do Decreto-lei nº. 26922 de 24 de Agosto de 1936.

Ainda não estabeleceram a instalação das gambiarras e tangões.

Em vista das deficiências encontradas, tenho a honra de propor que se imponham as seguintes cláusulas, fixando, para o seu cumprimento, um prazo de 30 dias:

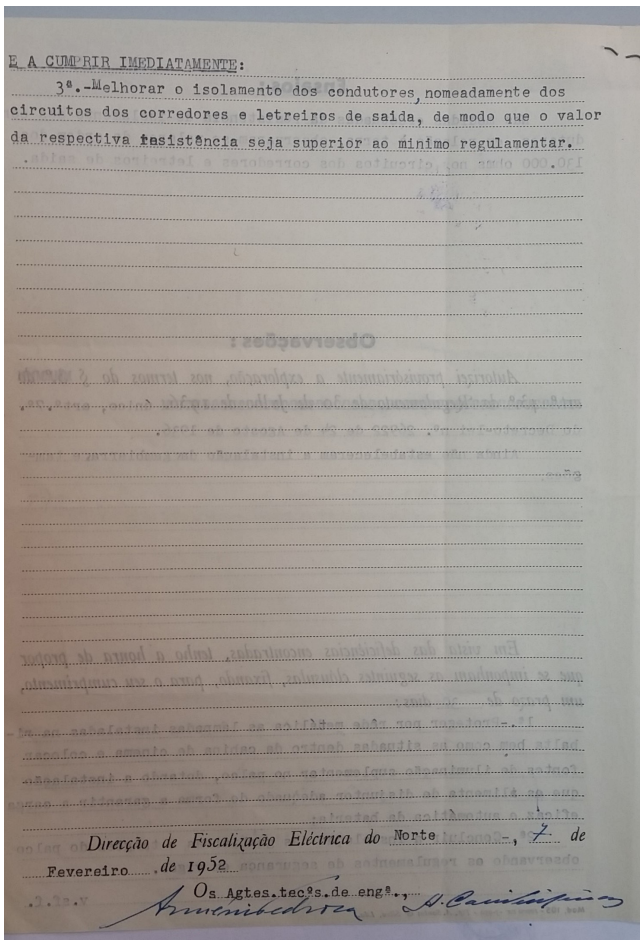
1ª.-Proteger por rêde metálica as lâmpadas instaladas na ribalta bem como as situadas dentro da cabina de cinema e colocar fontes de iluminação suplementar no palco, dotando a instalação que as alimenta de disjuntor adequado de forma a garantir a carga eficaz e automática da bateria;

2ª.-Concluir a instalação das gambiarras e tangões do palco observando as regulamentos de segurança em vigor.

v.sf.f.

Mod. 105 - 10000 ex -p-950 - Tip. A. Santos & Silva, Lda.

Doc.19, 7 de fevereiro de 1952.



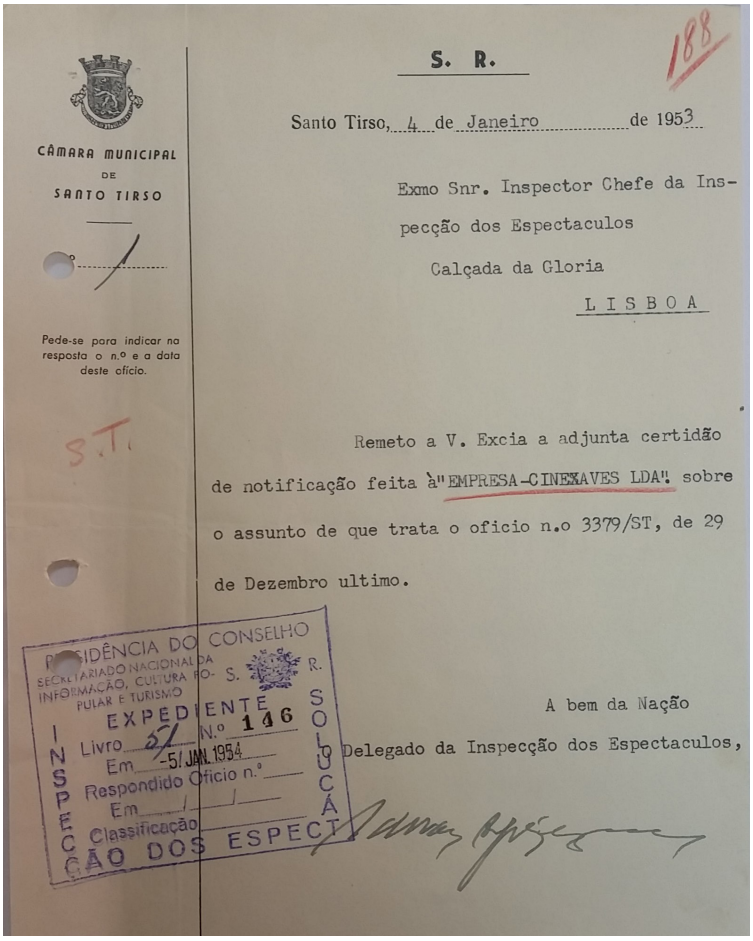
E A CUMPRIR IMEDIATAMENTE:

3ª.-Melhorar o isolamento dos condutores, nomeadamente dos circuitos dos corredores e letreiros de saida, de modo que o valor da respectiva resistência seja superior ao minimo regulamentar.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Norte, 7 de Fevereiro de 1952

Os Agtes.tecºs.de engª.,

Doc.20, 7 de fevereiro de 1952.



CÂMARA MUNICIPAL
DE
SANTO TIRSO

Pede-se para indicar na resposta o n.º e a data deste ofício.

S. T.

S. R.

188

Santo Tirso, 4 de Janeiro de 1953

Exmo Snr. Inspector Chefe da Inspecção dos Espectaculos
Calçada da Gloria
LISBOA

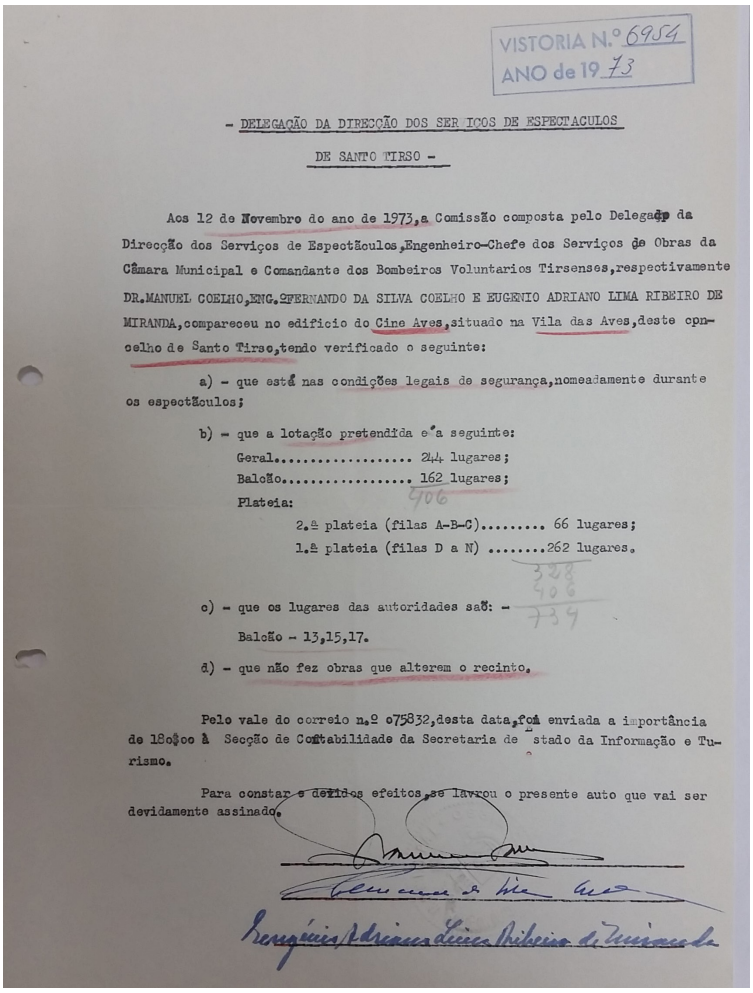
Remeto a V. Excia a adjunta certidão de notificação feita à "EMPRESA-CINEXAVES LDA" sobre o assunto de que trata o oficio n.o 3379/ST, de 29 de Dezembro ultimo.

A bem da Nação

O Delegado da Inspecção dos Espectaculos,

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO
S. R.
EXPEDIENTE
Livro 57 N.º 146
Em -5 JAN. 1954
Respondido Ofício n.º
Em / /
Classificação
INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS SOLUÇÃO

Doc.21, 4 de janeiro de 1953.



VISTORIA N.º 6954
ANO de 1973

- DELEGAÇÃO DA DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE ESPECTACULOS
DE SANTO TIRSO -

Aos 12 de Novembro do ano de 1973, a Comissão composta pelo Delegado da Direcção dos Serviços de Espectáculos, Engenheiro-Chefe dos Serviços de Obras da Câmara Municipal e Comandante dos Bombeiros Voluntarios Tirsenses, respectivamente DR. MANUEL COELHO, ENG.º FERNANDO DA SILVA COELHO E EUGENIO ADRIANO LIMA RIBEIRO DE MIRANDA, compareceu no edificio do Cine Aves, situado na Vila das Aves, deste concelho de Santo Tirso, tendo verificado o seguinte:

a) - que está nas condições legais de segurança, nomeadamente durante os espectáculos;

b) - que a lotação pretendida é a seguinte:
Geral..... 244 lugares;
Balcão..... 162 lugares;
406
Plateia:
2.ª plateia (filas A-B-C)..... 66 lugares;
1.ª plateia (filas D a N) .....262 lugares.
328
406
734

c) - que os lugares das autoridades são: -
Balcão - 13,15,17.

d) - que não fez obras que alterem o recinto.

Pelo vale do correio n.º 075832, desta data, foi enviada a importância de 180$00 à Secção de Contabilidade da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Para constar e devidos efeitos se lavrou o presente auto que vai ser devidamente assinado.

Doc.22, 20 de novembro de 1973.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

(DELEGAÇÃO DA DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE ESPECTÁCULOS)

VISTORIA N.º 4265
ANO de 1986

AUTO DE VISTORIA

No dia 24 de mês de Outubro do ano de 19 86, a Comissão composta pelo Delegado da Direcção dos Serviços de Espectáculos, pelo Engº.Assessor dos Serviços de Obras deste Municipio e pelo Comandante de uma Corporação dos Bombeiros, respectivamente Dr.Renato de Azevedo, Engº.Fernando da Silva Coelho e Joaquim Pereira da Silva ----------, compareceram no lugar de , freguesia de Vila das Aves , concelho de Santo Tirso, onde se encontra instalado o divertimento denominado salão para bailes, propriedade de Cine Aves Lda. , para verificação dos requisitos impostos pelo Decreto-Lei nº. 42 662 de 20/11/59, e determinações constantes da informação nº. da Direcção Geral de Espectáculos e do Direito de Autor de .

Verificou-se que se mantêm cumpridas as condições do licenciamento designadamente as condições gerais de segurança, pelo que é de conceder a renovação.

A lotação é de 425 pessoas

Plateia - 289

Balcão - 136

Para constar e devidos efeitos se lavrou o presente auto que vai ser devidamente assinado.

Doc.23, 24 de outubro de 1986.

CINE-AVES, LDA.

Matriculada com o nº 156 na Conservatória do Registo Comercial de Santo Tirso — Capital Social: 2 000.000$00

TELEFONE. 942 192
VILA DAS AVES
4780 SANTO TIRSO
(PORTUGAL)

Vila das Aves, 1988/Outubro/12

Dgmº Director-Geral
da:
DIRECÇÃO-GERAL DE ESPECTÁCULOS
Palácio da Foz
Praça dos Restauradores
1200 LISBOA:

Dgmº Senhor:

A emprêsa CINE-AVES, LIMITADA, estabelecida à Rua 25 de Abril s/nº, Vila das Aves, Concelho de Santo Tirso. Vem Mui Respeitosamente à presença de V.Exª., para expor o que se segue:

Devido à crise, que atravessam os cinemas, em especial os de pequenas localidades como o nosso, vimo-nos constantemente em dificuldades para equilibrar n/receitas e fazer frente aos elevados custos dos filmes e de manutenção de n/sala de exibição, em especial energia eléctrica.

Entretanto, tomamos conhecimento que várias casas de cinema, possuem salões anexos, onde exploram máquinas de diversão, desde que autorizadas pela Direcção-Geral de Espectáculos.

Assim, em vista das dificuldades que atravessamos e como possuímos um salão anexo ao Cinema, vimos Mui Respeitosamente, solicitar de V.Exª., se digne informar-nos como teremos de proceder para obter tal concessão.

Sem mais, certos de contar com um parecer favorável de parte de V.Exª.

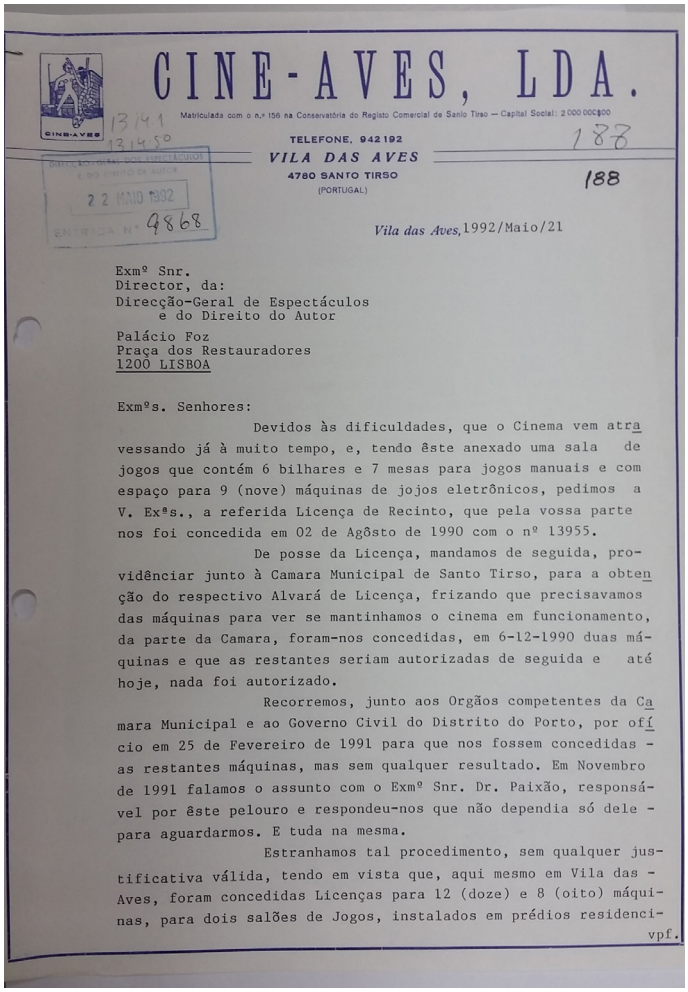
Subscrevemo-nos.

De V.Exª.

Mui Atenciosamente.
Cine-Aves, Lda.
942192
VILA das AVES

DIRECÇÃO-GERAL DOS ESPECTÁCULOS
E DIREITO DE AUTOR
14 OUT. 1988
ENTRADA N.º 18948

Doc.24, 12 de outubro de 1988.



CINE-AVES, LDA.

Matriculada com o n.º 156 na Conservatória do Registo Comercial de Santo Tirso — Capital Social: 2 000 000$00

TELEFONE, 942 192
VILA DAS AVES
4780 SANTO TIRSO
(PORTUGAL)

13141 13450 187 188

22 MAIO 1992 ENTRADA Nº 4868

Vila das Aves, 1992/Maio/21

Exmº Snr.
Director, da:
Direcção-Geral de Espectáculos
e do Direito do Autor

Palácio Foz
Praça dos Restauradores
1200 LISBOA

Exmºs. Senhores:

Devidos às dificuldades, que o Cinema vem atravessando já à muito tempo, e, tendo êste anexado uma sala de jogos que contém 6 bilhares e 7 mesas para jogos manuais e com espaço para 9 (nove) máquinas de jojos eletrônicos, pedimos a V. Exªs., a referida Licença de Recinto, que pela vossa parte nos foi concedida em 02 de Agôsto de 1990 com o nº 13955.

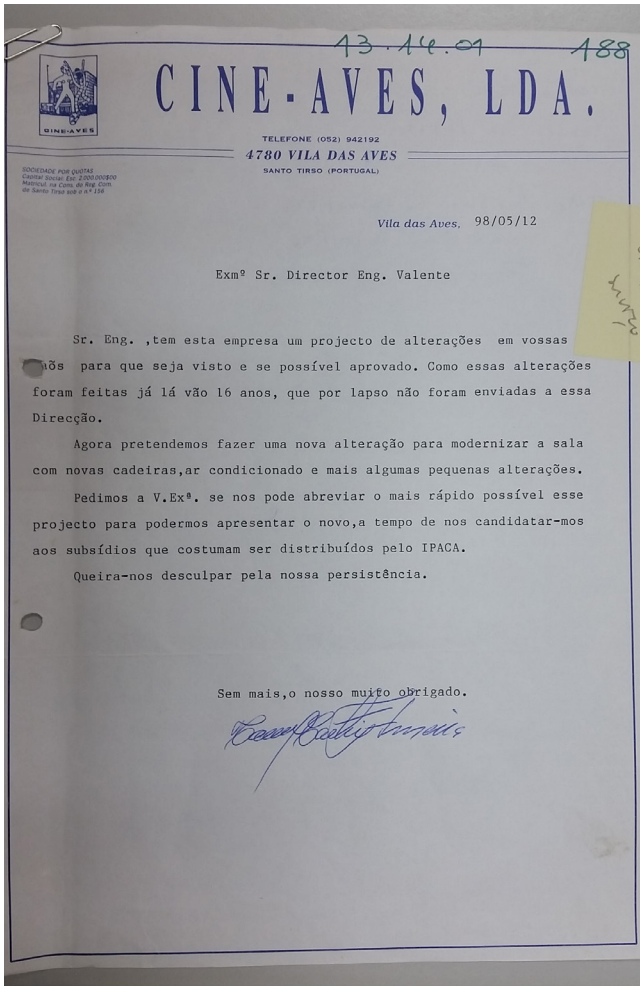
De posse da Licença, mandamos de seguida, providênciar junto à Camara Municipal de Santo Tirso, para a obtenção do respectivo Alvará de Licença, frizando que precisavamos das máquinas para ver se mantinhamos o cinema em funcionamento, da parte da Camara, foram-nos concedidas, em 6-12-1990 duas máquinas e que as restantes seriam autorizadas de seguida e até hoje, nada foi autorizado.

Recorremos, junto aos Orgãos competentes da Camara Municipal e ao Governo Civil do Distrito do Porto, por ofício em 25 de Fevereiro de 1991 para que nos fossem concedidas - as restantes máquinas, mas sem qualquer resultado. Em Novembro de 1991 falamos o assunto com o Exmº Snr. Dr. Paixão, responsável por êste pelouro e respondeu-nos que não dependia só dele - para aguardarmos. E tuda na mesma.

Estranhamos tal procedimento, sem qualquer justificativa válida, tendo em vista que, aqui mesmo em Vila das - Aves, foram concedidas Licenças para 12 (doze) e 8 (oito) máquinas, para dois salões de Jogos, instalados em prédios residenci-

vpf.

Doc.25, 22 de maio de 1992.



CINE-AVES, LDA.

TELEFONE (052) 942192
4780 VILA DAS AVES
SANTO TIRSO (PORTUGAL)

SOCIEDADE POR QUOTAS
Capital Social: Esc. 2.000.000$00
Matriculada na Conv. do Reg. Com. de Santo Tirso sob o nº 156

13.14.01 188

Vila das Aves, 98/05/12

Exmº Sr. Director Eng. Valente

Sr. Eng. ,tem esta empresa um projecto de alterações em vossas mãos para que seja visto e se possível aprovado. Como essas alterações foram feitas já lá vão 16 anos, que por lapso não foram enviadas a essa Direcção.

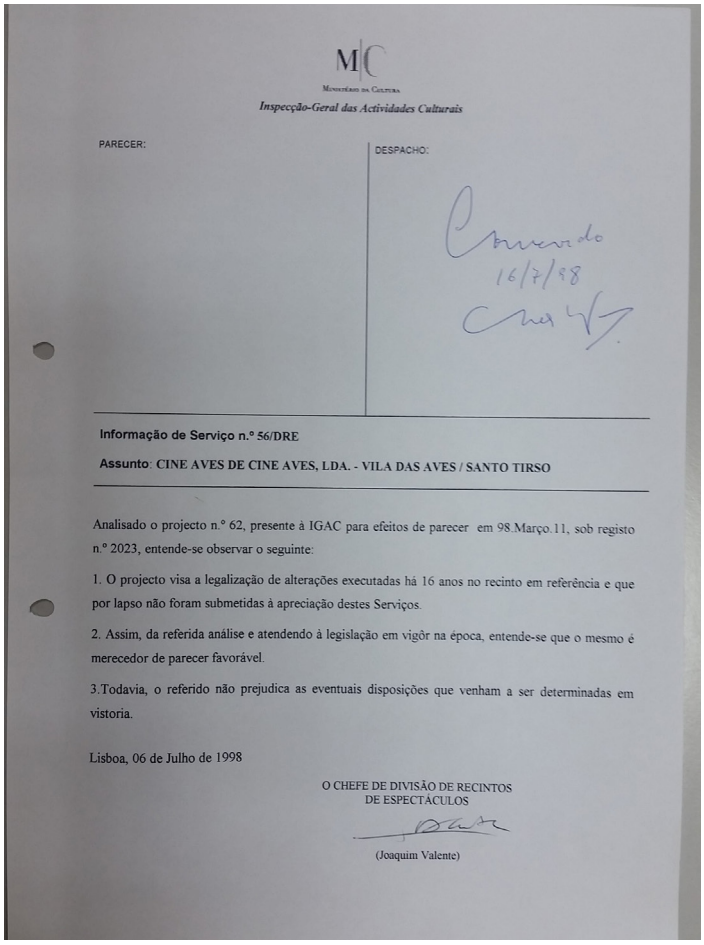
Agora pretendemos fazer uma nova alteração para modernizar a sala com novas cadeiras,ar condicionado e mais algumas pequenas alterações.

Pedimos a V.Exª. se nos pode abreviar o mais rápido possível esse projecto para podermos apresentar o novo,a tempo de nos candidatar-mos aos subsídios que costumam ser distribuídos pelo IPACA.

Queira-nos desculpar pela nossa persistência.

Sem mais,o nosso muito obrigado.

Doc.26, 12 de maio de 1998.



MC
Ministério da Cultura
Inspecção-Geral das Actividades Culturais

PARECER: | DESPACHO:

Concordo
16/7/98

Informação de Serviço n.º 56/DRE

Assunto: CINE AVES DE CINE AVES, LDA. - VILA DAS AVES / SANTO TIRSO

Analisado o projecto n.º 62, presente à IGAC para efeitos de parecer em 98.Março.11, sob registo n.º 2023, entende-se observar o seguinte:

1. O projecto visa a legalização de alterações executadas há 16 anos no recinto em referência e que por lapso não foram submetidas à apreciação destes Serviços.

2. Assim, da referida análise e atendendo à legislação em vigôr na época, entende-se que o mesmo é merecedor de parecer favorável.

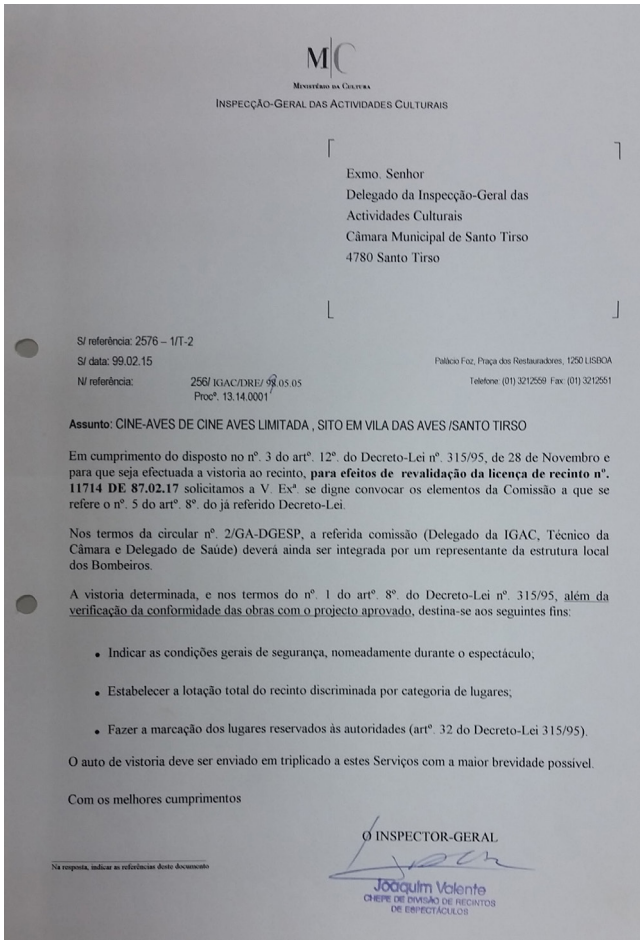
3.Todavia, o referido não prejudica as eventuais disposições que venham a ser determinadas em vistoria.

Lisboa, 06 de Julho de 1998

O CHEFE DE DIVISÃO DE RECINTOS
DE ESPECTÁCULOS

(Joaquim Valente)

Doc.27, 6 de julho de 1998.



MC
Ministério da Cultura
INSPECÇÃO-GERAL DAS ACTIVIDADES CULTURAIS

Exmo. Senhor
Delegado da Inspecção-Geral das
Actividades Culturais
Câmara Municipal de Santo Tirso
4780 Santo Tirso

S/ referência: 2576 – 1/T-2
S/ data: 99.02.15
N/ referência: 256/ IGAC/DRE/ 99.05.05
Proc. 13.14.0001

Palácio Foz, Praça dos Restauradores, 1250 LISBOA
Telefone: (01) 3212559 Fax: (01) 3212551

Assunto: CINE-AVES DE CINE AVES LIMITADA , SITO EM VILA DAS AVES /SANTO TIRSO

Em cumprimento do disposto no nº. 3 do artº. 12º. do Decreto-Lei nº. 315/95, de 28 de Novembro e para que seja efectuada a vistoria ao recinto, **para efeitos de revalidação da licença de recinto nº. 11714 DE 87.02.17** solicitamos a V. Exª. se digne convocar os elementos da Comissão a que se refere o nº. 5 do artº. 8º. do já referido Decreto-Lei.

Nos termos da circular nº. 2/GA-DGESP, a referida comissão (Delegado da IGAC, Técnico da Câmara e Delegado de Saúde) deverá ainda ser integrada por um representante da estrutura local dos Bombeiros.

A vistoria determinada, e nos termos do nº. 1 do artº. 8º. do Decreto-Lei nº. 315/95, além da verificação da conformidade das obras com o projecto aprovado, destina-se aos seguintes fins:

- Indicar as condições gerais de segurança, nomeadamente durante o espectáculo;
- Estabelecer a lotação total do recinto discriminada por categoria de lugares;
- Fazer a marcação dos lugares reservados às autoridades (artº. 32 do Decreto-Lei 315/95).

O auto de vistoria deve ser enviado em triplicado a estes Serviços com a maior brevidade possível.

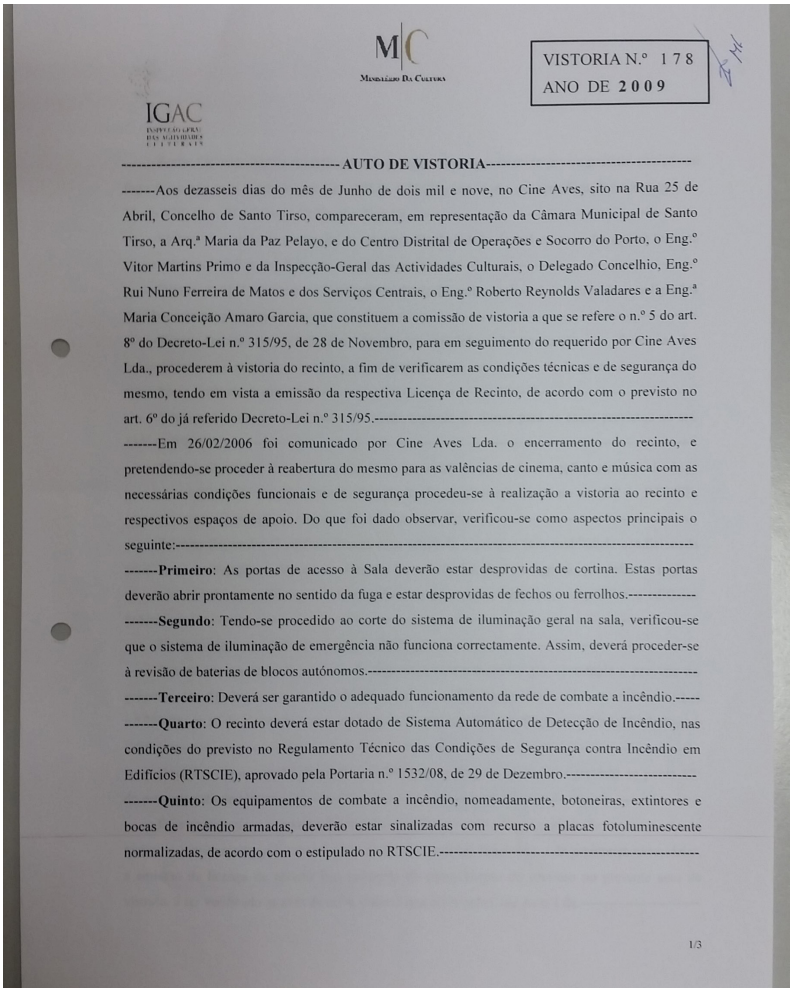
Com os melhores cumprimentos

O INSPECTOR-GERAL

Joaquim Valente
CHEFE DE DIVISÃO DE RECINTOS
DE ESPECTÁCULOS

Na resposta, indicar as referências deste documento

Doc.28, 15 de fevereiro de 1999.



MC
MINISTÉRIO DA CULTURA

IGAC
INSPECÇÃO-GERAL DAS ACTIVIDADES CULTURAIS

VISTORIA N.º 178
ANO DE 2009

AUTO DE VISTORIA

-------Aos dezasseis dias do mês de Junho de dois mil e nove, no Cine Aves, sito na Rua 25 de Abril, Concelho de Santo Tirso, compareceram, em representação da Câmara Municipal de Santo Tirso, a Arq.ª Maria da Paz Pelayo, e do Centro Distrital de Operações e Socorro do Porto, o Eng.º Vitor Martins Primo e da Inspecção-Geral das Actividades Culturais, o Delegado Concelhio, Eng.º Rui Nuno Ferreira de Matos e dos Serviços Centrais, o Eng.º Roberto Reynolds Valadares e a Eng.ª Maria Conceição Amaro Garcia, que constituem a comissão de vistoria a que se refere o n.º 5 do art. 8º do Decreto-Lei n.º 315/95, de 28 de Novembro, para em seguimento do requerido por Cine Aves Lda., procederem à vistoria do recinto, a fim de verificarem as condições técnicas e de segurança do mesmo, tendo em vista a emissão da respectiva Licença de Recinto, de acordo com o previsto no art. 6º do já referido Decreto-Lei n.º 315/95.----------

-------Em 26/02/2006 foi comunicado por Cine Aves Lda. o encerramento do recinto, e pretendendo-se proceder à reabertura do mesmo para as valências de cinema, canto e música com as necessárias condições funcionais e de segurança procedeu-se à realização a vistoria ao recinto e respectivos espaços de apoio. Do que foi dado observar, verificou-se como aspectos principais o seguinte:----------

-------**Primeiro**: As portas de acesso à Sala deverão estar desprovidas de cortina. Estas portas deverão abrir prontamente no sentido da fuga e estar desprovidas de fechos ou ferrolhos.----------

-------**Segundo**: Tendo-se procedido ao corte do sistema de iluminação geral na sala, verificou-se que o sistema de iluminação de emergência não funciona correctamente. Assim, deverá proceder-se à revisão de baterias de blocos autónomos.----------

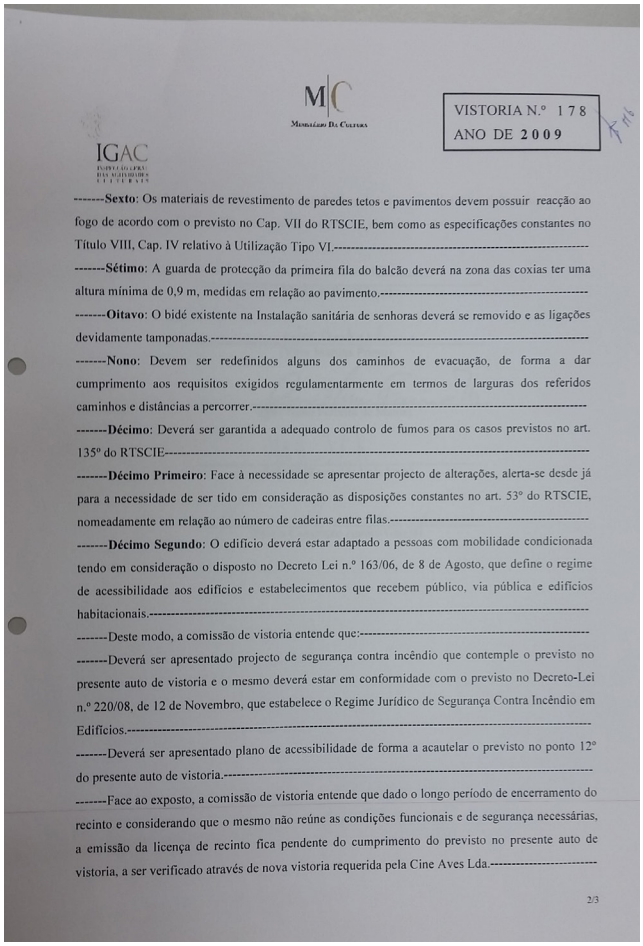
-------**Terceiro**: Deverá ser garantido o adequado funcionamento da rede de combate a incêndio.-----

-------**Quarto**: O recinto deverá estar dotado de Sistema Automático de Detecção de Incêndio, nas condições do previsto no Regulamento Técnico das Condições de Segurança contra Incêndio em Edifícios (RTSCIE), aprovado pela Portaria n.º 1532/08, de 29 de Dezembro.----------

-------**Quinto**: Os equipamentos de combate a incêndio, nomeadamente, botoneiras, extintores e bocas de incêndio armadas, deverão estar sinalizadas com recurso a placas fotoluminescente normalizadas, de acordo com o estipulado no RTSCIE.----------

1/3

Doc.29, 16 de junho de 2009.



MC
MINISTÉRIO DA CULTURA

IGAC
INSPECÇÃO-GERAL DAS ACTIVIDADES CULTURAIS

VISTORIA N.º 178
ANO DE 2009

-------**Sexto**: Os materiais de revestimento de paredes tetos e pavimentos devem possuir reacção ao fogo de acordo com o previsto no Cap. VII do RTSCIE, bem como as especificações constantes no Título VIII, Cap. IV relativo à Utilização Tipo VI.----------

-------**Sétimo**: A guarda de protecção da primeira fila do balcão deverá na zona das coxias ter uma altura mínima de 0,9 m, medidas em relação ao pavimento.----------

-------**Oitavo**: O bidé existente na Instalação sanitária de senhoras deverá se removido e as ligações devidamente tamponadas.----------

-------**Nono**: Devem ser redefinidos alguns dos caminhos de evacuação, de forma a dar cumprimento aos requisitos exigidos regulamentarmente em termos de larguras dos referidos caminhos e distâncias a percorrer.----------

-------**Décimo**: Deverá ser garantida a adequado controlo de fumos para os casos previstos no art. 135º do RTSCIE----------

-------**Décimo Primeiro**: Face à necessidade se apresentar projecto de alterações, alerta-se desde já para a necessidade de ser tido em consideração as disposições constantes no art. 53º do RTSCIE, nomeadamente em relação ao número de cadeiras entre filas.----------

-------**Décimo Segundo**: O edifício deverá estar adaptado a pessoas com mobilidade condicionada tendo em consideração o disposto no Decreto Lei n.º 163/06, de 8 de Agosto, que define o regime de acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais.----------

-------Deste modo, a comissão de vistoria entende que:----------

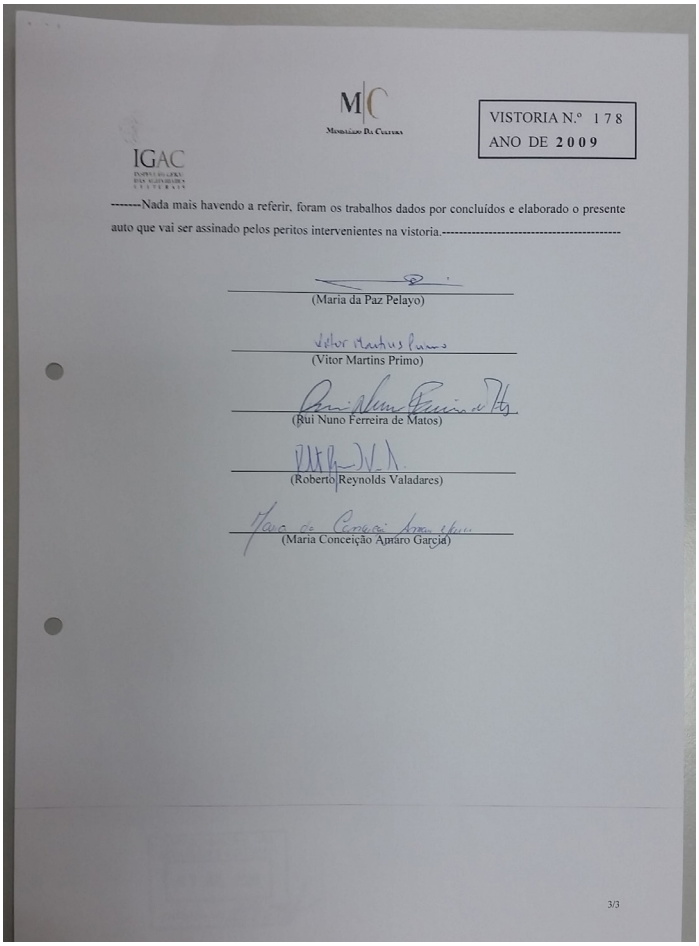
-------Deverá ser apresentado projecto de segurança contra incêndio que contemple o previsto no presente auto de vistoria e o mesmo deverá estar em conformidade com o previsto no Decreto-Lei n.º 220/08, de 12 de Novembro, que estabelece o Regime Jurídico de Segurança Contra Incêndio em Edifícios.----------

-------Deverá ser apresentado plano de acessibilidade de forma a acautelar o previsto no ponto 12º do presente auto de vistoria.----------

-------Face ao exposto, a comissão de vistoria entende que dado o longo período de encerramento do recinto e considerando que o mesmo não reúne as condições funcionais e de segurança necessárias, a emissão da licença de recinto fica pendente do cumprimento do previsto no presente auto de vistoria, a ser verificado através de nova vistoria requerida pela Cine Aves Lda.----------

2/3

Doc.30, 16 de junho de 2009.



MC
MINISTÉRIO DA CULTURA

IGAC
INSPECÇÃO-GERAL DAS ACTIVIDADES CULTURAIS

VISTORIA N.º 178
ANO DE 2009

-------Nada mais havendo a referir, foram os trabalhos dados por concluídos e elaborado o presente auto que vai ser assinado pelos peritos intervenientes na vistoria.----------

(Maria da Paz Pelayo)

(Vitor Martins Primo)

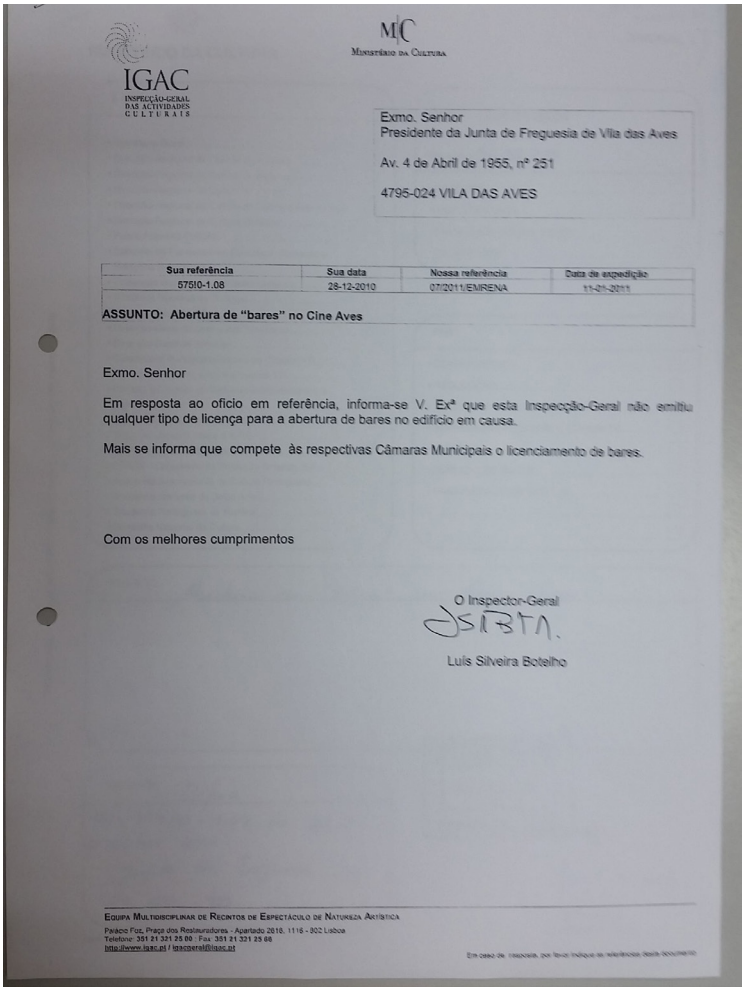
(Rui Nuno Ferreira de Matos)

(Roberto Reynolds Valadares)

(Maria Conceição Amaro Garcia)

3/3

Doc.31, 16 de junho de 2009.



MC
Ministério da Cultura

IGAC
Inspecção-Geral das Actividades Culturais

Exmo. Senhor
Presidente da Junta de Freguesia de Vila das Aves
Av. 4 de Abril de 1955, nº 251
4795-024 VILA DAS AVES

Sua referência	Sua data	Nossa referência	Data de expedição
575\0-1.08	28-12-2010	07/2011/EMRENA	11-01-2011

ASSUNTO: Abertura de "bares" no Cine Aves

Exmo. Senhor

Em resposta ao ofício em referência, informa-se V. Exª que esta Inspecção-Geral não emitiu qualquer tipo de licença para a abertura de bares no edifício em causa.

Mais se informa que compete às respectivas Câmaras Municipais o licenciamento de bares.

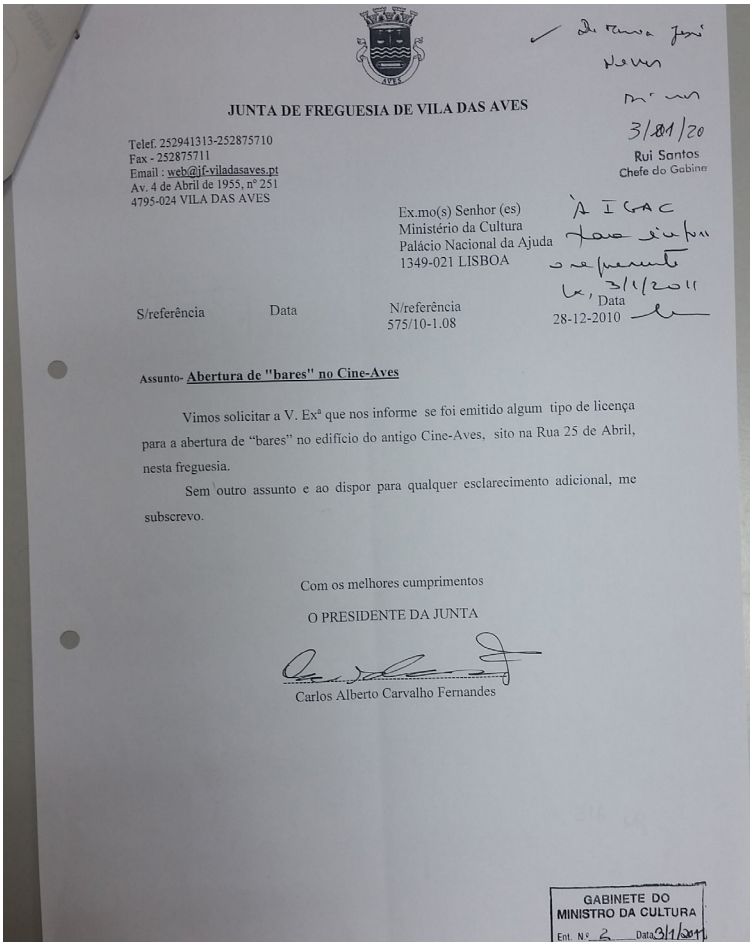
Com os melhores cumprimentos

O Inspector-Geral

Luís Silveira Botelho

Equipa Multidisciplinar de Recintos de Espectáculo de Natureza Artística
Palácio Foz, Praça dos Restauradores - Apartado 2010, 1116 - 302 Lisboa
Telefone: 351 21 321 25 00 / Fax: 351 21 321 25 68
http://www.igac.pt / igacgeral@igac.pt

Doc.32, 28 de dezembro de 2010.



JUNTA DE FREGUESIA DE VILA DAS AVES

Telef. 252941313-252875710
Fax - 252875711
Email : web@jf-viladasaves.pt
Av. 4 de Abril de 1955, nº 251
4795-024 VILA DAS AVES

31/01/20
Rui Santos
Chefe do Gabine

Ex.mo(s) Senhor (es)
Ministério da Cultura
Palácio Nacional da Ajuda
1349-021 LISBOA

À IGAC

Data 31/1/2011

S/referência	Data	N/referência	Data
		575/10-1.08	28-12-2010

Assunto- **Abertura de "bares" no Cine-Aves**

Vimos solicitar a V. Exª que nos informe se foi emitido algum tipo de licença para a abertura de "bares" no edifício do antigo Cine-Aves, sito na Rua 25 de Abril, nesta freguesia.

Sem outro assunto e ao dispor para qualquer esclarecimento adicional, me subscrevo.

Com os melhores cumprimentos

O PRESIDENTE DA JUNTA

Carlos Alberto Carvalho Fernandes

GABINETE DO MINISTRO DA CULTURA
Ent. Nº 2 Data 3/1/2011

Doc.33, 3 de janeiro de 2011.

Ficha de Avaliação do Estado de Conservação

A. Identificação e Morada do Edifício

A1. Identificação:

Nome:
Data de inspeção:

A2. Localização:

Morada:

Parte I: Interesse Patrimonial do Edifício

B. Caracterização tipo-morfológica do edifício

B1. Morfologia e tipologia

B1.1 - Época de Construção: ☐Século XV-XVII; ☐Século XVIII; ☐ Século XIX; ☐Século XX; ☐Século XXI; ☐ Outro:

B1.2 - Implantação do Edifício: ☐Isolado; ☐Contíguo a edifícios; ☐Gaveto; ☐Outro:

B1.3 - Rua: Largura: ☐Com menos de 8m entre fachadas; ☐Com mais de 8m entre fachadas
Acesso: ☐Fácil; ☐ Difícil

B1.4 - Lote: ☐Ocupação parcial: ☐Com logradouro; ☐Saguão; ☐ Com anexos; ☐ Outro:
☐Ocupação integral

B1.5 - Número de Fachadas: ; Empenas Cegas: ; Tardoz:

B1.6 - Número Pisos: Acima da cota da soleira: ; Abaixo da cota da soleira:

B1.7 - Edifício: Altura (fachada): Altura da Caixa de Palco:
Área Bruta:

C. Caracterização construtiva e alterações introduzidas

C1. Estrutura Vertical

C1.1 Paredes exteriores

Material (Estrutural)

Fachadas:	Empenas Cegas:
☐Alvenaria de Pedra	☐Alvenaria de Pedra
☐Alvenaria de Tijolo	☐Alvenaria de Tijolo
☐Betão	☐Betão

Revestimentos exteriores

Fachadas:	Empenas Cegas:
☐Reboco pintado;	☐Reboco pintado;
☐ Cantaria;	☐ Cantaria
☐ Cerâmica;	☐ Rebocado ou argamassa de cal;

C1.2. Paredes Interiores

Material (Estrutural)

Compartimentação:	Caixa de escadas:
☐ Alvenaria de pedra;	☐ Alvenaria de pedra;
☐ Alvenaria de tijolo;	☐ Alvenaria de tijolo;
☐ Betão;	☐ Outro:
☐ Outro	

Revestimentos Interiores em geral

☐ Estuque pintado;	☐ Pedra;	☐ Madeira;
☐ Azulejos, cerâmico;	☐ Carpete;	☐ Outro:

C2. Estrutura Horizontal

C2.1. Cobertura

Tipo	**Material**
Autoportante: ☐ Sim; ☐ Não; ☐ Não é possível verificar	☐ Madeira; ☐ Outro:

Revestimento exterior

☐ Telha Canudo; ☐ Telha Marselha; ☐ Outro:

Revestimento interior

☐ Estrutura de madeira à vista	☐ Telhas à vista;
☐ Teto de estuque sob a estrutura	☐ Outro:
☐ Forro;	

C2.2. Pavimento/tetos entre pisos

Material (estrutural)

☐ Madeira;-	☐ Não é possível verificar
☐ Laje maciça de betão armado	☐ Outro:
☐ Laje aligeirada	

Revestimentos tetos

☐ Estuque pintado;	☐ Madeira pintada;
☐ Carpete;	☐ Outro:

Revestimentos Pavimentos

☐ Soalho de madeira;	☐ Carpete;
☐ Pedra;	☐ Linóleo;
☐ Cerâmica;	☐ Outro:

C3. Outros elementos

C3.1. Escadas Interiores e elevadores

Escadas e elevadores: Número de escadas:
Número de elevadores:

Material (Estrutural)	**Revestimentos dos tetos da escada**
☐Madeira; ☐Pedra; ☐ Betão; ☐Outro:	☐ Estuque pintado; ☐ Outro:

C3.2. Caixilhos exteriores

Portas	**Janelas**
Estrutura/Funcionamento:	Estrutura/Funcionamento:
☐Uma folha; ☐Duas Folhas	☐ Peito; ☐ Guilhotina; ☐ Correr; ☐ Batente; ☐ Fixas
Material:	Material:
☐ Madeira ☐ Alumínio, ☐ PVC ☐ Ferro ☐ Vãos sem caixilharia ☐ Outro:	☐ Madeira ☐ Alumínio, ☐ PVC ☐ Ferro ☐ Vãos sem caixilharia ☐ Outro:

C4. Integridade do edifício

☐ Sem alterações; ☐ Sem alterações significativas; ☐ Com alterações significativas; ☐ Alterado.

D. Identificação de características particulares do edifício

D1. Identificação de Elementos (com valor formal, estético e artístico) que revelem Interesse Patrimonial

No exterior

☐ Volumetria ☐ Fachada ☐ Caixilhos ☐Elementos ornamentais e decorativos	☐ Água furtada ☐ Varandas ☐ Cor ☐ Outro:

No interior

☐Revestimento e acabamentos de paredes ☐ Revestimento de pavimentos ☐Tetos ☐Caixa de escadas	☐Caixilhos ☐Elementos ornamentais e decorativos ☐Outro:

D2. Valor Material, Técnico-construtivo

Trabalhos de arte da:

☐Cantaria ☐Marcenaria ☐Carpintaria ☐Estuque	☐Ferraria ☐Azulejaria ☐ Outros trabalhos de arte decorativa:

D3. Valor patrimonial

☐Pertencente a área protegida pela UNESCO
☐ Imóvel classificado ou em vias de classificação com valor histórico-cultural
☐ Imóvel inventariado ou identificado com interesse patrimonial
☐ Outro:

Parte II: Condições de segurança, uso e conforto do edifício

E. Identificação das condições de segurança	Sim ☐	Não ☐	Não Aplicável ☐
E1. Segurança estrutural			
E1.1 - Estrutura Vertical			
Paredes			
Sem eliminação de elementos e/ou partes:			
. De paredes estruturais	☐	☐	☐
De paredes não estruturais	☐	☐	☐
Ausência de fendas na ligação entre paredes transversais:			
. Entre paredes estruturais	☐	☐	☐
. Entre paredes estruturais e não estruturais	☐	☐	☐
. Entre paredes não estruturais	☐	☐	☐
Ausência de fendas diagonais passantes:			
. Em paredes estruturais	☐	☐	☐
. Em paredes não estruturais	☐	☐	☐
Ausência de deformação das paredes para fora do seu plano vertical (embarrigamento):			
. Em paredes estruturais	☐	☐	☐
. Em paredes não estruturais	☐	☐	☐
Ausência de degradação material:			
. Nas paredes estruturais	☐	☐	☐
. Nas paredes não estruturais	☐	☐	☐
Caixa-de-Escadas:			
. Sem deformações verticais	☐	☐	☐
. Sem vibrações excessivas	☐	☐	☐
. Sem degradação material	☐	☐	☐
. Com altura de mínima 2,40m	☐	☐	☐
E1.2 – Estrutura Horizontal			
Cobertura			

. Ausência de água	☐	☐	☐
. Sem degradação material	☐	☐	☐
Pavimentos e Tetos:			
. Sem deformações verticais do pavimento	☐	☐	☐
. Sem vibrações excessivas do pavimento	☐	☐	☐
. Sem degradação material ou deformação do teto	☐	☐	☐
E2 - Segurança contra incêndio			
Utilização-tipo: VI – Espetáculos e reuniões públicas			
E2.1 - Geral			
. Os elementos de sinalização e iluminação de emergência estão instalados corretamente e funcionais	☐	☐	☐
. Os meios de primeira intervenção (extintores e mangueiras) encontra em bom estado e devidamente colocados pelo edifício	☐	☐	☐
. As instalações de desenfumagem e admissão de ar estão funcionais e de acordo com questões atuais	☐	☐	☐
. Os elementos construtivos cumprem as especificações de resistência ao fogo, fumo e resistência térmica	☐	☐	☐
E2.2 – Paredes de empena			
. As paredes de empena separadoras de edifícios contíguos são de materiais resistentes ao fogo padrão necessário	☐	☐	☐
. As paredes de empena prolongam-se no mínimo 0,60m acima dos telhados	☐	☐	☐
E2.3 – Canalizações e condutas			
. As canalizações e condutas estão devidamente isoladas e protegidas através de ductos ou dispositivos de obturação automática	☐	☐	☐
E2.4 - Instalação Elétrica			
. Instalação Elétrica está em adequadas condições de funcionamento e manutenção (com o isolamento dos condutores elétricos não degradado; e sem pontos singulares que possam motivar acidentes de electrocução, explosão ou queimaduras)	☐	☐	☐
. Instalação elétrica é dotada de quadro com disjuntores diferenciais de proteção e possui ligação à terra	☐	☐	☐
E2.5 – Compartimentação			
A – Caixa-de-escadas e caminhos de evacuação			
. A caixa-de-escadas comum (integrada no caminho de evacuação) é construída com material incombustível	☐	☐	☐
. Existem canalizações ou cabelagem que não sejam estritamente necessárias para o uso da caixa de escadas	☐	☐	☐
. Possuem ventilação adequada	☐	☐	☐
. Possuem iluminação	☐	☐	☐
. Estão em condições de circulação e desobstruído	☐	☐	☐
B – Sala de espetáculos			
. Possui iluminação ambiente de balizamento da circulação	☐	☐	☐
. A distância entre cadeiras e filas de cadeiras, assim com o número de cadeiras por fila estão de acordo com o necessário para garantir uma segura evacuação	☐	☐	☐
C – Teia e zona do palco			
. Existe e está em boas condições uma grade de proteção dos contrapesos no palco	☐	☐	☐
. A boca de cena está dotada de sistema de cortina de água funcional	☐	☐	☐
. As cortinas para obturação de cena e tela estão em bom estado e são constituídas por materiais da classe de reação ao fogo mínima exigida	☐	☐	☐
D – Sala de projeção			
. Os equipamentos técnicos estão devidamete protegidos, não provocando acidentes por electrocutação	☐	☐	☐
E – Postos de Segurança			
. Têm visão desimpedida da zona do palco e estão operacionais	☐	☐	☐
F – Bar/Restaurante			
. Os equipamentos eletrodomésticos estão devidamente protegidos, não provocando acidentes por electrocução	☐	☐	☐
E3. Segurança no uso normal			
E3.1 - Portas e Janelas			
. As portas de entrada e de todos os compartimentos do edifício são sólidas e seguras, e abrem e fecham, num ângulo de 90.º, sem recurso a força excessiva	☐	☐	☐
. As portas e janelas têm bom funcionamento e não apresentam degradação material	☐	☐	☐
. As portas têm um vão útil mínimo de 0,87m	☐	☐	☐
E3.2 - Pavimentos:			
. Os desníveis de piso estão protegidos com guarda-corpos (escadas, varandas, balcões e outros locais sobrelevados)	☐	☐	☐
. Os revestimentos dos pavimentos apresentam superfície regular (sem buracos ou aberturas perigosas)	☐	☐	☐

F. Identificação das condições de uso			
F1. Dimensões e funcionalidade			
F1.1 - Dimensões de compartimentos			
. Os compartimentos existentes cumprem as dimensões adequados para o seu uso e estão em conformidade com a legislação em vigor, inclusive as condições de acessibilidade	☐	☒	☐
F2. Higiene, saúde e conforto			
F2.1- Ventilação, Iluminação e Higiene			
A - Nos compartimentos em geral:			
. Os compartimentos do edifício que precisam têm iluminação natural	☐	☐	☐
. Os compartimentos do edifício que precisam têm ventilação natural	☐	☐	☐
. As janelas e portas são resistentes ao vento e não deixam entrar corrente de ar	☐	☐	☐
B - Nas instalações sanitárias:			
. Possuem um sistema de ventilação mecânico	☐	☐	☐
. Não estão em comunicação direta com os outros compartimentos do edifício.	☐	☐	☐
C - Nas cozinhas (restaurante/copa do bar):			
. Existe uma conduta de evacuação de fumos funcional	☐	☐	☐
. Existe admissão de ar por condutas, aberturas permanentes ou janelas que permitam ventilação direta do exterior	☐	☐	☐
F2.2 – Comportamento à Humidade			
. Ausência de infiltrações provenientes dos vãos, paredes, coberturas e terraços.	☐	☐	☐
. Ausência de infiltrações provenientes de fugas das canalizações	☐	☐	☐
. As paredes dos pisos térreos não possuem humidades provenientes do solo	☐	☐	☐
. Ausência de bolores e manchas provenientes de condensações superficiais	☐	☐	☐
F2.3 - Outros			
. Ausência de lixo, roedores ou pragas nos compartimentos	☐	☐	☐
F3 – Instalações no edifício			
F3.1 - Instalação/Distribuição de Água Fria			
. Está em adequadas condições, abastece água potável e não é composta por canalizações de chumbo	☐	☐	☐
F3.2 - Equipamento de Produção de Água Quente			
. Existe, está em adequadas condições e assegura a distribuição de água quente	☐	☐	☐
F.3.3 - Sistema de Drenagem de Águas Residuais			
. Está em adequadas condições de funcionamento, ligado à rede pública (ou sistema simplificado de drenagem)	☐	☐	☐
F3.4 - Sistema de Drenagem de Águas Pluviais			
. Está em adequadas condições funcionamento	☐	☐	☐
F4– Acessibilidade ao e no edifício			
F4.1 – Caixa-de-escadas			
. A largura do lance de escada tem largura mínima necessária à evacuação do efetivo correspondente	☐	☐	☐
. A altura ao longo das escadas é constante	☐	☐	☐
F4.2 - Nos pisos			
. Nos pisos do edifício é possível aceder pelo menos a um compartimento/ divisão e a uma instalação sanitária com uma cadeira de rodas	☐	☐	☐
. Existe um percurso completamente acessível a pessoas com mobilidade reduzida	☐	☐	☐
. Os corredores têm largura mínima de 1,20m	☐	☐	☐
F4.3 – Entrada e Átrio			
. O espaço exterior que antecede a entrada do edifício tem desníveis vencidos por rampas	☐	☐	☐
. No átrio existe espaço para efetuar uma manobra de 360º com cadeira de rodas	☐	☐	☐
. O mobiliário de atendimento ao público está adequado a pessoas com mobilidade reduzida	☐	☐	☐
F4.4– Sala de espetáculos			
. Os lugares reservados a pessoas com mobilidade reduzida representam a percentagem necessária consoante a capacidade da sala	☐	☐	☐
. Os lugares reservados a pessoas com mobilidade reduzida encontram-se distribuídos pela sala e em piso horizontal	☐	☐	☐
F5. Estado de conservação			
☐Bom; ☐ Razoável; ☐Mau; ☐Muito Mau			

Ficha de Avaliação do Estado de Conservação

A. Identificação e Morada do Edifício

A1. Identificação:

Nome: Cine Aves
Data de inspeção: Maio de 2018

A2. Localização:

Morada: Rua 25 de Abril, Nº302. Vila das Aves, Santo Tirso, Porto. 41.360582, -8.405206

Parte I: Interesse Patrimonial do Edifício

B. Caracterização tipo-morfológica do edifício

B1. Morfologia e tipologia

B1.1 - Época de Construção: ☐Século XV-XVII; ☐Século XVIII; ☐ Século XIX; ☒Século XX; ☐Século XXI; ☐ Outro:

B1.2 - Implantação do Edifício: ☐Isolado; ☒Contíguo a edifícios; ☒Gaveto; ☐Outro:

B1.3 - Rua: Largura: ☐Com menos de 8m entre fachadas; ☒Com mais de 8m entre fachadas
Acesso: ☒Fácil; ☐ Difícil

B1.4 - Lote: ☒Ocupação parcial: ☒Com logradouro; ☐Saguão; ☐ Com anexos; ☐ Outro:
☐Ocupação integral

B1.5 - Número de Fachadas: 10 ; Empenas Cegas: 5 ; Tardoz: 2

B1.6 - Número Pisos: Acima da cota da soleira: 4 ; Abaixo da cota da soleira: 1

B1.7 - Edifício: Altura (fachada): 13,3 m Altura da Caixa de Palco: 19 m
Área Bruta: 2.225 m²

C. Caracterização construtiva e alterações introduzidas

C1. Estrutura Vertical

C1.1 Paredes exteriores

Material (Estrutural)

Fachadas:	Empenas Cegas:
☒Alvenaria de Pedra	☒Alvenaria de Pedra
☐Alvenaria de Tijolo	☐Alvenaria de Tijolo
☐Betão	☐Betão

Revestimentos exteriores

Fachadas:	Empenas Cegas:
☒Reboco pintado;	☒Reboco pintado;
☒ Cantaria;	☐ Cantaria
☒ Cerâmica;	☐ Rebocado ou argamassa de cal;

C1.2. Paredes Interiores

Material (Estrutural)

Compartimentação:	Caixa de escadas:
☒ Alvenaria de pedra;	☒ Alvenaria de pedra;
☒ Alvenaria de tijolo;	☐ Alvenaria de tijolo;
☒ Betão;	☐ Outro:
☐ Outro	

Revestimentos Interiores em geral

☒ Estuque pintado;	☒ Pedra;	☒ Madeira;
☒ Azulejos, cerâmico;	☒ Carpete;	☐ Outro:

C2. Estrutura Horizontal

C2.1. Cobertura

Tipo	Material
Autoportante: ☒ Sim; ☐ Não; ☐ Não é possível verificar	☒ Madeira; ☐ Outro:

Revestimento exterior

☐ Telha Canudo; ☒ Telha Marselha; ☒ Outro: Lajetas de betão

Revestimento interior

☒ Estrutura de madeira à vista	☒ Telhas à vista;
☒ Teto de estuque sob a estrutura	☐ Outro:
☒ Forro;	

C2.2. Pavimento/tetos entre pisos

Material (estrutural)

☒ Madeira;-	☐ Não é possível verificar
☒ Laje maciça de betão armado	☒ Outro: Treliças metálicas
☒ Laje aligeirada	

Revestimentos tetos

☒ Estuque pintado;	☐ Madeira pintada;
☐ Carpete;	☒ Outro: Teto Falso em painéis quadrangulares

Revestimentos Pavimentos

☒ Soalho de madeira;	☒ Carpete;
☒ Pedra;	☒ Linóleo;
☒ Cerâmica;	☐ Outro:

C3. Outros elementos

C3.1. Escadas Interiores e elevadores

Escadas e elevadores: Número de escadas: 3
Número de elevadores: 0

Material (Estrutural)	**Revestimentos dos tetos da escada**
☐Madeira; ☐Pedra; ☒ Betão; ☐Outro:	☒ Estuque pintado; ☐ Outro:

C3.2. Caixilhos exteriores

Portas	**Janelas**
Estrutura/Funcionamento:	Estrutura/Funcionamento:
☒Uma folha; ☒Duas Folhas	☐ Peito; ☐ Guilhotina; ☒ Correr; ☒ Batente; ☒ Fixas
Material:	Material:
☒ Madeira ☒ Alumínio, ☐ PVC ☒ Ferro ☐ Vãos sem caixilharia ☐ Outro:	☒ Madeira ☒ Alumínio, ☐ PVC ☒ Ferro ☐ Vãos sem caixilharia ☐ Outro:

C4. Integridade do edifício

☐ Sem alterações ☒ Sem alterações significativas; ☐ Com alterações significativas; ☐ Alterado.

D. Identificação de características particulares do edifício

D1. Identificação de Elementos (com valor formal, estético e artístico) que revelem Interesse Patrimonial

No exterior

☒ Volumetria ☒ Fachada ☒ Caixilhos ☒Elementos ornamentais e decorativos	☐ Água furtada ☒ Varandas ☐ Cor ☐ Outro:

No interior

☒Revestimento e acabamentos de paredes ☒ Revestimento de pavimentos ☐Tetos ☒Caixa de escadas	☐Caixilhos ☐Elementos ornamentais e decorativos ☐Outro:

D2. Valor Material, Técnico-construtivo

Trabalhos de arte da:

☒Cantaria ☐Marcenaria ☒Carpintaria ☐Estuque	☒Ferraria ☐Azulejaria ☐ Outros trabalhos de arte decorativa:

D3. Valor patrimonial

☐ Pertencente a área protegida pela UNESCO
☐ Imóvel classificado ou em vias de classificação com valor histórico-cultural
☐ Imóvel inventariado ou identificado com interesse patrimonial
☒ Outro: Não classificado, mas com valor histórico, cultural e patrimonial.

Parte II: Condições de segurança, uso e conforto do edifício

E. Identificação das condições de segurança	Sim ☐	Não ☐	Não Aplicável ☐
E1. Segurança estrutural			
E1.1 - Estrutura Vertical			
Paredes			
Sem eliminação de elementos e/ou partes:			
. De paredes estruturais	☒	☐	☐
De paredes não estruturais	☒	☐	☐
Ausência de fendas na ligação entre paredes transversais:			
. Entre paredes estruturais	☒	☐	☐
. Entre paredes estruturais e não estruturais	☒	☐	☐
. Entre paredes não estruturais	☒	☐	☐
Ausência de fendas diagonais passantes:			
. Em paredes estruturais	☐	☒	☐
. Em paredes não estruturais	☒	☐	☐
Ausência de deformação das paredes para fora do seu plano vertical (embarrigamento):			
. Em paredes estruturais	☒	☐	☐
. Em paredes não estruturais	☒	☐	☐
Ausência de degradação material:			
. Nas paredes estruturais	☐	☒	☐
. Nas paredes não estruturais	☐	☒	☐
Caixa-de-Escadas:			
. Sem deformações verticais	☒	☐	☐
. Sem vibrações excessivas	☒	☐	☐
. Sem degradação material	☐	☒	☐
. Com altura de mínima 2,40m	☐	☒	☐
E1.2 – Estrutura Horizontal			
Cobertura			

. Ausência de água	☐	☒	☐
. Sem degradação material	☐	☒	☐
Pavimentos e Tetos:			
. Sem deformações verticais do pavimento	☒	☐	☐
. Sem vibrações excessivas do pavimento	☒	☐	☐
. Sem degradação material ou deformação do teto	☐	☒	☐
E2 - Segurança contra incêndio			
Utilização-tipo: VI – Espetáculos e reuniões públicas			
E2.1 - Geral			
. Os elementos de sinalização e iluminação de emergência estão instalados corretamente e funcionais	☐	☒	☐
. Os meios de primeira intervenção (extintores e mangueiras) encontra em bom estado e devidamente colocados pelo edifício	☐	☒	☐
. As instalações de desenfumagem e admissão de ar estão funcionais e de acordo com questões atuais	☐	☒	☐
. Os elementos construtivos cumprem as especificações de resistência ao fogo, fumo e resistência térmica	☐	☒	☐
E2.2 – Paredes de empena			
. As paredes de empena separadoras de edifícios contíguos são de materiais resistentes ao fogo padrão necessário	☒	☐	☐
. As paredes de empena prolongam-se no mínimo 0,60m acima dos telhados	☒	☐	☐
E2.3 – Canalizações e condutas			
. As canalizações e condutas estão devidamente isoladas e protegidas através de ductos ou dispositivos de obturação automática	☐	☒	☐
E2.4 - Instalação Elétrica			
. Instalação Elétrica está em adequadas condições de funcionamento e manutenção (com o isolamento dos condutores elétricos não degradado; e sem pontos singulares que possam motivar acidentes de electrocução, explosão ou queimaduras)	☐	☒	☐
. Instalação elétrica é dotada de quadro com disjuntores diferenciais de proteção e possui ligação à terra	☒	☐	☐
E2.5 – Compartimentação			
A – Caixa-de-escadas e caminhos de evacuação			
. A caixa-de-escadas comum (integrada no caminho de evacuação) é construída com material incombustível	☒	☐	☐
. Existem canalizações ou cabelagem que não sejam estritamente necessárias para o uso da caixa de escadas	☒	☐	☐
. Possuem ventilação adequada	☐	☒	☐
. Possuem iluminação	☐	☒	☐
. Estão em condições de circulação e desobstruído	☐	☒	☐
B – Sala de espetáculos			
. Possui iluminação ambiente de balizamento da circulação	☐	☒	☐
. A distância entre cadeiras e filas de cadeiras, assim com o número de cadeiras por fila estão de acordo com o necessário para garantir uma segura evacuação	☐	☒	☐
C – Teia e zona do palco			
. Existe e está em boas condições uma grade de proteção dos contrapesos no palco	☐	☒	☐
. A boca de cena está dotada de sistema de cortina de água funcional	☐	☒	☐
. As cortinas para obturação de cena e tela estão em bom estado e são constituídas por materiais da classe de reação ao fogo mínima exigida	☐	☒	☐
D – Sala de projeção			
. Os equipamentos técnicos estão devidamete protegidos, não provocando acidentes por electrocutação	☒	☐	☐
E – Postos de Segurança			
. Têm visão desimpedida da zona do palco e estão operacionais	☐	☒	☐
F – Bar/Restaurante			
. Os equipamentos eletrodomésticos estão devidamente protegidos, não provocando acidentes por electrocução	☐	☒	☐
E3. Segurança no uso normal			
E3.1 - Portas e Janelas			
. As portas de entrada e de todos os compartimentos do edifício são sólidas e seguras, e abrem e fecham, num ângulo de 90.º, sem recurso a força excessiva	☐	☒	☐
. As portas e janelas têm bom funcionamento e não apresentam degradação material	☐	☒	☐
. As portas têm um vão útil mínimo de 0,87m	☒	☐	☐
E3.2 - Pavimentos:			
. Os desníveis de piso estão protegidos com guarda-corpos (escadas, varandas, balcões e outros locais sobrelevados)	☐	☒	☐
. Os revestimentos dos pavimentos apresentam superfície regular (sem buracos ou aberturas perigosas)	☒	☐	☐

F. Identificação das condições de uso			
F1. Dimensões e funcionalidade			
F1.1 - Dimensões de compartimentos			
. Os compartimentos existentes cumprem as dimensões adequados para o seu uso e estão em conformidade com a legislação em vigor, inclusive as condições de acessibilidade	☐	☒	☐
F2. Higiene, saúde e conforto			
F2.1- Ventilação, Iluminação e Higiene			
A - Nos compartimentos em geral:			
. Os compartimentos do edifício que precisam têm iluminação natural	☒	☐	☐
. Os compartimentos do edifício que precisam têm ventilação natural	☒	☐	☐
. As janelas e portas são resistentes ao vento e não deixam entrar corrente de ar	☐	☒	☐
B - Nas instalações sanitárias:			
. Possuem um sistema de ventilação mecânico	☐	☒	☐
. Não estão em comunicação direta com os outros compartimentos do edifício.	☒	☐	☐
C - Nas cozinhas (restaurante/copa do bar):			
. Existe uma conduta de evacuação de fumos funcional	☐	☒	☐
. Existe admissão de ar por condutas, aberturas permanentes ou janelas que permitam ventilação direta do exterior	☐	☒	☐
F2.2 – Comportamento à Humidade			
. Ausência de infiltrações provenientes dos vãos, paredes, coberturas e terraços.	☐	☒	☐
. Ausência de infiltrações provenientes de fugas das canalizações	☒	☐	☐
. As paredes dos pisos térreos não possuem humidades provenientes do solo	☒	☐	☐
. Ausência de bolores e manchas provenientes de condensações superficiais	☐	☒	☐
F2.3 - Outros			
. Ausência de lixo, roedores ou pragas nos compartimentos	☐	☒	☐
F3 – Instalações no edifício			
F3.1 - Instalação/Distribuição de Água Fria			
. Está em adequadas condições, abastece água potável e não é composta por canalizações de chumbo	☐	☒	☐
F3.2 - Equipamento de Produção de Água Quente			
. Existe, está em adequadas condições e assegura a distribuição de água quente	☐	☒	☐
F.3.3 - Sistema de Drenagem de Águas Residuais			
. Está em adequadas condições de funcionamento, ligado à rede pública (ou sistema simplificado de drenagem)	☒	☐	☐
F3.4 - Sistema de Drenagem de Águas Pluviais			
. Está em adequadas condições funcionamento	☒	☐	☐
F4– Acessibilidade ao e no edifício			
F4.1 – Caixa-de-escadas			
. A largura do lance de escada tem largura mínima necessária à evacuação do efetivo correspondente	☒	☐	☐
. A altura ao longo das escadas é constante	☐	☒	☐
F4.2 - Nos pisos			
. Nos pisos do edifício é possível aceder pelo menos a um compartimento/ divisão e a uma instalação sanitária com uma cadeira de rodas	☐	☒	☐
. Existe um percurso completamente acessível a pessoas com mobilidade reduzida	☐ ☒	☒ ☐	☐ ☐
. Os corredores têm largura mínima de 1,20m			
F4.3 – Entrada e Átrio			
. O espaço exterior que antecede a entrada do edifício tem desníveis vencidos por rampas	☐	☒	☐
. No átrio existe espaço para efetuar uma manobra de 360º com cadeira de rodas	☒	☐	☐
. O mobiliário de atendimento ao público está adequado a pessoas com mobilidade reduzida	☐	☒	☐
F4.4– Sala de espetáculos			
. Os lugares reservados a pessoas com mobilidade reduzida representam a percentagem necessária consoante a capacidade da sala	☐	☒	☐
. Os lugares reservados a pessoas com mobilidade reduzida encontram-se distribuídos pela sala e em piso horizontal	☐	☒	☐
F5. Estado de conservação			
☐Bom; ☐ Razoável; ☒Mau; ☐Muito Mau			